



# NOSSO ENVER

R A M I Z A L I A



“Proletários de todo o mundo, uni-vos!”



Ramiz Alia

NOSSO  
**ENVER**

1988



# “PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!”

*Copyright © Edições Manoel Lisboa, 2022*

*Tradução, Edição e Diagramação*

Thales Franco Sellberg Caramante

*Ficha Catalográfica:*

---

C296p Alia, Ramiz Tafë  
Nosso Enver/Ramiz Alia; — Recife: Edições Manoel Lisboa,  
2022.

296p.

**ISBN:**

*1. Política. 2. Albânia. 3. Comunismo. 4. Marxismo-Leninismo. 5. Socialismo. 6. Enver Hoxha. 7. Revolução, 1989. I. Título.*

---

EDIÇÕES MANOEL LISBOA

*Jornal A Verdade*

Rua Carneiro Viléla, 138

52050-030, Recife (PE)

Tel: (81) 3427-9367 / (81) 9288-9616

[redacao@averdade.org.br](mailto:redacao@averdade.org.br) | [sp@averdade.org.br](mailto:sp@averdade.org.br)

[www.averdade.org.br](http://www.averdade.org.br)

[www.facebook.com/AVerdadeJornal](https://www.facebook.com/AVerdadeJornal)

[www.instagram.com/jornalaverdade\\_](https://www.instagram.com/jornalaverdade_)

[www.twitter.com/averdade\\_jornal](https://www.twitter.com/averdade_jornal)

# SUMÁRIO

1. Introdução .....	07
2. Filho da Revolução .....	13
3. Primeiros Encontros.....	37
4. Um Amigo e Um Grande Professor Para a Juventude.....	67
5. Sobre a Revolução na Educação .....	91
6. Mais Cultura Para o Povo .....	115
7. Um Grande Patriota e Um Ardente Internacionalista .....	141
8. Organizador da Construção do Socialismo .....	191
9. Arquiteto do Poder Popular.....	235
10. <i>Parti-Enver! Jemi Gati Kurdohere!</i> .....	261

*[Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!]*



# INTRODUÇÃO.

– RAMIZ ALIA

AUTOR DO LIVRO “NOSSO ENVER” E PRIMEIRO-SECRETÁRIO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA.





*Ramiz Alia e Enver Hoxha conversando em Drilon, 1984.*



*Enver Hoxha saúda trabalhadores albaneses com orgulho no Primeiro de Maio de 1967.*

# INTRODUÇÃO

A IDEIA DE ESCREVER SOBRE A FIGURA DE ENVER HOXHA, DE COLOCAR NO PAPEL aquelas impressões e lembranças indeléveis deste homem notável da nação albanesa, de nosso amado professor, que estão sempre na minha mente e no meu coração, sempre me pareceu uma tarefa muito difícil.

Ele era um grande líder, que estava envolvido em atividades políticas e sociais extremamente intensas e ininterruptas que se estendem por mais de meio século, que realizou um trabalho teórico multifacetado e tinha uma mente aguda, ao qual colocou totalmente a serviço da revolução. Confrontado com tamanha personalidade, tanto no trabalho quanto no conhecimento, não é fácil encontrar as palavras adequadas, em todos os casos, para destacar as características, entre a infinita variedade de suas qualidades e valores notáveis.

Por mais de quatro décadas tive o privilégio de trabalhar ao seu lado, de passar por grandes eventos de nossa história recente, bem como por acontecimentos banais da vida cotidiana. Nós nos encontramos pela primeira vez no calor da guerra, quando ele estava liderando o povo no período épico de nossa libertação nacional. Considero-me muito afortunado porque, desde o primeiro dia de liberdade, tive contato comum e de trabalho direto com ele. A partir de 1960, durante 25 anos, como membro do Secretariado do Comitê Central e um de seus colaboradores mais próximos, os contatos diários com Enver foram, para mim, uma verdadeira escola.

Em todos esses anos de luta, trabalho, sucessos e dificuldades, eu o vi nos mais variados estados de espírito: feliz e entusiasmado com cada vitória alcançada; indignado e severo com qualquer fraqueza ou injustiça, especialmente com qualquer atividade hostil inimiga; solidário e preocupado com o nosso povo e camaradas;

inflexível diante das dificuldades; otimista e lúcido em qualquer situação. Tudo isso eu recordo com veneração e emoção, porque, para mim, além de líder e professor, Enver Hoxha era também um camarada e amigo insubstituível.

Nos momentos tristes, após os dolorosos acontecimentos de abril de 1985, bem como nos dias que se seguiram, em várias reuniões e discursos, falei muitas vezes sobre a vida e a obra de Enver Hoxha, tentando definir e avaliar seu lugar e papel histórico em todo o desenvolvimento socialista da pátria como o fundador da Nova Albânia. Fiz isso sob o peso de uma tristeza tamanha que dificultou até mesmo concentrar meus pensamentos, quanto mais analisar e sintetizar as qualidades morais e sociais raras deste líder tão querido pelo Partido e pelo povo, deste homem com quem a luta e o trabalho pela construção socialista me uniram para a vida.

Tudo o que o partido tem dito sobre nosso inesquecível líder está correto. No entanto, ainda há muito a ser dito sobre sua figura. Portanto, embora consciente, como já disse, das dificuldades envolvidas em escrever um livro sobre este notável homem de *pensamento e ação revolucionária*, empreendi este trabalho com grande otimismo e orgulho.

Mas não foi apenas o meu desejo que me levou a esta direção. Considero uma grande obrigação para o povo, para o partido e para a memória do próprio camarada Enver apresentar meus sentimentos e pensamentos a sua figura, talvez algo incompleto, mas sempre com respeito, carinho e profunda gratidão.

Naturalmente, minha intenção aqui não é de forma alguma escrever notas biográficas, ou reminiscências cobrindo todos os campos de atividade de Enver Hoxha, que é tão rico e abrangente. Nessas minhas notas, sua incomparável contribuição, suas qualidades e características exemplares são apenas a floradas, meramente apontadas. Entretanto, o próprio leitor, com suas próprias impressões, memórias e reflexões, será capaz de dar mais vitalidade à imagem que ele criará enquanto lê estas notas. E se estas linhas estimularem a erudição, reavivar impressões e memórias, então esta será uma satisfação completa e especial para mim.



**JULHO DE 1988**





# FILHO DA REVOLUÇÃO\_

– PINTURA DO ÁLBUM “ME POPULLIN, MES SHOKEVE”

“ENVER HOXHA COM O POVO E OS SOLDADOS DO BATALHÃO DE PEZA NO VERÃO DE 1941”



*Enver Hoxha lidera a grande manifestação antifascista de 28 de outubro de 1941.*



*Enver Hoxha discursa entre as massas da classe trabalhadora em Berat, 1961.*

# FILHO DA REVOLUÇÃO

NAS DIFÍCEIS CONDIÇÕES DA GUERRA, QUANDO A IMPRENSA DO PARTIDO OPERAVA em total ilegalidade e os meios de comunicação estavam totalmente nas mãos do inimigo, a propaganda para popularizar o líder do movimento e o comandante do exército partisan era quase impossível. Na verdade, a primeira fotografia dele publicada na imprensa do partido pertence ao período após o Congresso de Përmet. Mas os militantes e o povo tinham ouvido falar de Enver há muito tempo. Os fatos falam por si só, diz o ditado. O nome e os pseudônimos de Enver foram passados de boca em boca, de norte a sul, por todo o país. A lendária figura de Shpati ganhou muito rapidamente um lugar na imaginação popular como símbolo de um *novo* heroísmo e patriotismo.

Nos últimos meses da guerra, a canção “nós, os guerreiros de Enver, com nossos ideais nos corações, daremos um golpe fatal em Hitler, iremos esmagá-lo sem piedade”, foi composta e espalhada rapidamente. Esta deve ter sido uma das primeiras canções, se não a primeira, na qual Enver Hoxha é mencionado diretamente.

Eu, pessoalmente, encontrei o camarada Enver pela primeira vez na grande manifestação antifascista de 28 de outubro de 1941. Como sabemos, ele foi o líder dessa manifestação. Eu não o conheci naquele dia, mas apenas o vi de relance. Foi precisamente no momento em que os manifestantes foram atacados pela polícia fascista e pelos *carabinieri* na praça em frente à prefeitura, hoje a Praça Skanderbeg. No confronto entre os manifestantes e os fascistas, vimos um camarada alto agarrar o oficial no comando dos *carabinieri* com ambas as mãos e derrubá-lo com um poderoso golpe. Posso dizer que este corajoso companheiro, cujo nome só aprendemos mais tarde, conquistou os corações de todos nós, jovens daquela época.



Não foi por acaso que a maioria dos participantes do movimento viu o camarada Enver pela primeira vez precisamente em atos, lutas de rua e manifestações, em atividades militantes em geral. Como um líder de *novo tipo*, Enver Hoxha era um homem de ação. Ele conduziu tanto através da linha política que traçou, quanto através de sua participação direta na luta para implementá-la.

Nesses tempos turbulentos, a ação revolucionária foi de importância decisiva para orientar corretamente as massas e despertá-las para a luta. No início da guerra houve muitos que desfilaram com seus “sentimentos patrióticos” e grandes conhecimentos “teóricos”, mas as ações foram a nossa pedra angular. Qualquer um que se esquivasse delas se expunha como demagogo. Enquanto isso, Enver começou a guerra. Foi exatamente isso que lhe permitiu reunir ao seu redor as forças mais sólidas dos grupos comunistas, aqueles mais determinados a lutar e vencer; junto deles, formaram o Partido Comunista e, assim, uniram todo um povo ao seu redor.

Portanto, a manifestação de outubro de 1941 pode ser considerada minha primeira “introdução” a Enver. Tenho lembrado com frequência este importante momento da história da luta antifascista de nosso povo e de minha vida em particular. Eu lembrei desses dias em momentos felizes e difíceis, pois isso sempre me despertou grandes emoções. Eu estava emocionado, com sensações diferentes, naquele dia de abril de 1985, quando nos reunimos na Praça Skanderbeg para acompanhar o camarada Enver em seu último lugar de descanso.

Nesta praça onde nos reunimos para nosso último encontro com Enver, eu disse, ao abrir o discurso que proferi na cerimônia fúnebre, “há quarenta e quatro anos ele liderou a grande luta antifascista e convocou o povo a se levantar contra os ocupantes e traidores. E desde aquele dia até o final de sua vida, Enver permaneceu à frente do partido e do povo como o lendário comandante da Guerra de Libertação Nacional e o líder heroico da construção do socialismo”.

E, enquanto eu falava, a praça lotada, veio em minha imaginação aquele dia inesquecível de 28 de outubro de 1941. Lá, onde “nos conhecemos” pela primeira vez, dei a Enver seu último adeus. Aquela praça, que cerca de meio século antes havia ecoado aos gritos da juventude e dos trabalhadores de Tirana contra o fascismo e a ocupação, ecoou naquele dia a monumental palavra de ordem: “Partido! Enver! Prontos agora e sempre!”

Quem é Enver Hoxha? O que ele representa para o nosso povo? Que papel ele desempenhou e qual é o seu lugar no futuro presente da Albânia socialista?

Durante a Segunda Guerra Mundial Antifascista, uma série de grandes personalidades e líderes notáveis emergiram das fileiras dos povos. Alguns deles ainda são lembrados com grande respeito, enquanto que, com o passar do tempo, outros foram deixados para trás e perderam seu valor. Enver Hoxha é uma dessas figuras cuja estatura aumenta com o passar do tempo.

Homens como ele emergem de revoluções e pertencem tanto ao futuro quanto ao tempo em que vivem. Daí que tudo relacionado a Enver é querido e precioso para nós. Nosso povo se orgulha do fato de que sempre que o nome deste glorioso filho é mencionado, em qualquer parte do mundo, a Albânia, o socialismo e o comunismo, e a verdadeira liberdade e independência social e nacional estão implícitos.

Seu nome está ligado a toda nossa história contemporânea. A libertação da pátria, as profundas transformações culturais e econômicas, nossa política interna e externa, toda ação ou evento dos tempos modernos que vale a pena registrar na história, estão diretamente ligados à contribuição e ao papel de Enver Hoxha. Não a partir das posições do nosso comandante, mas a partir das posições de um revolucionário militante, que é guiado por interesses elevados e objetivos nobres, a partir das posições de um líder popular, com alto senso de responsabilidade sobre o papel que o povo e o partido lhe confiaram; em cada situação, em cada passo da revolução e da construção socialista, ele agiu em benefício do progresso da pátria, da prosperidade do país e da incessante melhoria das condições de vida do povo.

A figura de Enver Hoxha simboliza o patriotismo ardente e a militância revolucionária, a sabedoria do povo e a mente iluminada de um homem de raras qualidades cultivadas na escola da revolução, modesto filho do povo e o líder talentoso do partido e do Estado. Seu trabalho foi influente em todas as bases sólidas sobre as quais a Albânia de hoje foi construída, seu pensamento iluminou todas as estruturas às quais nossa sociedade foi erguida, suas palavras sábias e inflamatórias aqueceram os corações de todo o nosso povo.

Com sua luta, suas posições e seu exemplo, o camarada Enver Hoxha desempenhou o papel principal em temperar nosso Partido do Trabalho como um partido revolucionário; em forjar a unidade do povo como fator essencial de todo triunfo e

vitória; em fortalecer o Exército de Libertação Nacional como um exército popular e uma arma da revolução; e em implantar a confiança e fortalecer a convicção das massas trabalhadoras de que o próprio povo comum pode e deve dirigir o futuro desenvolvimento da pátria.

A Guerra de Libertação Nacional é a página mais brilhante de nossa história nacional. Enver Hoxha foi o líder dessa guerra.

Nesses anos difíceis, ele liderou o recém-fundado Partido Comunista da Albânia (PKSH) com uma sabedoria única, assim como comandou o exército partizan com o talento de um grande estrategista para alcançar a dupla vitória histórica: a libertação do país e o estabelecimento do poder popular. Ele não conduziu a guerra a partir de escritórios e refúgios seguros, mas no meio do povo, à frente de todos os militantes, de batalha em batalha, na luta diária, usando o fuzil, a caneta e a dialética, tendo uma visão clara das coisas quando outros estavam cegos, incitando coragem e determinação quando inimigos e traidores semeavam medo e derrotismo, lidando corajosa e sabiamente com os provocadores da reação, os Balli Kombëtar, Legaliteti e os anglo-americanos. Agiu assim mesmo quando algumas pessoas ficaram confusas, ou vacilaram, perdendo a visão do futuro.

A construção do socialismo na Albânia tem sido uma luta extremamente difícil. Não apenas porque as tramas dos inimigos, tanto internos quanto externos, continuaram mesmo após a vitória sobre o fascismo, mas também porque o grave atraso herdado do passado teve que ser superado em muito pouco tempo: transformações sociais, econômicas e culturais *colossais* tiveram de ser levadas a cabo; pobreza e doenças tiveram que ser superadas e combatidas e, acima de tudo, as forças produtivas tiveram que ser desenvolvidas, as velhas relações de produção tiveram que ser transformadas e novas relações socialistas estabelecidas.

Conduzir a Albânia do arado de madeira à agricultura moderna, da forja primitiva à metalurgia, da lâmpada à óleo à eletrificação completa do país, do analfabetismo à Universidade e à Academia de Ciências, foi um empreendimento que, além de outras coisas, exigia conhecimento, coragem, determinação e persistência, exigia fé e convicção inabalável no futuro e um otimismo revolucionário. Enver Hoxha colocou estas qualidades elevadas que ele possuía a serviço do partido e do povo, mapeando os planos e projetos do desenvolvimento socialista do país, verificando pessoalmente na prática a correção da linha estabelecida, e ouvindo

a opinião mais avançada nas fileiras da classe trabalhadora, do campesinato operário e da *intelligentsia* popular.

Com o partido à frente, a Albânia avançará sem parar, sua economia e cultura serão elevadas a níveis mais altos. Sem dúvida, as vitórias estarão para além de qualquer comparação com as conquistas até agora alcançadas. Esta é a dialética do desenvolvimento socialista. Mas o que nosso partido fez pela Albânia no tempo de liderança do camarada Enver Hoxha é irrepetível e será lembrado com profundo respeito geração após geração. O poder popular será fortalecido e democratizado incessantemente, mas permanecerá sempre um fato histórico que o povo se tornou mestre de seu próprio destino pela primeira vez na época que está ligada ao nome do Partido do Trabalho da Albânia e de Enver Hoxha. Como tal, esta época não tem e não terá igual. Ela é o fundamento de todas as fundações. Nosso futuro é construído sobre esta base sólida e indestrutível.

As próximas gerações honrarão o nosso partido e o camarada Enver Hoxha, honrarão aqueles que pensaram e trabalharam dia e noite para construir a inexpugnável cidadela socialista albanesa. A revolução e as transformações que foram realizadas sob sua liderança aliviaram as dificuldades e os fardos para as gerações presentes e futuras. Esta época não deixou dívidas para o futuro.

A perda que o partido e o povo sofreram em 11 de abril de 1985 é irreparável. Entretanto, não se pode sequer imaginar a catástrofe que teria sido para nossa Albânia se não houvesse o Partido Comunista e um líder da estatura do camarada Enver Hoxha para enfrentar os momentos históricos revolucionários criados em nosso país no início, durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

A ocupação fascista de 7 de abril de 1939 criou a situação mais trágica para a Albânia neste século, trazendo a perda completa de nossa independência nacional, bem como a ameaça de nossa extinção como nação. Somente um homem como Enver Hoxha, com uma sólida formação patriótica e revolucionária, poderia ter apreciado plenamente a importância histórica do momento, apenas ele teria compreendido o que o nosso povo estava realmente buscando e o que tinha que ser feito para satisfazer suas aspirações; somente um homem assim poderia ter decidido qual era o caminho para salvar a pátria. É mérito dele que, justamente nesta grave situação, confiando no patriotismo da nossa classe e no amor à liberdade, fazendo hábil uso da conjuntura e das circunstâncias, juntamente com e à

frente dos comunistas albaneses, fundou o Partido, levantou o exército popular e conduziu o país à vitória final, à libertação dos ocupantes fascistas e ao pesado jugo da opressão feudal e burguesa.

Enver Hoxha não foi apenas um participante ativo nos grandes pontos de inflexão da história mais recente de nosso país, mas também exerceu uma influência direta em seu curso como inspirador, ideólogo, organizador e líder. Em sua pessoa ele encarna as virtudes mais preciosas de nosso povo secular, aquele caráter militante e nobre, aquele espírito generoso e rebelde, aquelas tradições brilhantes, que foram forjadas e temperadas através de tantas lutas e sofrimentos através de séculos de luta pela liberdade e independência, pela luz e pelo conhecimento, pelo pão e pela terra.

Nem 8 de novembro de 1941, nem nenhum dos momentos culminantes de nossa história recente pode ser separado da atividade decisiva e da contribuição de Enver Hoxha. E se essa história mostra que, em certos momentos, decisões vitais para o futuro da pátria e do povo foram tomadas, o crédito por isso lhe pertence, antes de tudo. Ele foi capaz de analisar as situações mais graves, mais complicadas e mais desfavoráveis corretamente e com um olhar crítico, para transformá-las em vantagens, tanto na guerra quanto no trabalho do povo, foi capaz de fazê-las servir à pátria e ao progresso. No redemoinho da guerra, não era uma questão leve virar o fuzil contra o Balli Kombëtar ou forçar as tropas britânicas a se retirarem quando aterrissaram em Saranda. Não era uma questão simples para um jovem partido à frente de um pequeno povo como nosso tomar a decisão de denunciar os revisionistas titoistas, khrushchevistas ou o revisionismo moderno chinês; expulsar a frota soviética da base Vlorë ou denunciar o Tratado de Varsóvia. Mesmo assim, diante de situações e perigos tão enérgicos, Enver Hoxha não teve dúvidas ou vacilações, nunca hesitou.

Em Enver Hoxha, coragem e cautela andaram sempre de mãos dadas, em total concordância e harmonia. Isto foi o que o fez ficar com a cabeça fria mesmo em momentos em que poderia ter perdido facilmente a calma, mesmo quando os inimigos procuravam problemas e intensificaram suas provocações. Em tais momentos, em momentos de perigo, ele reagiu com toda a força de sua sabedoria e coragem.

Dedicação à causa do povo e da pátria, lealdade ao partido e coerência com o

marxismo-leninismo foram os fatores mais importantes que fizeram o camarada Enver se destacar por seu profundo pensamento e julgamento sadio, sua visão, sua sabedoria e paciência, sua ousadia e coragem quando ousadia e coragem eram necessárias, assim como sua severidade quando a severidade era necessária.

Toda a vida do camarada Enver Hoxha foi uma vida de luta. Luta pela liberdade do nosso país, luta pela construção do socialismo, luta pela emancipação do povo e luta contra os inimigos externos e internos que procuravam nos levar de volta à escravidão do passado.

Enver Hoxha foi um líder revolucionário, um comandante militar e um excelente estadista; um grande diplomata e um excelente organizador; um ideólogo com um espírito revolucionário empreendedor e político astuto; um avançado progressista nas questões da vida social e um arquiteto de nossa construção socialista. Mas há uma qualidade, entre suas muitas qualidades, que caracterizou todo o seu ser: seu amor pelo povo. Enver Hoxha não nasceu um estadista — mas seu amor pelo povo e pela pátria fez com que nascesse nele essa qualidade. Ele não passou por nenhuma escola de diplomacia — sua obrigação para com a Albânia fez dele um diplomata. Ele não era um ideólogo e pensador dos corredores das universidades — sua dedicação à causa da revolução o armou com estas qualidades. Ele adquiriu sua formação como organizador comunista nas ações da guerra pela liberdade e independência da pátria e nas grandes batalhas do trabalho de construção da Nova Albânia.

A construção socialista na Albânia é um processo revolucionário que necessitou encontrar várias soluções novas, originais e, na verdade, únicas de seu tipo. Os principais atos de nossa revolução desde as nacionalizações e expropriações até o estabelecimento das relações de produção socialistas na cidade e no campo não são um simples transplante mecânico dos princípios marxista-leninistas para o solo albanês, mas exemplos vivos da criatividade do povo. Em todos estes processos inovadores, as ideias do camarada Enver Hoxha têm sido decisivas. Cada tarefa que ele colocou diante do partido e do povo, cada tarefa que ele teve no processo de nossa emancipação e da nossa revolução em toda a sociedade, e cada transformação que ele mapeou para o aperfeiçoamento e prosperidade do país, respondeu às exigências e condições concretas da nossa nação.

A força da mente do camarada Enver Hoxha pode ser brilhantemente observa-

da pelo fato de que ele foi capaz de determinar as principais direções, de fazer grandes movimentações que asseguraram e fortaleceram a liberdade e independência da pátria, que deram um poderoso impulso para o desenvolvimento e progresso geral do país.

Atravessamos séculos em apenas quatro décadas. A industrialização socialista foi realizada e a agricultura coletivizada, a exploração do homem pelo homem foi eliminada e a expectativa de vida dobrou, a cultura, a educação e a ciência avançaram em ritmo acelerado e nossa sociedade foi emancipada em todas as direções. Estas transformações são devidas a correta linha política do nosso partido marxista-leninista, encabeçado por Enver Hoxha.

O camarada Enver tinha a capacidade de encontrar “o elo que mantém toda a cadeia unida” e agarrá-la com firmeza. Isto lhe permitiu fornecer explicações teóricas e soluções práticas para os problemas de nossa construção socialista, para determinar com confiança a estratégia para o desenvolvimento futuro. Teria sido extremamente difícil, se não impossível, para nós avançarmos com tanto sucesso no caminho do socialismo, para alcançarmos todas essas vitórias que desfrutamos hoje, sem infringir nossa liberdade e soberania nacional, se não tivéssemos aplicado o princípio da autossuficiência, tão insistida por Enver. Mas este princípio teria permanecido uma palavra de ordem sem valor se não fossem suas corajosas ideias sobre dar prioridade ao desenvolvimento do abastecimento energético, sem o qual não teria havido avanço das forças produtivas; sobre prestar atenção especial à modernização da agricultura, sem a qual estaríamos dependentes de outros países até mesmo com o nosso pão de cada dia; e sobre concentrar nossa atenção na formação de especialistas e quadros, sem os quais teríamos sido obrigados a implorar a ajuda de estrangeiros para cada novo projeto ou novo empreendimento.

Nossa sociedade socialista é uma sociedade pura, com uma alta estima pelos valores humanistas, que valoriza as coisas boas da vida. É claro que não comemos com colheres de ouro. De fato, estamos cientes de que nosso avanço não se dá sem dificuldades. Ainda assim, estamos orgulhosos de que tudo o que criamos é nosso, que todo projeto que construímos é resultado do trabalho, da labuta e do suor de nosso povo. Sabemos que não estamos mergulhando em abundância, mas nos sentimos felizes, porque somos livres e não devemos nada a ninguém, porque na Nova Albânia não há pobreza ou desemprego, não há dependência de

drogas, não há ansiedade ou insegurança sobre o futuro. Estamos certos de que o futuro será melhor e a vida de nosso povo melhorará e se tornará mais próspera. A base para este otimismo é o trabalho do Camarada Enver Hoxha e o pensamento revolucionário de nosso partido.

Enver nos deixou uma herança de muitas bênçãos e grandes avanços. Nas mudanças radicais e grandes conquistas, vemos o trabalho do Partido, o trabalho de Enver. Ao longo de sua vida, ele se dedicou a garantir que não nos deixasse uma herança negativa. A única tristeza, o único pesar que ele nos trouxe foi sua morte.

A prospecção era uma característica fundamental do pensamento de Enver Hoxha. Mas ele não sonhava com seus prognósticos, não baseava suas previsões simplesmente no pensamento ideal. Não, sua análise tinha um conteúdo profundo. Ele sabia o que o futuro exigiria da sociedade, e fez previsões oportunas para transformações e programas, para que no decorrer dos anos o nosso país não se encontrasse despreparado. Ele sabia como se preparar para o futuro, sabia se elevar acima dos interesses do momento e determinar a validade de certos sacrifícios. A clarividência de seu pensamento é evidenciada por sua capacidade de decidir a ordem em que tudo deveria ser construído ou criado, para que não enfrentássemos os problemas do nosso futuro de forma despreparada, para que não fôssemos obrigados a fazer recuos para corrigir projetos aplicados erroneamente; sua clarividência é evidenciada por sua capacidade de trabalhar, para não apenas sonhar com o futuro. Ele foi amplamente dotado daquela perspicácia especial que é necessária para encontrar a ordem ideal na qual tudo deve ser feito, para que ninguém, nem mesmo as próximas gerações possa nos censurar dizendo: “isto já deveria ter sido feito há muito tempo”.

Quando, nos primeiros anos, o camarada Enver lançou a significativa palavra de ordem “mais pão e mais cultura para o povo”, isto pode ter parecido prematuro ou mera propaganda para muitos. Naquela época, quando as feridas da guerra ainda estavam abertas, quando a fome e a ignorância prevaleciam em todo o país, sonhar com mais conhecimento e cultura para as massas e, mais ainda, para colocá-las no mesmo plano do pão, foi preciso coragem.

Cultura, ciência e arte são armas que Enver utilizou em toda sua eficácia, sempre avaliando-as em conexão com a vida e a serviço do progresso do socialismo. Durante a Guerra de Libertação Nacional e posteriormente, ele aplicou uma po-



lítica sábia, paciente e cuidadosa para com as pessoas de cultura, estudiosos, escritores, intelectuais e aqueles engajados em atividades criativas em geral. Esta postura e preocupação não só reflete sua clara concepção marxista do papel da cultura, mas também expressa seu próprio amor pela cultura, sua ampla visão espiritual e seu alto nível de educação.

Todas as nossas vitórias são baseadas e inspiradas pelas ideias marxista-leninistas de Enver Hoxha que nos guiam para desenvolvimentos superiores; são ideias que nos fazem olhar para o futuro e nos ajudam a avançar com confiança em direção a ele.

O camarada Enver Hoxha não aprendeu o socialismo científico apenas com os livros. Os séculos de lutas do povo albanês para emergir à luz da liberdade deram origem e o desenvolveram como um comunista revolucionário; as batalhas de classe do proletariado mundial pela justiça social e pelo progresso o moldaram. O comunismo e a ciência marxista-leninista encontraram nele um homem preparado e dotado das qualidades e virtudes necessárias para propagá-las, defendê-las e aplicá-las com coerência na realidade albanesa.

Enver Hoxha tinha uma habilidade especial para resumir as coisas, e ele tirou conclusões muito importantes até mesmo de uma simples ação da prática revolucionária das massas. Ele sabia como combinar a defesa dos princípios com a coragem revolucionária para tomar um novo rumo, para encontrar as soluções mais adequadas às condições existentes. Ele era um inimigo da fórmula, das práticas estereotipadas e dos métodos, que a vida ultrapassou e que dificultam seu avanço.

Sua mente estava sempre em movimento. Observando e estudando o desenvolvimento do movimento revolucionário contemporâneo, a situação internacional e o processo dialético do avanço da sociedade albanesa, ele lidou com uma série de problemas capitais da revolução mundial e da construção socialista na Albânia, com total competência científica. Seu pensamento marxista é a pedra angular da linha e da visão teórica de nosso partido sobre questões de filosofia e política, ideologia e economia, cultura e arte, problemas militares e internacionais.

A Albânia socialista, com sua política revolucionária, é um exemplo inspirador para os povos que lutam para defender sua liberdade e independência nacional. Enver Hoxha é o fundador desta política do Partido e de nosso Estado socialista. Todas as corajosas posições de princípio da Albânia socialista sobre eventos e pro-

blemas internacionais, sua luta determinada contra o imperialismo e a reação, sua oposição irreconciliável ao revisionismo e ao oportunismo político e ideológico em geral, e seu apoio sem reservas aos povos que lutam pela liberdade e independência têm sua fonte nos ensinamentos deste patriota ardente e consistente internacionalista, nas ideias deste notável pensador marxista-leninista.

A versatilidade do Enver Hoxha é conhecida por todos. Ele era um teórico do socialismo com uma mente profunda, um lutador consistente, leal e indomável pelos princípios fundamentais do marxismo-leninismo. Como mestre da dialética materialista, ele desenvolveu e enriqueceu ainda mais a teoria marxista-leninista e a implementou de forma criativa nas condições concretas da Albânia e das complicadas circunstâncias internacionais que foram criadas após a Segunda Guerra Mundial.

Enver Hoxha se distinguiu, como ninguém mais, por sua luta corajosa e baseada em princípios contra os falsificadores extremamente perigosos do marxismo-leninismo de hoje, os revisionistas modernos. Ele era um político de novo tipo, o verdadeiro tipo proletário. Suas qualidades como teórico marxista-leninista e como político proletário foram combinadas em suas incessantes atividades revolucionárias, em sua atividade harmonizada e unificada no campo da teoria e prática marxista-leninista.

Enver Hoxha era um patriota ardente. Ele estava imbuído das notáveis tradições patrióticas de nosso pequeno e simples país. Com heroísmo incomparável, ele lutou com armas, com conhecimento e com todo o seu ser, para defender nossa pátria socialista, sua independência e soberania, seus direitos nacionais, a dignidade de nosso povo e do Estado socialista contra qualquer tipo de inimigo, por mais grande ou poderoso que fosse. E ele sempre travou esta luta pelo bem da Albânia a partir das posições de um internacionalista exemplar e consistente.

Estas características marcantes fizeram dele um tribuno popular, um homem ligado e ardentemente amado por todo o povo albanês. Seus vínculos com as massas eram laços indissolúveis de camaradagem. Assim como ele aconselhou os quadros, intelectuais e artistas, ele deu o exemplo de como se deve comunicar com o povo, como se deve sentar e conversar diretamente com eles, como se deve viver com suas alegrias e tristezas.

A palavra de Enver Hoxha penetrou profundamente nas mentes e nos corações

do povo. Ele era um orador de rara habilidade e um propagandista brilhante. Seus escritos e discursos são a mais clara evidência desse fato. Mais do que isso, alguns de seus trabalhos foram sinais e impulsos para grandes movimentos revolucionários, para mudanças de importância histórica no caminho de nosso desenvolvimento socialista.

Enver Hoxha tinha o dom de se adaptar às pessoas com quem conversava. Ele podia conversar com estudiosos e cientistas com profunda competência, assim como podia conversar livremente com os velhos montanheses. Ele se comunicava facilmente tanto com mulheres idosas quanto com alunos de escolas, pioneiros e crianças menores. Como psicólogo sensível, ele mergulhou na psicologia social de diferentes estratos e grupos sociais, estudou e conheceu não apenas seus sentimentos e aspirações, mas também seu estado de espírito. Ele tinha um profundo conhecimento da psicologia nacional dos albaneses.

Enver Hoxha era um intelectual com amplo conhecimento, um homem com uma paixão pelo estudo, um verdadeiro cientista marxista. Seu interesse pelo aprendizado era imenso e seu conhecimento como uma fonte inesgotável, sendo continuamente renovado e enriquecido. Ele tinha um conhecimento muito amplo das ciências humanas, mas também era competente nas ciências naturais. Ele conhecia muito bem não só nossa cultura nacional, mas também os valores fundamentais da cultura mundial. Ele era muito bem versado e se manteve atualizado tanto sobre a cultura do passado quanto sobre a do presente, sobre a literatura clássica e sobre as tendências “modernas” e modernistas da arte contemporânea, sobre a herança cultural dos ilíricos e dos primeiros albaneses, sobre o desenvolvimento atual de nossa literatura e da arte do realismo socialista. Sua boa memória o ajudou a usar toda a enorme riqueza da cultura que possuía com plena eficácia e precisamente onde ela era necessária.

A capacidade de trabalho de Hoxha e sua produção foram verdadeiramente assombrosas. Para provar isto, basta referir-se à sua atividade na última década de sua vida, quando ele não era mais jovem e tinha começado a ser afligido por sucessivas doenças graves. Basta recordar seus escritos deste período: uma série de obras teóricas de alto nível científico sobre os complicados acontecimentos internacionais de hoje, livros de excepcional valor sobre a história de nosso partido e da Guerra de Libertação Nacional, numerosas reminiscências, os muitos volumes

de seus diários políticos, sem mencionar muitos outros discursos e artigos, da mão de um homem que, ao mesmo tempo, se engajava ativamente, dia a dia, nos mais diversos assuntos de caráter operativo do partido e do Estado.

Nós, seus contemporâneos, lembramos de muitas coisas sobre Enver Hoxha. Entretanto, não podemos deixar de destacar seu aspecto humano, que é tão surpreendentemente rico.

Sua figura representa uma mistura orgânica de virtudes humanas. Nele a nobreza das ideias pelas quais ele lutou foi combinada com perfeição com seus sentimentos sensíveis e sua beleza espiritual. Seu coração e todo o seu ser responderam com profunda humanidade a todos os sentimentos e preocupações da vida do povo. Ele se regozijava e se alegrava tanto com a produção de uma gigantesca colheita-deira-combinada quanto com o nascimento de um novo cidadão da República; tanto com a produção do primeiro lote de superfosfato quanto com a apresentação de uma nova canção. Ele pensou, planejou e trabalhou para o futuro da nossa pátria, assim como estava preocupado com as condições de vida de um aposentado ou de crianças em uma creche. Ele se preocupava com qualquer deficiência, fraqueza ou descuido que impedisse o trabalho, mas poderia passar uma noite sem dormir preocupando-se com a saúde de um camarada. Suas maiores preocupações sobre o destino do nosso país socialista e sua atenção humana com os problemas dos trabalhadores comuns foram fundidas em uma só pessoa, em *sua* pessoa.

Enver Hoxha tornou-se um grande líder popular porque ele amava o povo do qual emergiu com a força de seu espírito, porque colocou toda sua atividade revolucionária a serviço da felicidade das massas e do progresso da Albânia. Ele tinha uma fé sem limites na força das massas. Deu especial importância à opinião e aos conselhos dos trabalhadores e camponeses, intelectuais, mulheres, jovens e soldados; dedicou-se sem reservas à luta por seu bem-estar e seu futuro feliz.

Ele não deixou nenhum distrito ou zona do país sem sua visita. Isso se tornou algo muito significativo para nós, hoje os aniversários destas visitas são comemorados e celebrados em todos os lugares como os “dias de Enver”. Nessas ocasiões são organizadas reuniões e palestras para homenagear sua vida e seu trabalho, mas também são proclamados dias de ação intensiva para cumprir em extensão os planos econômicos e culturais. Embora muitos anos possam ter decorrido desde o tempo destas visitas, as pessoas dizem naturalmente:

“Estamos lutando para cumprir as instruções que o camarada Enver deixou quando nos visitou.”

O tempo não faz com que suas instruções estejam desatualizadas.

Sua correspondência muito rica fornece um exemplo brilhante dos laços espirituais de Enver Hoxha com o povo. Ele não só recebeu milhares de cartas, mas também enviou respostas, agradecimentos e saudações a muitas pessoas dentro e fora do país. Suas cartas são uma grande escola para os quadros do partido.

Como todas as cartas, aquelas que ele despachou, têm um endereço concreto, com o nome do coletivo ou do cidadão a quem são dirigidas. Na maioria dos casos, porém, em essência, elas não são enviadas apenas a uma pessoa. Atrás do nome do destinatário há, quase sempre, toda uma categoria de pessoas trabalhadoras. Neste sentido, suas cartas têm servido como mensagens do partido para o povo, um diálogo aberto entre eles. Não é por acaso que muitas destas cartas também foram publicadas na imprensa. A assinatura “Teu, Enver”, tão cara ao povo, despertou seus corações, aliviou seu sofrimento e despertou suas emoções. Ela expressou sua total dedicação ao povo.

Como disse anteriormente, o camarada Enver tinha uma memória excepcional. Ele se lembrou dos nomes de muitas pessoas trabalhadoras depois de encontrá-las apenas uma vez. E muitas vezes, quando os encontrou novamente depois de muitos anos, ele se dirigiu a eles pelo nome, mesmo que eles pudessem ter mudado de aparência, partido para a vida adulta ou envelhecido. Isto se deu porque seu amor de todo o coração ao povo lhe estendeu a memória.

Enver Hoxha tirou grande força dos contatos com o povo e se inspirou nas opiniões avançadas das pessoas que, na maioria dos casos, compreendiam a essência das ideias importantes que ele formulou sobre a transformação socialista do país. Não havia nada de formal, oficial ou cerimonial em suas conversas, apenas uma preocupação comunista e uma atitude de camaradagem. Estas conversas foram a continuação de seu trabalho como líder. Com ele a cortesia não era algo artificial, um meio de comunicação com as pessoas, mas um dom natural; não era apenas um produto da educação, mas antes de tudo, uma expressão de seu gosto e respeito pelas massas. Tudo nele estava em ordem, ele se destacava acima dos outros, mesmo em questões simples.

Independentemente de quanto tempo possa ter decorrido, muitos dos que se

encontraram e conversaram com o camarada Enver lembram-se de seu rosto sorridente, seus olhos ardentes e penetrantes expressando uma grande riqueza de sentimentos e emoções, seu alto e nobre rosto, seu calor e preocupação, seus valiosos conselhos e instruções, bem como sua aparência exterior, sempre digna, limpa e de bom gosto. Naqueles minutos em que ele conversava com o trabalhador ou o jovem, o patriota ou o cooperativista, o especialista ou o líder, ele se colocava, de corpo e alma, inteiramente à disposição deles. Nesses momentos sua mente trabalhou com a máxima intensidade a fim de ganhar e aprender o máximo possível desses contatos e, especialmente, para dar às pessoas com quem ele estava conversando a assistência mais valiosa que podia.

Seus encontros com o povo foram algo emocionante e festivo para Enver. Ele foi às massas não apenas por causa de algum princípio, mas porque ele ficava muito desconfortável, no sentido pleno do termo, se ficasse por longos períodos de tempo sem encontrá-los. Não raro, especialmente nos últimos anos de sua vida, muitos camaradas o ouviram reclamar que suas muitas tarefas e sua idade avançada não lhe permitiam sair para conversar com os trabalhadores e camponeses, para ver por si mesmo o crescimento econômico e o desenvolvimento geral do país e para desfrutar das belezas naturais do país.

Todos conhecem o grande amor de Enver por Gjirokaštër, não só porque ele nasceu lá, mas também porque conhecia e admirava os valores culturais e arquitetônicos da cidade e especialmente porque lá, ele tinha muitos amigos de sua infância com os quais mantinha uma estreita amizade e estava ligado a memórias inesquecíveis. Imagine o quanto ele ficava entusiasmado para visitar Gjirokaštër.

“Muitas vezes eu quis voltar à nossa querida cidade”, disse ele em 1978, numa reunião com seus concidadãos. “E por que você não veio? Vocês devem se perguntar. Bem, vejamos...” — Enver não entrou em explicações. Talvez nem sua idade, seu estado de saúde em declínio, nem seu trabalho cada vez maior lhe parecessem razões convincentes.

Com especial prazer e grande nostalgia, o vemos agora nas crônicas do primeiro de maio nas telas da televisão. Lá vemos como ele cumprimenta calorosamente os veteranos ou mineiros, como acena feliz para os jovens e os pioneiros, os dançarinos e os soldados. Parece que Enver Hoxha está no desfile, junto com as pessoas e entre elas. Ele se comunicava com o povo com todo o seu ser: com suas

palavras, seus olhos e suas mãos.

Todos se lembram da grande celebração da inauguração do sistema de abastecimento de água de Postribë na planície de Mbishkodër, em 1974, da qual o camarada Enver participou. De fato, o povo compôs uma canção sobre isso, mas poucos se lembram dos detalhes de como essa celebração começou, ou de tudo que Enver fez naquela ocasião. Algo me vem à mente: ele se aproximou da nova fonte com um passo calmo e firme, arregaçou as mangas como se fosse um daqueles viajantes cansados pelo calor após uma longa viagem, arremessou um punhado de água sobre seu rosto e olhos e, por fim, propôs um brinde bem original, um brinde com água fresca direta da fonte. Que simples, que bonito, que humano! Não apenas as ideias do Enver, mas até mesmo suas ações comuns são irrepetíveis.

Na vida de cada homem há, é claro, eventos maiores e menores, assim como momentos comuns. Com Enver, porém, as coisas mais comuns assumiram uma importância especial, assumiram um grande significado e se tornaram comventes. O que se pode fazer, digamos, diante de um monumento? Ele pode fazer a saudação de punho cerrado, colocar um ramo de flores, homenagear ou fazer algo mais do gênero. Enquanto que com Enver suas emoções o levaram a ações originais em tais ocasiões.

Nunca esquecerei o momento em que, durante sua visita a Gjirokaštër, ele colocou uma coroa de flores sobre o monumento aos combatentes em Mashkulorë. Não houve nada de cerimonial em suas ações, embora estar diante de um monumento em si tenha algo a ver com cerimônia. Como foram comoventes aqueles momentos!

Enver Hoxha estendeu a mão para tocar suavemente as cabeças dos combatentes, como se estivessem vivos, acariciou-os afetuosamente e lentamente levantou seu punho cerrado em saudação.

O mundo interior de Enver era um turbilhão de sentimentos e pensamentos. Ele vivia os acontecimentos com todo o seu ser, era otimista, rejubilava e se entusiasmava com as conquistas e vitórias, pois se irritava e se mostrava austero quando os interesses do socialismo eram perturbados.

Sua preocupação sempre foi a de melhorar as coisas. Ele não estava insatisfeito com o que a Albânia havia alcançado em quarenta anos de socialismo e liberdade. Pelo contrário, ele estava feliz com o progresso alcançado, e a aparência comple-

tamente transformada do país era agradável a seus olhos. Mas, embora sentindo satisfação pelo que havia sido feito, ele era um lutador implacável contra a autossatisfação. Sempre buscando, sempre em luta por soluções mais racionais, tudo para o povo e o socialismo: isso era Enver Hoxha.

Quando ocorria qualquer desastre, Enver ficava perturbado, sentia dor, não conseguia dormir. Foi pessoalmente visitar o povo de Dibër em suas casas em meados do inverno de 1967, quando o terremoto causou pesados danos e mortes naquele distrito.

Em abril de 1979, outro terremoto atingiu Shkodër, Lezhë e outras zonas do norte da Albânia, e muitas pessoas foram mortas ou feridas. Menos de cinco minutos haviam se passado desde que soubemos desta catástrofe quando ele me instruiu para ir imediatamente a Shkodër e outros lugares, para transmitir condolências em nome do partido e para assegurar-lhes que rapidamente, muito rapidamente, todas as medidas seriam tomadas para construir novas casas para os aflitos e restabelecer a vida normal. Quando cheguei de Shkodër, informei-lhe sobre tudo. Ele me escutou com atenção.

“Agora não devemos perder nenhum segundo” — disse ele — Devemos tomar medidas abrangentes, organizar uma grande ação envolvendo todos os distritos, para que tudo seja concluído dentro de cinco a seis meses. O inverno deve encontrar as pessoas com novas casas.”

Ficou claro que ele havia considerado este assunto em profundidade e pensado em cada detalhe da ação.

“Erramos com alguns novos assentamentos — disse ele — Portanto, os locais onde as novas vilas serão construídas devem ser escolhidas cuidadosamente, para que tenham água, abrigo do vento e do sol. Deve ser dada atenção especial à entrada de Bahçallëk, que fica na entrada de Shkodër. Os arquitetos devem pensar sobre isso e encontrar as melhores soluções possíveis”.

Eu estava consciente da necessidade urgente de empreender uma ação em escala nacional para superar as consequências do terremoto. Mas naqueles momentos em que o problema imediato era encontrar abrigo para dezenas de milhares de desabrigados, foi preciso uma mente como a de Enver, uma preocupação como a dele, para pensar também nos valores estéticos das novas casas.

“Todas as casas devem ser bem construídas, não devem ser simples abrigos —



disse ele — As novas casas devem ter melhor aspecto e ser mais confortáveis do que aquelas danificadas pelo terremoto.”

Em outubro do mesmo ano, o camarada Enver, que participou da celebração organizada em Shkodër por ocasião da conclusão da ação para a liquidação das consequências do terremoto, ficou satisfeito com o que havia sido feito e parabenizou de coração os construtores das novas casas, que, apesar do pouco tempo, fizeram um belo e louvável trabalho.

Enver Hoxha era um homem de grandes energias intelectuais e físicas. Com sua habilidade como psicólogo, ele sabia como penetrar na alma das pessoas, libertá-las de qualquer tipo de timidez, sabia fazer com que criassem coragem para que todos expressassem suas opiniões. Ele repetiu, uma e outra vez, que para abrir o caminho às ideias racionais das pessoas, é preciso, antes de tudo, respeitar suas opiniões. Era seu costume, imediatamente após as reuniões que tinha com especialistas e quadros, sentar-se e anotar em papel impressões, considerações, ideias e recomendações.

A unidade de pensamento profundo com simplicidade de expressão é característica de todo o trabalho de Enver Hoxha. Esta é uma qualidade de grande importância, não só pelo fato de permitir que pessoas trabalhadoras de todas as categorias assimilem seu trabalho, não só porque reflete sua conhecida modéstia em todas as suas relações com as pessoas, mas também porque mostra claramente que sua erudição tinha uma base sólida. Ele nunca escreveu para mostrar cultura e erudição como um objetivo em si mesmo. Pelo contrário, ele pôs sua cultura de todos os lados a serviço do povo, a fim de resolver os problemas da sociedade.

Ele lidou competentemente com cada problema, cada assunto, em qualquer campo, embora não como um especialista restrito. Ele estudou incessantemente tanto a história quanto a filosofia, a economia e a tecnologia. Ele sempre foi informado sobre as últimas realizações em diferentes ciências. Cada bom livro novo o fazia feliz. Se ele tivesse participado de um concurso para o título Amigo dos Livros, certamente teria ficado em primeiro lugar.

Enver tinha uma grande paixão que, podemos dizer, o dominava: a leitura. Ele lia muitos tipos de literatura, de várias fontes, em diferentes idiomas. Ele lia sempre com uma mente crítica. Ele tinha a capacidade de determinar as conexões essenciais entre os diferentes itens de conhecimento que ele adquiriu. Seu conhecimento

era profundo, não panorâmico e superficial. Ele usava terminologia especializada com parcimônia, e não como um objetivo em si mesmo, a fim de se fazer passar por um especialista na área em questão. Mesmo em seus últimos anos, quando a visão o perturbava muito, ele não desistia dos livros. Membros de sua família leram para ele pacientemente novos livros e ele o escutou com a maior atenção.

Em nossas reuniões abertas, tinha o hábito de nos falar sobre o que havia lido recentemente. Desta forma, ele não só nos informou sobre problemas particulares, mas também nos incentivou a ler. Hoje ele falava sobre história, amanhã sobre geologia; um dia sobre etnografia e outro dia sobre medicina antiga; algumas vezes sobre os Hussitas, outras vezes sobre a história da Bíblia ou do Islã; em uma ocasião sobre radioatividade, em outra sobre o nascimento de diferentes alfabetos; em uma reunião sobre o valor nutricional dos vegetais, ou a necessidade de estudos macroeconômicos, e em outra sobre problemas cambiais e monetários.

O método de estudo do camarada Enver Hoxha e sua paixão especial pela leitura são um grande e impelente exemplo para todo nosso povo. Estudo, conhecimento do progresso técnico e acompanhamento contínuo de diferentes eventos, de novos desenvolvimentos na ciência são requisitos permanentes sem os quais não podemos lidar com as tarefas às quais a construção socialista coloca. A filosofia e a ideologia marxista-leninista não podem avançar e explicar os processos revolucionários da época, se não acompanharem os novos desenvolvimentos, tanto no plano interno como no externo. Qualquer teoria que não se transforma, na verdade não acompanha o tempo, se torna impotente para responder aos problemas que surgem. A construção socialista e a defesa da pátria não podem ser asseguradas se os fenômenos que se manifestam não forem estudados e interpretados corretamente, se vários tipos de informação, conhecimento e cultura não forem constantemente enriquecidos.

Com seu trabalho revolucionário, com tudo o que fez pelo povo e pelo país, Enver Hoxha conquistou o amor e o respeito de todo o povo albanês, trabalhadores e camponeses, mulheres e jovens, intelectuais e militares. Este amor cresceu a partir da amizade nascida na luta pela grande causa do socialismo, este amor é a expressão de um sentimento puro criado no decorrer do trabalho, cheio de abnegação e sacrifício, para a construção de uma vida nova. Não é, e não pode ser, o produto de um culto da personalidade, como alegam difamadoresamente os ini-

migos da Albânia e do socialismo. Não, Enver Hoxha detestava a ideia de tal culto e nunca a fomentou. A opinião do povo e dos comunistas com Enver é uma expressão da gratidão que todo albanês sente pelo homem que dedicou toda a sua vida à felicidade e ao bem-estar de sua classe. Para cada albanês Enver Hoxha é um camarada e irmão, porque cada um deles vê sua vida, suas alegrias, seu presente e seu futuro intimamente ligados ao nome do partido e de seu grande fundador e líder.

Nossa estrada e a estrada do Enver são uma só e indivisível. Seguimos este caminho para não fazer honra ao seu nome, ou por razões sentimentais. Seguimos este caminho e continuaremos a fazê-lo, porque ele responde aos interesses do povo e ao desenvolvimento socialista do país, porque nos mostra como trabalhar melhor para a defesa da liberdade e independência da pátria, para a construção bem sucedida do socialismo e do futuro próspero do povo. Se o caminho que ele previu é o caminho testado e mais correto para nós hoje, esse é o mérito de Enver Hoxha.

As palavras e o pensamento do camarada Enver Hoxha e as diretrizes e programas que ele formulou representam a síntese do pensamento coletivo do partido. Em seus discursos e contribuições para a discussão ele simplesmente reafirmou ao nosso partido e ao povo suas próprias ideias, que haviam sido buscadas e expressas das formas mais democráticas e diretas e que ele reuniu de forma generalizada. A unidade de pensamento e ação do partido em torno de seu líder, o camarada Enver Hoxha, surgiu desta conexão permanente, que era parte de seu método de trabalho. Assim como o nosso povo e o partido ouviram atentamente o que ele tinha a dizer, entraram na ofensiva e em ação para colocá-la em prática, assim Enver também procurou persistentemente as ideias e opiniões de seus camaradas em reuniões de trabalho e em contatos do dia a dia.

Os comunistas, quadros e todo nosso povo devem aprender não somente com o trabalho teórico de Enver Hoxha, mas também com sua atividade prática como líder, e com sua vida e figura como homem. Eles devem aprender a amar o povo e viver com ele, a compreender e resolver seus problemas; devem aprender a amar e defender a pátria, a lutar por sua felicidade e progresso, e a salvaguardar e desenvolver constantemente o espírito revolucionário e internacionalista.

Todos nós devemos aprender a ser destemidos diante de qualquer dificuldade, da mesma forma que Enver Hoxha; encontrar nosso rumo correto e infalível em

qualquer situação, como ele fez; organizar e orientar os assuntos com conhecimento e cultura, como ele fez; ser progressistas e lutar pelo novo sempre, como ele fez; ser inovadores, vigilantes e sempre na ofensiva contra os inimigos de classe. Nossos corações devem bater pela pátria e pelo comunismo ao longo de nossas vidas, como o fez Enver.



# PRIMEIROS ENCONTROS.

– PINTURA DE *FATMIR HAXHIU*

“A ÉPICA GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL ANTIFASCISTA DO POVO ALBANÊS 1939-1944”



*Enver Hoxha discursa no 1º Congresso da AAYU em 1944, Ramiz Alia ao fundo.*



*Enver Hoxha após curso sobre o livro “Fundamentos do Leninismo” em Korçë, 1944.*

## PRIMEIROS ENCONTROS

APÓS A FUNDAÇÃO DO PARTIDO, A GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DO POVO albanês estourou e se estendeu rapidamente. Em todos os lugares os comunistas surgiram na vanguarda como organizadores, propagandistas e combatentes. Muito rapidamente o povo se vinculou ao partido no qual viu a única força dirigente na luta pela libertação.

Com a expansão do movimento por todo o país, o nome de Enver Hoxha ficou conhecido como o líder do partido, o comissário político do exército e o lendário comandante dos bravos Partisans. O povo reconheceu a bravura e o patriotismo dos eventos em Pezë; reconheceu a histórica Conferência de 1942; reconheceu a luta dos Partisans de Myslim Peza; reconheceu Enver austero e resoluto ao esmagar a fração anti-partido em Vlorë; reconheceu e o admirou pela confiança e otimismo em Skrapar e Shpat, Mokër e Çermenikë; saudou-o em Vithkuq quando inauguramos a 1ª Brigada de combatentes; o conheceu em Labëria e em Tirana; o seguiu quando Enver liderou a heroica Guerra de Libertação Nacional do povo albanês com sabedoria e coragem únicas. Onde quer que os combatentes se desenvolvessem, lá, entre o povo e os partisans, estava Enver Hoxha.

No inverno de 1943-1944, os nazistas alemães e os traidores locais lançaram uma grande operação destinada a acabar com o movimento e destruir o exército partisan. Este foi o período mais difícil em nossa Guerra de Libertação Nacional. Em todo o país, em todas as regiões, de norte a sul, o inimigo lançou ofensivas aniquiladoras, mas encontrou a resistência heroica dos partisans e do povo.

Em condições excepcionalmente difíceis, os vários destacamentos partisans combateram os ataques inimigos, manobram habilmente, especialmente no sul da Albânia e na zona de Pezë, mantiveram sua capacidade de luta e prontidão



intactas. É claro que houve perdas, na verdade perdas muito pesadas, especialmente em alguns destacamentos partisans no centro e norte da Albânia. Por toda parte os inimigos mataram e massacraram pessoas desarmadas, homens e mulheres, queimaram e assolaram aldeias e zonas inteiras, de Tropojë a Gjirokastrë de Pezë a Korçë, mas não conseguiram acabar com o movimento e liquidar os partisans. O partido, o Exército de Libertação Nacional, os Conselhos Nacionais de Libertação, todo o povo insurgente emergiu desta operação mais temperado e preparado para as futuras batalhas que levariam à completa libertação da pátria.

Na operação de inverno Enver Hoxha se viu no “olho do ciclone”. Os alemães e os Ballistas fizeram diversos esforços para liquidar a liderança da Guerra de Libertação Nacional, o comitê central do partido e o Estado-Maior Geral chefiado pelo camarada Enver, que naquela época, estava localizado na Albânia Central, em Labinot-Mal de Elbasan e na zona circundante. Entretanto, os inimigos não foram bem sucedidos. O povo protegeu corajosamente o Estado-Maior da Guerra. Com raro heroísmo e extraordinária habilidade, o camarada Enver Hoxha conseguiu romper cerco após cerco junto com seus camaradas, marchando da região central da Albânia para chegar sãos e salvos no sul do país.

Foi justamente nessa época, imediatamente após a operação de inverno inimiga, que conheci o camarada Enver e conversei com ele pela primeira vez. Isto ocorreu em março de 1944, na vila de Panarit, em Korçë, onde o primeiro curso teórico para quadros do partido estava sendo realizado. Desta vez fui apresentado a ele, apertei a sua mão, o vi como um líder e comandante partisan, mas também o conheci e o ouvi como um professor. E foi assim que ele permaneceu para mim até o final de sua vida... meu mais querido professor erudito.

Gostaria de enfatizar o fato de que o camarada Enver não atrasou nem mesmo um dia, mas assim que ele saiu do cerco inimigo e chegou à zona liberada, junto com outros grandes quadros de direção, ele se envolveu na organização e realização do curso em Panarit. Isto mostra a grande importância que ele e o partido deram à formação ideológica dos quadros, ao ensino da teoria marxista-leninista e à qualificação integral dos comunistas.

Antes de ir para Panarit eu estava em Skrapar. Naquela época, eu era secretário da organização da Juventude Comunista da região de Berat. O curso começou em 4 de março e terminou em 20 de março de 1944. Todos contamos 35 de nós,

homens e mulheres, camaradas dos distritos de Gjirokaštër, Vlorë e Berat e das 1ª, 4ª, 5ª e 6ª Brigadas. Foi lá que conheci e conheci os camaradas Adil Çarçani, Manush Myftiu, Haki Toska, Josif Pashko, Bilbil Klosi, Sadik Bocaj, Zihni Sako, e outros. Fomos alojados na escola do vilarejo, um prédio de um andar com duas salas de aula grandes e uma sala pequena que aparentemente servia como sala de professores. Em uma das salas de aula, fizemos nossas lições e estudamos, enquanto usávamos a outra sala junto a dos professores para dormir. Para comer fomos a um prédio próximo que provavelmente serviu como loja ou departamento.

Muito tempo depois, quando voltei a Vithkuq no verão de 1985, perguntei especialmente sobre esta escola de Panarit e a casa em que o Estado-Maior tinha ficado. Tive muita pena de descobrir que eles haviam sido queimados pelo inimigo, e agora só podem ser encontrados como modelos no museu da região.

Ficamos em Panarit por mais de duas semanas e muito rapidamente fizemos amizade com o povo. As crianças cuja escola nós tínhamos ocupado nos consideravam como seus camaradas, e nos trouxeram nozes e avelãs, que cresciam em abundância naquela região.

Os temas abordados no curso foram de grande interesse para todos nós que participamos dele. Entretanto, tanto pela importância de seu conteúdo, quanto pela beleza de sua expressão, o discurso que o camarada Enver proferiu no último dia do curso se destacou acima de todos os outros. Esta fala era um verdadeiro programa que indicava o curso que iríamos seguir. Abriu diante de nós novas perspectivas muito claras de vitória na guerra e a tomada do poder.

Naqueles anos, todas as nossas atenções e energias estavam concentradas no cumprimento de um dever sagrado: tínhamos que lutar por uma Albânia livre, por uma Albânia do povo. Intervimos com muitas palavras de ordem inflamadas sobre a necessidade de lutar contra os ocupantes estrangeiros e traidores locais, pela justiça social e igualdade, pelo socialismo, sonhamos com o futuro.

Mas para nós ainda não era muito claro realmente como seria a sociedade do futuro. Faltava-nos preparação ideológica, não tínhamos o conhecimento marxista-leninista necessário. No entanto, isto não diminuiu nosso entusiasmo e determinação na guerra, nem nossa confiança no futuro. Embora nos faltassem os professores que nos teriam apresentado a teoria do socialismo, tínhamos uma grande e inabalável convicção: tínhamos certeza de que alguém sabia como seria

a Albânia no futuro e esse alguém era o partido, Enver Hoxha.

Nós entendemos isso ainda melhor em Panarit. O discurso do camarada Enver Hoxha esclareceu a nós uma visão de futuro, nos mostrou como seria a Nova Albânia. Aquele discurso foi publicado nos volumes das *Obras Escolhidas* do camarada Enver Hoxha, de acordo com as notas que tomei no Panarit, tudo o que nos foi ensinado no curso sobre estratégia e táticas revolucionárias, a ditadura do proletariado, a luta de classes, o partido, a questão camponesa, etc., foi concretizado. Quando ouvimos o camarada Enver falar do caminho que iríamos seguir e das tarefas que nos aguardavam, muitas ideias que pareciam teóricas e difíceis de entender durante nossos estudos assumiram a forma adequada ao terreno albanês e à nossa luta.

O discurso de Enver nos deu uma nova força e nos encheu de otimismo sobre o futuro. E não devemos esquecer que foi entregue em março, imediatamente após a Operação de Inverno, quando os inimigos estavam propagandeando alto que os partisans haviam sido exterminados e que o movimento havia chegado ao fim. Enquanto isso, em Panarit, Enver nos disse com plena convicção que a “perspectiva da tomada do poder é iminente” e que o “povo será senhor da Nova Albânia”.

Enver Hoxha propagou a linha do partido com ardor, paixão e com grande abnegação. Ele soube resumir a experiência adquirida e tirar lições de nossa luta, e teve uma visão precisa e clara de nossos pensamentos. Ao apresentar seu discurso — que ele não havia escrito —, ele falou devagar, em um tom confiante. Já naquele período turbulento, ele tinha a capacidade de deixar claras as situações nebulosas, que são mortalmente perigosas para um partido, especialmente em tempos de guerras e dificuldades.

As lições do curso em Panarit e o discurso e pensamentos do camarada Enver em particular, nos mostraram a importância primária de dominar a teoria revolucionária e ligá-la com a vida e a realidade concreta do país. Esta conclusão é válida até hoje para todos os comunistas, para todo o Partido e para nossa juventude. Devemos valorizar nossa teoria, a ciência marxista-leninista, não apenas para fazer exames, escrever artigos de propaganda, mas para que possamos lidar com nossa atividade concreta, nosso trabalho diário, por meio dos princípios teóricos e ensinamentos do marxismo-leninismo e evitar cometer erros na vida. O partido disse que precisamos do marxismo-leninismo não como um ornamen-

to, mas como um guia para a ação. No pensamento do camarada Enver, que era um grande teórico, em nenhum lugar se pode encontrar teorização abstrata, mas sempre se encontra pensamento criativo, pensamento revolucionário inspirado nos ensinamentos do marxismo-leninismo.

No dia seguinte ao término do curso, todos nós, participantes, nos dispersamos para as funções para as quais tínhamos sido designados pelo comitê central do partido. Fui nomeado membro da Seção Política da recém-formada 7ª Brigada. Naturalmente, fiquei feliz em ser transferido para lá, mas minha alegria foi maior quando conheci o camarada Enver.

Foi-me dito para me apresentar na casa em que se encontrava o secretariado-geral. Eu fui, o próprio Enver me recebeu lá. Ele me perguntou sobre a situação entre a população civil nas zonas de Skrapar e Berat, sobre a posição do povo e dos partisanos durante a Operação de Inverno, sobre o trabalho da juventude e do partido, e sobre os camaradas. Enquanto eu lhe dava as informações necessárias, a conversa parecia fluir facilmente e eu consegui controlar minhas emoções.

“De agora em diante — disse Enver, depois de me ouvir — você ainda trabalhará com a nossa juventude, embora não com a juventude civil, mas nas fileiras partisanos.”

Depois ele me explicou a importância do trabalho com a juventude, a necessidade de sua organização, de sua educação política e cultural, da contínua elevação de seu espírito militante e determinação na guerra contra os ocupantes nazistas e traidores locais.

“Colabore com todos os camaradas — aconselhou-me ele — não apenas com os da seção política, especialmente com o vice-comissário da brigada, o camarada Adil Çarçani, responsável pelo trabalho do partido na brigada, mas também com outros quadros.”

Depois ele falou sobre o cuidado que devemos ter para explicar ao povo os objetivos de nossa guerra.

“Onde quer que você vá, em cada aldeia, reúna o povo, reúna a juventude e trabalhe com eles. As mulheres partisanos devem se reunir com as mulheres civis para dialogar com elas. Explique a situação política a todos, conte-lhes sobre nossa guerra e sua perspectiva. Devemos fazer com que o povo esteja o mais próximo possível da guerra e odeie os ocupantes estrangeiros e os traidores locais, os

Ballistas, os Zoguitas, etc. Sua brigada irá operar na zona ao redor da cidade de Berat. Sua tarefa é atacar incessantemente o inimigo com o objetivo de libertar a cidade e fortalecer o movimento e os Conselhos Nacionais de Libertação nas regiões ao seu redor.”

Finalmente, ele me instruiu a escrever ao comitê central de tempos em tempos, para mantê-lo informado sobre a situação na brigada e nas zonas por onde ela passaria. “Isto tem uma importância especial — sublinhou ele — porque o comitê central e o estado-maior geral não podem liderar e dirigir a guerra não sabendo como estão as unidades partisans, sem informações reais e concretas do partido e dos diversos destacamentos do exército”. Dito isto, nos abraçamos, apertamos as mãos e fui embora.

Esta reunião e os conselhos que o camarada Enver me deu estão permanentemente frescos em minha memória. Naquela época, eu era bastante jovem, mas ansioso para aprender. É por isso que durante toda a reunião escutei atentamente para absorver cada palavra que o nosso líder dizia, considerando-a um bem valioso que me ajudaria em todo o meu trabalho. Emoções? Eu não consigo descrevê-las.

Após este encontro, meu diálogo com o camarada Enver tornou-se cada vez mais frequente, tornando-se diário mais tarde, quando por mais de duas décadas trabalhei ao seu lado no Secretariado do Comitê Central do partido. Para mim este diálogo foi uma grande escola na qual aprendi a trabalhar e lutar melhor pelo povo e pelo partido, uma escola onde fui formado como comunista e como um quadro. Na escola de Enver Hoxha eu pude dominar a ideologia do partido e sua política científica. Os conselhos e orientações de Enver exerceram uma influência direta para me dar um melhor e mais profundo conhecimento dos assuntos do presente e do futuro.

De Panarit parti para Skrapar para fazer contato com a brigada. Encontrei-a no vilarejo de Therepel. Lá conheci o pessoal da brigada e os camaradas da seção política, aos quais transmiti as instruções do camarada Enver. Depois disso, fui aos vários batalhões da brigada, encontrei-me com quadros e partisans, a juventude, homens e mulheres, alguns dos quais eu estava conhecendo pela primeira vez. Além dos partisans que formavam o “batalhão de juventude” de Berat e Skrapar, a maioria dos quais eu já conhecia, havia muitos partisans das regiões de Korçë e Gjirokastrë nas fileiras da brigada.

Não vou me deter sobre o trabalho e as ações militares da brigada. Entretanto, gostaria de demonstrar com que atenção e operatividade o camarada Enver acompanhou a ação das diversas unidades partisans, junto com a vida das organizações partidárias e da juventude durante a guerra. Com este fim, mencionarei dois episódios.

Na segunda quinzena de maio de 1944, numerosas forças alemãs deixaram a cidade de Berat e partiram em direção à estrada motorizada que leva a Përmet. Imediatamente eles foram atacados pelos partisans de nossa brigada. Os combates foram especialmente ferozes na zona de Paraspuar e em Qafë-Shkoza. Os combates duraram vários dias. Cada noite os alemães se retiravam para a cidade, mas retomavam o ataque no dia seguinte com maiores forças.

Em um desses dias, o camarada Adil e eu telefonamos para o camarada Enver e lhe relatamos a situação crítica que estava sendo criada. Dissemos a ele que tínhamos sofrido muitas baixas. Ele ouviu atentamente nosso relatório e depois disse:

“Sua brigada não deve recuar um passo, independentemente das perdas que você venha a sofrer. Os alemães não devem passar por você. Vocês sabem da importância da reunião que vamos realizar”. Ele estava se referindo ao Congresso de Përmet que deveria ser realizado naqueles dias. E de fato, nossa delegação, incluindo o comandante e o comissário da brigada, tinha partido para Përmet.

Naturalmente, tomamos as medidas necessárias para garantir que a ordem que ele nos deu fosse cumprida sem muitas perdas. O camarada Enver, também, havia considerado a situação. No dia seguinte, a 12ª Brigada que acabara de ser formada em Këlcyrë de Përmet foi enviada na direção de Paraspuar em reforço à 7ª Brigada. Apesar dos esforços que fizeram e dos veículos blindados que utilizaram, os alemães não conseguiram passar. O Congresso de Përmet conduziu seus procedimentos com sucesso, porque o Estado-Maior e Enver Hoxha haviam pensado pessoalmente em como protegê-lo e haviam encarregado nossa brigada e a 12ª desta tarefa. A 5ª, 6ª e 8ª brigadas, assim como outras forças partisans, foram encarregadas de tarefas especiais para a defesa da cidade de Përmet, em particular.

Não raro, ao ler lembranças ou artigos sobre a guerra, especialmente quando se trata de uma determinada brigada ou ação militar importante, parece que nossa guerra foi travada de forma fragmentada, de acordo com o desejo e a iniciativa deste ou daquele pessoal ou destacamento partisan. Sem dúvida, na guerra, como

em qualquer outro campo, a iniciativa de um comandante ou de um destacamento desempenha um papel importante. E houve muitas ações com iniciativa individual durante a Guerra de Libertação Nacional. Mas nossa guerra foi uma guerra organizada, uma guerra bem pensada, liderada pelo Estado-Maior com base em um plano de operações estudado. Cada brigada operava em uma determinada zona e se movia apenas sob ordens do Estado-Maior. Cada grande operação militar que exigia a ação combinada de várias brigadas e destacamentos era guiada pelo Estado-Maior General. Assim, a 1ª Divisão e outras brigadas partidárias marcharam em direção ao norte sob as ordens do Comandante-em-Chefe do Exército de Libertação Nacional, o camarada Enver Hoxha, com base num plano cuidadosamente considerado do ponto de vista político, tático e estratégico. Da mesma forma, a heroica batalha pela libertação de Tirana foi travada de acordo com um plano detalhado elaborado por ele. Esta operação, uma das mais importantes de nossa guerra, incluiu uma série de batalhas e medidas concretas. Para realizá-la, foram travadas batalhas a partir da fronteira greco-albanesa, na zona de Korçë, ao longo da rota de retirada das forças alemãs, em Elbasan, em Qafë-Kërrabë e Mushqeta, para terminar com os feitos heroicos dos partisanos nas ruas de nossa capital.

O golpe final que foi dado aos ocupantes nazistas e às forças da reação local, os Ballistas, os Zoguitas e outros colaboracionistas, um golpe que também abalou os planos anglo-americanos e levou à completa libertação da Albânia e ao estabelecimento do poder popular, não foi uma ação isolada desta ou daquela formação partisan. Foi a realização do plano estratégico do partido, a coroação com sucesso de nossa guerra que o Comandante-Chefe, o camarada Enver Hoxha, guiou com uma mão firme.

Outro episódio que mostra o envolvimento pessoal próximo do camarada Enver na condução da guerra tem a ver com minha primeira troca de cartas com ele. Em abril e novamente em junho de 1944, logo após a segunda operação inimiga, conhecida como a Operação Junho, enviei dois relatórios ao Comitê Central do partido. Nesses relatórios enviei informações sobre o trabalho da juventude comunista na brigada, sobre o aumento de suas fileiras, sua posição moral-política e, especialmente, a coragem e persistência que demonstrou no combate ao inimigo, o trabalho de formação política feito com ela, etc., porém, eu também tinha notado certas posições incorretas de algum quadro dirigente da brigada em suas relações

com o povo ou em seu comportamento com os partisans. Havia manifestações de grandes manobras e sectarismos que prejudicavam os laços do partido com as massas. Em ambos os relatórios, ao informar o Comitê Central sobre estes e alguns outros assuntos relacionados com o trabalho com os camponeses, eu também expressei alguma opinião ou avaliação pessoal sobre eles.

Nunca me passou pela cabeça que o camarada Enver, pessoalmente, lesse esses relatórios. Mas embora ocupado com as principais tarefas de preparação e realização do Congresso de Përmet e, posteriormente, com a orientação das forças partidárias para superar a Operação Junho, ele não só as leu, mas encontrou tempo para me enviar uma longa resposta cheia de instruções. Aquela carta que começou tão simples e calorosamente, com as palavras “Caro camarada”, causou uma profunda impressão em mim.

Tal era Enver! Anos mais tarde, quando o conheci mais de perto, percebi a grande importância que ele dava a conhecer a situação da atividade do partido, ou o desenvolvimento da economia e da cultura, as opiniões dos quadros e dos trabalhadores e camponeses comuns. Era seu hábito ler cuidadosamente cada relatório ou carta que recebia, ouvir atentamente tudo o que lhe era dito, tirar conclusões de uma conversa ou notícia comum, dar assistência e conselhos a qualquer camarada que o procurasse.

A carta que o camarada Enver me enviou é conhecida, pois foi publicada no segundo volume de suas *Obras Escolhidas*. No entanto, aqui me lembrarei da preocupação especial que ele demonstrou pela organização e educação dos jovens. Ele tinha uma alta avaliação do papel da juventude, portanto exigiu que “todos os membros do Partido deveriam estar interessados em trabalhar com este importante setor”.

O camarada Enver disse que “a juventude é o futuro da pátria”. Este não é uma palavra de ordem, mas uma diretriz constante para nosso partido. Tive a oportunidade de experimentar seu interesse pela juventude diretamente e em todas as etapas da revolução e da construção socialista. Retornarei a esta questão mais tarde. Mas aqui quero enfatizar sem o mínimo exagero que este cuidado e trabalho para a educação das crianças, jovens pioneiros e adolescentes não foram apenas uma preocupação especial de Enver, mas também sua “fraqueza”.

Ainda hoje quando você lê a carta do camarada Enver, é evidente a importância



que ele deu aos vínculos com o povo e ao trabalho de convencimento do partido. As massas, os trabalhadores devem ser convencidos, devem estar familiarizados com a linha do partido. Desta forma, eles lutarão para aplicá-la e defendê-la. Este *leitmotiv* permeia todo o seu pensamento. Enver era um severo inimigo da arrogância e das atitudes sectárias em relação ao povo, assim como era inconciliável com o oportunismo e o liberalismo.

Em meu segundo relatório informei ao Comitê Central que Gjin Marku, então comandante da 7ª Brigada, e alguns outros quadros trataram duramente os partisanos e o povo. No caso, alguns jovens partisanos recém recrutados, que por uma razão ou outra haviam deixado a brigada durante a Operação Junho e voltado mais tarde. Marku chegou ao ponto de propor que medidas extremas deveriam ser tomadas contra eles e suas famílias.

O camarada Enver me escreveu:

“Em relação a Gjin Marku e aos assuntos que você levanta em sua carta, ele está errado. Em nenhum caso as medidas que ele propõe devem ser tomadas. Não podem ser tomadas medidas contra um partisan que está no exército há apenas dois meses, que nunca participou de nenhuma reunião ou ouviu nenhuma orientação de seus dirigentes sobre a oportunidade de voltar para casa. Não deve ser feito nada contra eles, menos ainda com seus pais. Medidas rígidas devem ser tomadas contra um partisan *experiente* que deserta, mas somente contra ele e não contra seus pais ou família.”

Mas isso não era tudo. A partir das informações sobre o comportamento de Gjin ele tirou valiosas conclusões para a orientação de todo o partido.

“Devemos nos proteger contra aquelas opiniões sem nenhuma reflexão, não devemos permitir, de forma alguma, o desenvolvimento do oportunismo nas filiais dirigentes”, instruiu ele. Enver prosseguiu: “o respeito do partisan por seu comandante deve vir não em ameaças e insultos, mas no bom comportamento e na capacidade do líder.”

Para mim, a carta de Enver foi uma fonte não só de satisfação, mas também de encorajamento especial. Ela me deu apoio e me impulsionou a trabalhar com maior entusiasmo. Ela me deu uma melhor compreensão do escopo do trabalho do partido, da atenção ao comunista para não se limitar a um círculo restrito de problemas ou restringir suas atividades apenas ao desempenho da tarefa pela qual

ele tem responsabilidade direta. O comunista deve ser ativo e militante a qualquer momento e sobre tudo o que está ligado aos interesses do partido e do povo. O camarada Enver me aconselhou: “não esqueça que todas essas coisas devem ser feitas pelo método do convencimento e com muita paciência, indo ao ataque uma e outra vez até que as falhas dos camaradas sejam eliminadas”. E então ele acrescentou: “não se limite a observar os problemas, mas envolva-se diretamente nestas questões, pense bem e com cabeça fria, tome decisões corretas e tente torná-las compreensíveis e aceitáveis para os camaradas”.

Estes conselhos, estas lições, foram valiosas na época na luta pela Nova Albânia, mas hoje também são altamente instrutivas para mim e para todo dirigente e quadro da juventude que quer servir na construção socialista e na defesa do nosso país, com toda sua força e da melhor forma possível.

Assim, a partir desta carta e depois, durante décadas a fio, ao discutir e trocar opiniões sobre questões do partido e do desenvolvimento do país, comecei a aprender na escola do partido e do camarada Enver Hoxha, nesta grande escola da teoria e da prática da revolução.

O 1º Congresso da União da Juventude Albanesa Antifascista (AAYU) foi realizado em agosto de 1944. Este evento desempenhou um papel muito importante no movimento da juventude albanesa. Voltarei novamente a este grande evento, mas primeiro quero falar brevemente sobre as impressões que tive de meu encontro com o camarada Enver após o Congresso.

Um dia após o Congresso da AAYU, na aldeia de Helmës em Skrapar, onde estava localizado o Estado-Maior Geral do Exército de Libertação Nacional, foi realizada uma reunião do Comitê Central da Juventude Comunista. O camarada Enver Hoxha, Secretário-Geral do Partido Comunista da Albânia, esteve presente a esta reunião que analisou as tarefas enfrentadas pela organização da Juventude Comunista em relação a implementação das decisões do 1º Congresso da AAYU e a maior mobilização da juventude na guerra pela libertação da pátria. Assim, tive a oportunidade de falar diretamente com ele novamente.

Nós conversamos antes da reunião. Ele me pediu minhas impressões sobre o congresso da juventude, depois me perguntou sobre a situação na 7ª Brigada após a Operação Junho, perguntou sobre seus quadros e depois me informou que eu havia sido nomeado para trabalhar na seção política da 2ª Divisão, que havia sido

formada naqueles dias e estava localizada no norte da Albânia. Ele me explicou a grande importância política que o envio de forças partidárias para o Norte tinha. Como é sabido, por várias razões, o Movimento de Libertação Nacional nos distritos do norte não havia assumido as mesmas proporções, ou se desenvolvido tão rapidamente quanto no sul do país.

“O envio das divisões do Exército de Libertação Nacional para lá será de grande ajuda para as organizações partidárias nas regiões do norte, para a mobilização e engajamento das massas na guerra. Os resultados já são evidentes, as 17<sup>a</sup>, 18<sup>a</sup>, 22<sup>a</sup> e 23<sup>a</sup> Brigadas já foram ou estão próximas de serem criadas”, disse o camarada Enver

As prospeções do camarada Enver Hoxha sobre a situação no norte foram caracterizadas por uma crença inabalável no patriotismo do povo dessas regiões, que, apesar da grande influência de elementos reacionários, estavam intimamente ligados ao partido e ao Movimento de Libertação Nacional. Em Shkodër e Tropojë o trabalho do partido nunca parou e o fuzil partisan nunca foi silenciado; o povo de Dibër, Kukës, Mat, etc., demonstraram seu espírito de luta e grande patriotismo.

“O envio das divisões para o norte tem como objetivo o desmantelamento dos planos dos inimigos da liberdade e do futuro da Nova Albânia”, apontou ele.

Tanto as forças reacionárias externas, especialmente os britânicos e os americanos, quanto as internas, os Ballistas e os Zoguistas, tinham como objetivo manter o norte como sua zona de influência e estabelecer uma administração que se opusesse ao nosso governo popular eleito pelo Congresso de Përmet. Se não conseguissem com que isso fosse estabelecido como único governo do país, tentariam impor um *compromisso*, a formação de um “governo de unidade nacional”, que surgiria *junto* com o Movimento de Libertação Nacional que, segundo eles, teria apenas o sul, e da reação que, supostamente, teria o norte. Assim calculou o campo reacionário inimigo.

Todos os inimigos da Albânia foram postos em movimento para implementar esse plano. Os Ballistas e os Zoguistas, os Bayraktar britânicos e americanos, os reacionários de todas as bandeiras colaboraram entre si abertamente. Até mesmo os nazistas alemães, que viam o fim se aproximando, estavam cientes desses planos, assim, os encorajaram e até mesmo colaboraram ao máximo para sua realização.

Os inimigos estavam trabalhando, mas o povo não estava dormindo. Eles estavam lutando e tinham homens sábios e clarividentes, como Enver Hoxha, que liam

os planos da reação e tomavam as decisões necessárias para garantir a vitória do povo em sua guerra, para derrotar os planos do inimigo.

“Portanto, diante destas circunstâncias complicadas”, concluiu o camarada Enver, “você deve fortalecer o trabalho do partido e da juventude não apenas no Exército de Libertação Nacional, mas também entre o povo, com o qual você deve trabalhar incansavelmente para popularizar a guerra e expor os objetivos e a propaganda do inimigo”.

Também na reunião do Comitê Central da Juventude Comunista, o camarada Enver falou sobre as numerosas tarefas que tínhamos pela frente. O que me impressionou particularmente lá, como havia feito em março em Panarit, foi sua capacidade de pensar muito à frente. Ele falou sobre as tarefas imediatas, sobre a necessidade de mobilizar a juventude na guerra para a completa libertação da pátria. Mas ele também falou sobre a reconstrução do país, sobre a mobilização dos jovens no trabalho, como apoiadores ativos do poder popular. O camarada Enver resumiu suas ideias em uma frase:

“Pelo poder do Estado e pelo Exército! este deve ser o lema da Juventude Comunista de hoje”.

Foi decidido que nós, membros do Comitê Central da Juventude Comunista que haviam sido eleitos ao mesmo tempo para a Secretaria da AAYU, deveríamos ir imediatamente para as zonas de base e para as unidades partidárias. Além do meu trabalho com os jovens da 2ª Divisão, que incluía as 6ª, 7ª e 22ª Brigadas, eu também seria responsável por ajudar a juventude civil nas regiões de Mirditë, Pukë e Shkodër, onde as forças da nossa divisão estavam operando.

Junto com a camarada Nexhmije Xhuglini (Hoxha) e dois outros membros do Comitê Central da Juventude, parti de Helmës em direção ao norte. Viajamos pelo Rio Tomorrica, para Gramsh, para Gjinar de Shpat, para Polis, e depois de cruzar o rio Shkumbin, subimos até a aldeia de Labinot-Fushë. Lá, encontramos os partisans da 6ª Brigada de Ataque e os camaradas da 2ª Divisão. Fiquei com os partisans da 6ª Brigada, enquanto a camarada Nexhmije prosseguiu para o vilarejo de Shënmeri, em Tirana, onde ela deveria fazer contato com o Estado-Maior do 1º Corpo do Exército e mais tarde seguir para Peshkopi. Deveríamos nos encontrar novamente em Priska, Tirana, onde seria realizada a Conferência Regional da Juventude do centro e norte da Albânia, em 2 de outubro de 1944.

Nesta reunião, conheci o camarada Hysni Kapo, que naquela época era comissário político do 1º Corpo do Exército. Ele fez uma saudação à Conferência em nome do Comitê Central do partido. A partir desta primeira reunião foram estabelecidas entre nós relações muito amistosas e companheiras. Hysni conquistou meu respeito e admiração com a atenção e cuidado que demonstrou pelas camaradas, com seu comportamento e sabedoria característica, e com sua modéstia. Ficamos juntos por um período muito curto, mas para mim parecia que já nos conhecíamos há muito tempo. Assim, nasceu aquela estreita amizade e sincera camaradagem entre nós que nunca se abalou em nenhuma situação, aquela colaboração comunista que, desde o nosso primeiro encontro, cresceu e se estendeu durante trinta e cinco anos de nosso trabalho conjunto e luta pela causa do povo e do partido, sempre ao lado de nosso grande mestre, Enver Hoxha.

Da Conferência em Priska, eu tenho outra lembrança muito querida e inesquecível. Foi lá que vi minha companheira, Semiramis Xhuvani, pela primeira vez. Ela tinha vindo para Priska como uma jovem militante de Elbasan. Enquanto escrevo estas notas, posso vê-la novamente em minha mente, como ela era naqueles dias: seu cabelo em tranças, mas não muito comprido, vivo, delicado e meigo.

Mais tarde, após a libertação do país, nos conhecemos melhor e nos casamos. Escrevo estas linhas com nostalgia, pois relembro da pessoa que me é a mais querida, com quem vivi as maiores alegrias de minha vida pessoal nos anos mais felizes. Escrevo com saudades, pois lembro de como a companheira da minha vida era uma excelente comunista. Juntos compartilhamos o bom e o mau, juntos trabalhamos e lutamos pela causa do partido, juntos criamos e educamos nossos filhos que agora se tornaram meus camaradas e co-combatentes. Mas escrevo estas linhas também com um pesado fardo de profundo luto, porque perdi Semiramis tão cedo, a perdi em um momento em que precisava dela, de sua amizade e de seu amor, mais do que nunca... peço ao leitor que me perdoe por este parêntese de caráter estritamente pessoal.

A reunião de Priska terminou. Parti para Mat, onde estavam localizadas as forças da divisão. De lá, fomos para Lurë-Dejë e depois entramos em Mirditë. Depois que aquela região foi completamente liberada, nos mudamos para Pukë e de lá marchamos em direção a Shkodër. A 6ª Brigada cruzou o Rio Drin e, passando por Lekbibaj e Dukagjin, chegamos à zona norte de Shkodër. Shkodër foi

liberada em 29 de novembro de 1944 e assim toda a Albânia foi liberada dos exércitos estrangeiros.

Com a libertação de Shkodër, a heroica Guerra de Libertação Nacional foi coroada com vitória completa; o derramamento de sangue, os inúmeros sacrifícios do povo e o heroísmo dos partisanos foram recompensados e a linha consistente de nosso Partido Comunista, o organizador e líder do Movimento de Libertação Nacional do povo albanês triunfou.

O papel de Enver Hoxha na realização desta vitória histórica foi decisivo. Desde sua fundação, o Partido escolheu o camarada Enver como seu dirigente. No calor da guerra, ele ganhou a confiança e o apoio total de todo o povo, que viu em Enver um líder excepcional que respondeu a suas aspirações. E o povo e o partido não estavam enganados: Enver Hoxha os guiou sabiamente e os conduziu de vitória em vitória. Ele colocou toda sua atividade revolucionária a serviço da libertação do país e, mais tarde, da construção socialista, a serviço da felicidade das massas e do progresso da Albânia.

Um verdadeiro marxista-leninista e um grande estrategista, Enver Hoxha chegou à conclusão histórica de que o povo não poderia triunfar, que a liberdade não poderia ser assegurada sem a criação da força política organizada e da força militar do movimento. E conseqüentemente, se pela primeira vez na história, nosso povo alcançou uma unidade militante, que até hoje constitui um dos fatores básicos da mobilização de todas as energias das massas trabalhadoras, isto se deve ao trabalho persistente de Enver Hoxha, que, como verdadeiro ardente patriota comunista, lutou com todas as suas forças pela criação da Frente de Libertação Nacional, a grande organização que uniu todos os albaneses aos quais a liberdade e a independência do país eram aspiradas.

Enver Hoxha foi o organizador do Exército de Libertação Nacional. Como Comissário Político e Comandante-em-Chefe, ele nos liderou em todas as batalhas decisivas. Embora nossa guerra tenha começado como uma guerra partisan, graças à liderança correta do partido, a estratégia e táticas científicas elaboradas pelo Estado-Maior General e pelo camarada Enver Hoxha, muito rapidamente ela se transformou em uma guerra organizada com um exército regular e disciplinado, que operou de acordo com um plano bem pensado e unificado. Como resultado, nossa guerra foi travada corretamente, as operações militares termina-

ram com sucesso, e nosso povo libertou o país dos nazistas-fascistas e traidores com suas próprias forças.

Conclamamos e diremos novamente que a Guerra de Libertação Nacional é nossa maior guerra, embora nosso povo tenha travado muitas guerras, derramado torrentes de sangue e sofrido devastações e dificuldades incalculáveis. Mas a Guerra de Libertação Nacional, liderada pelo partido com Enver Hoxha à frente, é grande não só por causa de suas dimensões, mas também por causa das ideias que a inspiraram e, sobretudo, por seus resultados.

Desde o início, Enver Hoxha deixou claro ao Partido e às massas trabalhadoras que seus sofrimentos e infortúnios não vinham apenas dos estrangeiros, dos ocupantes fascistas, mas também das classes exploradoras, que tinham governado a Albânia até aquele momento e sempre colaboraram com os estrangeiros e se submeteram a eles. Sem lutar simultaneamente e com igual determinação contra essas duas forças hostis, a verdadeira liberdade não poderia ser alcançada, a independência nacional não poderia ser realizada e as aspirações sociais das massas nunca poderiam ser satisfeitas. Nossa Guerra de Libertação Nacional triunfou porque o povo, com o partido à frente, lutou consistentemente em ambas as frentes, contra os ocupantes estrangeiros e contra os traidores locais, porque a linha do partido era clara e superou qualquer tentativa de desvio sectário ou oportunista.

Na Albânia, a guerra pela libertação nacional se transformou em uma ampla revolução popular. Esta grande ideia criativa e revolucionária, que o camarada Enver Hoxha tornou a pedra angular da linha do partido e o Programa da Guerra de Libertação Nacional, levou não apenas a garantir a verdadeira liberdade nacional e a completa independência da pátria, mas, acima de tudo, ao estabelecimento do poder popular, e tornou o povo dono de seu destino.

No dia da libertação de Shkodër, 29 de novembro de 1944, entrei na cidade junto com as forças partisans. Minha alegria era dupla: tínhamos vencido a guerra e precisamente no dia da Libertação da Pátria me encontrei na cidade em que nasci.

Eu havia deixado Shkodër quando eu tinha oito anos de idade. Assim, eu tinha crescido em Tirana, onde fiz meus estudos primários e secundários, militei nas fileiras da juventude comunista, e fui admitido no partido. Na primavera de 1943, fui enviado para trabalhar com os jovens da região de Berat e mais tarde para as

fileiras partidárias em Skrapar. No entanto, em meu coração retive o amor pela minha terra natal, lembranças de meus companheiros de infância, conhecidos e amigos, e até mesmo das ruas e vielas da cidade. O tempo que havia passado havia aumentado meu desejo de vê-los.

Nós, partisans, juntamente com o povo de Shkodër, celebramos o primeiro dia de liberdade com uma alegria indescritível. Cada lar em Shkodër havia aberto suas portas para os partisans. A festança na cidade não tinha fim. As danças e as canções continuavam dia e noite.

Fiz contato com os camaradas do comitê regional da juventude comunista de Shkodër, e discutimos as tarefas que enfrentamos naquele momento, a necessidade de reorganização dos grupos ativos da juventude comunista e a mobilização de toda a juventude para a reconstrução do país, etc.

Mas, embora eu tivesse iniciado este trabalho, apenas dois dias após a vitória, em 2 de dezembro, no quartel general do 3º Corpo do Exército ao qual nossa divisão estava ligada, eles me notificaram que eu deveria partir para Tirana onde eu deveria me reportar imediatamente no quartel general. “Imediatamente” foi relativo, pois naquele momento tivemos que viajar a pé, já que todas as pontes entre Shkodër e Tirana haviam sido explodidas pelos alemães. Levamos três dias para chegar lá. Falo no plural porque éramos um grupo de 20-25 partisans de vários desprendimentos que viajavam juntos.

Em algum lugar nas proximidades de Bushat, durante uma breve pausa, um partisan mais maduro nos disse: “Escutem, camaradas, durante toda a guerra que travamos, atuamos sob a orientação de comandantes e comissários. Então, por que estamos viajando como um bando desorganizado de bandidos? Suponhamos que nos deparemos com um grupo de saqueadores, o que vamos fazer, quem nos conduzirá? Então, escute-me: a partir deste momento serei seu comandante, enquanto o comissário...” — ele fez uma pausa por um momento, enquanto olhava para todos nós e ao final apontou para mim e disse: “será este jovem”.

Ninguém tinha nenhuma objeção. O partisan que se nomeou comandante foi o camarada Riza Veipi, até então vice comandante da 6ª Brigada de Assalto. Foi a primeira vez que nos encontramos. Quando ele me nomeou comissário, nem ele nem eu sabíamos então que, de fato, o partido tinha me incumbido de tal tarefa. Soube disso quando cheguei em Tirana.



A capital do nosso país, que havia sido liberada cerca de três semanas antes, estava repleta de vida, as pessoas pareciam felizes e entusiasmadas. A atmosfera de liberdade podia ser sentida em cada passo, em cada conversa, em cada reunião. Assim que cheguei, fui direto para casa, onde minha mãe, meu irmão e minhas irmãs me receberam de braços abertos. Depois conheci meus antigos e novos camaradas, meus amigos de infância, aqueles com quem eu havia crescido e ido à escola, assim como aqueles que eu havia encontrado nas montanhas durante a guerra. Encontrei-os nos escritórios da Secretaria da AAYU, da qual eu também havia sido eleito membro no Congresso de Helmës.

No dia seguinte à minha chegada em Tirana, eu me apresentei ao Quartel-General, como ordenado. Lá eles me informaram que no dia seguinte eu deveria me encontrar com o Comandante-em-Chefe do Exército de Libertação Nacional, o camarada Enver Hoxha. Assim, uma alegria indescritível me aguardava. Naquela noite eu mal dormi, em parte de alegria, em parte de imaginar o que o camarada Enver Hoxha iria me dizer naquela reunião.

No momento designado me apresentei nos escritórios do Ministro-chefe, que se encontravam no prédio hoje ocupado pelo Ministério da Indústria e Minas. Lá me encontrei o camarada Enver. Não o via desde agosto de 1944, na época em que foi realizado o Congresso da AAYU. Ele me recebeu cordialmente com aquele sorriso característico dele, que imediatamente me colocou à vontade, e me abraçou. Ele perguntou sobre os camaradas, os partisanos, a libertação de Shkodër, o povo, minhas impressões da vida na divisão, o trabalho dos jovens, etc., tentei responder suas perguntas brevemente, o melhor que pude.

Em seguida, o camarada Enver falou sobre o grande trabalho que nos esperava em conexão com a reconstrução do país devastado pela guerra, a organização do aparato estatal, a restauração da economia, o desenvolvimento da educação, etc.

“Mas”, ele se voltou para mim de repente, “você vai continuar a guerra!” —E, sem me deixar tempo para imaginar como eu iria continuar esta guerra que havia terminado, ele acrescentou: “o partido o nomeou para comissário político da 5ª Divisão, que agora está em Kosovo”.

Para mim, isto foi bastante inesperado. Durante toda a guerra, eu tinha trabalhado como um quadro da juventude. Portanto, a tarefa de comissário político da divisão, que era uma tarefa de grande responsabilidade, quase me assustou,

tanto por causa da minha falta de experiência como por causa da minha idade naquela época.

Aparentemente, o camarada Enver adivinhou meu estado de espírito, embora eu estivesse sem palavras, não disse bom ou mau, sim ou não. Ele acrescentou: “o partido está confiante de que você irá desempenhar bem esta tarefa. As brigadas que compõem a 5ª Divisão, a 3ª e 25ª, têm quadros capazes. Confie nos camaradas e trabalhe com eles para garantir que as organizações do partido e da juventude, os comandos e o pessoal cumpram com honra a grande missão que lhes foi confiada”.

Depois disso, o camarada Enver me explicou a importância da decisão do partido de ajudar na libertação dos povos da Iugoslávia também.

“A decisão de enviar duas divisões do Exército de Libertação Nacional para perseguir o exército alemão na Iugoslávia tem uma importância política especial. Desta forma, ajudaremos os povos iugoslavos fraternalmente em sua heroica luta pela libertação nacional. Por outro lado, com este ato, nosso povo mostra que é consistente em sua guerra antifascista e que nunca a cessará até que a máquina militar hitlerista seja finalmente destruída”.

A esta altura eu já tinha me recomposto e estava ouvindo atentamente as instruções do comandante. Elas constituíam o programa político e militar enquanto prosseguíssemos a luta armada para além das fronteiras do nosso país.

“Atualmente, a 5ª Divisão está em Kosovo e, após a libertação dessa zona, vocês continuarão a guerra naquelas direções que serão decididas em cooperação com o comando das forças iugoslavas. Em Kosovo você deve manter contato com os camaradas de Kosmet e prestar atenção nas relações com o povo, nossos irmãos de um só sangue. Como você sabe, em Kosovo, no passado, houve uma opressão e exploração nacional muito severa por parte da burguesia sérvia. Isto criou desconfiança entre albaneses e sérvios que a reação, tanto do Balli Kombëtar como dos Četnik, explorou contra o Movimento de Libertação Nacional. É preciso colaborar com os camaradas de Kosovo e os do Movimento de Libertação Nacional Iugoslava, para que a situação em Kosovo se desenvolva normalmente e nossos irmãos entendam que, nas condições do poder popular que está sendo criado como resultado da vitória sobre o fascismo, eles ganharão todos os direitos que lhes foram negados no passado”.

Enver Hoxha era um verdadeiro marxista-leninista. Ao ordenar às divisões do Exército de Libertação Nacional da Albânia que continuassem a guerra na Iugoslávia, ele expressou em atos os sentimentos internacionalistas de nosso partido. Independentemente do fato de a Albânia ter sido liberada, ele considerava a guerra antifascista como ainda não terminada, percebendo-a como uma causa comum dos povos. Assim, nossa ajuda para a libertação dos povos da Iugoslávia do fascismo, nossa colaboração com as forças partidárias iugoslavas, respondeu aos nossos ideais antifascistas e ao espírito de amizade com os povos vizinhos.

Da mesma forma, ele também julgou a questão de Kosovo, como um comunista de princípios. Não havia nenhum tom de nacionalismo em suas instruções. Mas certamente, ele tinha um profundo afeto por nossos irmãos de Kosovo e um profundo desejo de que, através de sua guerra contra o fascismo, eles ganhassem sua liberdade e realizassem suas aspirações para a eliminação de qualquer tipo de opressão nacional e exploração social.

As forças partidárias do Exército Albanês de Libertação Nacional lutaram por quase seis meses fora das fronteiras de nosso estado. Como é sabido, a 3ª e a 5ª Brigadas haviam atravessado para Kosovo em outubro de 1944 e, em colaboração com as forças partidárias locais, haviam participado da luta pela libertação de Prizren e Đakovica, e mais tarde de Ferizaj e Drenica. Após a formação da 5ª Divisão, a 25ª Brigada se uniu a eles. As forças desta divisão lutaram junto com os partisans de Kosovo e unidades do Exército Iugoslavo de Libertação Nacional para a libertação de todo o Kosovo, Sandžak e sul da Bósnia. Assim, nossos partisans lutaram, através de batalha após batalha, até Prishtina e Mitrovica, Novipazar e Sjenica, Prijepolje, Novivarosh e mais além, até Vishegrad. Enquanto isso, a 6ª Divisão, que partiu de Shkodër no início de dezembro de 1944, perseguiu os alemães através de Montenegro, para chegar a Rudi, no sul da Bósnia.

Na luta que nossas divisões travaram além de nossas fronteiras, mais de seiscentos guerrilheiros caíram como mártires. Através da entrega de suas jovens vidas, derramaram seu sangue puro, demonstraram o espírito internacionalista de nosso povo, seu amor à liberdade, seu desejo de amizade com os povos iugoslavos e expressaram seus resolutos sentimentos antifascistas.

A posição de nossos partisans nos combates na Iugoslávia foi exemplar. O povo da Iugoslávia conhecia o combatente albanês como heroico e indomável na luta

contra os nazistas e o Četniks, correto e bondoso com o povo, sejam os irmãos albaneses de Kosovo e Montenegro, ou os montenegrinos, sérvios e bósnios. Durante todo o tempo em que permaneceram na Iugoslávia, os partisanos albaneses, com seu comportamento correto e ações amistosas, não deram a ninguém motivo para flagrá-los em erros ou para tentar, posteriormente, manchar seu nome e acusá-los de sentimentos nacionalistas chauvinistas, antissérvios ou antiugoslavos.

Por toda parte nossas brigadas conquistaram o amor do povo que, por sua vez, não poupou esforços para lhes dar uma assistência generosa. Nossas forças foram acolhidas com especial carinho em Kosovo. As instruções e ensinamentos de Hoxha a respeito da posição em relação aos irmãos de Kosovo e a correta e cuidadosa implementação dos mesmos deram seus frutos. Em pouco tempo, através do trabalho de nossas forças, juntamente com as organizações e quadros locais, milhares de jovens kosovares se juntaram aos partisanos para continuar a luta contra os hitleritas e os Četniks. Mais de dois mil filhos de Kosovo foram incorporados às brigadas de nossa divisão. Milhares de outros foram incorporados às unidades de Kosovo e às de outras divisões do Exército de Libertação Nacional da Iugoslávia.

Estes são fatos testemunhados presencialmente, vividos na guerra e selados com sangue. Eles elevam o nome do nosso partido e sua honra. Eles elevam alto a figura de Enver Hoxha e sua honra. A posição dos partisanos albaneses na Iugoslávia, sua luta heroica e seu comportamento exemplar são um reflexo da justiça e das corretas diretrizes e posições marxistas-internacionalistas de nosso partido e do Comandante-em-Chefe do Exército de Libertação Nacional da Albânia, o camarada Enver Hoxha. Eles refutam as calúnias, insinuações e acusações que o chauvinismo anti-albanês tornou moda nivelar contra nosso partido e seu glorioso fundador, contra a Albânia socialista e os albaneses em geral.

Durante a guerra e depois dela, nosso partido, com Enver Hoxha à frente, sempre perseguiu uma linha marxista-leninista justa em relação à questão nacional, assim como sempre trabalhou para ter relações amigáveis e de boa vizinhança com a Iugoslávia. Este é o ponto de vista a partir do qual temos considerado a questão de Kosovo e dos albaneses que vivem em suas próprias terras na Iugoslávia, e temos sido guiados por estes princípios ao lidar com ela.

Não é o objetivo destas notas dar uma descrição exaustiva da história das relações albanesas-iugoslavas. No entanto, sou obrigado a me deter brevemente sobre

elas, pois a liderança iugoslava, que é a causa do fracasso destas relações em responder às normas de boa vizinhança, faz-se passar por vítima e tenta atribuir a culpa à Albânia. De acordo com Belgrado, a Albânia não é favorável a relações normalizadas, segundo eles, “a Albânia interfere nos assuntos internos da Iugoslávia; durante 45 anos a fio, a Albânia e Enver Hoxha provocaram ações anti-iugoslavas, uma política nacionalista, chauvinista, etc.”

Os políticos iugoslavos viram tudo de cabeça para baixo, de acordo com o princípio de que o ataque é a melhor defesa, na realidade, a fonte da situação insatisfatória nas relações entre nossos dois países é a política constantemente antialbanesa, a mentalidade feudalista paternalista e o objetivo de fazer da Albânia a 7ª República da Federação Iugoslava, que Belgrado tem provocado sistematicamente em relação ao nosso país.

Os círculos oficiais e a propaganda iugoslava não dizem uma única palavra boa sobre a luta internacionalista que nossas divisões travaram ombro a ombro com os povos iugoslavos fraternais, mas, ao contrário, durante 45 anos a fio eles tentaram e tentam até hoje apresentar a questão como se a Nova Albânia fosse a criação da Iugoslávia, de fato como se ela existisse simplesmente por causa da boa vontade de Belgrado!

Eles começaram estes esforços com a tese de que “o Partido Comunista da Albânia foi criado por dois representantes do Partido Comunista da Iugoslávia”. Isto é o que os políticos e propagadores iugoslavos dizem ainda hoje, “esquecendo” que a formação de um partido do proletariado não requer um delegado do exterior, mas o amadurecimento das condições internas objetivas e subjetivas, a existência da classe trabalhadora, a difusão de ideias revolucionárias, dadas as circunstâncias históricas, etc. Naturalmente, seria errado dizer que os iugoslavos não conhecem as leis do desenvolvimento social. Por que, então, eles as “esquecem” quando falam do Partido Comunista da Albânia?

É claro que os autores de tais reivindicações têm outras coisas em mente. Ao colocarem este estigma, ao se premiarem com este “mérito”, eles querem chegar à conclusão de que “os iugoslavos organizaram a Guerra de Libertação Nacional na Albânia também”, que a liderança albanesa não sabia como formar batalhões e brigadas, ou como liderá-los! De acordo com esta lógica dos Iugoslavos, devemos ser gratos a eles também pela libertação da pátria.

Seus objetivos não permanecem dentro do contexto da história, eles visam ir mais longe. Ao apresentar a questão desta forma, a propaganda iugoslava tenta provar que a Albânia não pode passar sem um “tutor”, que é incapaz de se autogovernar, portanto, é bastante natural, mesmo em benefício da Albânia, que ela seja incluída na Federação Iugoslava como sua 7ª República! Estas não são hipóteses. Existem documentos elaborados durante a guerra pela liderança iugoslava, encabeçada por Tito, sobre estes planos. Há também artigos e declarações públicas sobre eles por altos funcionários do governo iugoslavo, que qualquer um pode ler.

Os agentes titoístas na Albânia, com a assistência ativa de Koçi Xoxe e seus emissários, trabalharam com cuidado especial para atingir este objetivo. Eles tentaram subjugar o partido, atacar sua linha correta e, especialmente, se livrar de seu secretário-geral, o camarada Enver Hoxha. Na história de nosso partido, a 2ª Plenária em Berat, em outubro de 1944, no qual Koçi Xoxe, Sejfulla Malëshova, Nako Spiru e um delegado iugoslavo lançaram um ataque aberto e frontal contra a linha do partido durante a guerra, apresentando-a como às vezes sectária, às vezes oportunista. Na verdade, seu verdadeiro objetivo com estes ataques furiosos à linha do partido era denegrir e condenar o verdadeiro fundador e líder do partido, Enver Hoxha.

Entretanto, esses espíões não conseguiram liquidar o nosso secretário-geral. Suas “acusações” eram infundadas e não conseguiram convencer os comunistas e as massas. Naquela época, a maior parte do país havia sido liberada. O assalto final que traria a libertação de toda a Albânia estava sendo preparada. É possível que esta vitória histórica, sem mencionar o estabelecimento do poder popular em todos os lugares, pudesse ter sido alcançada com uma linha equivocada? Como é possível que um povo inteiro tenha sido despertado e setenta mil partisans tenham seguido o partido e Enver Hoxha, quando este último, alegadamente, tinha uma linha equivocada?

Koçi Xoxe e companhia, junto com os iugoslavos, fizeram um recuo tático temporário, porém eles jamais desistiram de seus planos. Pelo contrário, eles intensificaram seu trabalho em todas as direções a fim de realizar a “união” da Albânia com a Iugoslávia, embora vissem que isto não era fácil de se fazer. O principal obstáculo para eles era o nosso partido e o camarada Enver Hoxha. Portanto, o ataque deve ser dirigido contra ambos. Este ataque foi lançado em fevereiro de

1948, na 8ª Plenária do Comitê Central do partido. As circunstâncias em que esta plenária foi realizada são bem conhecidas. Lá, Koçi Xoxe, os delegados e emissários titoistas que o dirigiam, deram um golpe pesado contra o nosso partido, embora apenas temporário, para desorientá-lo, para isolar o Secretário-Geral e dividir vários quadros leais ao partido.

Entretanto, os planos dos Iugoslavos, de Koçi Xoxe e seus agentes para subjugar a Albânia e uni-la à Iugoslávia como sua 7ª República falharam. As cartas de Stálin dirigidas à liderança iugoslava, seguidas pela *Resolução do Cominform*, também lançaram luz sobre os malditos objetivos que Belgrado tinha para a liberdade e independência da Albânia. Ficou claro que a Albânia estava enfrentando um grande perigo de ser devorada pela Iugoslávia, e que o que parecia incidentes, desacordos ou conflitos ocasionais eram aspectos diferentes deste monstruoso plano.

O povo albanês, nosso partido e Enver Hoxha denunciaram publicamente estes objetivos e se opuseram resolutamente à sua marcha. Esta é a principal razão pela qual a propaganda iugoslava derrama todo seu veneno chauvinista contra Enver Hoxha e sua obra! Até hoje, Belgrado tenta dividir nosso partido e nosso povo de Enver Hoxha. Mas isso é um grave equívoco, para nosso partido e povo Enver Hoxha é um símbolo, de liberdade e independência, de soberania nacional e de socialismo. O caminho e a linha do nosso partido são um caminho e uma linha inspirados em Enver Hoxha.

O povo albanês sempre foi a favor de relações amistosas e de boa vizinhança com os povos da Iugoslávia. Estávamos e estamos interessados na ideia de que a Iugoslávia seja um país livre e independente. Entretanto, a Albânia socialista não tem a intenção de negar sua própria história e curso para assegurar relações amistosas e de boa vizinhança com os iugoslavos. Temos sido e somos a favor do respeito mútuo e da não-interferência nos assuntos um do outro.

Belgrado ataca o Partido do Trabalho da Albânia e o camarada Enver Hoxha também por causa da questão de Kosovo e dos albaneses que vivem na Iugoslávia. Demonstramos preocupação com eles por serem nossos irmãos de sangue, porém acham que isto é uma interferência nos assuntos internos da Iugoslávia e uma tentativa de criar a chamada “Grande Albânia”. Isto nunca foi uma palavra de ordem de nosso partido, e nosso partido nunca a utilizou. Nem a “Grande Albânia” nem a “Pequena Albânia” existem para nós, para o nosso partido. Para

nós, o povo albanês, a nação albanesa, a cultura e a história albanesa existem. Os albaneses são um povo originário indígena, um povo muito antigo nos Bálcãs, que vivem em seus próprios territórios, deste ou daquele lado da fronteira estatal da República Popular Socialista da Albânia.

Nosso partido nunca levantou a questão da revisão das fronteiras, mas exigiu que os albaneses que vivem na Iugoslávia, na Província Autônoma de Kosovo, na Macedônia ou em Montenegro recebam os direitos nacionais e cívicos que lhes pertencem, nem mais nem menos do que aqueles que os outros povos da Iugoslávia têm.

Anteriormente, nos anos da Guerra Antifascista, o Partido Comunista da Iugoslávia havia proclamado o reconhecido princípio leninista de autodeterminação até a secessão como sua linha relativa à questão nacional. Basta folhear os documentos daquela época para se convencer disso. Josip Broz Tito, em seu artigo intitulado *A questão nacional da Iugoslávia à luz da NLM*, publicado na revista *Proleter* no final de dezembro de 1942, disse: “O Partido Comunista da Iugoslávia não abandonou e nunca abandonará o princípio de que todo povo tem o direito à autodeterminação até a secessão... A questão da Macedônia, a questão de Kosovo e Metohia, a questão de Montenegro, a questão da Sérvia, a questão da Croácia, a questão da Eslovênia, a questão da Bósnia e Herzegovina será facilmente resolvida com a satisfação de todos. Cada povo ganha este direito com o fuzil na mão, na atual Guerra de Libertação Nacional”.

Da mesma forma, a carta do Comitê Central do Partido Comunista da Iugoslávia de 28 de março de 1944, ao Comitê Regional de Kosovo e Metohija, a respeito da decisão da Conferência de Bujan, enfatizou: “Nós lhe instruímos como a questão nacional deve ser tratada. Antes de tudo, todos devem compreender as decisões do 2º Encontro da AVNOJ, e generalizar mais amplamente a essência e o objetivo dessas decisões. Estas decisões garantem a todos os povos direitos iguais e tornam possível o direito de autodeterminação”.

Há muitos outros documentos também, assim como há muitas declarações públicas que afirmam este direito legítimo dos povos, por Edvard Kardelj, Moša Pijade, Blagoje Nešković, e outros. Entretanto, a partir do fim da guerra e especialmente nos primeiros anos pós-libertação, esta posição do Partido Comunista da Iugoslávia mudou radicalmente. Isto aconteceu porque vinculou a solução da questão



do Kosovo com outro plano: a inclusão da Albânia na Federação Iugoslava, como sua 7ª República. A atual posição iugoslava em relação à República Popular Socialista da Albânia e em relação aos albaneses que vivem na Iugoslávia, percorre desta aberração da liderança iugoslava, percorre seu desvio em relação aos ensinamentos leninistas sobre a questão nacional.

Agora Belgrado pretende reduzir ainda mais aqueles direitos que os albaneses conquistaram através da guerra de libertação e que a Constituição de 1974 reconheceu a eles. E, para atingir seus objetivos, está operando em um plano amplo. Está até tentando distorcer e negar a história dos albaneses, que é conhecida mundialmente. A origem da ilíria e a autoctonia dos albaneses perturbam Belgrado. É perturbada pela *Liga Albanesa de Prizren* e pela luta dos albaneses contra as injustiças das grandes potências e da burguesia chauvinista dos Balcãs contra nós como nação. É perturbada pela Conferência de Bujan, na qual albaneses, sérvios e montenegrinos decidiram conjuntamente intensificar sua luta contra o fascismo e expressaram suas aspirações para o futuro. Em conformidade com esta linha niilista, vários círculos na Iugoslávia começaram a alterar os documentos existentes e a inventar a história de acordo com seus próprios fins.

Mas a história e os documentos históricos não podem ser alterados. Eles permanecem como o tempo os fixou. Se os novos chauvinistas da Sérvia ou de qualquer outro lugar quiserem interpretá-los de acordo com seu gosto atual, isso é assunto deles. Mas é um negócio tolo e sem valor. Nosso partido e Enver Hoxha sempre enfatizaram que a questão de Kosovo e dos albaneses que vivem na Iugoslávia, os problemas que se acumularam lá, podem e devem ser resolvidos com justiça, somente através de uma postura sábia, realista e objetiva. Os direitos que a Constituição e as leis fundamentais da Iugoslávia reconhecem a Kosovo e a outras regiões devem ser respeitados e suas exigências legítimas devem ser cumpridas em igualdade, com compreensão e justiça. Qualquer outro caminho que despreze os direitos dos albaneses, ou pior ainda, que se oponha a eles, não chegará a lugar algum. Não pode levar à solução dos problemas, mas prejudica os interesses da própria Iugoslávia, dos albaneses que ali vivem e da boa vizinhança entre nossos dois países.





# UM AMIGO E UM GRANDE PROFESSOR PARA A JUVENTUDE.

– PINTURA DO ÁLBUM “ME POPULLIN, MES SHOKEVE”

“ENVER HOXHA, PROFESSOR SEMPRE COM A JUVENTUDE”



*Enver Hoxha entre a juventude em uma visita a uma escola em Korçë, 1972.*



*Enver Hoxha brincando com crianças em Tirana, 1977.*

# UM AMIGO E UM GRANDE PROFESSOR PARA A JUVENTUDE

NA HISTÓRIA DE NOSSA JUVENTUDE, O 1º CONGRESSO DA UNIÃO DA JUVENTUDE Antifascista Albanesa (AAYU), realizado em agosto de 1944, é, sem dúvida, um dos eventos mais imprescindíveis. Na época, a situação era totalmente favorável ao Movimento de Libertação Nacional. O histórico Congresso de Përmet havia sido realizado, a segunda operação inimiga, a de junho, da qual nosso Exército de Libertação Nacional emergiu mais forte e mais temperado, tinha sido derrotada. A região sul de nosso país tinha sido liberada, com exceção de algumas cidades. Por ordem do camarada Comandante-Chefe Enver Hoxha, as forças da 1ª Divisão do Exército de Libertação Nacional haviam atravessado para o norte da Albânia. Enquanto isso, novas brigadas estavam sendo criadas no sul, no centro e no norte do país. Em resumo, as batalhas finais pela libertação completa da nação haviam começado.

O Congresso da AAYU foi realizado em Lirëza Flat, acima da vila de Helmës, em Skrapar. Naquela época, esta pequena aldeia nas montanhas era também a localização do Estado Maior do Exército de Libertação Nacional.

Em 8 de agosto, o dia em que se realizou a abertura do congresso, amanheceu um dia bem ensolarado. Todos os preparativos haviam sido concluídos. O salão principal havia sido consertado. Era um abrigo construído de galhos frondosos da floresta e, claro, decorado com bandeiras e palavras de ordens militantes.

A participação do camarada Enver no congresso foi uma alegria especial. Esperávamos sua chegada lá fora. Todos os 285 delegados estavam de pé e o aplaudiram entusiasmamente. Então todos nós entramos no salão e os trabalhos da reunião começaram imediatamente.

Uma honra especial recaiu sobre mim. Os camaradas me encarregaram de

receber nosso querido líder e comandante, o camarada Enver Hoxha, em nome do congresso. Esta saudação foi publicada a partir da ata da reunião, porque, naquela época, não era nosso costume falar a partir de discursos redigidos.

“Camaradas, — disse eu me dirigindo-me com emoção ao nosso comandante e aos delegados ao congresso — em nome de todos os delegados que representam a juventude das zonas libertadas e não libertadas, de todos os destacamentos de nosso exército, dou as saudações ao congresso da juventude, aos principais líderes do Partido Comunista, do exército e de nosso novo Estado”.

Aplausos tempestuosos irromperam imediatamente.

“Expresso nossos sinceros agradecimentos a eles — continuei um pouco mais confiante — deixe-me dizer que consideramos sua participação no Congresso uma grande honra, incentivo e assistência para a juventude albanesa”.

Estas poucas palavras foram suficientes para que os delegados se deixassem levar pelo entusiasmo natural de nossa idade e aplaudissem em voz alta o partido, o exército e o comandante-em-chefe.

Em meio a este entusiasmo, o camarada Enver tomou a palavra. Sua eloquência ardente, a força da lógica e a convicção das ideias que transmitia nos agarrou. Suas palavras penetraram em nossas almas, se implantaram em nossas mentes porque vinham de seu coração. Elas nos deram um sentimento de força e invencibilidade.

Após cumprimentar o congresso e toda a juventude albanesa, Enver Hoxha os parabenizou por seus feitos heroicos na guerra. Em seguida, ele nos apresentou uma série de novas tarefas que tinham a ver com o triunfo final da Guerra de Libertação Nacional. E quanto mais o escutávamos, mais nos inspirávamos, mais nossa confiança na vitória aumentava.

O camarada Enver instruiu que a unidade da juventude albanesa deveria ser ainda mais reforçada nas batalhas finais contra o fascismo e os traidores, que o congresso deveria ser o símbolo da confraternização de uma causa sagrada e comum para toda a juventude, sem distinção de tendências políticas ou localidade; deveria ser uma expressão da unidade da juventude com o povo que lutava, uma expressão da lealdade da juventude à guerra, à frente, ao exército e ao Comitê Antifascista de Libertação Nacional.

Ao concluir seu discurso, ele expressou sua convicção de que, após este histórico congresso, a juventude trabalharia com ainda mais força para acelerar a

grande vitória contra o ocupante, que levariam o entusiasmo revolucionário e as ideias do congresso a todos os lugares, nas fileiras do heroico Exército de Libertação Nacional, nas áreas de base e no território ocupado.

Enver Hoxha valorizava muito a juventude. Imediatamente após a fundação do Partido Comunista da Albânia, ele lançou a ideia de formar uma organização comunista para as gerações mais jovens. O evento de 23 de novembro de 1941 tem, na verdade, sua origem em 8 de novembro. O camarada Enver chamou este dia da fundação da União da Juventude Comunista da Albânia de “um dia histórico”, não só para a juventude, mas também para todo o nosso povo. Ele se engajou concretamente no trabalho para a criação da organização da juventude. Ele saudou a reunião de fundação da juventude comunista em nome do comitê central provisório do nosso partido, e deu atenção contínua à organização para garantir que ela se tornasse um coletivo militante.

Em seu livro de memórias, *Quando Nasce o Partido*, o camarada Enver dedicou um capítulo inteiro à fundação da Juventude Comunista. Ali e em cada discurso e artigo seu, pode-se sentir seu amor pela juventude, sua grande crença nas habilidades e nas energias revolucionárias, sua especial preocupação de que nossa geração mais jovem seja educada e cresça digna do povo e da pátria. Na juventude ele viu uma das principais forças militantes, tanto na guerra pela libertação quanto no trabalho de reconstrução do país, pela realização de mudanças revolucionárias em toda a cidade e no campo, e pelo desenvolvimento e avanço de nossa cultura.

No 1º Congresso da AAYU, a juventude prometeu que seguiria sempre o partido, que estariam sempre prontos para responder ao seu chamado; que a geração mais jovem não pouparia nem mesmo suas vidas na guerra contra as hordas nazistas e os traidores locais; que não deporiam suas armas até a vitória final, até que o povo albanês tivesse garantido o Estado democrático, do qual sonhavam.

Nós, delegados do Congresso de Helmës, nos alegramos até hoje quando lembramos deste grande evento. Lembramos do entusiasmo dos dias e dos trabalhos frutíferos do congresso, das noites em que sentávamos ao redor das fogueiras e cantávamos canções revolucionárias, das nossas vidas como delegados. Era uma experiência tão rica, tão bonita e tão pura.



Recordamos a grande amizade que nos ligava uns aos outros, a determinação e o espírito de abnegação, o otimismo e a fé inabalável na vitória, com a qual o partido imbuiu nos corações da juventude. Mas, acima de tudo, nós que participamos do Congresso de Helmës nos alegramos com o fato de que suas decisões históricas penetraram tão profundamente na consciência não só dos delegados, mas também de toda a nossa juventude antifascista, que eles se levantaram com uma força nova e sem precedentes na luta sagrada para cumprir com honra seu dever para com a pátria. A juventude de fato cumpriu a promessa que fizeram ao partido e ao camarada Enver.

Nós, antigos delegados do Congresso de Helmës, nos regozijamos pelo fato da juventude de hoje marchar com confiança e determinação, seguindo os passos e as gloriosas tradições das gerações que empreenderam a guerra e lançaram as bases da Nova Albânia. É muito bom que a organização de juventude dedique importância à educação de seus membros com as tradições militantes do povo, com as tradições heroicas da Guerra de Libertação Nacional, com os ensinamentos e ideias de Enver Hoxha. Isto tem uma importância excepcional, porque inspira cada jovem a levar uma vida que não é mesquinha e individualista, mas uma vida realmente grande, cheia de dignidade, que não é medida com ganho pessoal, mas com ações em benefício do país e do socialismo.

A luta pela Nova Albânia, que começou há meio século, é uma luta que continua até hoje de novas maneiras e formas. Nossa vida nunca será como um pântano estagnado, mas sempre como os rios límpidos que correm para baixo das montanhas. Aqui, na vida, na luta de hoje e de amanhã pela causa do socialismo e do comunismo, há sempre espaço para um novo heroísmo.

Nos primeiros dias após a libertação, o camarada Enver nos disse: “ontem foi heroico lutar com armas na mão para esmagar o velho e lançar os alicerces do novo. Hoje é heroico construir o novo, defendê-lo, erradicar os restos do passado, dominar a cultura e resistir à pressão do inimigo”.

Nosso partido tem sido e está comprometido sem reservas com essa luta revolucionária, por isso o mundo o chama de *partido heroico*; nosso povo tem seguido o passo do partido nessa luta, por isso os chamamos de *povo heroico*; nossa juventude sempre esteve na vanguarda para colocar em prática a palavra do partido, por isso merecem plenamente o título de *juventude heroica*.

Hoje o trabalho, as lições, a elevação ideológica e política, a defesa do país e a luta pelo triunfo do marxismo-leninismo são as arenas em que os novos heróis emergem e são temperados. Assim, como todas as grandes mudanças que foram e estão sendo feitas em nosso país carregam a marca da juventude, também a consciência da juventude carrega e deve carregar sempre a marca dessas mudanças revolucionárias, a marca do socialismo e do comunismo. O trabalho de Enver Hoxha é a base da consciência revolucionária das gerações mais jovens.

Após a libertação do país, o camarada Enver Hoxha teve inúmeras reuniões e conversas com a juventude, e escreveu muitos materiais dedicados a eles. Uma ideia prevalece em todos eles: sua grande confiança nas jovens gerações, que ele chamou de “o braço direito do partido”, seu cuidado especial com sua educação, com a geração que representa o futuro da nação.

Podemos dizer que nunca, em nenhuma situação, o partido e Enver Hoxha se desapontaram com a heroica juventude de nosso país. Nos anos da guerra, foi precisamente a juventude que deu ao partido um poderoso apoio, que se tornou o sustentáculo do partido e de Enver, como a força mais ativa do exército partizan, foi a juventude que foram os primeiros a se alistarem sem reservas na grande frente de batalha pela vida ou morte, contra os ocupantes fascistas e traidores locais. No partido, a juventude viu seu futuro seguro e feliz.

Após a libertação também: quando a reconstrução do país devastado pela guerra e a construção da vida nova começou, a juventude albanesa se sente honrada pelo fato de que foram eles a emergir na vanguarda dessa luta. Esses foram tempos difíceis, mas heroicos. O partido encheu a juventude de otimismo e confiança, mostrou-lhes as brilhantes perspectivas do futuro.

A juventude da época da reconstrução estava armada com entusiasmo revolucionário oriundo da guerra, estavam no vigor de sua idade, tanto os homens quanto as mulheres. Nunca tiveram de guardar o fuzil, mas aprenderam a usar a picareta e o livro com igual habilidade e maestria, agora para tirar a Albânia da pobreza para a prosperidade, da escuridão para a luz, da ignorância para o caminho da civilização. Assim como eles viram na guerra sua salvação da escravidão fascista, a juventude viu no trabalho de construção da Nova Albânia o futuro feliz que os esperava. Eles estavam convencidos de que seu trabalho e seu suor não seriam em vão. Esta convicção estava ligada, antes de tudo, ao nome do partido e ao nome

de seu amado líder e professor, Enver Hoxha.

Os laços das jovens gerações com o partido têm sido e são tão fortes quanto o aço. No partido, nas ideias do camarada Enver, nossa juventude vê seus próprios ideais e aspirações mais ardentes. É por isso que a juventude sempre considerou a palavra do partido como a coisa mais sagrada, por isso consideram o partido como a força política que responde plenamente aos seus interesses fundamentais.

Hoje o partido e o povo estão lutando com todas as suas energias para levar adiante a construção socialista e para garantir o futuro. É uma alegria para o povo e uma garantia para o nosso país que os jovens homens e mulheres da Albânia, ligados ao partido como carne e osso, constituem a força mais ativa e mais militante em cada frente destas majestosas batalhas. A juventude nunca permitiu que a palavra do partido fosse renegada. Eles trabalham de forma altruísta e incansável, onde quer que a pátria os convoca, assimilam avidamente lições, cultura e educação no espírito do partido a fim de se tornarem cada vez mais capazes de cumprir o importante papel que eles têm e sempre terão na construção do socialismo e do comunismo.

Sempre que falava da juventude, o camarada Enver Hoxha falava com entusiasmo especial: “ninguém tem uma juventude madura como a nossa, tão leal ao partido e pronta para lutar pela causa do povo e do socialismo”, declarou ele com profunda satisfação.

Sua alta avaliação sobre as jovens gerações podem ser observadas também no fato de que não há trabalhos de choque da juventude, especialmente nos primeiros anos da reconstrução e da construção socialista, aos quais ele não tenha ido visitar os voluntários nos locais de trabalho. Da mesma forma, não há nenhum congresso ou reunião importante da juventude na qual ele não tenha participado e falado.

Entre minhas impressões pessoais dos laços da Enver com a juventude, gostaria de lembrar algumas impressões do 2º Congresso da AAYU, realizado em Tirana, em abril de 1945. Para poder participar, voltei da Iugoslávia, onde as 5ª e 6ª divisões de nosso Exército de Libertação Nacional ainda estavam instaladas.

Uma atmosfera de alegria excepcional foi criada quando Enver Hoxha tomou a palavra. A juventude não conseguia se conter. Todos e todas estavam cheios de entusiasmo, mas o camarada Enver Hoxha os incendiou ainda mais com suas

palavras inflamatórias e ideias inspiradoras, quando trouxe a mensagem de saudações do partido e a gratidão do governo democrático e do estado-maior do exército, pelos sacrifícios que nossa juventude fizera na guerra e pelo grande trabalho que estavam fazendo na reconstrução do país. Ele dirigiu-se aos delegados com estas palavras: “Vocês, meus camaradas em armas, que se levantaram um a um, que estavam na frente de batalha, onde quer que exigisse estar presente, honraram o nosso país”.

Os delegados se levantaram e os aplausos e palavras de ordem pelo governo democrático, pelo partido e pelo comandante, o camarada Enver Hoxha, não pararam mais, de modo que por algum tempo ele não pôde continuar seu discurso.

Neste Congresso, ele descreveu a juventude como “portadores de uma sólida obra construtiva” e expressou sua crença de que eles estariam sempre na vanguarda, aprenderiam e ganhariam educação com grande atenção, e se tornariam os defensores dos interesses do povo, protegendo o poder popular e implementando suas leis revolucionárias.

As principais tarefas que o partido estabeleceu para a juventude e para a construção do socialismo não foram fáceis: a reconstrução do país devastado pela guerra, a proteção e consolidação do novo poder popular, a construção de grandes projetos dos primeiros planos através de ações de trabalhos de choque, a luta contra o analfabetismo e a educação e desenvolvimento cultural do homem novo. E, assim como na guerra, a juventude tomou o fuzil partisan junto a convocatória do partido. Em resposta ao chamado de Enver, nossos jovens foram os primeiros a se lançarem ao trabalho com aquele entusiasmo que se expressa tão bem em uma canção daqueles anos: *Venha, vamos trabalhar, vamos derramar nosso suor, porque estamos construindo a Nova Albânia!*

As ações de trabalho de choque começaram. Em maio de 1946, o partido decretou a construção da autoestrada Kukës-Peshkopi, essa foi uma ação da juventude. Os primeiros voluntários partiram de Korçë e Delvinë, de Tirana e Durrës, de Shkoder e Kukës, de Elbasan e Berat, de Dropull e Konispol. Em meados de junho de 1946, mais de dois mil e quinhentos jovens, homens e mulheres, iniciaram os trabalhos nesta estrada, que foi construída sem máquinas, apenas com picaretas e pás, através de terrenos muito acidentados.

Esses eram tempos difíceis, não só por causa das muitas faltas: falta de mate-

riais de construção, cimento, dinamite e às vezes até mesmo pão; mas também, porque naquela época circulavam naquelas partes bandos armados de sabotadores. Os voluntários da estrada Kukës-Peshkopi trabalhavam, mas também tinham que montar guardas armadas e lutar contra os bandidos que tentavam intimidar a juventude e impedir a construção da estrada.

Lembro-me de um dia em setembro de 1946. Nessa época, eu estava trabalhando na Secretaria da AAYU. Desejando informações sobre o estado do trabalho, tentei entrar em contato por telefone com um camarada assistente da ação da juventude. Do outro lado da linha, veio a resposta calma:

“Ligue novamente daqui umas duas a três horas, porque estamos fora no momento, estamos com um grupo de voluntários em busca de alguns divisionistas que abriram fogo no acampamento dos voluntários ontem à noite”.

Aqueles momentos de junho de 1983, quando, sob instruções do camarada Enver, fui visitar alguns distritos do norte, vieram-me à cabeça. Quando voltei de minhas reuniões com camaradas dos distritos de Dibër, Kukës e Tropojë, durante uma conversa sobre minhas impressões desta visita, ele me perguntou de repente:

“De que lado você chegou até Kukës? Você foi pela Estada da Juventude?”

“Fui até Kukës por esse caminho mesmo, camarada Enver — eu lhe disse — lembrei-me de todas aquelas memórias do começo”.

“Muito bom — disse ele — as primeiras ações de trabalho de choque da juventude jamais podem ser esquecidas. Elas eram difíceis, mas havia muito heroísmo e grande beleza nelas”.

E, de fato, as ações das jovens gerações naqueles anos se tornaram a primeira escola para a educação e formação comunista da juventude. A participação da juventude na reconstrução do país, nas grandes ações, foi a primeira bigorna sobre a qual eles foram temperados para avançar com determinação no caminho da construção do socialismo em nossa pátria; as ações foram a pedra de toque de sua lealdade ao caminho do Partido e de Enver Hoxha.

Ação seguida de ação. Assim que a estrada Kukës-Peshkopi foi concluída, no início de 1947, a nossa juventude começou a obra para construir a primeira ferrovia entre Durrës-Peqin. Durante 1948, quase trinta mil jovens de ambos os sexos trabalhavam na ferrovia Tirana-Durrës.

Sempre que inauguramos novas linhas ferroviárias, quase sempre me lembro

do dia em que a linha férrea Tirana-Durrës foi inaugurada, em fevereiro de 1949. Foi uma celebração especial. Para marcar a ocasião, foi organizado um grande comício, com a participação dos voluntários e de muitos cidadãos de Tirana. Eu fiz o discurso inaugural. Depois, como de costume, foi feita a primeira viagem. O camarada Enver embarcou no trem em meio aos aplausos dos muitos voluntários que, através de seu trabalho heroico, ligaram a capital com o principal porto marítimo do país por ferrovia.

O camarada Enver elogiou muito a juventude nos trabalhos de choque. Um dia ele me disse: “as ações criam condições para um trabalho educacional intensivo, mas também estimulam o espírito revolucionário de luta da juventude e exercem uma influência positiva para dar-lhes uma formação sólida e completa. As ações são especialmente importantes para a formação de quadros” — enfatizou ele.

Naquela época, o país tinha falta de quadros em todos os campos. Na ferrovia Tirana-Durrës tínhamos apenas dois engenheiros, enquanto o maior fardo era suportado por alguns agrimensores e os quadros da juventude. Executando as instruções do camarada Enver Hoxha, as ações da juventude tornaram-se uma grande fonte de quadros, especialmente para os setores do trabalho com o partido e a juventude, bem como para os projetos de construção e melhoramento fundiário, o uso do transporte, etc.

Nossas ferrovias são a realização da nossa juventude. Mas o suor e o trabalho voluntário das gerações mais jovens também estão incorporados em muitos outros projetos, em usinas hidrelétricas, nos prédios de Lukovë, na construção de grandes empreendimentos, etc.

Em novembro de 1948, foi realizado o 1º Congresso do partido, um dos eventos mais marcantes não apenas do partido, mas também de toda a história de nosso povo. O congresso fez uma análise detalhada do trabalho do partido desde a sua criação, das vitórias na Guerra de Libertação Nacional e após a libertação do país; as deficiências e erros foram criticados, a interferência e a atividade hostil dos revisionistas iugoslavos, de Koçi Xoxe e sua quadrilha foram denunciados. O congresso estabeleceu as orientações e as tarefas do partido para o futuro.

Após quinze dias de livre debate, caracterizado por um espírito militante e sérias críticas e autocríticas, foram eleitos os principais órgãos do partido. Nessa ocasião, fui eleito membro do Comitê Central. Essa foi uma grande honra pela

confiança que me depositaram.

Imediatamente após o congresso, fui nomeado Primeiro Secretário do Comitê Central da Juventude. Neste período, meus contatos com o camarada Enver se tornaram mais frequentes, proporcionando maiores possibilidades de aprender mais e mais com ele.

Sempre trabalhei com especial entusiasmo e satisfação com a juventude e sua organização. Naturalmente, isto está ligado, em primeiro lugar, ao fato de que a geração mais jovem constitui o setor mais vivo da população, ávida por conhecimento e cultura, entusiasmada e não contaminada com preconceitos atrasados. A juventude tem um espírito de luta pelo desenvolvimento e iniciativa no trabalho.

Como mencionei acima, nossa juventude têm sido e está ligada ao partido como carne e osso. Em seu tempo, tanto Nako Spiru como Koçi Xoxe tentaram de ter a organização da juventude como sua reserva contra o partido, minando-a, encorajando o espírito de “independência do partido” etc., mas eles não tiveram sucesso. Nossa juventude viu sua vida e seu futuro no partido e em seus ideais — nos ensinamentos do camarada Enver Hoxha.

A inculcação deste espírito, o fortalecimento da educação comunista e do papel de liderança do partido na organização da juventude, foi considerada uma das principais tarefas, especialmente após o 1º Congresso do nosso partido. Atingiríamos estes objetivos através de um trabalho organizado nas mais variadas formas, mas especialmente através da mobilização da juventude no trabalho de construção das bases econômicas do socialismo. A ação é o melhor método de educação. O camarada Enver nos ajudou e nos incentivou nesta direção.

Sabe-se que durante a guerra e nos primeiros anos após a libertação havia duas organizações juvenis, a União da Juventude Comunista Albanesa, que era relativamente pequena, e a União da Juventude Antifascista Albanesa, que era a ampla frente de toda a juventude do país. Estas duas organizações tinham se justificado plenamente, especialmente durante a guerra. Após a libertação, porém, quando a construção da nova vida se apresentou como a tarefa principal para toda a massa da juventude, quando a educação comunista teve que incluir todos os jovens do país, e quando o papel de liderança do partido teve que ser realizado diretamente sobre toda a juventude, surgiu a pergunta: são necessárias duas organizações?

Imediatamente após o 1º Congresso do partido. O camarada Enver apresentou

a unificação das duas organizações, sua amálgama em uma só: o *União da Juventude do Trabalho da Albânia*, a grande organização militante dos jovens albaneses, que é formada e educada com o espírito comunista. De acordo com sua ideia, começamos a trabalhar para realizar esta tarefa da melhor forma possível. É claro que muitos problemas surgiram, mas a cada passo tivemos o apoio do camarada Enver. Neste contexto, tive reuniões frequentes com ele.

Em uma dessas reuniões, relatei a ele como estava indo o trabalho, o que a juventude pensava sobre a fusão das duas organizações em uma só, etc. Contei-lhe sobre os preparativos para o “Congresso da Unificação” das duas organizações e, neste contexto, também sobre o esboço do *Estatuto da União da Juventude*. Quando falei sobre nosso conceito da estrutura interna da futura organização, ele me perguntou, não sem propósito:

“Por que você as unidades de base da nossa juventude de ‘núcleos de base’ ou invés de ‘grupo de jovens ativistas?’”

Deve-se ter em mente que, durante a guerra, especialmente na juventude comunista, os “grupo de jovens ativistas” foi uma unidade de ativistas nas bases. O termo “núcleos de base” foi introduzido após nossa libertação (no partido aconteceu a mesma coisa).

Tentei explicar ao camarada Enver porque havíamos escolhido o nome “núcleos de base” para a juventude também, dizendo que este termo respondia melhor à construção da organização de acordo com o local onde os jovens trabalhavam, estudavam ou viviam, e que nos outros países era assim que eles eram chamados. Eu mencionei, por exemplo, o Komsomol — a organização da juventude soviética.

É claro que isto não o convenceu, porque na verdade eu estava lhe contando coisas que ele sabia mesmo sem minha explicação. A pergunta que o preocupava não era uma questão de forma, não era apenas uma questão de nome. Ele explicou:

“A futura organização da juventude não deve ser uma organização estreita e secreta, vinculada por regras organizacionais rigorosas como as que o partido tem e deve ter, devemos lidar com as coisas de maneira correta e não formal. O Komsomol pode ter tais regras, mas nossas condições são diferentes daquelas da União Soviética. Organize contra a cópia mecânica, mas pegue o que é racional e que corresponda às nossas exigências a partir da experiência do trabalho do Komsomol”.

Devo admitir que ele havia atingido o alvo: naquela época havia vários camara-



das entre os quadros dos jovens que, por sua falta de experiência e conhecimento, estavam inclinados a copiar o partido, a copiar o Komsomol, na estrutura organizacional e nas regras internas da juventude, considerando isto uma ação positiva.

“Ao chamar as unidades de base da juventude de ‘núcleos de base’ —continuou o camarada Enver — existe o perigo de exigir a mesma disciplina que é exigida dos membros do partido, enquanto a juventude deve ser mais livre do ponto de vista das regras organizacionais. A organização de juventude é ampla, portanto, é preciso ter cuidado, é necessário se proteger do sectarismo. Uma das razões pelas quais foi decidido unificar as duas organizações de juventude é que todos os jovens podem ser reunidos nesta organização unificada, e sua influência deve ser estendida a toda a massa da juventude. O sectarismo não está na natureza da juventude. Eles próprios se opõem a ele”.

Eu estava de pleno acordo com este conceito das unidades de base e disse ao camarada Enver que, em nossa atividade prática, teríamos em mente seus conselhos. Mas eu ainda não desisti do termo “núcleos de base” e disparei meu último tiro: “Suponhamos que chamemos uma *reunião de quadros da juventude* de *reunião dos ativistas*, se usarmos o mesmo termo para a reunião das organizações de massas tenho medo de confundir as coisas”.

Talvez este argumento também não tenha sido muito convincente, mas o camarada Enver, tendo em mente que o importante era o conceito da futura organização e não o nome de sua unidade de base, concordou.

Em setembro de 1949 foi realizado em Shkoder o Congresso de Unificação das Organizações da Juventude. Hoje esta organização, a União da Juventude do Trabalho da Albânia (BRPSH) é uma grande organização com cerca de 600 mil jovens em suas fileiras. Ela trabalha e luta com devoção, sob a liderança do partido, e obtém êxitos. Esta organização, com um nome honrado como este, responde plenamente às exigências, ao nível e aos interesses da juventude.

Mas a liderança da União da Juventude deve ter sempre em mente as instruções do camarada Enver: deve combater o sectarismo e a estreiteza, deve estimular a iniciativa da juventude, apoiar seu espírito criativo, encorajar os avançados, alcançar a juventude em todos os estratos, pensar na educação política e ideológica de seus membros, em seu nível cultural e educacional, prestar atenção ao esporte e à cultura física, ao descanso e recreação cultural.

O camarada Enver voltou repetidamente a esta questão de animar o espírito criativo da juventude. As conversas que ele manteve em vários momentos com líderes da BRPSH são orientações valiosas para o presente e o futuro, a fim de preservar a organização como uma grande união ativa e militante, promovendo a educação e o espírito criativo.

O camarada Enver demonstrou especial cuidado e tato em seu trabalho com o povo, e especialmente com os quadros mais jovens. Vou tentar ilustrar isto com um episódio ligado à preparação do relatório que deveria ser apresentado ao Congresso de Unificação das duas organizações de juventude. Quando o completei, enviei uma cópia ao camarada Enver. Esperei impacientemente por sua resposta. Não houve atraso. Um daqueles dias, no início de setembro de 1949, ele me convidou para ir à sua casa. Depois de termos trocado as habituais saudações, ele colocou na mesa o relatório que eu lhe enviei e começou a fazer algumas perguntas enquanto ele virava as páginas. Eu dei a ele as respostas que ele procurava, mas ao mesmo tempo observei atentamente enquanto as páginas eram viradas. Fiquei feliz em ver que havia apenas algumas correções e, interiormente, concluí que ele estava satisfeito com o material.

Eu estava sentado ao lado dele em sua mesa. Depois de ouvir meu informe sobre como estavam indo os preparativos para o congresso, ele começou a falar sobre o relatório. Ele enfatizou a importância que devemos dar à questão da educação dos jovens, para elevar seu nível educacional e cultural.

“Sem educação e sem cultura — disse ele — não podemos ir adiante e não podemos alcançar nenhuma solução real e correta para nossos problemas. Isto deve estar claro para todos e, em primeiro lugar, para a juventude, para os quais todos estes esforços estão sendo feitos. O Estado confia a eles tarefas importantes. Portanto, a juventude deve aprender sempre ao máximo que puderem”.

O camarada Enver falou sobre a importância de reforçar o papel da juventude na luta que o partido estava empreendendo para a reconstrução do país de acordo com as decisões do 1º Congresso.

“A juventude deve estar na vanguarda da luta pela construção do socialismo, — disse ele — ninguém entende melhor do que eles a necessidade de aumentar a produção nas fábricas, de acabar com a ignorância e o atraso no campo, a necessidade de progresso na agricultura. Portanto, a união da juventude deve ajudar

cada jovem a estar na vanguarda da luta pela vida nova”.

Mas o que permanece vivo em minha mente são suas observações sobre a parte do relatório que tratava da política externa. Sobre esta questão, ele exigiu que a análise da situação internacional e dos deveres que surgem para a nossa juventude em defesa da liberdade e independência da pátria deveria ter a marca da idade e do pensamento da juventude. Ele exigiu também que o estilo do relatório fosse adaptado à natureza e ao papel das gerações mais jovens. Todas estas ideias ele me explicou claramente e de forma muito instrutiva.

Quando ele abriu o relatório na parte que tratava das tarefas que surgiram para a juventude na situação internacional daquela época, vi que o camarada Enver tinha escrito em lápis vermelho ao longo da margem de uma das páginas: “adequado para marmanjos barbudos”.

Esta foi uma síntese das observações que ele me fez. Ele sugeriu que os relatórios e discursos deveriam ser adaptados ao público ao qual são dirigidos. Eu mantive o relatório com essa nota. Hoje ele deve estar nos arquivos do Comitê Central da BRPSH.

Notando meu embaraço por causa da nota que eu tinha visto, o camarada Enver começou a mencionar alguns dos pontos positivos do relatório. É claro que ele não poupou suas críticas, mas o tom dele era muito camarada.

“Devemos falar com a juventude em sua própria língua — disse ele — Essa parte sobre a situação internacional não é ruim, mas não é adequada para a juventude”.

Naturalmente, eu reescrevi essa parte do relatório, mas até hoje tenho as críticas do Enver soando em meus ouvidos. A partir desse dia, sempre que tenho que escrever para a juventude, a primeira coisa que me vem à mente é: “não fale da maneira como você fala com velhos ou com diplomatas. A juventude quer uma linguagem diferente. Você deve falar com eles de modo a tocar seus corações, seus sentimentos. Eles não toleraram tons pedantes”.

Ainda hoje existem casos em que se fala com a juventude a partir da posição de professor de escola, claro, esse tipo de professor de escola que tem um sentimento de falsa superioridade. Mas não devemos nos comportar como professores pedantes com os jovens. De fato, devemos aprender com eles.

O partido abre o caminho para o vigor e as energias da juventude. A geração mais jovem está avançando com vontade, segurando alto a tocha da revolução e

lutando de coração e alma pela prosperidade do nosso país.

Tanto nos anos da Guerra de Libertação Nacional como após a libertação, vi que o camarada Enver Hoxha considerava o trabalho com os jovens, o trabalho para sua educação com os ideais comunistas e as virtudes da moral socialista, uma tarefa principal para as organizações do partido. Muitas vezes me lembro de sua brilhante avaliação e de sua definição bem conhecida: “A juventude dá vida e animação ao país e sangue novo ao partido”. A relação dialética entre “partido-jovem-país” não poderia ser melhor expressa. O partido deve ter esta visão e deve proceder a partir desta avaliação quando constrói seu trabalho com a juventude.

Na véspera do 5º Congresso do partido, quando o camarada Enver estava organizando as ideias para a revolução geral da vida do país, durante uma reunião com o camarada Hysni Kapo e comigo, ele nos contou:

“A *revolução da vida* do partido e do Estado é imperativa, uma questão vital para o destino do socialismo. Vamos salvaguardar as vitórias da revolução ou permitir que elas sejam eliminadas, como está acontecendo na União Soviética? Devemos e vamos salvaguardá-las” — disse ele com determinação.

Assim começou uma calorosa troca de opiniões sobre as tarefas que surgiram para o partido, sobre a luta contra qualquer coisa que diminuísse o espírito revolucionário, que dê origem à indiferença, que iniba a iniciativa das massas, que prejudique os vínculos das massas com o partido e o Estado, etc.

“Para a *revolução da vida* em todos os campos, a juventude deve desempenhar um papel especial — disse ele — A juventude deve ser a força de assalto, porque eles também são fervorosos defensores do novo. Eles devem se tornar uma grande força motriz revolucionária em todas as direções. A participação ativa da juventude no movimento de massas contra manifestações estranhas, contra costumes retrógrados, contra o conservadorismo, etc., será de excepcional ajuda na educação da própria juventude”.

E os desdobramentos acabaram se revelando como disse Enver Hoxha. A juventude, inspirada pelas ideias do partido, e pelos ensinamentos do camarada Enver, colocaram-se na vanguarda da *revolução da vida* do país. A iniciativa da juventude de intensificar a luta contra a religião e os costumes retrógrados patriarcais é especialmente conhecida. Também são conhecidas as muitas ações que surgiram em meados dos anos 60 nos campos social, econômico, ideológico e cultural, nos

quais a juventude de nosso país se destacou por seu espírito de luta, impulso revolucionário, determinação e sabedoria.

O camarada Enver enfatizou continuamente que a juventude, como a força mais ativa da sociedade, precisa participar ativamente da prática revolucionária. Ao mesmo tempo, disse ele, que “nosso partido deve sempre manter os ideais comunistas acesos nas mentes e nos corações da juventude”. Ele determinou que a juventude fosse educada como fiéis combatentes do partido, para que dediquem todas as suas energias físicas e intelectuais, seus talentos e toda a sua vida à pátria e ao povo, ao partido e ao socialismo.

“Um homem com convicção constrói castelos — disse Enver — aquele que não tem convicção arruína o que ele tem”.

A juventude é uma imensa força em todas as partes do mundo. O camarada Enver estava firmemente convencido disso; portanto, ele fez uma justa avaliação do movimento de juventude nos anos de 1967-1968, que se estendeu a quase todos os países da Europa e além. Naquela época, nossa juventude trabalhava para construir a ferrovia Rrogozhinë-Fier. Em um encontro com os voluntários deste projeto, o camarada Enver falou sobre a importância e o papel da nossa juventude, e sobre o movimento estudantil que estava em franca ascensão no mundo. Eu estava presente nesta reunião e, em 30 de junho de 1968, tomei esta nota:

“Anteontem acompanhei o camarada Enver em sua visita à ferrovia Rrogozhinë-Fier. Ele conheceu os voluntários. Depois foi organizado um comício em massa em Gradishtë onde o camarada Enver fez um discurso muito importante.

“Naturalmente, o principal destaque em seu discurso foi voltado para o trabalho e o papel de nossa juventude, seu lugar e importância, especialmente no presente, na luta pela *revolução da vida* do país. O camarada Enver definiu grandes tarefas nesta direção. Mas o atual movimento estudantil no mundo também ocupou um espaço considerável em sua fala. O camarada Enver fez uma justa avaliação deste movimento. Há alguns dias que ele acompanha com muita atenção as manifestações da juventude, vendo nelas a revolta que inflamou as jovens gerações nos países capitalistas e revisionistas. Ele tem falado comigo sobre estas manifestações repetidas vezes. Lamentavelmente, a classe trabalhadora, especialmente nos países capitalistas, está distante e não se une à juventude. Isto pode ser visto na França, em particular. Falando à nossa juventude, de fato, ele saudou este movi-

mento democrático e revolucionário da juventude de todo o mundo, que luta por mais direitos, mais liberdades e mais democracia, contra a discriminação social e política da burguesia e do revisionismo.”

O discurso do camarada Enver foi publicado na imprensa. Mandamos traduzi-lo para idiomas estrangeiros a fim de distribuí-lo também no exterior.

“Com essas ações — disse Enver — nossa juventude não está apenas construindo empreendimentos econômicos importantes. Acima de tudo, a ação serve como uma grande escola para temperar as jovens gerações, para educá-la com conceitos corretos sobre o trabalho, serve para incutir na juventude o espírito da coletividade, da luta para superar as dificuldades, do amor pelos camaradas, da amizade pura e da determinação revolucionária.”

O caráter da juventude albanesa que Enver destacou neste discurso foi uma síntese científica do caminho para uma formação revolucionária.

“Nossa juventude não foi educada em casa ou com livros escolares mofados — disse ele — eles foram temperados como aço e imbuídos de um espírito revolucionário indomável no calor das batalhas severas contra inimigos selvagens internos e externos, das dificuldades colossais que tivemos que superar, que se originaram do profundo atraso que herdamos dos regimes anti-povo, na luta feroz para esmagar o bloqueio imperialista-revisionista hostil que foi imposto ao nosso país.”

Ele deu um conselho aos voluntários: “A juventude trabalhadora, camponesa e estudante deve aumentar seus esforços para aprender o máximo possível, para dominar a cultura e a ciência, essas são condições indispensáveis para o progresso do país; elas devem aprender enquanto trabalham e trabalhar enquanto aprendem”.

Observei os jovens com atenção, seus olhos estavam atentos no camarada Enver e eles absorviam completamente cada palavra que ele dizia.

“A preocupação da nossa juventude, estudante ou intelectual, ao contrário dos jovens dos países onde os capitalistas e os revisionistas dominam, não é seu destino pessoal, o problema de encontrar qualquer tipo de emprego para ganhar a vida para si ou sua família — apontou ele — a juventude em nosso país não estuda e luta apenas ‘para emergir na ribalta’, para evitar ser oprimido pelos outros, ou devorado pelos grandes lobos. O ideal de nosso estudante ou intelectual não é a segurança pessoal ou a obtenção de qualificações para que ele possa enfrentar as tempestades de uma sociedade opressora e exploradora. Seu ideal é muito gran-

dioso, muito militante e muito inspirador.

“Este ano é um ano tempestuoso, para nossa juventude também — prosseguiu Enver — mas enquanto os jovens do mundo estão lutando para conquistar mais direitos e liberdades, em nosso país eles estão em erupção em grandes iniciativas revolucionárias para levar adiante o socialismo e emancipar nossa sociedade. Diante de nós, vemos dois mundos contrastantes e dois destinos bem diferentes para a juventude” — declarou o camarada Enver no comício.

“Provas vivas disso são as grandes manifestações estudantis que vimos ultimamente na Europa e em outros continentes, tanto nos países capitalistas, quanto em alguns países revisionistas”.

E ele continuou:

“Independentemente das razões que motivaram os estudantes a se erguerem nestas manifestações, elas são diversas – educacionais, econômicas, políticas, ideológicas, estruturais, organização universitária — eles têm demonstrado que a juventude é uma força corajosa e militante quando está inspirada. Apesar da variedade de visões políticas que prevalecem em suas fileiras, uma coisa é certa: eles estão atacando o sistema capitalista. Estas manifestações são os primeiros testes, o início do uso da violência revolucionária contra a violência burguesa-fascista”.

Não posso fechar estas notas sobre a juventude sem também enfatizar o fato de que Enver Hoxha não só amou e valorizou a nossa juventude, mas também os defendeu resolutamente contra qualquer tentativa de manchar ou questionar seu muito bom nome. Sabemos agora que Mehmet Shehu era um inimigo muito perigoso, escondido no seio do partido. Naturalmente, agora também entendemos o objetivo diabólico de suas acusações insultuosas contra nossa juventude: amargar as relações entre o partido e a própria juventude. Mas ele não conseguiu atingir seu objetivo, porque a juventude sempre teve um grande e inabalável campeão: o camarada Enver Hoxha.

Isto não é apenas uma declaração, mas um fato observado na prática. A título de ilustração, citarei apenas um episódio reproduzido das notas que fiz no dia em que ocorreu, 7 de novembro de 1980:

“Na reunião de hoje o camarada Enver tratou extensivamente do problema da juventude, enfatizando a necessidade de maior cuidado com sua educação, formação e o tratamento correto com as jovens gerações. A discussão foi provocada

por algumas *queixas* de Mehmet Shehu sobre o comportamento da juventude. Eu não entendo porque ele aponta apenas os aspectos negativos deles. Acusações como ‘a juventude está se degenerando’, ‘a juventude hoje se apega às modas extravagantes’, etc., etc., estão sempre na ponta de sua língua. Na fala que se seguiu, o camarada Enver criticou abertamente suas opiniões.

“O importante é que o partido deve ajudar a juventude — disse ele — mas tenho a impressão de que em muitos casos essa ajuda é dada de maneira formal e burocrática. A juventude não aceita formalismo, eles são alérgicos a qualquer coisa que cheire a formalismo. Às vezes se diz que ‘a juventude discute suas preocupações nas ruas e não nas reuniões da militância’, — continuou o camarada Enver — mas o que há de errado nisso? Aqueles que dizem estas coisas esquecem que a vida é ampla e profunda, que a juventude tem tantos interesses que não podem esgotá-los todos em uma hora e meia nas reuniões da União da Juventude, que só se realiza uma vez por mês. A juventude vai às reuniões da organização para obter uma orientação, com base na linha do partido, mas não para resolver tudo.”

O camarada Enver desenvolveu ainda mais a ideia sobre os diversos interesses da juventude.

“Não é correto pensar que quando a juventude conversa nas ruas estão falando de assuntos corruptivos — continuou ele — quando perguntei ao secretário do comitê da juventude de Tirana sobre esta questão, ele disse que fora das reuniões os jovens falam sobre filmes e livros, sobre a agressão soviética no Afeganistão, sobre a guerra entre Irã e Iraque, assim como também falam sobre suas lições e, por que não, sobre o amor também? Que mal há isto? Por que alguns camaradas estão alarmados com isso?”

Ficou claro que suas críticas foram dirigidas a Mehmet. No entanto, Enver não se contentou com isso. Voltando diretamente para Mehmet, ele continuou: “É errado atribuir a culpa de cada deficiência que percebemos à juventude. Digo isto porque ouço frequentemente a juventude sobrecarregada com a culpa, por coisas que não são de sua responsabilidade. Não, a juventude não é a culpada por tudo. O partido deve trabalhar mais e melhor com eles. Mas deixemos claro que o trabalho da juventude não é melhorado através da moralização e pelo vômito de ordens tanto da direita como da esquerda: ‘não ande aqui e não ande ali’, ‘ou não faça isto, não faça aquilo’. A desconfiança não ajuda a educar as massas da juventude.



“A juventude é o futuro do país — continuou o camarada Enver — nossos jovens são honestos, patriotas e ligados ao partido. Portanto, as organizações do partido e da juventude devem dedicar maior atenção a eles. A União da Juventude tem um grande papel de educação e formação. É claro que haverá críticas a alguns jovens por suas deficiências ou comportamentos indesejáveis, mas o trabalho educacional não deve ser reduzido simplesmente a críticas contínuas. O que devemos fazer é melhorar o trabalho a fim de formar uma opinião saudável baseada em nossa visão marxista-leninista do mundo, entre a juventude.”

Durante toda sua vida, Enver Hoxha teve a juventude em sua mente e em seu coração. “Temos um jovem tão puro quanto o ar e as águas cristalinas dos riachos da montanha” — apontou ele em sua mensagem de saudação dirigida aos antigos delegados ao Congresso de Helmës, em 7 de agosto de 1984.

A juventude de hoje são os filhos e filhas daqueles que empreenderam a Guerra de Libertação Nacional e realizaram a reconstrução do país, aqueles que cumpriram os primeiros planos quinquenais e lançaram as bases da Nova Albânia. Não só são herdeiros dignos do majestoso trabalho daqueles homens e mulheres heróicos, mas também são fervorosos seguidores de seu ideal revolucionário.

Nosso partido, nossa sociedade, nosso povo se regozijam e se orgulham disso. Eles se alegram com o espírito puro e o caráter saudável de nossa juventude, sua elevada moralidade e bom comportamento, seu grande apego ao trabalho e a vida culta que levam. O amor pela pátria, pelas notáveis tradições históricas de nosso povo, por seus sentimentos de amor à liberdade e caráter indomável, o respeito pela cultura nacional, a língua materna, a contribuição que os homens e mulheres de nossa terra deram ao albanês e à cultura européia são traços permanentes de toda nossa juventude.

O partido, a União da Juventude e toda a nossa sociedade trabalharão sem espalhafato para garantir que nossa juventude seja sempre pura e militante como queria Enver Hoxha, que as tradições patrióticas e revolucionárias herdadas pela juventude nunca sejam manchadas, que as novas virtudes de nossa moral socialista nunca sejam violadas em nenhuma circunstância e que o impulso da juventude nunca seja parado.

O camarada Enver tinha uma grande fé e um grande amor pela juventude. Da mesma forma, a juventude o amaram de todo coração e sempre conservarão seu

amor imortal por Enver Hoxha e por sua obra monumental que será transmitida com firmeza de geração em geração.



# **SOBRE A REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO.**

*– PINTURA DO MAIS RENOMADO ARTISTA ALBANÊS, ZEF SHOSHI.*

*SIMPLESMENTE NOMEADA DE “ENVER HOXHA”*



*Enver Hoxha na inauguração da primeira Universidade da Albânia, em Tirana, 1957.*



*Enver Hoxha na inauguração dos Institutos Superiores, em Tirana, 1951.*

# SOBRE A REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO

O PROGRESSO DA EDUCAÇÃO DAS MASSAS CONSTITUI UM DOS MAIS NOTÁVEIS SUCESSOS de nossa ordem socialista. Em quatro décadas passamos do analfabetismo em massa, que passava dos 80% da população, ao ensino médio para todos, que agora cobre quase toda a geração mais jovem. Isto é um progresso extraordinário. O inspirador e líder desta grande vitória é Enver Hoxha.

Somente um homem como ele, com uma formação sólida e um horizonte claro, com confiança inabalável no futuro e especialmente no povo, poderia prever desenvolvimentos tão vigorosos no campo da educação e da cultura, numa época em que o analfabetismo era uma grave doença no país, onde nosso povo ainda estava travando uma luta desesperada para curar as feridas da guerra e para superar a ameaça da fome e da pobreza.

O camarada Enver viu claramente que a economia do país não poderia ser restaurada e avançar a menos que o nível educacional e cultural de toda a massa de trabalhadores, especialmente das gerações mais jovens, fosse elevado exponencialmente. Assim como era preciso ter o maior cuidado para garantir que a terra fosse tratada para cultivar alimentos, para que fábricas fossem erguidas também, em primeiro lugar, era preciso cultivar as mentes das pessoas para aumentar seus conhecimentos e elevar seu mundo espiritual. Enver Hoxha foi guiado pelo método leninista de que com pessoas analfabetas, sem cultura e conhecimento, não poderia haver socialismo.

Além disso, ele estava bem ciente da antiga ânsia do povo albanês pela luz do conhecimento, assim como conhecia seu intelecto natural, suas aspirações à cultura e civilização, seu desejo de avançar ao lado de povos e países mais desenvolvidos. Nosso povo sempre considerou a escolaridade e o conhecimento como indispensá-

veis para a construção de uma nova vida, para a eliminação do atraso dos séculos.

Enver Hoxha não esperou. Assim que o país foi libertado, quando havia escassez e privações sem fim, quando até mesmo os cadernos de alfabetização e lápis eram difíceis de adquirir, ele lançou a palavra de ordem que serviu como uma chama para a erudição: “Mais pão e mais cultura para o povo!”. Este apelo despertou as massas, especialmente a juventude, para a ação.

A luta contra o analfabetismo, a luta pela escolaridade, para abrir os olhos da nossa classe e armá-la com conhecimento para as próximas batalhas, foi transformada em um movimento de massa que trouxe seus heróis, heróis da luta e do auto sacrifício, para a chama do conhecimento. Foi esta palavra de ordem inspiradora de Enver Hoxha que deu coragem ao valente jovem de Mirditë, o professor militante comunista, Ndrec Ndue Gjoka, a enviar uma resposta a essa palavra de ordem ao nosso comandante, como a canção popular diz:

*“Cinquenta escolas em Mirditë, é o que eu preciso!”*

Sabendo que Enver Hoxha jamais isolou um campo de desenvolvimento e progresso do outro, sabendo que era possível aplica-las, as massas deram imediatamente uma resposta da ponta de sua língua ao chamado do camarada Enver:

*“Bravo! Falou e disse!*

*Tudo para o renascimento de Mirditë!”*

A eloquente evocação que Enver Hoxha fez da figura heroica do comunista e professor Ndrec Ndue Gjoka no 2º Congresso do partido, realizado em março de 1952, é bem conhecida. Falando das dificuldades encontradas na abertura de novas escolas e na luta contra o analfabetismo, dos grandes serviços que os professores prestam à pátria e da construção do socialismo ensinando o povo a ler e escrever, ele dirigiu estas palavras comoventes, cheias de respeito e honra, ao congresso:

“Um comunista chamado Ndrec Ndue Gjoka viveu e lutou em Mirditë. Ele era um professor. Ele não podia suportar a opressão, a ignorância, que o fascismo e Gjon MarkaGjoni impunham a Mirditë. Imediatamente após a libertação, assistido pelo camarada Bardhok Biba, implementaram a linha do partido, por sua própria

iniciativa, já em dezembro de 1944, ele abriu cinquenta escolas. Cinquenta escolas podem ser abertas sem instalações, sem lápis, sem cadernos e, especialmente, sem professores? Sim, elas podem. *Não há nenhuma fortaleza inimiga que o comunista não possa tomar*. Ndrec Ndue Gjoka, um camponês pobre, instalou as escolas em casas de fazendeiros, ele mesmo recolheu os cadernos e lápis onde pôde, e o principal, os professores. Ele reuniu-os encontrando os ex-alunos da *Escola de Revestimentos de Orosh*, a quem falou sobre a necessidade de abrir mais escolas e com quem conduziu um pequeno curso pedagógico. As escolas foram abertas, camaradas, cinquenta escolas, que continuaram funcionando desta forma até que o Ministério da Educação as aprovasse em 1945. Os antigos alunos da *Escola de Revestimentos de Orosh*, que agora se tornaram professores experientes, dizem com orgulho: ‘Somos os primeiros professores treinados por Ndrec Ndue Gjoka’. Mas nosso camarada, Ndrec Ndue Gjoka, foi assassinado pelos sabotadores traidores de Gjon MarkaGjoni, no corredor de Vorë em 1946, justamente por causa deste seu grande ato patriótico. Convido o congresso a honrar a memória deste notável pioneiro comunista do renascimento da educação. Se todos pensassem e agissem desta maneira, o problema do analfabetismo logo seria remetido aos arquivos da história da República Popular Socialista da Albânia”.

Enver Hoxha viu em Ndrec Ndue Gjoka um exemplo inspirador, o símbolo de um ideal revolucionário, um farol luminoso. Por isso, ele o elogiou com diversos hinos com grandes elogios.

O trabalho do partido com o aprofundamento da educação e do conhecimento das massas tem sido heroico. Foi assim, não apenas por suas dimensões, seu caráter de massa e pela velocidade com que foi feito. Foi assim, também, porque foi realizado em condições em que muitas pessoas duvidaram ou não acreditaram que pudesse ser feito, enquanto outras subestimaram e resistiram a essa palavra de ordem. Sabotadores traidores assassinaram Ndrec Ndue Gjoka, mas também assassinaram mulheres montanhasas porque elas ensinavam outras mulheres a ler e escrever. Enquanto isso, Sejfulla Malëshova se opôs à política do partido declarando: “um analfabeto não pode ensinar analfabetos”, “primeiro temos que treinar professores, depois seguir em frente”.

Se nosso partido tivesse recuado diante das dificuldades e dado atenção aos capituladores, nossas escolas teriam ficado mais atrasadas no cumprimento de suas



tarefas e teriam ficado para trás do desenvolvimento geral da vida.

Embora a palavra de ordem do camarada Enver por “mais cultura para o povo” pareça estar historicamente ligado aos primeiros anos da libertação, esse tem sido e é uma palavra de ordem permanente para o trabalho do partido até os dias de hoje e continuará a sê-lo no futuro. O partido sempre considerou o desenvolvimento da educação e da cultura, da ciência e das artes, todo o desenvolvimento espiritual de nossa sociedade, como indivisivelmente ligado ao seu desenvolvimento econômico e material.

Sob esta palavra de ordem, ocorreu uma profunda revolução em nossa vida, uma revolução que representa a verdadeira libertação do homem de cada aspecto ultrapassado, o enobrecimento de seus sentimentos e pensamentos. A revolução ideológica e cultural que foi idealizada e liderada pelo camarada Enver Hoxha e que o partido, juntamente com as massas, está realizando, constitui uma das transformações mais importantes da época socialista, a base da nova civilização albanesa, uma grande força de emancipação de nossa sociedade e da personalidade de seu *homem novo*.

A justeza desta política, a longo prazo, foi comprovada pela vida. Sem tal política para a educação do povo e o treinamento dos quadros e especialistas necessários, hoje nossa sociedade seria incapaz de responder às principais demandas e tarefas que surgiram em nossa agenda. Os planos para o desenvolvimento econômico e cultural do país, o progresso tecnológico e técnico, o avanço geral das forças produtivas, seriam inimagináveis se não tivéssemos aquele verdadeiro exército de pessoas cultas, desde trabalhadores qualificados e camponeses até cientistas notáveis que temos hoje.

Agora podemos dizer sem a menor dúvida que a labuta, o suor e os sacrifícios de nosso povo, os grandes gastos que a abertura de escolas, mesmo nas aldeias mais remotas exigem, constituem um dos investimentos mais úteis. O partido e Enver Hoxha nunca consideraram a educação do povo apenas como uma questão iluminista, mas como uma condição para o desenvolvimento sadio de nossa sociedade. Em nossa época, o nível de produção material depende diretamente do nível de conhecimento, educação e qualificação das massas trabalhadoras. Em sua interação, elas se impulsionam umas às outras.

Temos orgulho de nossas muitas realizações em vários campos de atividade

social. A usina hidrelétrica *A Luz do Partido* de Fierzë e a usina hidrelétrica *Enver Hoxha* de Koman, as plataformas de Lukovë e os rendimentos dos níveis mundiais que são obtidos na agricultura com híbridos produzidos localmente, a perfuração de poços de petróleo profundos, a utilização racional das minas e a produção de aço, os resultados na medicina e os avanços na arte e na literatura, etc, etc., são, sem dúvida, frutos do trabalho e dos sacrifícios do nosso povo, da atividade criativa de trabalhadores, camponeses, engenheiros, vários especialistas, artistas e cientistas. Mas, ao mesmo tempo, eles são triunfos do desenvolvimento e do progresso da nossa educação socialista. Estas conquistas refletem o alto nível de preparação ideológico-científica da juventude, o elevado nível de conhecimento fornecido por nossas escolas, o papel que ela desempenha no progresso de todo o país.

Tenho conversado com o camarada Enver sobre os problemas do desenvolvimento da educação e das escolas em muitas ocasiões desde os primeiros dias após a nossa libertação. Meu trabalho me envolveu nestes campos, tanto quando eu estava na liderança da juventude como mais tarde, quando eu era Ministro da Educação e Cultura, também na Secretaria do Comitê Central do Partido. Nas palestras e conversas que tive com ele, ele falou continuamente sobre a necessidade de criar uma escola com uma fisionomia nacional e com conteúdo científico. Ele insistiu muito particularmente na questão de que o objetivo de nossa escola não é meramente fornecer conhecimento e cultura, mas também educar os jovens como revolucionários e lutadores pela causa do socialismo, que sua tarefa não é apenas dar às pessoas conhecimento teórico, mas também prepará-las para a vida, com hábitos práticos, com elevadas qualidades morais-políticas. Isto ele considerou uma questão básica e uma função nobre da nossa educação em geral. A fim de garantir que esta missão seja assimilada, e especialmente para que seja cumprida dentro das escolas, ele exigiu que as organizações partidárias fiquem à frente do trabalho ensino-educativo e que a organização da juventude tome parte ativa no mesmo.

Nos primeiros anos, aconteceu na prática, e de fato acontece ocasionalmente até hoje, que algumas organizações e dirigentes do partido na base não se preocupam tanto quanto deveriam com os problemas da educação e da escola.

“Esta deficiência deve ser resolutamente combatida — insistiu Enver — as or-

ganizações e os quadros do partido devem prestar atenção contínua às questões da educação. Os comunistas não devem hesitar em se envolver em problemas das escolas com o argumento de que não são especialistas neste campo. Todo comunista é um especialista na linha do partido e em sua correta implementação”.

Tenho ouvido muitas vezes essa orientação dele. Ele me enfatizou novamente quando fui nomeado para trabalhar como Ministro da Educação e Cultura.

Em junho de 1955, o camarada Enver me convocou para as instalações do comitê central para uma reunião. Era sua prática se informar sobre o estado do trabalho em cada setor pela boca do responsável, e não simplesmente a partir de relatórios escritos. Por outro lado, nós, com isto quero dizer os dirigentes das organizações de massas e muitos outros quadros do partido e do Estado, tivemos, pode-se dizer, ousado e não hesitamos em pedir reuniões com ele para expressar alguma ideia ou pedir-lhe qualquer sugestão sobre os problemas que enfrentamos.

No entanto, sempre que o via ou ouvia sua voz, sentia emoções fortes. Sempre foi assim, tanto na primeira reunião que tive com ele como na última. Falo do elevado estado espiritual que sua presença causou em todos, da inspiração e entusiasmo que suas palavras despertaram, e da satisfação e confiança conquistadas ao conversar com ele. Sempre fui embora das reuniões me sentindo animado e otimista.

Fui ao Camarada Enver. Ele me recebeu, sorridente e amigável, como sempre. Primeiro ele falou sobre a beleza do trabalho com a juventude. Em seguida, ele disse com um sorriso:

“Hoje vou falar com você sobre outro setor, mas comecei com a juventude porque sei que não é fácil para vocês abrir mão de algo. É bom tanto para aqueles que trabalham com a juventude quanto para os outros.”

Depois ele fez uma breve pausa. Eu não entendia o que ele estava levando a esta rotunda.

“Você trabalha com a juventude há muito tempo — Enver chegou ao ponto — portanto o partido acha que você deve ser transferido para outra tarefa. Decidimos propor você como Ministro da Educação e da Cultura.”

E sem me dar muito tempo para digerir isto, ele continuou:

“Não se preocupe, você ainda estará trabalhando com a juventude, porque a educação e a cultura não podem ser concebidas sem os jovens.”

Novamente silêncio. Então, expressei minhas dúvidas se, não sendo um verda-

deiro especialista, eu seria capaz de lidar com uma tarefa tão importante.

“O partido está convencido de que você pode — Enver me deu coragem ao meu coração — Você tem trabalhado com a União da Juventude há tantos anos. Os problemas da educação e cultura não são desconhecidos para você. Então, no ministério há camaradas capazes e especialistas que o ajudarão.”

Ele passou a falar sobre as principais tarefas enfrentadas pelas escolas naquela época, dando-me conselhos sobre por onde eu deveria começar, sobre quais problemas eu deveria prestar especial atenção, como eu deveria conceber e trabalhar para o desenvolvimento futuro da educação, e assim por diante.

“Os problemas da educação, elevando o nível de nossa cultura, têm uma importância decisiva para nosso país — enfatizou ele — A construção do socialismo requer quadros capazes e especialistas em todos os campos. O analfabetismo está chegando ao fim, mas devemos abrir escolas fundamentais, escolas secundárias e até mesmo escolas superiores. Não podemos satisfazer as necessidades do país formando especialistas no exterior”.

Escutei-o atentamente até o final, tomando notas de tempos em tempos.

“Teremos tempo para falar sobre isso novamente — disse ele antes de nos separarmos — mas há um conselho que quero lhe dar agora mesmo. Colabore com os camaradas, os especialistas, e consulte sua opinião sempre que tiver que decidir alguma coisa. Não abra mão do método de como você trabalhou na União da Juventude. Encontre-se e converse com os professores e, também, com os alunos. Fique longe de qualquer oficialismo. Estude o tempo todo, leia o máximo que puder. Desta forma será mais fácil para você compreender e resolver os problemas mais difíceis e específicos das escolas e da cultura”.

No Ministério da Educação e Cultura eu encontrei bons camaradas, camaradas da guerra e do trabalho, alguns dos quais eu conhecia desde os anos da revolução popular. Encontrei excelentes especialistas que, com sua experiência, me deram uma grande ajuda em meu novo trabalho. Entre eles gostaria de lembrar, especialmente o trabalho altamente culto, entusiasmado e competente de Kahreman Ylli, Qibrie Ciu, Kadri Baboçi e Kolë Koci, Vangjel Gjikondi, Ahmet Duhaxhiu, e vários outros camaradas.

Este era o momento em que a luta de massas em todas as frentes contra o analfabetismo estava chegando ao fim. Hoje a conquista da alfabetização pode parecer

uma coisa comum para alguns, mas marca uma das grandes vitórias do partido para a emancipação do homem e da mulher da Nova Albânia. Pode-se dizer que a erradicação do analfabetismo completou a primeira revolução no campo da educação e da cultura. Esta foi uma ação de todo o povo, que começou durante a Guerra de Libertação Nacional e continuou por mais de uma década após a libertação da nossa pátria. Tinha a ver não apenas com o ensino da escrita e da leitura, mas também com a elevação da consciência revolucionária do povo, que agora havia se tornado o verdadeiro mestre do país. Se antes a ignorância era um símbolo de nossa escravidão, agora a cultura era uma expressão de nossa liberdade.

A luta contra o analfabetismo encontrou inúmeras dificuldades. A juventude, homens e mulheres de idade, tinham que sentar-se nas carteiras da escola para aprender o alfabeto. Se você olhar os documentos dos primeiros anos, os registros e especialmente as folhas de pagamento, ao invés das assinaturas da maioria dos cidadãos, você encontrará suas impressões digitais. Passo a passo, em ações, em centros de trabalho, em escolas noturnas, no exército e em todos os lugares, as pessoas aprenderam a escrever e ler. Os jovens e as mulheres se distinguiram especialmente nesta grande ação.

A luta contra o analfabetismo foi acompanhada de grandes esforços para implementar a política educacional do poder popular, cujo objetivo era atrair todas as crianças para a escola primária obrigatória, difundir amplamente o ensino fundamental e ampliar gradualmente a escolaridade secundária.

Na véspera do 9º Congresso do partido, ao discutir com os camaradas os novos desenvolvimentos no campo da educação, chegou-se à conclusão de que agora foram criadas as condições para que a maioria dos alunos que completam seus oito anos de escolaridade passem diretamente para o ensino médio. Ninguém falou sobre o ensino secundário obrigatório, mas apenas sobre uma extensão mais rápida do mesmo. Automaticamente eu recordei o trabalho exaustivo, os grandes esforços que os professores e os órgãos estatais fizeram, nas três décadas antes para atrair para as escolas primárias todos aqueles que a lei obrigou.

Hoje a demanda foi totalmente revertida: o Estado, nossa sociedade, não precisa mais obrigar os jovens por lei a frequentar a escola. Pelo contrário, o Estado se vê diante do aumento da demanda da juventude e do povo por mais educação e conhecimento, por mais escolas.

Mas vamos voltar a duas ou três décadas atrás. Embora a luta contra o analfabetismo ainda estivesse em curso, o partido estava olhando mais à frente. Ao mesmo tempo, trabalhava-se para o desenvolvimento do ensino superior. Já tínhamos criado o Instituto Superior Pedagógico, o Instituto Superior Agrícola, o Instituto Politécnico, o Instituto Econômico, o Instituto Médico, e alguns outros. Assim, as tarefas no campo da educação estavam sendo realizadas em todas as frentes, não de acordo com a ordem “clássica”, esperando a criação das condições ideais para passar de um nível para o outro. O espírito ofensivo soviético sempre fez parte do estilo de trabalho do nosso partido e de Enver Hoxha.

Durante todo o período em que trabalhei no Ministério da Educação, todo o tempo fui testemunha da preocupação constante de Enver com a educação, com nossas novas escolas, que estavam se desenvolvendo e formando suas características socialistas. Ele perguntou sobre os currículos e livros didáticos, mostrou preocupação com os professores e suas condições de vida, mas mostrou uma preocupação especial com os alunos. Ele insistiu que mesmo pequenas vilas como Bradvicë no distrito de Korçë, ou Këlcyrë em Tropojë, que não tinha mais de três a quatro crianças em idade escolar, deveriam ter escolas.

A fundação da Universidade foi um sonho ambicioso ao coração do camarada Enver. Por muitos anos antes de ser fundada, ele nunca perdeu uma oportunidade de falar sobre ela. Com isto ele não estava expressando simplesmente um respeito pelo conhecimento e pela erudição. O camarada Enver partiu da ideia de que a cultura e a educação precedem o desenvolvimento de nossa sociedade e aumentam seu potencial produtivo e intelectual.

“Devemos estudar a questão da fundação de uma Universidade — disse-me ele em uma reunião que tive no início de 1956 — agora que todos os setores da economia e da cultura estão avançando e estão se desenvolvendo rapidamente. É essencial acelerar a formação de quadros. Os quadros são necessários em todos os lugares. Mas essa não é a única razão. A Universidade será um importante centro cultural, um grande centro intelectual, onde diversas ciências serão estudadas em benefício do progresso do nosso país”.

Quando falava sobre tais questões do futuro, o camarada Enver transmitia seu entusiasmo, ele próprio se inspirou. Ele não parou na Universidade, mas se deixou levar por sua paixão pela ciência, publicações, laboratórios, institutos de estudos

nos quais os filhos e filhas do povo colocariam todos os seus conhecimentos a serviço do socialismo. Em conversas sobre a educação ele quase sempre ia além dos limites estreitos do tema, olhava para o futuro. E ele falava sobre isso com grande confiança e convicção absoluta.

“É claro que a questão de assegurar os quadros necessários é importante e não pode ser resolvida facilmente — disse-me ele durante uma conversa depois de eu ter falado das dificuldades que estávamos encontrando sobre este assunto. “Como estamos enfrentando esta questão dos quadros nos institutos que temos hoje, na agricultura, na engenharia ou no instituto pedagógico?” — disse ele como se fosse para si mesmo. “Assim como confiamos corajosamente à juventude quadros a tarefa de ensinar nestes institutos, também devemos confiar nos outros para fazê-lo na Universidade. Agora, no início, não teremos quadros com altos títulos científicos, mas logo os teremos”.

Enver Hoxha tinha uma grande fé nos jovens quadros. Ele os apoiava e nos encorajava, também, a cobrar-lhes responsabilidades, porque, como ele dizia, em seu trabalho diário, em confronto com as dificuldades, eles adquiririam as qualidades necessárias.

Embora otimista por natureza, Enver não caiu na euforia. No final daquela reunião, durante a qual ele havia falado por quase uma hora sobre a necessidade de acelerar a abertura da Universidade, ele não se esqueceu de me apontar:

“Não pense que no primeiro dia as aulas serão brilhantes, que os alunos terão todos os livros didáticos em suas mãos e que os laboratórios estarão completos. Primeiro devemos começar, depois todos estes assuntos serão colocados em ordem no decorrer do trabalho”.

As ideias de Enver foram recebidas com grande alegria por meus camaradas no ministério e por alguns especialistas com os quais trocamos nossas primeiras ideias. Foi precisamente esta emulação do camarada Enver que nos fez não ter medo das dificuldades e superar os vários obstáculos que surgiram.

A Universidade de Tirana, a primeira universidade albanesa na história, foi fundada em outubro de 1957. O próprio camarada Enver Hoxha participou da cerimônia de abertura. Foi uma grande alegria para todos, para os estudantes e professores, para o povo inteiro. Enver também se alegrou, pois foi ele o inspirador desta grande ação do partido.

A criação da Universidade foi uma decisão de importância histórica, não só porque realizou um sonho ardente de várias gerações de albaneses, a começar pelos homens e mulheres de nossa *Renascença*, mas sobretudo, porque se tornou o berçário para a formação dos quadros superiores que o país necessitava, porque se tornou o maior centro pedagógico, científico e cultural da Albânia.

Em pouco tempo, a Universidade se tornou um centro de grande autoridade que criou histórias e tradições próprias. No ano passado, comemoramos o 30º aniversário de sua criação. Nessas três décadas, os cursos da Universidade e de outras instituições superiores formaram cerca de 70 mil quadros de diferentes especialidades que estão lidando habilmente com as tarefas de construção socialista em todos os campos.

Sem o exército de quadros superiores e especialistas, trabalhadores qualificados e pessoas instruídas treinadas em nossas escolas, teria sido impossível aplicar o princípio da autossuficiência. Ter que mendigar por quadros, esperar obter cada projeto do exterior, buscar especialistas estrangeiros e ideias sobre tudo significa dependência, significa nada menos que falta de alimentos, energia elétrica ou peças de reposição para máquinas. Por isso, a decisão do partido de criar a Universidade, também teve importância estratégica. Isto garantiu a formação dentro do país dos quadros superiores e especialistas necessários para a construção socialista, de modo que, desta forma, foi lançada outra base sólida para garantir a independência do nosso país.

As ligações do camarada Enver com a Universidade de Tirana foram intensas. Ele falou sobre a Universidade em inúmeras ocasiões, mesmo antes de sua fundação; ele teve frequentes reuniões e trocas de cartas com os cientistas e professores.

Nos tristes dias de abril de 1985, quando uma Plenária do Comitê Central deveria tomar decisões para perpetuar a memória do camarada Enver, trouxemos à mente todos os grandes projetos da Albânia. Entre eles escolhemos a Universidade, também, para levar seu nome. Esta honra coube à Universidade, a seus professores e aos jovens estudantes. Ao tomar esta decisão, levamos em conta o grande amor de Enver pela ciência, conhecimento e cultura, da qual a Universidade é um centro.

No dia em que a cerimônia foi realizada para dar à Universidade de Tirana o nome do camarada Enver, eu disse aos estudantes e professores que a honra que



o partido lhes conferiu era, ao mesmo tempo, uma grande tarefa para eles, para o partido e para a União da Juventude. Para merecer o nome de *Enver Hoxha*, estudantes e professores devem, juntos, ousadamente levar adiante o processo de ensino científico e melhorar sua qualidade, elevando o prestígio de nossa Universidade cada vez mais alto.

O camarada Enver Hoxha era a pessoa mais disposta, mais consciente e mais corajosa para o desenvolvimento da educação, da cultura e da ciência. Ele entendeu, melhor que ninguém, que o desenvolvimento e o progresso do país, o presente e o futuro da nossa pátria, não poderia prescindir da cultura e do conhecimento, da inteligência e da capacidade intelectual.

Em junho de 1982, as medidas que tinham que ser tomadas em relação ao aumento da qualidade do trabalho nas escolas foram discutidas no Birô Político. Antes dessa reunião, troquei algumas ideias com o camarada Enver. Aqui vou resumir suas ideias a fim de mostrar que ele viu as tarefas da educação em constante crescimento, em conformidade com as exigências do desenvolvimento do país.

“Agora chegou o momento em que deve ser dada a maior importância à qualidade do ensino — disse-me o camarada Enver — Os materiais pedagógicos apresentados a nós dizem que a sobrecarga de alunos e estudantes deve ser evitada. Isso é verdade. Mas isto não deve ser compreendido apenas do ponto de vista a aliviar a carga de trabalho dos professores e dos alunos. Pelo contrário, questões desnecessárias e supérfluas devem ser consideradas como sobrecarga. Questões supérfluas devem ser substituídas pelo verdadeiro conhecimento científico”.

Não apenas neste caso, mas em geral a Enver foi capaz de antecipar as consequências negativas que esta ou aquela orientação poderia ter, juntamente com seus inegáveis valores.

“Devemos insistir — apontou durante esta reunião — que a produção deve orientar a escola, no sentido de que a formação dos alunos e estudantes deve responder ao nível da técnica e tecnologia contemporânea, às exigências da indústria, da agricultura, etc. A essência da questão — prosseguiu ele com seu raciocínio — é que a escola deve se manter à frente do desenvolvimento integral do país. Ela deve inspirar e moldar os alunos para que eles possam enfrentar o desenvolvimento futuro”.

O camarada Enver deu grande importância às relações entre professores e alunos, e aos problemas da democratização da vida na escola em geral. Ele fre-

quentemente se debruçou sobre esta importante questão.

Eu estava com ele no 40º aniversário da Escola Geral Secundária Qemal Stafa, em Tirana, em dezembro de 1965. Nós dois tínhamos muitas lembranças deste viveiro de revolução. Por pouco tempo o camarada Enver havia sido mestre lá, “mestre”, como então chamávamos nossos professores, e eu havia sido aluno. Infelizmente eu não era aluno daquela escola na época em que Enver estava ensinando. Entretanto, os alunos das turmas mais velhas falavam sobre ele, especialmente sobre o espírito de camaradagem com o qual ele se comunicava com eles, o senso de justiça que o caracterizava e a cultura que o distinguia.

Como é de conhecimento geral, em 1965 começou o período que ficou conhecido, para o nosso partido, como a *Revolução da Vida do País*. A educação foi um dos primeiros elos que tiveram que ser incluídos neste processo. Neste contexto, a visita do camarada Enver à Escola Geral Secundária Qemal Stafa não foi acidental.

A maior parte do discurso que ele fez ali foi dedicada precisamente ao significado da revolução no campo da educação. Isto tinha que incluir o estabelecimento de relações de amizade entre professores e alunos, a luta contra a falsa autoridade e a tutela por parte dos professores, o fortalecimento da disciplina consciente e o encorajamento do desejo dos alunos de aprender mais.

Suas palavras foram muito calorosas, sinceras e inspiradoras. Seu discurso tomou a forma de uma conversa calma e íntima, na qual as grandes ideias ideológico-pedagógicas foram combinadas com reminiscências da época em que o próprio Enver era um professor. Em seu discurso ele expressou a honra e o respeito que o partido e ele mesmo nutriram pelos professores, esses militantes do conhecimento e da cultura, pelos zelosos educadores da geração mais jovem com os ensinamentos do partido.

Embora as ideias que o camarada Enver expôs em seu encontro com os alunos e professores da Escola Qemal Stafa tenham sido publicadas e sejam bem conhecidas pelas massas do nosso povo, considero esse momento importante para lembrar algumas dessas ideias, não apenas pelo bem da história, mas pelo valor que têm hoje como orientações muito úteis para o progresso da educação.

“A *Revolução da Nossa Vida*, portanto, também da educação, não pode ser alcançada aderindo ao tradicionalismo e permanecendo como escravos dos esquemas herdados — disse ele em essência — A revolução na educação precisa de um pensa-

mento criativo, deve ser realizada de acordo com os princípios da nova pedagogia socialista, ou seja, na luta contra qualquer coisa estranha à nossa ideologia marxista-leninista, na luta contra concepções ultrapassadas”.

“Não me leve a mal se alguns dos assuntos que vou apresentar diferem um pouco das normas da pedagogia clássica — começou ele, dirigindo-se aos professores da escola, e então ele foi direto ao assunto — Vocês, camaradas professores, devem lidar com a juventude com especial cuidado, com os mais avançados métodos revolucionários. Vocês não devem sobrecarregá-los, nem permitir que se tornem preguiçosos, mas devem temperá-los todos os dias com as ideias marxista-leninistas”.

Enver estava preocupado em garantir que as jovens gerações crescessem fortes e de caráter indomável.

“A juventude deve ser educada para ser corajosa, para ter iniciativa, devem ter mentes férteis, e não devem ser robotizadas— apontou ele — O menino e a menina devem ser capazes de fazer julgamentos, raciocinar e expressar opiniões livremente, fazer propostas sobre qualquer questão, não apenas na União da Juventude, mas em todos os lugares”.

Estas ideias do camarada Enver têm uma importância especial a qualquer momento e não apenas para a escola. Elas refletem o papel dos professores e o grande objetivo de nossa educação, que deve formar pessoas que não só dominam as ciências, mas, sobretudo, são lutadores conscientes da causa do socialismo, cidadãos preocupados em garantir que o trabalho avance bem, interessados no desenvolvimento e progresso do país em todas as direções.

Nesta reunião, Enver colocou especial ênfase na democratização das relações entre professores e alunos. Ele considerou este processo como a arma mais eficaz contra os métodos burocráticos.

“A burocratização — disse ele — é uma doença terrível, que, expressa no papel em regulamentos e currículos, atou as mãos de nossos diretores e professores a ponto de não poderem fazer nada por iniciativa própria. Por sua vez, camaradas professores, vocês devem procurar os melhores métodos, eliminar sentimentos de burocracia, tecnocracia e superioridade de seu pensamento e prática de trabalho”.

O desenvolvimento de nossas escolas passou por várias fases, não apenas no sentido quantitativo, mas também no sentido qualitativo. Mudanças radicais foram

feitas no conteúdo da educação, no currículo, nos livros didáticos e também na sua estrutura em várias ocasiões. Deve-se dizer que o camarada Enver esteve diretamente envolvido em cada uma destas mudanças. Foi assim com a primeira reforma educacional imediatamente após a nossa libertação em 1946, novamente em 1960, quando a ligação da educação com o trabalho produtivo se apresentou como uma questão premente, novamente na nova revolução na educação, que começou em 1968 e que também constitui a reforma mais completa e inclui todo nosso sistema escolar, todo o processo ensino-educacional.

Ao elaborar as orientações para a reforma de 1968, o camarada Enver partiu da ideia de que o problema da educação é uma das questões-chave para o desenvolvimento e progresso do país. Ao mesmo tempo, ele considerou esta questão como um dos fatores importantes para a consolidação da revolução e para o fortalecimento ininterrupto do espírito e das ideias revolucionárias.

Em uma reunião que tivemos em fevereiro de 1968, ele me disse: “A educação em nosso país avançou, sem dúvida, a um ritmo acelerado. Entretanto, considerando os progressos alcançados em outros campos e tendo em mente as necessidades do país, devemos considerar a escola como uma arma poderosa que deve nos ajudar a levar adiante todo o processo de nosso desenvolvimento. Devemos tomar todos os aspectos positivos, devemos nos beneficiar da experiência até o momento, mas também devemos tomar medidas inovadoras para garantir que a escola responda às exigências da construção socialista, às necessidades da economia e de nossa sociedade”.

Escutei Enver atentamente, porque em tais conversas, que realizamos às vezes em seu escritório, às vezes no meu, e às vezes enquanto passeávamos por sua casa, ele gostava de ser “picado” com alguma pergunta, alguma informação suplementar, ou opinião. Isto o ajudava a resolver as ideias que ele tinha.

“O pensamento do partido, suas ideias — continuou o camarada Enver — deve guiar todos os campos da atividade social, produção e cultura. Portanto, o ensino do marxismo-leninismo na escola deve ser fortalecido. A escola não é apenas um centro de conhecimento, um lugar onde somente a teoria é ensinada. Ela também deve formar os alunos como bons trabalhadores, capazes de servir onde quer que o país precise deles, e como defensores de sua liberdade e independência”.

No decorrer desta fala, ele também destacou a conhecida tese de que a ideolo-

gia marxista-leninista do partido deveria correr como um fio vermelho por todo o processo de ensino e educação na escola.

O camarada Enver apresentou estas ideias de forma concreta quando apresentou o programa para uma maior revolução de nossas escolas socialistas, cuja base, como é sabido, foi seu discurso histórico de 7 de março de 1968. Nesse discurso, o camarada Enver analisou o papel que nossa escola tem desempenhado em diferentes estágios do desenvolvimento do país e enfatizou a necessidade de uma melhoria radical de todos os aspectos da educação.

Deve-se ter em mente que a demanda pela Revolução na Educação foi uma parte consistente da luta que o partido estava travando em uma ampla frente para a *Revolução de Toda a Vida do País*. Se a burocracia e a rotina, o tradicionalismo e a estagnação em outros campos da atividade social tinham que ser combatidos, acima de tudo tinham que ser combatidos nas escolas, porque ali os regulamentos e normas eram canonizados mais do que em qualquer outro lugar, mas também porque toda a nossa juventude passa e é treinada e ensinada nestes locais.

Em seu discurso, o camarada Enver levantou questões relativas ao desenvolvimento futuro da nova pedagogia socialista, a construção de um sistema escolar que incluísse todos os trabalhadores e permitisse à juventude assimilar aquele conhecimento que os serviria tanto em seu trabalho quanto em sua vida. Ele dedicou sua principal atenção a questões relacionadas ao conteúdo da escola, à educação ideológico-política da juventude com os ensinamentos do marxismo-leninismo. Ele definiu claramente que o objetivo da escola é formar pessoas com conhecimentos adequados para que possam servir à construção socialista e estar política e fisicamente preparadas para defender o país.

Nos anos em que o partido empreendeu a grande ação para a futura revolução na educação, o compromisso do camarada Enver com ela foi de vital importância, muito ativo, extremamente concreto e instrutivo. Como todos sabemos, a ideia sobre a revolução da escola ocupou um lugar importante no 5º Congresso do partido, realizado em novembro de 1966. Em seguida, começaram os trabalhos para sua concretização, as discussões, a busca de formas de resolver os problemas que enfrentávamos.

Entretanto, o antigo, com sua inércia, ainda era forte. Nem o Ministério da Educação e Cultura, nem os especialistas que o assistiam estavam atingindo o alvo.

Mas deve ser dito que não foi fácil para nós, os camaradas do comitê central e do governo, a quem o partido havia encarregado de orientar a educação, determinar os aspectos-chave a partir dos quais o problema tinha que ser enfrentado.

Justamente nestas circunstâncias, foi realizada a reunião do Birô Político de 7 de março de 1968, inteiramente entregue a este problema. O Ministério da Educação e Cultura havia apresentado o respectivo relatório, no qual, em certa medida, o trabalho realizado até aquele momento foi apreciado. Mas faltava-lhe a profundidade necessária precisamente sobre as questões fundamentais. As contribuições para a discussão no Birô Político enriqueceram o relatório e o tornaram mais concreto. Mas ainda assim a saída de uma espécie de “círculo vicioso” de certa forma tradicional não estava sendo claramente traçada.

Ao final da reunião, o camarada Enver tomou a palavra. A impressão que seu discurso causou permanece clara e fresca em minha mente hoje. Desde o início, eletrificou todos os presentes na reunião.

A visão do camarada Enver sobre a questão era muito ampla, teórica e prática, histórica e atual, nacional e internacional, científico, pedagógica e ideológica. Todos nós ficamos tensos, absorvendo suas ideias sobre o desenvolvimento da educação em conformidade com o estágio de desenvolvimento geral do país, sobre o mais fundamental de tudo no trabalho da escola, o eixo ideológico marxista-leninista que deve permear todo o processo ensino-educacional, sobre a atitude em relação ao nosso patrimônio cultural, sobre sua reflexão nos programas de ensino das respectivas matérias, sobre os livros didáticos e métodos de ensino, etc.

Seu longo discurso, com o qual todos nós estamos familiarizados, chegou ao fim. Após um período de atenção extremamente concentrada, os rostos de todos nós estavam sorridentes, felizes e otimistas. O Birô Político decidiu por unanimidade que este discurso deveria ser a plataforma do partido para uma maior revolução na nossa educação, que deveria ser publicado imediatamente em todos os órgãos da imprensa e que uma ampla discussão popular deveria ser organizada com base nele.

Este foi verdadeiramente um plebiscito popular. As questões que mencionei e outras derivadas delas foram discutidas em detalhes durante cerca de um ano e meio. O camarada Enver acompanhou esta discussão com especial interesse e compromisso, recebeu informações e deu opiniões, e falou novamente em público,

especialmente na conferência do partido em Tirana, ainda em 1968. O Birô Político, da mesma forma, discutiu estes problemas várias vezes.

Em outubro de 1968, fui ao camarada Enver em seu escritório para relatar-lhe o que havia emergido da discussão popular sobre a revolução da escola, coisa que eu fazia regularmente. Nesta reunião, ele aproveitou a oportunidade para enfatizar novamente as ideias de seu discurso de março de forma concisa e concreta e as tarefas para o futuro.

“Com a reforma educacional, devemos resolver a questão da educação da juventude com os ensinamentos do marxismo-leninismo — disse ele — Esta matéria deve ser estudada como uma ciência à parte na escola, mas também através de todas as outras matérias. Todas as matérias ensinadas devem estar estreitamente ligadas ao marxismo-leninismo como seu principal eixo ideológico”.

Precisamente nesta fala, o camarada Enver insistiu que o trabalho produtivo deveria ser introduzido na escola como um fator revolucionário, mas também como uma forma de temperar a juventude nas escolas de forma ideológica.

“O terceiro eixo básico da futura revolução educacional — apontou ele — tem a ver com o treinamento da juventude escolar de forma organizada para a defesa do país”.

Nesta base, após a ampla discussão popular, a Plenária do Comitê Central do partido sobre educação, realizado em junho de 1969, tomou suas conhecidas decisões.

A revolução nas escolas não é algo que pertence ao passado. É um processo contínuo e inclui toda a atividade educacional do país. As ideias do camarada Enver sobre esta questão, que estão entre as mais importantes da revolução ideológica e cultural que está ocorrendo em nosso país, permanecem plenamente válidas hoje. O tempo não diminui o seu valor. Agora, quando passos decisivos estão sendo dados em direção ao ensino secundário obrigatório para todos, estas ideias devem ser levadas mais adiante. A reforma educacional, que foi inspirada pelo camarada Enver, pode ser descrita como a transformação completa da educação, ela nunca deve ficar estagnada. Aumentar a qualidade do trabalho docente implica a contínua democratização da escola, o aumento da participação da sociedade na solução de seus problemas, o reforço do papel ativo dos alunos e estudantes na atividade pedagógica, etc. O partido levantou estes problemas mais uma vez

em seu 9º Congresso.

Embora nossa pedagogia socialista tenha sido consolidada e o processo de revolução da escola continue com sucesso, a democracia na escola ainda não superou e deixou para trás certas limitações. Portanto, ainda há muito a ser feito. As relações adequadas entre o campo docente e a União da Juventude não foram totalmente estabelecidas na prática e no conceito. Tanto os professores quanto a União da Juventude têm muito a fazer para conseguir isto.

Não é raro que a atividade da União da Juventude seja restringida por interferência de várias direções. Conseqüentemente, em muitos casos, em vez de persuasão, temos ordens e pedantismo, em vez de fé na capacidade dos jovens de agir por conta própria, temos desconfiança e preconceitos. Por outro lado, há jovens que, em nome do respeito ao professor ou pedagogo, mas também sob a pressão de interesses mesquinhos, se lançam na passividade e aceitam uma tutela burocrática e entediante por parte dos professores.

É claro que estes não são assuntos simples. Pelo contrário, eles são muito complexos. Têm a ver com a tradição, com o nível de emancipação ideológico-pedagógica da escola e dos professores, bem como com as fraquezas da própria União da Juventude. Portanto, esta luta deve ser travada numa ampla frente, sob a liderança das organizações do partido.

Enver Hoxha, com seu espírito dialético, compreendeu os problemas agudos que nossa escola, que nosso pensamento pedagógico-científico enfrenta e os venceu na hora certa. No final dos anos 70 e início dos anos 80, quando a educação do nosso povo, em geral, havia superado muitos problemas de peso, o camarada Enver aproveitou habilmente nosso desenvolvimento quantitativo para colocar ênfase no fortalecimento qualitativo geral da educação, na modernização científico-pedagógica de todo o seu processo ensino-educacional. Ele vinculou esta necessidade, também, com a revolução científico-técnica atual, com a rápida aceleração do aumento da informação social.

Não apenas como líder do partido e do Estado, mas também como um homem com amplo horizonte científico e cultural, Enver Hoxha levantou as questões que derivam disso também no plano pedagógico e didático. Suas recomendações sobre a organização e seleção das informações científicas dadas na escola, sobre a contínua renovação, atualização e enriquecimento dos conhecimentos forneci-



dos nos livros didáticos, sem criar sobrecarga, de acordo com os diferentes elos e categorias da escola e a capacidade dos alunos de assimilar esses conhecimentos, são bem conhecidas.

Nossa escola está trabalhando arduamente para resolver estes problemas. A orientação dos ensinamentos de Enver Hoxha é uma garantia fundamental de que eles serão resolvidos corretamente.





# MAIS CULTURA PARA O POVO.

– PINTURA DE *FATMIR HAXHIU*

“PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA”



*Enver Hoxha demonstra seu imenso amor pelo povo e pela cultura albanesa, 1967.*



*Enver Hoxha e Hysni Kapo junto com artistas do Festival Folclórico, Gjirokaštër, 1973.*

# MAIS CULTURA PARA O POVO

O CAMARADA ENVER HOXHA TINHA UM CONCEITO CIENTÍFICO DE CULTURA E do seu papel na transformação da sociedade. Em seus escritos e trabalhos sobre o assunto, sua paixão patriótica e as características das obras e dos homens da nossa *Renascença* se misturam com sua lógica estrita, de um infalível e rigoroso estudioso marxista.

Em todo o seu trabalho para o avanço da cultura, o camarada Enver foi guiado pelo princípio de que a cultura é liberdade, o reino da verdade, consequência das resoluções do passado, emancipação e civilização. Quando falava sobre cultura, ele estava, pode-se dizer, completamente pleno. Sobre esse assunto, sua oratória era a mais brilhante em comparação a qualquer outra instância, neste tópico o seu pensamento atingiu as maiores profundezas.

O desenvolvimento da cultura foi uma das preocupações constantes do camarada Enver. Como cultura, ele a compreendia não apenas como educação, mas também como ciência, como conhecimento, como arte, como comportamento das massas e de seu modo de vida. E, é claro, a maneira como o povo trabalha. “*Nossa vida inteira é e deve ser cultura*” — esse era seu lema. Partindo deste conceito, uma série de mudanças importantes foram feitas em toda nossa atividade social e cultural.

Enver Hoxha se dedicou completamente ao desenvolvimento da cultura, com toda sua paixão, com toda sua força e energia. Se você folhear nossa imprensa, desde os primeiros anos após nossa libertação, ou até os últimos momentos da vida do camarada Enver, você verá que não há nenhum evento marcado ligado à cultura e à ciência, arte e literatura, no qual ele não tenha participado.

Ao trabalhar para um rápido desenvolvimento da cultura, o camarada Enver

partiu do fato de que nosso povo era analfabeto, mas não ignorante. De fato, sem qualquer exagero, a vitalidade de sua cultura é inigualável. Desde a antiguidade, nosso povo teve que lutar com as maiores potências da época, portanto, sua cultura foi formada em luta ininterrupta. Se esta cultura não foi assimilada e não perdeu sua originalidade nacional no decorrer desta luta, isto é prova de sua ampla base entre o povo e de sua resistência inquebrável. Em contato com a cultura helênica, monopólio cultural mundial na antiguidade, diante das invasões culturais romanas, eslavas e otomanas, da agressão da arte decadente burguesa de hoje, a cultura albanesa não poderia ter sobrevivido sem uma força criativa interna, através de elementos de autopreservação.

Como resultado das amargas circunstâncias históricas do nosso povo, sua rica cultura permaneceu principalmente oral até os tempos modernos. Sua criatividade cultivada profissionalmente, com algumas exceções, se desenvolveu apenas com o início da nossa *Renascença Nacional*. As escolas nacionais albanesas, também, têm mais ou menos a mesma idade. Apesar destas privações, porém, nosso povo não foi nem ignorante, nem selvagem como seus inimigos os rotularam. Como disse o camarada Enver em sua mensagem de saudação ao 40º Aniversário da Libertação da Pátria, a história mostra que os albaneses nunca foram bárbaros em suas relações com os outros povos; pelo contrário, quando a selvageria cega dos invasores os assaltou, eles tiveram a cultura do seu lado.

A Guerra de Libertação Nacional abriu o caminho para o progresso geral e o desenvolvimento da cultura em todos os campos. Mas, acima de tudo, a guerra lançou as bases para dotá-la de novas qualidades, principalmente de seu conteúdo. O camarada Enver lutou persistentemente para difundir amplamente a cultura e torná-la propriedade do povo, para fortalecer seu caráter nacional, para consolidar os melhores valores do nosso legado cultural e, na nossa época histórica, para colocá-los a serviço do socialismo e dos interesses populares.

Enver Hoxha tinha um conceito muito amplo da missão progressista e civilizatória da cultura, ele a considerava uma das armas mais eficazes para levar adiante a revolução e o socialismo. Ele tinha total confiança de que os grandes planos do partido para o desenvolvimento cultural do país seriam realizados. No entanto, nos primeiros anos da Nova Albânia, a questão era inevitável: Por onde começar? Como o povo poderia adquirir cultura quando a maioria absoluta era analfabe-

ta? Como dissemos, no campo da cultura escrita, quase nada havia sido herdado. Um simples cálculo aritmético mostra que em 1938 havia um livro impresso para cada vinte pessoas. Não havia sequer uma equipe profissional para o teatro, para a música, ou para qualquer outra atividade artística. Em uma palavra, a base material e organizacional para uma cultura amplamente cultivada era praticamente inexistente. Mesmo os talentos ocasionais que surgiram naqueles anos não encontravam apoio nos regimes daquela época.

Esta foi a base a partir da qual começamos. Imagine a coragem que foi necessária naquelas condições para exigir que a cultura fosse difundida com prioridade entre as amplas massas. Não esqueçamos, também, que o camarada Enver lançou a monumental palavra de ordem “mais cultura para o povo” no programa do Primeiro Governo Democrático da República Popular da Albânia, em março de 1946, numa época em que Koçi Xoxe e sua quadrilha equiparava os intelectuais ao intelectualismo e, pior ainda, à reação, quando na verdade ele estava trabalhando para sabotar os planos do partido para a elevação cultural do nosso povo. A cultura assustou Koçi Xoxe, assim como assusta todos aqueles que, em vez de liberdade, têm a tirania no coração e, em vez da sede de conhecimento, detém objetivos malignos e sinistros.

Em um tempo tão turbulento, Enver Hoxha estava orientado para a cultura e desafiou essa amarga herança do passado, assim como desafiou os obstáculos levantados por nossos inimigos.

O pensamento estético marxista-leninista albanês deve muito à grande contribuição de Enver Hoxha. E não somente ao pensamento estético, mas também às críticas e aos estudos sérios sobre a arte. Ele tem contribuído muito para este campo específico da atividade humana. Essa afirmação é dedicada, antes de tudo, ao seu pensamento marxista-leninista, tanto na teoria quanto na prática, dos princípios do próprio método do realismo socialista, como escola e metodologia, como guia geral e orientação para o trabalho criativo nas condições do surgimento do pós-modernismo e de uma decadência geral dos valores estéticos.

Em nosso país, nas décadas da nossa livre vida socialista, grandes resultados foram alcançados em todos os campos da literatura e da arte, bem como na cinematografia, que deu um grande passo para frente. Hoje somos um dos países mais produtivos no que diz respeito ao número de filmes por indivíduo da população.



Aumentar a qualidade da literatura e da arte surgiu agora como uma prioridade e tornou-se uma tarefa urgente. Os acúmulos que fizemos até o momento são suficientes para atingir passos ainda maiores. A espera não está mais em ordem. Mesmo que o acúmulo de experiência ainda seja necessário, isto pode ser alcançado incessantemente, mas não através da desaceleração do processo literário. Acumulação e produção artística devem andar de mãos dadas. Caso contrário, ambos são inibidos. Estas tarefas, que o partido tem levantado vigorosamente nos últimos tempos, servem ao aperfeiçoamento de nossa nova cultura, mas sem a constante dedicação de Enver Hoxha ao seu incessante desenvolvimento, elas não teriam surgido na ordem do dia por muito tempo.

Em relação aos escritores e artistas, desde o início o camarada Enver orientou o partido a aplicar uma verdadeira política leninista. Foi ele quem fez a verdadeira avaliação do patrimônio cultural do passado, levantando-se contra o espírito nihilista que os inimigos expressaram em relação a esse valor histórico.

Nos primeiros anos após a Libertação, havia um conceito um tanto estreito sobre as tradições culturais. Havia sinais de que estas tradições eram subestimadas até mesmo por alguns artistas. Enquanto que Koçi Xoxe e sua quadrilha, consistentes em sua posição contra a nossa *intelligentsia*, denegriam abertamente as tradições, descrevendo-as como anacronismos. Como consequência, interpretações errôneas e discussões estéreis sobre figuras históricas notáveis apareceram aqui e ali na imprensa.

Durante a guerra, em nosso país uma boa parte dos escritores da época, especialmente a geração dos anos 30, se ligou ao partido e ao camarada Enver. Depois da guerra, mesmo aqueles que se afastaram temporariamente ou se retiraram para posições de passividade foram tratados com paciência e bondade até o fim. Com o passar do tempo, praticamente todos os artistas e criadores progressistas abraçaram as ideias revolucionárias de nosso partido e o princípio metodológico do realismo socialista. Enver Hoxha tem o principal mérito por isso. Ele se aproximou dos escritores individualmente e se comunicou com eles em um espírito de camaradagem.

O método do realismo socialista e seus princípios não foram impostos aos escritores e artistas. Uma etapa preparou e trouxe a outra. O partido e o camarada Enver deram aos escritores e artistas o ideal revolucionário, que se tornou um es-

pírito universal de sua criatividade. Desta forma, seus talentos e dons não foram desperdiçados em todos os tipos de experimentos, mas colocados a serviço da revolução.

Em muitos casos, a intervenção do camarada Enver salvou a situação no sentido mais amplo do termo para o desenvolvimento da literatura e da arte no caminho correto. Uma delas foi, como eu disse, sua defesa das tradições nacionais, numa época em que elas foram proclamadas ultrapassadas e, na verdade, *obstáculos* para o “progresso da arte”.

Situações difíceis também surgiram em outras ocasiões. No início dos anos 60, em nossa imprensa literária e nos debates, uma ampla discussão inflamou sobre o método e o estilo de escrita, o que de fato refletia alguns conceitos estranhos instigados por inimigos externos e internos sob o rótulo do chamado “conflito de gerações”. Os escritores e artistas da *tradição*, se assim podemos chamá-los, acusaram a *nova* geração literária de prejudicar a poesia, desconsiderando suas regras clássicas de rima, ritmo, comprimento de linha, etc. Estes últimos, por sua vez, acusaram os escritores já firmados de serem conservadores e de reprimir a criatividade dos jovens escritores através das “posições-chave” que ocupavam nas editoras. O perigo neste debate reside mais no fato de que ambos os lados se engajaram na discussão com calor e paixão excessivos, com elogios exagerados ao verso de oito sílabas e à negação total do verso livre, ou vice-versa.

Embora em muitos casos parecesse que a “briga” fosse inspirada por motivos pessoais, o perigo era grande, pois esta situação não só levava ao desperdício de forças criativas, mas também poderia provocar uma cisão. Nestas condições, em julho de 1961, foi organizada uma ampla reunião dos escritores e artistas para esclarecer a situação. O camarada Enver Hoxha participou desta reunião, que foi convocada na sala de conferências da Universidade de Tirana. Eu apresentei o informe.

No informe, dediquei especial atenção à questão do conteúdo da literatura e da arte, a fim de ressaltar que era isso, e não o estilo e a forma de escrever, que deveria atrair nossa atenção principal. Enfatizei a necessidade de uma atmosfera criativa saudável nas fileiras dos escritores, um espírito de colaboração e troca de experiências entre eles, argumentando que em nosso país não há e não pode haver contradições entre gerações. O informe teve que ter muito tato para não

ofender nenhum dos lados, que: assim como Naim ou Mjeda tinham brilhado com seu verso sem rima, também Rada ou Migjeni tinham brilhado com seu verso com rima. O fundamental é que qualquer tipo de verso deve ser usado com habilidade. O mau uso, a imitação, o esnobismo, fazem grande mal à poesia.

“Afirmem-se com seu próprio tipo de verso e, se o povo ama tal verso como vocês, então todos estão no caminho certo” — aconselhei os escritores, mais uma vez enfatizando que o conteúdo é primário na literatura, como em tudo mais.

Nesta reunião, os escritores expressaram livremente suas ideias, sejam elas certas ou erradas. A reunião não durou muito tempo. O camarada Enver também falou. Com suas palavras calorosas e sábias, ele criou tal atmosfera que eles deixaram a reunião espiritualmente aliviados, mas também inspirados. Ele lhes mostrou o curso que nossos artistas deveriam seguir para superar os conceitos errôneos e as influências estranhas, sejam elas antigas ou novas, conservadoras ou liberais. E o fato é que a partir daquele momento, a colaboração e a compreensão foram restabelecidas e prevaleceram nas fileiras de nossos artistas.

Fiquei especialmente impressionado com o fato de que, embora a reunião tenha sido uma reunião apaixonada, com discussões apaixonadas, às vezes de posições unilaterais e, em alguns casos, de posições erradas, o camarada Enver começou seu discurso não com reprimendas, como alguns poderiam esperar, mas com um calor e uma bondade assombrosos:

“Nesta reunião é difícil distinguir quem é e quem não é membro do partido — disse ele — Isto acontece porque nós, o partido e o povo juntos, não só libertamos a pátria e estamos construindo o socialismo, mas também porque criamos uma unidade moral-política de aço, que não pode ser alcançada com propaganda, ou palavras, mas apenas com ações... Em nosso país, assim como os membros do partido amam o partido, também o povo, mesmo que não seja de todo membro do partido, também detém um amor sem limites por ele, por tudo que está fazendo pela nossa classe. Não se pode falar de tal maneira se não se sente o que se diz”.

Assim, ele colocou em primeiro lugar a questão da unidade, a questão básica que une os escritores e artistas, o motivo político perante o qual todas as outras considerações tomam o segundo lugar.

Enver sempre distinguiu e sublinhou o que une nosso povo, não o que o divide. Enquanto me preparava para esta reunião, ele me aconselhou, também, a tomar

cuidado para que os fenômenos criticados não fossem exagerados indevidamente. Procedendo destas instruções, assinalei que as “contradições” estavam assumindo uma aparência antagônica não por causa de qualquer diferença de atitudes políticas, mas por causa da unilateralidade e da dialética do surgimento do novo, que pressiona às dores de parto o velho.

A ênfase do camarada Enver neste aspecto se deu à calma, o equilíbrio, o espírito de camaradagem e a bondade que impregnaram seu discurso. Foi uma lição para todos.

“Quando estava ouvindo as contribuições de alguns camaradas, para dizer a verdade, havia uma coisa que eu não gostava: a questão surgiu como se fosse uma disputa entre *jovens* e *velhos* — disse ele — Penso que essa divisão entre os *jovens* e os *velhos* não é realmente um problema aqui. Os jovens, com seu dinamismo e energia, fazem bem em sacudir os mais velhos. Devemos ser gratos a eles por isso. O dinamismo da juventude é um grande tesouro para o partido e para o nosso povo. Vocês, da juventude, devem saber que os camaradas mais velhos também passaram por estas fases pelas quais vocês estão passando agora. Portanto, nunca acreditarei que os escritores e artistas mais velhos queiram impedir os mais jovens em sua criatividade, eles também percorreram este caminho em sua juventude. Eles têm medo que, em seu grande entusiasmo, vocês derrapem no meio da estrada. Estou confiante de que nossos escritores e artistas, tanto jovens como velhos, nunca se desviarão da grande estrada: do realismo socialista”.

Ao ouvir o discurso do camarada Enver, era bastante óbvio que ele havia acompanhado com muita atenção as contribuições dos camaradas. De vez em quando ele se referia ao que um ou outro havia dito. O líder do partido não se contentou simplesmente em explicar a nossa linha política sobre literatura e arte. Ele também tratou com competência as questões que tinham a ver com seu desenvolvimento posterior.

“Se ele escreve poesia com oito, dez ou doze linhas de sílabas, com versos livres ou com rimas, isso cabe ao autor — disse ele — Mas antes de tudo, ele deve considerar o que o povo dirá, o que a classe trabalhadora e os camponeses dirão, como o grande público receberá sua obra. Isto tem grande importância”.

Os escritores e artistas surgiram desta reunião com ideias claras sobre sua missão, capazes de lidar com novas tarefas. Os anos que se seguiram foram anos de rica

criatividade, anos da afirmação final de uma nova plêiade de artistas.

A 15ª Plenária do Comitê Central do partido, realizada em outubro de 1965, constitui um dos momentos mais importantes. Foi o momento em que o pensamento estético de Enver Hoxha se manifestou com especial profundidade. Desta vez também, estando encarregado das questões ideológicas no partido, apresentei o informe ao plenário. Ele foi incluído nos *Documentos Principais do Partido* e foi publicado nessa coleção.

O camarada Enver prestou especial atenção a este relatório durante o processo de sua preparação. Em geral, ele gostava de discutir, de trocar opiniões sobre as questões que deveriam ser tratadas. Ele não deu importância a teses esquemáticas, que determinaram a estrutura do relatório. Ele se concentrou na gama de problemas, no que seria dito sobre este e aquele fenômeno, nas conclusões que deveriam ser tiradas, e nas tarefas que deveriam ser apresentadas. Ele procurou a opinião dos camaradas sobre estas coisas e falou sobre elas ele mesmo. Foi assim que trabalhamos juntos para a preparação do relatório para a 15ª Plenária também. É claro que ele leu o relatório depois, antes de ser discutido no Birô Político e apresentado ao plenário. Como era seu costume, ele não reteve suas observações e sugestões até a reunião, mas as apresentou a mim de antemão, durante as discussões que tivemos juntos.

Portanto, na prática, no informe que entreguei ao plenário, o pensamento do camarada Enver também estava presente. No entanto, ao final da reunião, ele colocou ênfase em algumas questões básicas. Ele começou seu discurso com sua modéstia característica:

“Eu estava em dúvida se deveria ou não falar nesta reunião — disse ele aos presentes no plenário para o qual muitos escritores e artistas tinham sido convidados, ele continuou — o que eu vou dizer não terá mais importância especial do que o que vocês já disseram”.

Na verdade, no entanto, neste conhecido discurso, que foi impresso e reimpresso várias vezes, ele tratou de uma série de problemas muito importantes do campo da cultura, tais como a necessidade de artistas criativos se ligarem ao povo, à vida; a necessidade de conhecer o tempo e a história, e de concebê-los em unidade; a necessidade de habilidade artística. Porém, ele deu especial importância aos problemas do papel e dos valores inestimáveis da criatividade do nosso povo.

O folclore sempre foi uma paixão especial para o camarada Enver. Ele aproveitou todas as oportunidades para exaltar os valores da arte popular. Em seu discurso na 15ª Plenária, no entanto, ele sintetizou os ensinamentos do nosso partido sobre esta importante esfera da atividade espiritual das massas, de uma forma que raramente foi igualada.

“O folclore não é apenas música folclórica — disse ele em seu discurso — a música é uma expressão ou manifestação do folclore. O folclore é o elemento fundamental da cultura popular, que abrange uma gama muito ampla, tão ampla quanto a vida do povo”.

É bem conhecida sua definição simples, mas profunda, de que jamais podemos separar o folclore da canção, da guzla, da flauta, do tambor, dos contos populares, dos casamentos, das alegrias, das tristezas, dos trajés coloridos, do artesanato, assim como dos costumes, das leis escritas e não escritas. O camarada Enver seguiu precisamente esse conceito sobre folclore e sobre a nossa cultura popular quando expressou tal admiração e verdadeira veneração por essas riquezas inesgotáveis.

Se ainda hoje nos referimos aos materiais da 15ª Plenária, especialmente sobre questões de caráter nacional na literatura e nas artes, realismo na reflexão da vida, a atitude em relação à cultura e à experiência mundial e às influências pós-modernistas estranhas, isto fala não apenas de seu valor atual, mas também da visão do pensamento de Enver Hoxha.

Em sua obra, Enver Hoxha deu uma definição científica da relação entre o *tradicional* e o *novo*, estabelecendo um equilíbrio estável e dinâmico entre eles, excluindo tanto o conservadorismo e a petrificação quanto os experimentos formalistas; tanto o folclore banal quanto o espírito cosmopolita nas obras artísticas. Ele analisou esta relação não apenas em teoria ou em seus aspectos gerais, mas também em cada gênero de criatividade, em uma série de discursos, e com excepcional poder de pensamento no discurso proferido na 15ª Plenária. Neste discurso são estabelecidos critérios precisos para a seleção da criatividade artística do passado e do mundo. As editoras do país têm trabalhado com sucesso e continuam a fazê-lo até hoje, com base nestes critérios.

O pensamento estético de Enver Hoxha, seu conceito de cultura, literatura e artes tem se desenvolvido e evoluído de acordo com o curso dos processos criativos. A prática literária-artística o impulsionou a meditar, a formular novas ideias

e diretrizes, a orientar o desenvolvimento destes campos no caminho certo.

Todos se lembram da situação realmente insalubre que apareceu tanto na literatura e quanto nas artes no início dos anos 70. Nessas esferas, surgiram imitações modernistas na música, especialmente no 11º Festival de Rádio e TV. Também surgiram experiências naturalistas em prosas e uma espécie de hermetismo e espírito existencialista em nossa poesia. É claro que estas foram em sua maioria tentativas esnobes, frequentemente sem talento, que, querendo se pacificar como inovadores, emprestaram formas e meios das escolas e tendências pós-modernistas, que eram mais *vanguardistas* e, conseqüentemente, menos conhecidas entre nós.

A preocupação do partido com os fenômenos negativos na literatura e na arte estavam aumentando, e discutimos isso várias vezes com o Camarada Enver. Posso dizer que os materiais da 4ª Plenária do Comitê Central do partido, realizado em 1973, foram preparadas em um período mais extenso, martelados em debates diários e discussões sobre as influências estranhas que estavam se enraizando nos campos da literatura e das artes.

As manifestações estranhas que apareceram nestes campos, a difusão de modas extravagantes entre a juventude, o encorajamento de um modo de vida liberal, dissipado e desprovido de ideais e ideologia, fizeram parte de um plano diversionista inspirado por inimigos externos e internos contra o partido e nosso país socialista. Não é acidental que, justamente nesta época, os grupos de provocadores de Beqir Balluku e de Abdyl Këllezli surgiram no exército, junto a outros elementos no campo da economia, assim também surgiram quadrilhas organizadas em um campo após o outro. A contrarrevolução também se deteve à necessidade do desvio ideológico e cultural, ao qual surgiram Fadil Paçrami e Todi Lubonja junto com alguns provocadores e ideólogos.

Assim como o conflito contra os golpistas inimigos e sabotadores no exército e na economia tinha a essência de combater fundamentalmente a ideia de que o socialismo não poderia ser construído e defendido em nosso país, com nossas próprias forças, que nós deveríamos estender nossas mãos aos estrangeiros e nos prender e depositar nossas esperanças nas potências, também no campo da criatividade artística do povo, no campo da luta política-ideológica e da cultura em geral, a questão fundamental era se devemos contar com o povo, com sua arte com nossa cultura nacional com os ideais marxista-leninistas ou devemos imitar cega-

mente o mundo, virar escravo do pós-modernismo e do cosmopolitismo. É claro que o partido e nosso povo não entraram no caminho da traição, mas se uniram firmemente em torno do comitê central e do camarada Enver Hoxha à frente, por isso fomos capazes de derrotar tais narrativas sabotadoras desses inimigos.

A 4ª Plenária do Comitê Central se tornou realmente essencial pela agudização da luta de classes na literatura e nas artes. Se tornou necessário convocar o plenário e todo o povo para esmagar as investidas dos inimigos que miravam em dividir a essência revolucionária das artes, sua ligação com o partido e com o proletariado, em alienar a arte criativa do povo e minar seu conteúdo socialista. Foi precisamente nesta época que a estética burguesa elevou o valor do *feito*, do primitivo e da degeneração do *belo* a um princípio. O heroísmo foi varrido como um vento polar das artes na União Soviética e de outros países, esse foi, na verdade, uma verdadeira rejeição dos majestosos e belos conceitos estéticos marxistas.

No discurso, conhecido por todos, que o camarada Enver proferiu na 4ª Plenária do Comitê Central, ele não apenas deu a solução para uma determinada situação, mas também destacou a perspectiva do desenvolvimento frutífero da literatura e da arte, da vida cultural e do trabalho educacional. Estes ensinamentos permanecem valiosos e instrutivos para hoje e para o futuro. Em essência, baseiam-se em questões tão cardeais da teoria da arte como as relações entre o nacional e o estrangeiro, entre partidarismo e liberdade de criação, entre forma e conteúdo, etc.

O discurso do camarada Enver na 4ª Plenária dissipou o nevoeiro e pôs um fim às teorias vazias sobre o novo, o inovador, sobre as contradições e o manuseio delas, sobre o moderno, e uma série de outras questões. Ele eliminou a confusão e esclareceu na teoria e na prática o conceito de partidarismo proletário e o método do realismo socialista. A prospecção de seus ensinamentos tem sido e é muito difundida ainda hoje.

Nessas notas, considero necessário me deter um pouco mais na atitude do camarada Enver Hoxha em relação aos valores culturais do passado, especialmente os da cultura mundial. Ao mesmo tempo em que combateu influências ideológicas estranhas no campo da cultura, da literatura e das artes, ele foi um ardente defensor dos valores edificantes e positivos de todo o patrimônio cultural mundial, de conhecê-los e usá-los para melhorar a formação intelectual das massas. Ele via essa questão do ponto de vista da dialética marxista, dentro do espírito leninista.



Enver Hoxha era um combatente indomável não só contra o cosmopolitismo, mas também contra a xenofobia. Isto era inerente à sua formação e seu ser. Um homem de cultura e aprendizado tão amplo como Enver não podia permitir a separação das massas às realizações mais notáveis da cultura e da ciência mundial na história.

O camarada Enver deu à juventude orientações valiosas sobre como eles deveriam se familiarizar com os mais renomados representantes da cultura e ciência nacional e mundial. Diversas vezes, ele se referiu a vários estudiosos e pensadores, escritores célebres, músicos e outros, e os recomendou à juventude a estudarem seus atos, conquistas e vidas.

Foi precisamente seu conhecimento e seu domínio de uma ampla cultura que ajudou Enver Hoxha a ser crítico das limitações ideológicas, científicas e artísticas dos representantes passados, mesmo os de maior renome, foi o que o dotou da intuição necessária para distinguir e condenar a contracultura.

Com sua ampla erudição, a insaciável paixão e sede de conhecimento que o caracterizava, muitas vezes ele mergulhava em “sua própria floresta” de livros, mergulhando nos fenômenos concretos das artes e das ciências. Por mais que algumas coisas parecessem apenas detalhes, ele jamais esqueceu de ligá-los ao nosso trabalho e às nossas tarefas.

Mantive uma lembrança significativa, uma nota que fiz após uma conversa na qual ele se referiu mais uma vez sobre a questão da importância da cultura. Em 27 de outubro de 1982 fiz esta nota:

Hoje, na reunião que tive com o camarada Enver, ele falou extensivamente sobre a necessidade de nosso povo trabalhar para adquirir o máximo de cultura possível. Ele disse: “É necessário que os membros do partido entendam que o trabalho e as diretrizes do partido devem ser explicados da forma mais completa possível, não apenas a partir dos aspectos ideológicos e políticos, mas também com dados técnicos e científicos, com as circunstâncias históricas atuais e passadas, com os desenvolvimentos no mundo que nos rodeia, etc. Isto requer cultura”.

Como acontecia com frequência nestes casos, a conversa passava para a literatura, traduções, os conhecimentos que os editores e editoras deveriam possuir.

“A literatura mundial é um tesouro que foi criado no decorrer de épocas históricas — enfatizou o camarada Enver — É por isso que parte dela não é adequada às nossas exigências e gostos. Mas em seu próprio tempo cada grande obra tem influenciado o desenvolvimento da sociedade. Assim, na França, por exemplo, após o teatro clássico, nasceu o teatro romântico, mais vívido e revolucionário. Quando *Hernani* de Hugo foi apresentado em Paris pela primeira vez, causou uma grande controvérsia, de fato levou a trocas de golpes entre romancistas e classicistas. Este evento é conhecido como a *Luta de Hernani*. Assim, ocorreu uma grande cisão. Coisas semelhantes também ocorreram no mundo musical. Houve um tempo em que a música de Bellini não era mais aceita, porque era sentimental. Mas depois veio Verdi, cujas composições ajudaram a despertar o povo italiano contra os ocupantes austríacos. Sua ópera *Nabuco* tinha um *páthos* que era diferente das melodias de Bellini. O desenvolvimento se deu desta maneira. Portanto, o passado não deve ser jogado em um só e descartado de leve dizendo ‘tudo isso não vale nada’. Não. Cada trabalho deve ser analisado cuidadosamente, tendo em mente o período em que foi criado”.

“Naturalmente — concluiu o camarada Enver — não podemos fingir que cada membro do partido deve saber todas estas coisas da história. Mas cada quadro, cada especialista deve entrar profundamente em seu próprio campo e ter conhecimento competente sobre os problemas que surgem. Para isso, eles devem trabalhar ininterruptamente”.

O camarada Enver foi um ideólogo e inspirador não só da linha geral do desenvolvimento cultural e artístico do país, mas também da criação de instituições culturais e artísticas centrais.

Eu era ministro da Educação e Cultura, quando, durante uma reunião com ele, no início de 1956, ele me encarregou de explorar as possibilidades de criar uma trupe nacional de canções e danças folclóricas. Tal coisa poderia ter parecido prematura para muitos naquela época.

De fato, não só a falta de forças artísticas, mas também a escassez de meios materiais impediu a criação da rede nacional de instituições culturais. Eram necessárias grandes despesas iniciais, de forma alguma pequenos subsídios dariam

conta. As possibilidades financeiras do Estado naquela época eram limitadas. Isto é tão verdade, que quando estávamos organizando o pessoal para a formação do *Grupo de Músicas e Danças Folclóricas*, os camaradas do Ministério das Finanças, que eram extremamente rigorosos quanto às despesas administrativas, insistiram que alguns cantores e dançarinos deveriam se apresentar como ambos. É claro que isto parece ridículo hoje em dia, mas de qualquer forma, mostra como as dificuldades econômicas daquela época levaram a “gambiarras”!

No entanto, de acordo com a idéia do camarada Enver e por sua insistência, em 1957 o *Grupo de Músicas e Danças Folclóricas* foi organizada como uma instituição separada.

Seu interesse pelas instituições culturais, artísticas e por obras de arte era algo sistemático. Quando o filme *Skanderbeg* foi lançado, ele considerou razoável escrever um artigo sobre a exibição da obra nos cinemas com sua própria mão. Ao participar da cerimônia de criação das instituições culturais e ao escrever sobre elas com sua própria assinatura, de fato, ele aumentou a importância e o valor delas aos olhos do povo.

A ciência era uma das grandes paixões do camarada Enver. Ele tinha um profundo conhecimento do desenvolvimento histórico e de suas tendências nos tempos modernos, em muitos campos de aprendizagem. Sua erudição geral não era um brilho, mas uma arma eficaz que nunca falhou à marca. As brochuras, novos livros, em albanês e em línguas estrangeiras, seriam encontrados em quase todas as ocasiões em sua mesa, em seu escritório ou em casa. Neles ele buscava conhecimento, seu indispensável alimento mental e espiritual, escolhia e recomendava incessantemente as publicações de que precisava.

Qualquer pessoa que tenha tido ocasião de ver a biblioteca pessoal de Enver em sua casa, certamente ficou espantada. Ela contém dezenas de milhares de volumes, incluindo, além de publicações filosóficas e artísticas, muitos livros puramente científicos, biografias de pessoas ilustres, livros de história, monografias sobre movimentos e épocas históricas, várias enciclopédias, estudos sobre a evolução das ciências, especialmente de novas disciplinas, etc.

Embora ele trabalhasse com livros por muitas horas todos os dias, ele tinha a grande habilidade de nunca raciocinar de forma livresca. Pelo contrário, quanto mais ele lia e estudava, mais sua lógica de vida se fortalecia. A máxima de Marx:

“os livros são meus escravos” se encaixa *perfeitamente* a Enver.

O camarada Enver valorizava muito o conhecimento e a ciência, assim como valorizava os pesquisadores, pesquisadoras e os cientistas. Ele sempre teve atenção para que a juventude aprendesse com nossos homens e mulheres mais ilustres, que a experiência das pessoas mais instruídas fosse transmitida aos que tinham menos experiência. Em conexão com isto, há uma conversa muito instrutiva que ele teve comigo logo após a criação da Academia de Ciências. Ele havia me convocado ao seu escritório para informá-lo sobre o trabalho que estava sendo feito para a organização em bases sólidas desta importantíssima instituição que acabara de ser criada. Mas quase sem ser notado, a conversa mudou de direção:

“Sempre que nossos grandes estudiosos são mencionados, sempre que falamos do Professor Çabej, Buda e outros quadros científicos seniores — disse ele — sinto que quero perguntar, talvez pela enésima vez, se designamos quadros da juventude para trabalhar com eles, pessoas diligentes com perspectiva, que deveriam colaborar com eles e poder se beneficiar da grande cultura que eles possuem”.

Eu o informei brevemente sobre o que tínhamos feito para anexar quadros da juventude para trabalhar com estes estudiosos, ressaltando que este trabalho ainda era insatisfatório.

“Você precisa de alguém com um gravador atrás de Aleks Buda, Çabej e alguns outros — continuou ele — As pessoas têm métodos de trabalho diferentes. Por exemplo, há alguns para quem escrever vem mais facilmente, há outros que escrevem menos, mas são pouco generosos em expressar suas opiniões, expressando o conhecimento que acumularam, de boca em boca. Jovens quadros de seu perfil devem estar ligados a Aleks Buda, para que se beneficiem dele em cada pergunta sobre a qual ele é competente e pronto para falar com eles durante uma, duas ou até mesmo três horas de um trecho”.

Em muitas ocasiões lembrei-me desta conversa comum com o camarada Enver. Lembrei-a especialmente na véspera da 5ª Plenária do Comitê Central do partido, realizado em março de 1988, que foi dedicado aos problemas da cultura. Foi precisamente esta instrução dele que me impulsionou a falar sobre a necessidade de uma luta sistemática contra o nivelamento das personalidades, contra a “equalização” dos valores criativos na crítica literária.

Enver considerava os estudiosos, os cientistas, como seus conselheiros próxi-

mos, os ajudantes do partido. Se folhearmos a imprensa ou suas obras, ou apenas os volumes de correspondência *Sempre Seu, Enver*, verá que seu diálogo com os pesquisadores e cientistas avançou sem interrupções. Ele acompanhou o processo da atividade científica do país e de cada personalidade individualmente. Ele sempre aconselhou os camaradas da juventude:

“A cultura se ganha de duas maneiras: através do estudo, dos livros, e através de consultas diretas com os estudiosos, com os sábios. Os dois caminhos devem ser utilizados. Esta última não deve ser subestimada, pois é uma forma muito frutífera de obter conhecimentos sintetizados”.

O camarada Enver deu grande importância ao estudo dos fenômenos de produção e cultura, e ao tratamento científico dos mesmos. Ele insistiu que os estudos e análises científicas deveriam ser feitos de tudo, da economia, do comércio, das admissões no partido e do desenvolvimento da educação. “Não há planejamento sem estudos, não há desenvolvimento sem ciência” — esta é uma afirmação que já ouvimos muitas vezes de sua boca. Isto fez com que o pensamento do partido fosse sempre claro, preciso e inspirador. Ele enfatizou continuamente que a ciência deve se manter à frente de futuros desenvolvimentos.

“A ciência mundial avançou e devemos assimilar seus resultados — disse ele em conexão com isto durante uma de nossas reuniões, em 14 de abril de 1982 — Mas para que isto seja feito, para que suas conquistas sejam aplicadas, precisamos de pessoas apaixonadas, que amem o progresso, que entendam e dominem a ciência. Isto exige que nossos quadros e especialistas usem seus cérebros e sejam criativos em seu trabalho. Mas também são necessários preparativos: para a escola, a tarefa que emerge é sua missão de trabalhar para o futuro. A aplicação não é um processo mecânico, é a criação em si mesma”.

Lembro-me desta conversa, especialmente quando é mencionado o papel da ciência no desenvolvimento da produção. O camarada Enver apresentou, como exigências do dia para nossa escola e nossa ciência, questões que iriam emergir para a economia muito mais tarde.

“Independentemente do fato de alguém ser ou não ser especialista, digamos em eletrônica — disse ele na conversa que mencionei acima — se ele estiver interessado, se estudar e seguir cuidadosamente cada resultado alcançado neste campo, ele se tornará um quadro com amplo conhecimento”.

E ele mesmo foi um exemplo de como, através de um trabalho persistente, sem ser geólogo, economista, arquiteto ou engenheiro, quando necessário, ele podia expressar opiniões competentes sobre estes campos.

“Em nosso país — eu disse naquela reunião — há campos ou ramos da ciência com os quais não estamos bem familiarizados no momento. Há outras cuja aplicação poderia ser considerada prematura. Mas creio que devemos dominar essas ciências e formar especialistas nelas, pois precisaremos delas no futuro”.

“Isso é essencial — disse o camarada Enver — Mas, ao mesmo tempo, devemos instar todos os nossos quadros a se familiarizarem com os novos desenvolvimentos da ciência, instá-los a estudar. Eles devem procurar nas bibliotecas e refletir sobre o que leem. O especialista, o engenheiro, o economista e outros devem sacrificar seu sono por estas questões, devem trabalhar com paixão, porque sem paixão nenhum progresso pode ser feito na ciência”.

Nos laços de Enver com a ciência, seu conceito da revolução técnico-científica tem especial importância como um guia para nós. Ele falou extensivamente sobre esta questão, tratando de todas as suas dimensões e não estou exagerando quando digo que ele a tratou de forma exaustiva. Suas definições da revolução técnico-científica como parte da revolução socialista, como uma transformação permanente que as massas realizam, e sua oposição aos teóricos oportunistas do tipo eurocomunista sobre o “novo papel” da revolução tecnológica, etc., são bem conhecidas.

Não me alongarei sobre este ponto, pois seus materiais sobre este assunto foram publicados. Aqui mencionarei apenas uma conversa que ocorreu na véspera da 8ª Plenária do Comitê Central do partido, que foi realizado em junho de 1980 e que, como é sabido, foi dedicado à ciência. Esta foi uma das muitas consultas conjuntas sobre a preparação dos materiais para esta plenária. Apresentarei suas palavras e ideias a partir de algumas notas que tomei naquele dia:

“Temos que entender bem — disse-me o camarada Enver — que a revolução técnico-científica significa a aplicação de uma forma revolucionária da experiência técnica, baseada solidamente no conhecimento científico. A revolução técnico-científica deve ser entendida profundamente. Ela envolve muitas questões, não apenas em amplitude, mas também em profundidade. Cada problema em si não é inesgotável, mas também não pode ser resolvido de uma só vez. A dialética nos

diz que a melhoria leva à melhoria, também revela um fracasso e leva a uma experiência. Portanto, quando falamos da revolução técnico-científica, não devemos escamotear os problemas, mas devemos buscar soluções para eles”.

O camarada Enver liga tudo com o homem, com o povo. A ciência para aumentar a produção, para melhorar o bem-estar do povo, essa foi a essência de seu discurso.

“A revolução técnico-científica deve ser compreendida em sua essência ideológica — disse-me ele, chamando a atenção para como esta questão deve ser tratada no relatório no qual eu estava trabalhando — O capitalismo promove a revolução técnico-científica a fim de intensificar o trabalho, de espremer mais uma parte da classe trabalhadora e jogar o resto na rua. Em nosso país as coisas são diferentes. Mesmo que a maquinaria torne a força de trabalho de uma empresa redundante, em escala nacional, essa força de trabalho nunca será redundante”.

O camarada Enver enfatizou que a revolução técnico-científica no socialismo não implica desemprego, mas o impede; que o progresso deve incluir o equipamento e as pessoas simultaneamente. Ele considerou a revolução técnico-científica como um dos principais caminhos para a libertação das massas trabalhadoras do fardo da labuta física, para reduzir as distinções entre trabalho físico e trabalho intelectual.

“Quando falamos da produtividade do trabalho, que está diretamente ligada à revolução técnico-científica — notei suas palavras — devemos ter em mente que isto criará possibilidades para darmos ao trabalhador mais tempo para descansar. Não devemos esquecer o aspecto humano, que não é devidamente levado em conta por todos. Dizem-me que em alguns coletivos eles se excedem, sobrecarregando os trabalhadores, além de seu trabalho, com reuniões após reuniões. Mesmo aos domingos, os trabalhadores são solicitados a fazer trabalho voluntário. Isto não é permitido. O trabalho voluntário é necessário, mas não deve ser feito em excesso, não a mesma pessoa todas as semanas. Devemos aumentar a produtividade, mas isto deve ser conquistado através da mecanização, melhorando as condições e meios do trabalho”.

Na prática, as teses e argumentos fundamentais não apenas da 8ª Plenária do Comitê Central do partido, mas também de todas as outras reuniões importantes do partido, surgiram em tais conversas, na livre troca de opiniões com os camaradas.

A revolução técnico-científica é um processo que traz mudanças profundas na

vida da sociedade, no desenvolvimento da economia e da cultura. Mas, como o camarada Enver assinalou, na prática acontece que não se faz distinção entre ciência pura e um pequeno avanço tecnológico. Naturalmente, precisamos das duas, tanto da ciência pura quanto de qualquer melhoramento tecnológico e técnico, por menor que seja. Mas a ciência pura não é uma coisa comum, é uma síntese de alto nível de longa experimentação, que abre amplas perspectivas de conhecimento e aplicação para hoje e para o futuro.

O conselho que Enver Hoxha deu ao nosso povo, onde quer que trabalhem, de que deveriam ter uma apreciação adequada tanto do trabalho científico puro como do trabalho da aplicação da ciência na prática, permanece plenamente válido. As experiências nas minas, na agricultura e nos laboratórios são a origem das sínteses científicas que levam a ciência adiante.

Enver Hoxha lutou com inteligência e sabedoria a unificação das massas à ciência. Ele os armou com confiança para embarcar neste caminho. A ciência é um fenômeno social, assim como a arte, a literatura etc. A ciência tem suas raízes no solo social, político, econômico e ideológico. Ela nasceu em uma determinada época histórica e seu desenvolvimento e aplicação são condicionados também, pelo caráter da ordem social, sublinhava ele.

O camarada Enver enfatizou especialmente o papel emancipador da ciência. “A ciência — declarou ele — desenvolve o pensamento, liberta-a dos grilhões do idealismo, dos preconceitos e do misticismo religioso. Ela descobre e elabora os melhores e mais racionais métodos de pensamento e ação. Ao desenvolver a ciência, ao transformar a natureza e a sociedade, o homem também muda e se desenvolve. Quanto mais rapidamente a ciência avança, mais escuridão e misticismo serão deixados para trás e mais rapidamente desaparecerão”.

Como já assinalai, o camarada Enver estava intimamente ligado à ciência e a seus novos desenvolvimentos. Entre as diferentes disciplinas, porém, as ciências *albanológicas*, como nos acostumamos a chamá-las de maneira convencional, eram, pode-se dizer, as mais próximas ao seu coração. Suas instruções concretas sobre as ciências históricas, linguísticas, arqueológicas e etnográficas, sobre o avanço passo a passo para lançar luz sobre o passado, procedentes do conhecido ao desconhecido, foram de muito grande valor. Ele nunca confundiu seus desejos com as possibilidades. Em mais de uma ocasião, ele demonstrou interesse em ilumi-



nar os períodos *pelasgos* ou *etruscos* com os métodos científicos. Entretanto, ele foi objetivo em seu julgamento e salientou que antes de orientar os estudos sobre a antiguidade para esta questão, devemos esclarecer plenamente os principais problemas da conexão ilírio-albanesa. Não se pode pretender explicar um desconhecido por meio de outro que está em vias de se tornar conhecido.

Esta orientação, de fato, tem servido como uma linha para os trabalhadores científicos e as instituições engajadas neste campo. Eles não foram desviados para questões laterais, para questões dos etruscos, para os problemas da cultura pelasga e pré-pelasga ou para o círculo de enigmas da civilização mediterrânea, etc.

Os volumes das obras do camarada Enver incluem uma série de estudos históricos puramente científicos, embora sejam apresentados como artigos, discursos, memórias e notas históricas e políticas. Eles constituem sínteses e modelos completos da aplicação concreta de metodologia e métodos estritamente científicos em suas análises de movimentos revolucionários, figuras históricas, relações interestatais, o papel da religião e os valores dos antigos filósofos, os diferentes períodos da história de nosso povo, etc. Entre eles podemos citar *O Levante do Campesinato da Albânia Central, Liderado por Haxhi Qamili*; *Sobre os Homens da Renascença*; *Erguer-Se Acima Das Antigas Animosidades*; *Um Pouco de História*; *Centenário do Nascimento de Josef Stálin* e muitos outros. É um fato que o movimento dos camponeses da Albânia Central tomou o lugar que merece na historiografia albanesa apenas devido à intervenção direta do camarada Enver Hoxha, sem cuja contribuição teria permanecido, talvez por muito tempo, se não denegrido, pelo menos obscuro e encoberto.

Os trabalhos do camarada Enver Hoxha incluem muitos materiais sobre ciência como um sistema de generalizações teóricas e conhecimento das leis de desenvolvimento da natureza e da sociedade, como um campo especial de atividade social criativa em vários ramos do conhecimento. Alguns deles têm um caráter orientativo e servem ao enriquecimento da política cultural do partido. Mas, como disse, há também muitos materiais que têm o caráter de estudos e tratados com plena competência profissional.

A paixão do camarada Enver pelas ciências albanológicas se explica não apenas com seu patriotismo, mas também com seu profundo conhecimento neste campo. Tive a oportunidade de discutir este tema com ele em inúmeras ocasiões, especial-

mente quando a história teve que ser defendida contra distorções dos inimigos.

“A historiografia burguesa e diferentes chauvinistas — disse-me ele — atacam nosso passado, as figuras históricas de nosso povo taxando-os como ‘ídolos antiquados’ com o objetivo de esfriar a juventude em relação a eles. Com isso, de fato, eles querem negar nossa história, arrogar-se o direito de predeterminar o nosso fim, porque, como se sabe, um povo sem história não tem futuro”.

Ele insistiu que sentimentos e paixões poderosas sobre nossa antiguidade e a biografia das gerações anteriores deveriam ser fomentados na juventude.

“Em minha opinião — disse ele em uma reunião da Secretaria do Comitê Central do partido — nas reuniões da juventude, depois de discutidos os problemas do trabalho, é bom falar sobre nossas tradições, sobre história, arqueologia e até mesmo sobre as artes populares de entalhar ou bordar”.

Nesta reunião, o camarada Enver falou com entusiasmo sobre as realizações de nossa ciência, especialmente sobre a continuidade ilírio-albanesa e a autoc-tonia de nosso povo.

Quando retornou a Tirana após suas visitas a Gjirokaštër e Sarandë, em março de 1978, ele falou extensivamente a Hysni Kapo, Hekuran Isai, Prokop Murra e a mim sobre as impressões vívidas que ele havia conquistado e o prazer que tinha tido entre o povo. Ele falou sobre o grande otimismo do povo, sobre os resultados que aqueles dois distritos haviam alcançado em seu trabalho e expressou algumas opiniões sobre o que poderia ser feito para seu futuro progresso no campo da economia e da cultura. Em seguida, ele se debruçou sobre a visita que havia feito a Butrint.

“Eu dei aos camaradas alguns conselhos sobre como eles deveriam estudar a antiguidade — disse ele, voltando-se para mim — Um ótimo trabalho está sendo feito lá em Butrint, mas mais pode ser feito”.

Quando a reunião diária da Secretaria do Comitê Central terminou, pedi para ver as anotações completas que os camaradas haviam tomado sobre a visita a Butrint e as li cuidadosamente. Havia inúmeras instruções e diretivas:

“Vocês, cientistas e arqueólogos — o camarada Enver havia instruído os trabalhadores científicos presentes na cidade antiga — devem fazer estudos precisos. O que é ilírio é ilírio, o que é romano ou grego é romano e grego. Nossa cultura tem suas próprias características específicas e ocupa um lugar de honra entre as

antigas culturas dos povos. Portanto, é necessário fazer estudos para escavar o território, polegada a polegada, para fazer comparações e tirar conclusões sobre quais dos valores pertencem à nossa cultura antiga e quais são os empréstimos e assim por diante”. Antes de deixar a antiga cidade de Butrint, o camarada Enver aconselhou os especialistas:

“Vocês devem fazer maiores esforços, devem estudar a fim de trazer à luz estes tesouros, que revelam a cultura de nosso país e que outros quiseram esconder de nós, negar-nos, danificar e roubar de nós”.

Todo o pensamento do camarada Enver sobre o campo científico está impregnado pela ideia do papel insubstituível da ciência como força motriz para levar adiante não apenas o conhecimento e a cultura, mas também a produção e a economia, de fato esta última é a primeira e a mais importante. O conhecimento que não ajuda a aumentar as bênçãos materiais e elevar o bem-estar do povo não tinha valor aos seus olhos.

Ele também viu outro aspecto da utilidade da ciência. Uma vez durante uma conversa, precisamente no encontro com os principais quadros da Academia de Ciências, que havia acabado de ser formada, eu lhe disse, principalmente para encorajar os cientistas:

“Os cientistas também são organizadores capazes”.

Ele se apoderou disso e continuou:

“Sem dúvida, com certeza, porque, o que é organização? Organização é conhecimento, cultura, conhecimento das leis gerais dos processos de trabalho e psicologia social”.

Os pensamentos do camarada Enver sobre a ciência e os cientistas foram apropriados e organizados no livro *Sobre a Ciência*. Mas falando figurativamente, este título poderia ser aplicado a todos os volumes de suas obras. Como ele mesmo disse, a ideologia marxista é a verdadeira ciência. Neste sentido, o valor do pensamento teórico de Enver está precisamente em seu caráter científico, em sua força sintetizadora e generalizadora.





# UM GRANDE PATRIOTA E UM ARDENTE INTERNACIONALISTA\_

– PINTURA DE VILSON KILICA

“O CAMARADA ENVER HOXHA”



*Enver Hoxha dá um golpe mortal nos planos do covarde Nikita Khrushchev, 1960.*



*Enver Hoxha sempre manteve um profundo contato com as massas do povo, 1943.*

## UM GRANDE PATRIOTA E UM ARDENTE INTERNACIONALISTA

O PENSAMENTO TEÓRICO E A ATIVIDADE POLÍTICO-SOCIAL DE ENVER HOXHA são ricas e se estendem em todos os campos da vida. Mas, se quisermos distinguir uma esfera na qual ele demonstrou um interesse especial permanente, esta, sem dúvida, é a esfera dos assuntos internacionais: a política externa do partido e as relações internacionais de nosso Estado, as questões do desenvolvimento mundial atual e a luta contra o revisionismo moderno. Este tem sido o principal campo da minha colaboração com o camarada Enver. Dificilmente houve um dia em que não discutimos os assuntos externos, os acontecimentos que ocorreram no mundo, especialmente aqueles ligados ao nosso país.

O camarada Enver sempre estava bem informado sobre tudo relacionado à política externa, ele lia diversos livros sobre a história das relações internacionais e do direito internacional, bem como o desenrolar dos eventos de diversas regiões do mundo e os “pontos chave” do nosso planeta; prestava muita atenção à imprensa estrangeira, às declarações oficiais de várias personalidades e aos comentários das principais agências de notícias; ouvia transmissões políticas no rádio e na televisão, mantinha-se em contato a cada dia com as reportagens de nossas embaixadas e as informações do Ministério das Relações Exteriores, estudava vários materiais e reportagens sobre o Movimento Comunista Internacional etc.

Enver Hoxha sempre simpatizou sinceramente com os dramas e sofrimentos de todos os povos e de todos os revolucionários, ele analisou cuidadosamente cada evento da África e da América Latina, da Ásia ou dos Estados Unidos da América, onde quer que tenham ocorrido. Sem dúvida, acontecimentos que estavam mais diretamente ligados ao nosso país, tais como eventos na Europa, nos Bálcãs, na bacia do Mediterrâneo e no Oriente Médio atraíram sua principal atenção. Sobre



tudo isso, ele refletiu, discutiu continuamente, tirou conclusões e escreveu.

Os *Diários Políticos de Enver Hoxha* têm um valor único, pois são elas quem documentam o processo de desenvolvimento do pensamento marxista-leninista sobre questões internacionais. Ele representa uma verdadeira crônica enciclopédica das lutas do povo pela libertação nacional e social nas últimas décadas. Este corpo separado de suas obras, de volume em volume e de página em página, apresenta uma procissão de personalidades políticas, história e eventos, e os destinos dos povos e nações de todas as partes do globo. Contém muitas conclusões e instruções sobre a atividade internacional da Albânia, bem como conselhos e instruções, valiosas até hoje, sobre o fortalecimento da vigilância e a defesa de nossa independência e soberania nacional.

O camarada Enver guiou a atividade internacionalista de nosso partido e de nosso Estado dia após dia. Acompanhando o desenvolvimento das situações e baseando-se na linha do partido, ele formulou as posições concretas que tinham que ser tomadas em relação a elas e as tarefas que surgiram para o Ministério das Relações Exteriores e outros órgãos estatais, de nossa imprensa e da nossa propaganda. Como resultado, se pode dizer sem hesitação que não há nenhum documento importante do partido e do governo, nenhuma declaração oficial ou artigo principal de nossa imprensa sobre assuntos internacionais, que não tenha sido elaborado sob sua orientação. Muitos destes materiais foram escritos por ele pessoalmente, enquanto uma grande parte deles foi formulada com base nas teses e sugestões que ele fez.

As conversas com o camarada Enver sobre questões internacionais sempre foram muito animadas e interessantes. Não só pela forma como ele analisava os acontecimentos e relacionava um fenômeno com outro, não só pela profundidade de seu pensamento e pela clareza com que expunha suas ideias, mas também pela riqueza de informações históricas, econômicas, culturais e geográficas com as quais acompanhava os argumentos que apresentava. No campo dos fenômenos internacionais, como em todos os campos, Enver Hoxha foi criativo, especialmente a partir dos aspectos táticos. Em todos os momentos ele viu e colocou os interesses presentes e futuros de nossa nação socialista, os interesses da revolução, acima de tudo.

Uma característica notável do camarada Enver foi sua capacidade de reagir a

eventos específicos com determinação, clareza e no momento adequado. Muitos se lembram dos eventos da Tchecoslováquia em 1968. No dia da intervenção soviética contra aquele país, ele, o camarada Manush Myftiu e eu estávamos de folga em Vlorë. Assim que ouvimos o anúncio feito por rádios estrangeiras de que o exército soviético e as forças do Tratado de Varsóvia haviam entrado na Tchecoslováquia, nos reunimos. O camarada Enver imediatamente descreveu este ato como uma agressão de tipo fascista. Mas ao mesmo tempo ele viu nele um perigo que poderia ameaçar nossa liberdade e independência.

“Vamos voltar para Tirana imediatamente — disse ele — Devemos discutir com os camaradas como agir. Os eventos da Tchecoslováquia são um precedente que pode ter consequências imprevisíveis”.

“Com sua intervenção militar na Tchecoslováquia, os soviéticos querem se dar o direito de *punir* qualquer um que os desobedeça” — eu comentei.

“É exatamente aqui que reside o perigo — continuou Enver —, Brejnev e sua quadrilha estão usando o exército. Portanto, agora entre nós e eles não se trata mais apenas de contradições ideológicas, que derivam da traição de khrushchevista aos ensinamentos do marxismo-leninismo. De agora em diante a União Soviética deve ser considerada como um país social-imperialista que ameaça à liberdade de nossa pátria”.

O destino de nosso país foi a preocupação fundamental do camarada Enver.

“Quando não hesitou em atacar um país aliado, — levou a ideia adiante ao analisar o ato soviético — por que não deveríamos pensar que ele poderia fazer tal coisa contra a Albânia ou a Iugoslávia também?”

Voltamos imediatamente a Tirana. Em uma reunião especial do Birô Político, aprovamos uma declaração que foi publicada com as assinaturas dos membros do Comitê Central do Partido e do Conselho de Ministros, na qual a agressão contra a Tchecoslováquia foi condenada com severa indignação. Nesse mesmo dia, foi tomada a decisão de convocar uma Plenária do Comitê Central para discutir a situação criada. Na reunião do Birô Político, o camarada Enver levantou a questão da denúncia do Tratado de Varsóvia.

“Chegou a hora de nosso país se retirar de vez deste pacto militar, já que agora se transformou em um pacto tão agressivo como a OTAN. É verdade que de fato não fazemos parte dele há muito tempo, porque os revisionistas nos expulsaram,

mas agora nós, de nossa parte, devemos denunciar publicamente o Tratado de Varsóvia e proclamar nossa retirada do mesmo e todas as obrigações para com ele.”

Mais tarde esta proposta de Enver Hoxha foi aprovada por unanimidade pelo Comitê Central do Partido e foi sancionada por lei pela Assembleia Popular da República Popular da Albânia.

O camarada Enver Hoxha escreveu um livro inteiro sobre nossa amizade com o povo grego. Ele reflete claramente a política consistente de nosso partido e governo em relação aos nossos vizinhos. Mas este livro é também uma brilhante ilustração dos esforços de nosso Estado para utilizar as situações que foram criadas em benefício de nosso país e para abrir o caminho para o desenvolvimento favorável das relações com outros países.

No início de 1984, a reação grega liderada por representantes da igreja e por círculos chauvinistas que reivindicam “Vorio-Epirote” criaram uma comoção racista anti-albanesa. Isto não nos surpreendeu, porque tais coisas já haviam acontecido antes, mas naquele ano as ações reacionárias foram mais agressivas. As coisas foram tão longe que estes círculos até organizaram provocações contra nossa embaixada em Atenas, explodindo veículos e realizando manifestações sinistras.

Naquela época, tivemos várias discussões com o camarada Enver sobre esses atos provocadores e os pontos que deveríamos manter. Ele analisou cuidadosamente todas as informações que recebemos, acompanhou as reações de cada país e, especialmente, observou as políticas de todos os círculos ideológicos gregos.

“Devemos nos opor resolutamente às atividades da reação — disse ele —, mas também devemos ser pacientes. Esta reação não vem do povo grego, nem do atual governo grego. Devemos ter em mente que o agravamento das relações albanogregas hoje é do interesse dos imperialistas, e especialmente de certos círculos iugoslavos, que estão ansiosos para aproveitar qualquer *fato* para *confirmar* sua tese de que os albaneses são supostamente causadores de problemas, um povo que odeia seus vizinhos, etc.”

Através das prudentes posições que adotamos, os objetivos reacionários fracassaram e as relações de amizade com o povo grego se ampliaram.

Em maio de 1984, informei o camarada Enver sobre alguns sinais positivos que nos haviam chegado do governo grego, nos quais foi expresso um desejo de aproximação e de boa vizinhança. Sem a menor hesitação, ele deu instruções para que

também nós respondêssemos ao lado grego com os mesmos desejos. Assim, nosso vice-ministro das Relações Exteriores foi enviado à Grécia, e mais tarde Károlos Papúlias, exercendo na época a função de ministro suplente das Relações Exteriores da Grécia, veio à Albânia. Uma nova atmosfera promissora começou em nossas relações.

Nestas condições, sob proposta do camarada Enver, nosso lado fez outro gesto amigável, ao decidir abrir o ponto de passagem de fronteira em Kakavijë. Alguns dias antes da respectiva cerimônia, o camarada Enver, que não estava de boa saúde naquela época, me convocou para sua casa. Conversamos sobre vários problemas internos e externos, e a conversa chegou até a abertura de Kakavijë.

“Este evento tem grande importância para as relações entre nossos dois países — disse-me ele — Portanto, deve ser organizado da melhor maneira possível”.

“Há uma ideia — disse eu — que a cerimônia deveria ser simplesmente uma questão de protocolo. Os gregos anunciaram que Papúlias e algumas outras personalidades estarão presentes nesta ocasião. Portanto, alguns dizem que nós também devemos mantê-lo neste nível”.

“Por que deveríamos? — ele questionou — Aqueles que pensam assim, estão errados. Pelo contrário, seria melhor se a cerimônia fosse organizada com ampla participação do povo de ambos os lados da fronteira. Que este evento seja transformado em uma manifestação da amizade greco-albanesa. Por isso, zele pessoalmente para que tudo corra da melhor maneira possível”.

E foi assim que foi feito. Milhares de albaneses e gregos, pessoas comuns e oficiais, participaram alegremente, com canções e danças, não como uma cerimônia protocolar, mas como uma celebração popular de nossa amizade comum.

Apesar das irreconciliáveis contradições ideológicas e políticas que existiram e ainda existem entre a Albânia e a Iugoslávia, Enver Hoxha esforçou-se para criar condições favoráveis para o estabelecimento de relações estatais o mais estáveis e úteis possível com nosso vizinho do norte. Já em 1970, ele formulou e anunciou publicamente a grande promessa de que se a Iugoslávia for atacada por uma das superpotências imperialistas, o povo albanês lutará ombro a ombro com seus povos. Ele também formulou e anunciou a outra promessa de que nenhum mal veio ou virá para qualquer um dos países vizinhos da Albânia.

Em junho de 1983, enquanto Presidente do Presidium da Assembleia Popular,

visitei alguns dos distritos do norte. Por sugestão do camarada Enver, repeti estas declarações, especialmente no discurso que fiz no distrito de Tropojë, a fim de afirmar mais uma vez que queremos amizade e boas relações de vizinhança com a Iugoslávia.

Cerca de dois anos depois, em janeiro de 1985, quando a inauguração de nossa parte da ferrovia que liga Shkoder com Titograd estava para acontecer, ele me instruiu que deveríamos convidar uma delegação iugoslava para esta cerimônia. Este foi mais um gesto de amizade para com nosso vizinho do norte. Entretanto, deve ser dito que os desejos de nosso lado não encontraram a resposta que esperávamos. Quando é que alguma personalidade iugoslava declarou pública e solenemente que nenhum mal virá à Albânia do território iugoslavo? Ou, quem prometeu solenemente, em nome do Estado iugoslavo, que se a Albânia for atacada por uma superpotência, os povos da Iugoslávia estarão ao lado do povo albanês? Ninguém o fez, nunca.

Enver Hoxha é o fundador da política externa de nosso partido e de nosso estado socialista. As posições de princípio e corajosas de nosso partido e de nosso povo em relação aos problemas e acontecimentos internacionais, sua luta resoluta contra o imperialismo e a reação, sua irreconciliabilidade com o revisionismo moderno e o oportunismo político e ideológico, em geral, conquistaram o respeito à Albânia e a fez um nome honrado em todo o mundo, estão diretamente ligados ao seu patriotismo ardente e ao internacionalismo consistente.

Se nas outras esferas de produção e civilização, na economia e na cultura, pode-se dizer com justiça que o desenvolvimento do país na época do partido começou praticamente do nada, do zero, na política externa esta afirmação seria incorreta. Neste campo, primeiro foi necessário destruir todo o sistema de laços com o mundo, por meio do qual o regime antipopular de Zog havia colocado a Albânia na posição de uma colônia dependente. Sem a denúncia e a revogação deste sistema não se poderia falar de uma nova política externa, que responderia à política interna democrática, popular e nacional do novo Estado albanês.

Foi Enver Hoxha quem, da tribuna do Congresso de Përmet, declarou nulos todos os atos escravizadores e subjulgadores assinados anteriormente entre a Albânia e alguns países imperialistas. Este foi um grande ato patriótico, uma importante e grande posição com visão para o nosso futuro, uma conclusão lógica

que o partido havia tirado da experiência da Guerra de Libertação Nacional. De fato, com este ato ele advertiu as diversas potências imperialistas e chauvinistas que, doravante, as mentalidades e práticas imperiais tradicionais em relação ao nosso país não funcionariam mais. Ninguém poderia tratar a Albânia como uma possessão, um sinal de permuta em seus próprios interesses.

Nos anos do socialismo, as relações internacionais da Albânia com o mundo mudaram radicalmente. Durante a guerra, Enver Hoxha também se distinguiu como estadista e diplomata de sabedoria única. Ele fez do princípio da preservação da completa soberania nacional a pedra fundamental da política externa da Nova Albânia. Ele insistiu que a Albânia deveria ter uma palavra a dizer no mundo, que deveria defender seus próprios interesses diretamente, sem intermediários, sem “protetores”, ou terceiros. A afirmação da política externa albanesa, como uma política internacionalista, inteiramente independente, de princípios, conseguida através de uma dura luta ideológica e diplomática, começou na época da Guerra de Libertação Nacional, com a inequívoca oposição às intenções dos anglo-americanos de meter o nariz nos assuntos internos da Nova Albânia. Este processo de particular importância para a independência do país continuou com a luta diplomática para garantir ao novo Estado albanês o mesmo status que os outros Estados e nações que participaram da coalizão antifascista mundial. A famosa declaração de Enver Hoxha na Conferência de Paz de Paris jamais será esquecida:

“A Albânia não enviou aqui sua delegação para prestar contas, mas para exigir uma contabilidade”.

Esta coragem de nosso partido não se deveu apenas ao fato de que exigíamos um direito mais do que legal, mas também ao amplo apoio que ele tinha entre o povo. Na época em que Enver Hoxha falou nesta Conferência, um poeta popular cantou:

*Em Paris, a ONU se reuniu,  
Fale Enver, bravo, bravo,  
Fale pelos nossos direitos,  
Quero que você fale com eles assim.*

Hoje a Albânia socialista tem numerosos amigos e camaradas em todo o mundo. O partido fez estes amigos e conquistou seu firme apoio através de suas posições

abertas e corajosas, suas palavras sinceras e resolutas sobre todos os problemas que estão fervilhando no mundo, e os princípios corretos sobre os quais construiu sua política externa, que se baseia no fator interno, na unidade política e moral do povo, na situação sólida e saudável que prevalece na economia, em nossa cultura e vida social, em todos os sucessos de nossa ordem socialista.

A política externa, os princípios e as ações de nosso partido e de nosso Estado socialista na arena internacional são guiados pelos elevados e nobres objetivos do povo para salvaguardar e consolidar a liberdade e independência do nosso país, para assegurar condições pacíficas para a construção socialista do país e cumprir seus deveres internacionalistas. Enver Hoxha exortou a nova diplomacia albanesa a seguir este rumo. Ele partiu do princípio de que a Albânia e seu povo precisam do maior número possível de amigos e aliados.

Nossa política externa nasceu da guerra pela libertação e seu conteúdo foi enriquecido em nossos esforços para salvaguardar as vitórias alcançadas. Como tal, ela é portadora de ideais amantes da liberdade, de aspirações à igualdade e ao respeito mútuo nas relações internacionais, e de colaboração sincera, excluindo qualquer ditame ou imposição entre diferentes países.

Como país socialista, liberto das ideologias e mentalidades das antigas sociedades feudais e burguesas, como um povo que durante séculos foi escravizado, negado como nação, dilacerado por estrangeiros, nós, albaneses, não estamos com medo das animosidades e ódios nacionalistas, com as pretensões expansionistas e hegemônicas, tão difundidas não só entre as grandes potências, mas também ideologicamente pela burguesia, ou com as ambições de domínio e dominação que ainda confundem as mentes dos círculos dirigentes em muitos outros países.

*Desejamos a felicidade a todos os povos!*

É precisamente esta nossa disposição que faz com que o ponto de vista albanês sobre o desenvolvimento da luta de classes mundial seja respeitado pela comunidade internacional dos povos. Isto aconteceu também, porque nosso partido e Enver Hoxha tiveram visões claras sobre cada desenvolvimento importante, porque em nenhum caso nós esperamos até que outros se expressassem para se conformar a uma posição, mas expressamos francamente um julgamento independente e maduro, sem ressalvas infantis, penetrando na essência das causas dos acontecimentos, denunciando a quem mereceu: as superpotências, os chau-

vinistas, a reação internacional, fazendo dos imperialistas o alvo de sua denúncia.

A luta ideológica de nosso partido contra o revisionismo moderno permaneceu uma página gloriosa em sua história. Esta luta trouxe à tona com força especial a personalidade de Enver Hoxha como um notável marxista-leninista, como um lutador indomável e defensor ferrenho das ideias de Marx, Engels, Lênin e Stálin, como um grande revolucionário proletário que lutou com singular coragem e determinação para aplicar as ideias do socialismo científico na Albânia e para defender a bandeira da revolução no Mundo. A ele pertence o principal mérito para determinar as posições de princípio, que nosso partido tem mantido em todos os momentos, na luta contra o revisionismo moderno, seja contra o revisionismo Iugoslavo Titoístas ou contra o revisionismo soviético, chinês ou eurocomunista. Ele formulou as principais ideias desta luta, elaborou os argumentos teóricos e desempenhou o papel decisivo na determinação da estratégia e das táticas da luta revolucionária.

O primeiro confronto de nosso partido com a traição começou com o revisionismo iugoslavo. O camarada Enver deu uma extensa descrição desta luta de nosso partido em seu conhecido livro *Os Titoístas*, e também criticou o caminho iugoslavo do “socialismo específico” com competência dialética marxista-leninista em seu trabalho *A Autogestão Iugoslava, Teorias e Práticas Capitalistas*. Agora a própria realidade iugoslava, o caos político e econômico que envolveu a Iugoslávia atual, confirma plenamente a análise e as previsões de Enver Hoxha sobre este sistema, que se dizia ser um modelo de socialismo para todos os países. Portanto, comentários são desnecessários.

Nosso partido sempre empreendeu a luta contra o revisionismo iugoslavo, como contra qualquer outra variante do oportunismo, antes de tudo, a partir de posições de princípio de caráter ideológico, procedentes dos interesses gerais do socialismo, da preocupação internacionalista com o futuro da revolução. Nunca, por um momento, nosso partido se deixou abalar pelas águas do nacionalismo.

Não é raro que inimigos, bem como pessoas desinformadas, tenham tentado apresentar a luta do partido e de Enver Hoxha contra o oportunismo, nosso confronto com os revisionistas iugoslavos, soviéticos e chineses como sendo inspirado por motivos nacionalistas restritos, como se fosse consequência de uma política de “administrar pelo caos”. É claro que isto está errado. Se houve algum impulso



nacional neste gênero, e houve, isto está ligado ao fato de que, partindo de sua própria ideologia revisionista, tanto os iugoslavos como os soviéticos, e posteriormente os chineses, tentaram impor sua linha ao nosso partido e país, agiram para transformar a Albânia em um instrumento de sua política e de suas ambições, portanto, procuraram prejudicar a soberania e independência de nosso povo.

Nosso partido entrou em conflito e travou sua luta de princípios contra todas as variantes do revisionismo não por questões mesquinhas ou laterais, não por desacordos momentâneos, mas por problemas fundamentais da teoria e da prática do socialismo, ou seja, por questões que têm a ver com as leis universais do marxismo-leninismo. Nossa luta se dirige contra as mentiras revisionistas de que supostamente o tempo da luta de classes, o tempo das revoluções e guerras de libertação nacional já estão superadas para sempre, e que a época da *harmonia universal*, da *conciliação de classes*, da *colaboração entre os capitalistas e socialistas* começou.

A corrente revisionista mais perigosa para o movimento comunista mundial tem sido e ainda é o revisionismo soviético. Cerca de três décadas se passaram desde que nosso partido iniciou a luta aberta face a face contra os khrushchevistas. Este é o período em que as qualidades revolucionárias de nosso partido, sua coragem e confiança inabalável na causa da revolução, sua capacidade ideológica e política para enfrentar os inúmeros ataques e intrigas dos inimigos do comunismo, se destacaram com força especial. Nestes anos, Enver Hoxha surgiu diante dos comunistas e da opinião mundial, mais claramente do que em qualquer outro momento, não apenas como um militante destemido, mas também como um grande teórico marxista-leninista, mostrando todas as suas ricas qualidades políticas, morais e sociais.

Livros inteiros, memórias e obras artísticas, artigos e estudos foram escritos sobre a luta épica de nosso partido contra o revisionismo de Nikita Khrushchev. De particular valor é o livro de memórias do camarada Enver *Os Khrushchevistas*. Ele reflete a luta de nosso partido em um amplo plano histórico, político e ideológico, e fornece fatos para provar a correção de sua linha e posição.

Como membro da liderança do partido, encarregado das questões ideológicas e das relações exteriores, desde o momento em que as contradições com os revisionistas khrushchevistas se manifestaram, eu era um dos combatentes próximos do

camarada Enver, foi estando ao seu lado que a batalha começou. Também participei de muitas reuniões nas quais nosso partido entrou em conflito com os revisionistas soviéticos. Nessas linhas, tentarei evitar repetir eventos bem conhecidos. Entretanto, quando for obrigado a me referir a eles, farei isso para mostrar como o camarada Enver reagiu, como ele julgou e decidiu neste ou naquele momento, assim como aqueles eventos inesquecíveis foram impressos em minha memória.

No início dos anos 60, a União Soviética ainda gozava de indiscutível prestígio e autoridade aos olhos dos povos, dos comunistas e de todos os revolucionários, como primeiro país socialista e centro do comunismo internacional. A linha revisionista de Khrushchev, que havia começado a se impor, especialmente depois do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), estava bem encoberta com frases comunistas. Khrushchev se fez passar por um seguidor coerente de Lênin.

Naquela época não era fácil levantar sua voz contra os desvios do Partido Comunista da União Soviética. Em primeiro lugar, isto significava atrair para si o fogo da ira de um grande partido e de um país poderoso, como era a União Soviética. Portanto, antes de decidir começar a batalha, você tinha que se decidir a fazer frente a todo tipo de pressão e represálias de caráter político, econômico ou mesmo militar. E naquela época, a Albânia não era o que é hoje. Agora nossa economia interna produz cerca de 85% dos bens de consumo, e mais de 90% das peças de reposição que necessitamos, a renda da exportação cobre todas as necessidades da economia para maquinário e produtos de importação, e produzimos todo o nosso pão dentro do país. Mas em 1960? Naqueles anos, nossa produção industrial total foi um sétimo da atual naquela época, obtivemos uma média de 12 a 13 quintais de grãos de pão por hectare e, para garantir nosso pão, fomos obrigados a importar do exterior, principalmente da União Soviética, dezenas e até centenas de milhares de toneladas de trigo e milho a cada ano.

Opor-se ao partido Comunista da União Soviética, que tinha grande autoridade política e teórica, significava isolar-se, pelo menos por algum tempo, da maioria dos partidos comunistas do mundo.

Precisamente aqui reside o heroísmo do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), a grandeza de sua decisão e sua coragem e determinação pela causa do marxismo-leninismo, pela causa do socialismo e do comunismo.

No final de junho de 1960, o camarada Hysni Kapo, que estava em Bucareste representando nosso partido no Congresso do Partido dos Trabalhadores da Romênia (PTR), relatou que em uma reunião improvisada com os delegados estrangeiros, Khrushchev e seus associados, além de atacar o Partido Comunista da China (PCCh), também havia iniciado um ataque aberto ao nosso partido. Os soviéticos ficaram descontentes com o fato de que, em Bucareste, não nos juntamos a eles em seus ataques contra o PCCh, ficaram descontentes com o fato de nosso partido ter descrito a reunião apressada de Bucareste como prematura, uma reunião fora de ordem do ponto de vista organizacional, e conspiratória do ponto de vista político.

Na noite de 25 de junho eu estava com o camarada Enver, quando, por volta das sete horas, chegou um radiograma de Hysni, que nos informou sobre a grave situação criada em Bucareste, as pressões e provocações que estavam sendo feitas contra ele, e os ataques insidiosos que Khrushchev e companhia estavam dirigindo cada vez mais contra nosso partido.

O radiograma refletia claramente a atmosfera criada pelos khrushchevistas em Bucareste.

“Estou muito perturbado com a situação que se desenvolve nos bastidores — escreveu Besnik Kapo — Intrigas e narrativas estão se chocando... uma pressão terrível já está em nosso horizonte”.

Era hábito do camarada Enver, quando uma posição política tinha que ser determinada, exprimir as opiniões a favor e contra, e raciocinar sobre elas na forma de um diálogo. Através destes *debates* e destes *diálogos* ele chegou à conclusão sobre qual posição deveria ser adotada, como deveríamos agir, que argumentos deveríamos usar. Foi o que ele fez naquela noite também. Ele propôs uma tese, eu dei uma resposta, ele apresentou um argumento, eu um contra-argumento.

As horas se passaram. No final, com base na orientação que o Birô Político havia estabelecido anteriormente, o camarada Enver formulou dois radiogramas para Hysni, nos quais ele o instruiu a não aceitar qualquer acusação contra nosso partido, mas a dar uma resposta firme e clara a qualquer pessoa que atacasse sua linha. Ele também o instruiu a recusar assinar qualquer documento que não estivesse em conformidade com nossas posições e decisões.

“Você deve falar de acordo com as instruções do Birô Político — instruiu o cama-

rada Enver — porque nunca podemos concordar com o espírito e os métodos que estão sendo usados nesta reunião para a solução dos problemas do movimento comunista internacional. A opinião de nosso partido é que estas questões devem ser tratadas com cuidado, com cabeça fria e com espírito de camaradagem, de acordo com as normas leninistas”.

Durante nossa troca de opiniões, naquela noite de 25 de junho, o camarada Enver estava plenamente consciente de que os soviéticos atacariam nosso partido e nosso país com toda sua ferocidade. Ele repetiu várias vezes que devemos estar preparados para resistir a qualquer tipo de pressão ou provocação. Acima de tudo, a solidariedade do partido e a unidade do povo ao seu redor deve ser fortalecida. Ele estava particularmente preocupado com a presença da base naval soviética em Vlorë e com a possibilidade de que provocações com consequências perigosas pudessem ser feitas mais à frente.

“Ninguém pode fazer nada a um povo fortemente unido, liderado por um partido monolítico, fiel ao marxismo-leninismo” — enfatizou o camarada Enver.

Ele formulou e despachou o último radiograma à meia-noite, depois do qual saímos para tomar um pouco de ar fresco. Estávamos caminhando ao longo da avenida *Mártires da Nação*, a alguma distância do prédio do Comitê Central do partido, perto da Ponte Lana, quando ouvimos os sons de uma canção. Aparentemente, havia uma festa acontecendo no *Hotel Dajti* ou em algum outro lugar próximo.

“Os jovens estão dançando, se divertindo — disse o camarada Enver — Eles não sabem que neste momento, em Bucareste, uma grande tragédia está acontecendo contra o comunismo e os povos, contra o nosso povo”.

Voltamos para casa. Antes de nos separarmos, depois de enumerar mais uma vez os argumentos em que se baseava a posição do nosso partido em Bucareste, ele me perguntou:

“Poderíamos ter agido de outra forma?” — depois de ouvir minha resposta, “não há outra maneira, estamos certos”, ele continuou: “sim, estamos certos. Qualquer outra posição significaria traição ao marxismo-leninismo, traição ao povo e ao socialismo, significaria perda da liberdade e independência do nosso país. Por tudo o que nos é mais sagrado e conquistado em duras batalhas, não poderíamos ter tomado uma posição diferente!”

As contradições de nosso partido com Khrushchev e sua quadrilha já haviam começado há muito tempo. Deve-se dizer que a prolongada luta contra os revisionistas iugoslavos não só temperou nosso partido, mas também o abençoou com uma riqueza de experiência e uma forte intuição política. Isto ajudou nosso partido a descobrir muito rapidamente a semelhança entre khrushchevismo e o titoísmo, para ver que suas bases ideológicas eram idênticas e suas direções políticas semelhantes. Portanto, quando Khrushchev estava trabalhando para a conciliação com o revisionismo iugoslavo, nosso partido fez soar os sinos de alarme.

O Comitê Central de nosso partido se opôs oficialmente a este desvio da liderança soviética já em 1955. Mais tarde, não aceitou as decisões do 20º Congresso e a linha antimarxista que Khrushchev proclamou lá. Em particular, nunca aprovou os ataques ao trabalho do camarada Josef Stálin. Da mesma forma, não aceitou muitas outras teses oportunistas, que, como a prática confirmou, constituíram um abandono flagrante das posições do comunismo e uma concessão aberta à ideologia burguesa.

Até 1960, porém, estas e outras contradições haviam sido mantidas dentro de nossas duas partes e países. Elas não eram públicas, embora não fosse difícil para quem lesse nossa imprensa, os discursos do camarada Enver e outros documentos oficiais do partido com atenção, entender que havia uma diferença marcante de pontos de vista entre nós e o Partido Comunista da União Soviética. Estas diferenças se tornaram mais óbvias especialmente em momentos-chave, como nos eventos ligados à contrarrevolução húngara de 1956.

Os eventos húngaros foram o resultado direto do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Sob a influência da linha oportunista proclamada por Khrushchev, toda a escória da sociedade húngara (desde revisionistas, os Kulaks e a burguesia dentro do país, até os fugitivos, o Vaticano e os imperialistas) foram colocadas a postos conjuntamente em um grande ataque ao socialismo na Hungria.

Desde o início dos eventos húngaros, o camarada Enver viu neles os sinais da contrarrevolução em ação. Em setembro de 1956, quando a delegação do nosso partido e do nosso governo estavam a caminho para uma visita oficial à China, Coréia e Mongólia, o camarada Enver Hoxha conversou durante duas horas com os camaradas da liderança do partido Húngaro. Eu estava presente naquela reunião e lembro que ele disse aos húngaros, sem rodeios, que com suas posições eles

estavam estendendo um tapete para a reação marchar, que eles deveriam fechar imediatamente o caminho para ações antissocialistas, “caso contrário será tarde demais”, ele os advertiu.

Nos primeiros dias de outubro de 1956, no caminho de volta da China, quando nos encontramos com o secretário do Comitê Central do PCUS, Mikhail Suslov, o camarada Enver contou novamente aos soviéticos nossas opiniões sobre a situação na Hungria, sobre o papel minador de Tito e a atividade anticomunista de Imre Nagy. Suslov nos escutou com calma exterior, mas ele descontou nossas palavras, porque colocou a mão em uma gaveta de sua mesa e disse: “não se preocupe, porque aqui tenho a autocrítica de Imre Nagy. Tudo será colocado em ordem”.

Alguns dias depois, os comunistas foram enforcados e assassinados nas ruas de Budapeste, assim como no tempo do fascismo.

Naturalmente, com o passar do tempo, quanto mais Khrushchev e seus associados avançavam no caminho da traição, mais as contradições entre nós eram ampliadas e agravadas. E, como consequência, mais era difícil evitar as próximas colisões.

No entanto, nosso partido e o nosso camarada Enver Hoxha demonstraram prudência e sangue-frio, lidaram com as contradições com os soviéticos com grande vigilância e sabedoria. Nosso partido nunca cedeu em princípios, mas tem estado vigilante para evitar provocações, sempre levando em conta os grandes interesses do socialismo e do país.

Khrushchev era um aventureiro e um vagabundo astuto. Mas nosso partido tinha a sabedoria e a coragem de poder lidar com seus planos diabólicos, que se destinavam a levá-lo a um beco sem saída.

Em abril de 1957, uma delegação do nosso partido e do nosso governo, chefiada pelo camarada Enver Hoxha, fez uma visita oficial à União Soviética. Naquela época, a imprensa e a propaganda, tanto em nosso país como na União Soviética, falavam de amizade e unidade inquebrantável, mas a realidade não era tão romântica. As contradições que estavam borbulhando entre nosso partido e a liderança soviética chefiada por Khrushchev explodiram abertamente nas conversações oficiais.

Durante sua estadia na União Soviética, nossa delegação visitou Leningrado e Toshkent, além de Moscou. O camarada Enver Hoxha, Gogo Nushi e eu fomos a

Leningrado, enquanto Mehmet Shehu, então primeiro-ministro de nosso país, Spiro Koleka e Rita Marko foram a Toshkent.

Em Leningrado, o camarada Enver falou a um comício de massa na fábrica de construção de máquinas *Vladimir Lênin*. Neste discurso, após prestar homenagem a Leningrado como o berço da Revolução Socialista de Outubro, ele apontou a luta de nosso povo através dos séculos pela liberdade e independência e falou sobre a amizade entre nossos povos com base no marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário. Em seu discurso, ele se debruçou especialmente sobre a questão da necessidade imperativa de travar a luta contra o imperialismo e o revisionismo. Os trabalhadores da fábrica receberam este discurso com muito entusiasmo e aplaudiram todas as suas ideias. Mas isto não foi do agrado de Frol Kozlov e Pyotr Pospelov, os oficiais soviéticos que nos acompanharam. Isto se tornou óbvio quando surgiu a questão da publicação do discurso no comício.

À noite, a delegação assistiu a uma apresentação na Ópera de Leningrado. O balé *Tarás Bulba* estava se apresentando, mas, enquanto isso, na caixa do governo, Kozlov e Pospelov estavam se esforçando para persuadir o camarada Enver a apagar do texto de seu discurso algumas expressões que, segundo eles, “eram muito duras”. Ficou delegado a mim e a Pospelov dar os retoques finais ao material que seria publicado na imprensa. Em vista das instruções do camarada Enver, eu, é claro, me recusei a cortar qualquer coisa que prejudicasse a essência do discurso. Mas os soviéticos não eram de confiança. Quando lemos o jornal no dia seguinte, vimos que a parte do discurso do camarada Enver sobre a Iugoslávia havia sido alterada.

Os atritos que tivemos com ambos deixaram ainda mais claro que as conversações oficiais entre nossa delegação e a delegação soviética seriam realizadas em um ambiente um tanto eletrizado. Por esta razão, decidimos que, de nosso lado, somente os camaradas do Birô Político, que faziam parte da delegação, deveriam participar das conversações. Não aceitamos nem mesmo um intérprete, eu mesmo me encarreguei deste trabalho.

As conversações foram realizadas no Kremlin imediatamente após o retorno de nossa delegação a Moscou (o resto de nossa delegação retornou de Toshkent ao mesmo tempo). Do lado soviético, Khrushchev, Bulganin, Mikoyan, Suslov e outros participaram das conversações. Khrushchev, que abriu a reunião, propôs que o camarada Enver falasse primeiro, o que ele fez.

Depois de falar sobre nossa situação interna, o camarada Enver apresentou as opiniões de nosso partido sobre a situação internacional. A exposição do camarada Enver tomou uma direção oposta à do 20º Congresso, que havia sido realizado um ano antes. Em particular, atacou as consequências desta linha, que se manifestara de maneira horrenda nos eventos contrarrevolucionários de 1956 na Polônia e na Hungria. Sua análise da situação internacional e da luta contra o imperialismo e o revisionismo foi uma crítica direta a Khrushchev e seu grupo que estavam abandonando o caminho da revolução e do socialismo.

Quando o camarada Enver terminou, Khrushchev se levantou. Desde o momento em que ele começou a falar, ficou claro que ele mal conseguia se controlar. Ele estava extremamente zangado. Ele tentou explicar sua política, mas viu que seus argumentos não nos convenciam. Ele fez perguntas, procurou nossa opinião, principalmente para que aprovássemos o que ele disse, mas quando viu que o camarada Enver e nossa delegação não estavam cedendo, ele perdeu a calma. Em certo momento, ele bateu com o punho em cima da mesa e disse: “você querem Stálin de volta! Portanto, não temos mais nada a discutir com vocês!”

E ele se sentou. Caiu um pesado silêncio. Aparentemente, Khrushchev tinha calculado que com sua postura arrogante e provocadora ele intimidaria nossa delegação e a obrigaria a rever sua posição, ou seja, a se submeter à linha revisionista. Mas muito rapidamente ele viu que havia cometido um erro grave. Enver Hoxha disse com muita calma, mas firmemente: “o senhor, camarada Khrushchev, propôs que falássemos primeiro e expressássemos nossas opiniões. E nós lhe dissemos o que o nosso partido pensa. Agora é sua vez de falar e nos dizer seu ponto de vista. Portanto, temos algo a discutir”.

Khrushchev viu que ele tinha encontrado um obstáculo e imediatamente mudou de atitude. Ele começou a falar sobre vários eventos, indo de um extremo ao outro, às vezes tentando nos convencer de que “Rákosi e companhia haviam cometido grandes erros na Hungria”, ou que “os iugoslavos não estavam envolvidos nos eventos húngaros”, às vezes atacando Imre Nagy, que “havia aberto as portas para a reação horthyista”, e Tito, que “está fazendo o trabalho do imperialismo” etc.

A fim de provar que ele foi “sincero” no que disse e que as discordâncias com nosso partido foram um “incidente” que não influenciou as relações albanos-soviéticas, Khrushchev saudou os sucessos alcançados em nosso país, e até mesmo



apontou que era dever da União Soviética e dos outros países de democracias populares dar maior assistência à Albânia para que ela pudesse se desenvolver mais rapidamente. Nesta ocasião, o governo soviético isentou a Albânia do reembolso dos créditos ainda pendentes naquela época, que totalizavam 42,2 milhões de rublos, mas tudo isso não influenciou ou alterou as relações entre nosso partido e o PCUS ao mínimo. Nossos pontos de vista permaneceram o que eram. Nossa delegação, chefiada pelo camarada Enver Hoxha, não foi vítima e não foi influenciada nem pela pressão e provocações de Khrushchev, nem por suas bajulações e “generosidade”.

Em 1960, as contradições de Khrushchev com o movimento marxista-leninista haviam se tornado muito profundas. No centro dessas contradições estavam as diferenças sobre a avaliação da correlação de forças no mundo após a Segunda Guerra Mundial e a determinação da estratégia e tática do movimento comunista de libertação revolucionária, sobre questões fundamentais da teoria e da prática do socialismo científico. De acordo com Khrushchev e sua quadrilha, como o 20º Congresso do partido Comunista da União Soviética havia proclamado, mudanças tão grandes haviam ocorrido no mundo que as teses leninistas sobre nossa época, o imperialismo e a revolução, haviam se tornado ultrapassadas e inválidas. Com segundas intenções, Khrushchev e os revisionistas modernos, exageraram aquela atual alteração da correlação de forças na arena internacional ao extremo, a ponto de declararem que o desenvolvimento da sociedade humana de agora em diante iria inevitavelmente prosseguir em direção ao socialismo. A partir disto, os ideólogos revisionistas chegaram à conclusão de que o imperialismo e a reação mundial eram impotentes diante desta situação, que nossa época era a época do triunfo do socialismo em escala mundial, sem a necessidade de revolução e, de fato, sem a necessidade de um partido da classe trabalhadora.

Toda a estratégia khrushchevista para o futuro foi baseada na famosa palavra de ordem de três pontos: *coexistência pacífica*, *competição pacífica* e o *caminho pacífico para o socialismo*. Com estas teses revisionistas, Khrushchev rejeitou os ensinamentos básicos marxista-leninistas sobre guerra e paz, sobre a revolução e a luta de classes.

Hoje, Gorbachev é mais franco. Ele não teoriza, como fez Khrushchev, não vê necessidade de usar a frase “marxista” de Khrushchev, mas age energeticamente

para colocar a mesma política, as mesmas ideias, em prática. Ele resumiu a plataforma de Khrushchev em uma tese: “Atualmente não há luta de classes, mas luta pela paz. As armas atômicas matam tanto o proletário quanto o capitalista indiscriminadamente. Portanto, para escapar deste perigo é necessário deixar de lado quaisquer diferenças, unir-se, avançar dando uma mãozinha um ao outro”.

O curso revisionista reacionário de Khrushchev estava fadado a levar à divisão e a desacordos dentro do campo socialista. As contradições entre a China e a União Soviética, que haviam existido anteriormente, se alteraram com maior intensidade. Qual era a essência dessas contradições?

Em sua obra Enver Hoxha fez uma análise profunda e multifacetada da linha de desvio do Partido Comunista da China (PCCh) e da política seguida por Mao Tsé-Tung, Liu Shaoqi, Zhou Enlai, e outros. A partir desta análise, fica bem claro que a base das contradições entre os revisionistas soviéticos e chineses não estava ligada à correta aplicação e defesa da preservação do marxismo-leninismo, mas com os puros interesses estatais de um ou outro lado. Tanto os revisionistas khrushchevistas quanto os revisionistas chineses visavam e agiam para estabelecer sua própria hegemonia em diferentes regiões do mundo, mesmo às custas um do outro.

Após a morte de Stálin, os chineses, com Mao Tse-Tung à frente, pensaram que sua hora tinha chegado. Por um lado, eles tentaram tomar os khrushchevistas sob sua asa e levantar a bandeira do “centro” do movimento comunista internacional em Pequim e, por outro lado, eles queriam ganhar o máximo possível da ajuda econômica soviética, a fim de se tornarem uma grande potência, de fato, uma potência atômica. Mas estes projetos não puderam ser realizados sem pedras no meio do caminho. Se Mao Tsé-Tung tinha suas ambições hegemônicas, Khrushchev e seus associados também tinham seus planos expansionistas.

Os khrushchevistas não se enganaram pelas bajulações de Mao Tsé-Tung, que, para ganhar o respeito e a simpatia de Khrushchev, o apoiou publicamente em alguns momentos difíceis. Como é sabido, na Conferência de Moscou de 1957, Mao Tsé-Tung apoiou abertamente Khrushchev contra Molotov, Malenkov e outros, que haviam sido eliminados da liderança do partido e do estado alguns meses antes, porque não se haviam reconciliado com os novos rumos.

Enquanto aproveitavam ao máximo o benefício que podiam obter dos chineses, ao mesmo tempo, Khrushchev e seus associados começaram a ser “cautelosos” e

“comedidos” em seu apoio e ajuda para eles. Eles não queriam que a China crescesse forte, econômica ou militarmente. Portanto, eles estavam especialmente reservados no fornecimento de ajuda militar. De fato, os soviéticos não deram à China a ajuda necessária, que eles haviam prometido, para a produção da bomba atômica. Isto irritou a ambição chinesa. A política de aproximação com o imperialismo americano, que Khrushchev perseguia, também era incompatível com os interesses dos chineses, pois isso deixaria a China fora do jogo das grandes potências.

Nesta situação, vendo que a linha de Khrushchev havia causado preocupação no movimento comunista, o Partido Comunista da China aproveitou a oportunidade para apresentar suas contradições com os soviéticos como contradições ideológicas, como oposição que supostamente resultava do “desvio de Khrushchev das posições do marxismo-leninismo”. Assim, os chineses aproveitaram a “bandeira” da defesa dos princípios do marxismo-leninismo, a “bandeira” da unidade do movimento comunista internacional, para conquistar os partidos comunistas para seu lado e, junto com eles, exercer pressão sobre a União Soviética. Por quê? Naquela época era difícil chegar à essência da verdade, mas hoje, quando podemos ligar os eventos e situações e explicar um ao outro, a conclusão é clara: sem dúvida, não para obrigar Khrushchev a abandonar seu curso de traição ao marxismo-leninismo, mas para que ele aceite o plano hegemônico da China e se junte a ela em seus planos futuros.

Enver Hoxha acompanhou com especial cuidado o desenvolvimento dos eventos dentro do campo socialista. Ele analisou as diferentes ações e as políticas que foram estabelecidas, discutiu com os camaradas para encontrar as razões de cada tese e ponto de vista de Khrushchev. Sua preocupação era dupla: tanto em relação ao movimento revolucionário mundial e à ameaça que a linha oportunista da liderança soviética representava para ele, quanto em relação ao nosso país, e a ameaça que essa linha representava para a liberdade e independência da Albânia socialista.

Quando ele analisou os perigos que o khrushchevismo representava para o futuro de nossa pátria, Enver viu duas razões principais para se manter alerta: primeiro, em sua pressa de suavizar o caminho para a traição, Khrushchev fez “causa comum” com Tito e a liderança iugoslava. Em muitas ocasiões, Khrushchev mostrou claramente que, para garantir seu apoio, estava pronto a “sacrificar”

os interesses da Albânia, ou seja, apoiar os planos iugoslavos contra nosso país. Este é o jogo habitual das superpotências que, para atingir seus objetivos, jogam com os destinos dos povos e fazem acordos às suas custas.

O segundo motivo está ligado aos planos de Khrushchev de utilizar a Albânia como base para atacar os países vizinhos, especialmente a Grécia e a Itália. O camarada Enver descreveu tudo isso em detalhes em seu livro *Os Khrushchevistas*. Ele relata como Khrushchev e seu Ministro da Defesa, Rodion Yakovlevich Malinovsky, durante sua visita à Albânia em maio de 1959, estavam em êxtase com Butrint e com a Baía de Vlorë, não por causa da beleza natural e dos valores culturais desses lugares, mas por causa da importância estratégica que poderiam ter se fossem colocados nas mãos dos soviéticos. “Daqui, com uma poderosa frota naval, temos todo o Mediterrâneo em nossas mãos... e podemos controlar a todos”, sonhavam eles. Mas o povo albanês, o comunista e patriota internacionalista, Enver Hoxha, pensava de maneira diferente, bem diferente: “Não, Nikita Khrushchev, nós jamais permitiremos que nossa terra seja usada como ponto de partida para escravizar outros países e derramar o sangue de outros povos. Você nunca terá Butrint, ou Vlorë, ou um centímetro de território albanês para seus objetivos perversos!”

E menos de dois anos após esta visita, o governo albanês tomou a decisão de expulsar a frota soviética e de liquidar a base que tinham em Vlorë. Foi uma decisão corajosa, uma decisão correta que serviu não apenas para defender a liberdade e a soberania do povo albanês, mas também para defender a paz e a segurança na bacia do Mediterrâneo, e a independência de nossos vizinhos. A importância deste grande ato emerge ainda mais claramente hoje quando os países mediterrâneos são continuamente ameaçados pela presença de frotas navais dos Estados Unidos da América e da União Soviética, que rondam o Mediterrâneo como monstros sanguinários. Este ato histórico se deve muito à determinação e diligência de Enver Hoxha.

Nossas discordâncias ideológicas com os soviéticos não foram e não puderam ser expressas, no início, na forma de um debate aberto, não simplesmente porque dessa forma lhes teríamos fornecido um “argumento” para nos culpar como “divisionistas” — uma coisa que eles tentaram fazer mais tarde, quando as contradições se tornaram públicas —, mas também porque ainda tínhamos esperanças

de que as distorções revisionistas não se tornariam uma linha política de todo o partido e estado soviético. Portanto, na primeira fase da luta ideológica com os khrushchevistas, nosso debate com eles na imprensa foi conduzido indiretamente, criticando as visões revisionistas e refutando suas teses fundamentais, sem mencionar Khrushchev ou os soviéticos pelo nome.

Em 22 de abril de 1960, o 90º aniversário do nascimento do camarada Vladimir Lênin tinha de ser comemorado. Eu havia sido designado para proferir o discurso na reunião comemorativa, organizada pelo Comitê Central do partido. O camarada Enver me instruiu para aproveitar ao máximo esta oportunidade, tanto para afirmar a validade dos ensinamentos leninistas quanto para rejeitar as teses oportunistas da quadrilha de Khrushchev. Para isso, ele me instruiu que o relatório deveria ser construído no espírito de uma crítica severa e bem fundamentada às opiniões de Khrushchev sobre as questões mais fundamentais da época, especialmente sobre sua posição sobre guerra e paz, imperialismo, oportunismo, etc., mas sem mencionar Khrushchev pelo nome. O nome de Tito foi usado, mas ficou claro que ele implicava Khrushchev, porque muitas opiniões e posições destes dois representantes do revisionismo moderno eram idênticas.

Não foi difícil para ninguém que ouviu o discurso entender que a polêmica foi dirigida contra a linha oportunista e as posições de Khrushchev. É claro que isto não podia deixar de ser claro para Liri Belishova, também secretária do Comitê Central do partido, que, imediatamente após a reunião, veio até mim toda “preocupação” e perguntou:

“Você já consultou o camarada Enver sobre este discurso?”

Ela não tinha lido o discurso antes, porque não tinha estado em Tirana naqueles dias. Como sua preocupação me pareceu bastante deslocada, respondi sua pergunta com outra.

“Você tem alguma crítica, para que eu possa corrigi-la. pelo menos, antes de ser publicada?” — disse.

“Não, não tenho críticas a fazer... exceto que este discurso é um ataque muito aberto a Khrushchev, e você certamente deveria ter procurado a opinião dos camaradas” — devolveu ela.

Por causa das aparências, Liri disse que não tinha críticas, mas na verdade ela não concordava com a posição de nosso partido contra o revisionismo khrush-

chevista, como foi provado mais tarde.

“Não se preocupe com isso — eu tentei acalma-la — porque até agora nenhum dos camaradas fez qualquer crítica. Se eles tivessem alguma, certamente teriam dito”.

Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais claro para a liderança de nosso partido que o eclodir de um conflito com Khrushchev e sua quadrilha era inevitável. A liderança soviética estava avançando rapidamente em seu rumo revisionista. Usando ameaças e intimidação, arrogância e birra, Khrushchev estava tentando impor sua linha a todo o movimento comunista internacional e aos trabalhadores. Ele queria conseguir isso na reunião de Bucareste, realizada na segunda quinzena de junho de 1960.

Os eventos lá, que foram explicados em detalhes nos livros do camarada Enver e em muitos documentos do partido, são bem conhecidos. Eles formaram o prelúdio para a posição heroica, para o choque aberto com a liderança soviética, com seus objetivos social-imperialistas, com sua ideologia e linha antimarxista, oposição que foi expressa com tanta clareza, força e determinação por Enver Hoxha na Reunião de Moscou em novembro de 1960.

Em Bucareste, os Khrushchevistas recorreram a todos os meios: calúnias, ameaças e intrigas. Mas nosso partido levantou sua voz contra eles, em voz alta e com determinação. O camarada Hysni Kapo, representante de nosso partido, cumprindo as diretrizes de Enver Hoxha, com perspicácia política e ideológica e a frieza que os homens corajosos demonstram, enfrentou as provocações e arrogância de Khrushchev e sua quadrilha, e defendeu a linha correta e a posição revolucionária marxista-leninista de nosso partido.

Sem qualquer exagero ou superestimação da verdade, pode-se dizer que a posição resoluta de nosso partido, a oposição que ele apresentou aos objetivos antimarxistas que Khrushchev buscava na Reunião de Bucareste, foi o principal fator que provocou a derrota desta típica trama khrushchevista. Khrushchev e seu grupo foram obrigados a recuar. Mas este recuo arruinou seus planos, pois perderam uma arma forte, com a qual contavam para seu triunfo: a surpresa. Agora, para obter a aprovação de diferentes partidos para seu curso reacionário, eles teriam que esperar pela reunião de todos os partidos comunistas e de trabalhadores do mundo, que seria realizada em novembro.

Após a reunião de Bucareste, Khrushchev começou a descarregar sua raiva

contra nosso partido na forma de provocações e ameaças crescentes. Esta pressão se manifestou, em primeiro lugar, no campo econômico, através de “atrasos” no embarque de diferentes materiais, não cumprimento de contratos, etc. As questões chegaram ao ponto de os soviéticos até mesmo se recusarem a vender trigo para a Albânia. Sabendo que tínhamos grãos para fazer pão ao nosso povo por apenas mais alguns dias, eles exigiram que pagássemos a compra de grãos em ouro das reservas do Banco do Estado.

No campo político, as ameaças e pressões se sucederam uma após a outra. Este foi um período de tensão extremamente grande, que causou particular preocupação ao camarada Enver Hoxha. Tivemos que evitar provocações que vieram de vários flancos: das ações deliberadas da embaixada soviética e dos especialistas, que visavam semear dúvidas e descontentamento entre o povo, tentativas de incitar e encorajar vários elementos contra a liderança partidária; das “brigas” que os sabotadores e comandos soviéticos buscavam, dos escândalos que eles criaram na base de Vlorë, dos repletos perigos de um confronto armado iminente; dos inimigos internos, a quinta coluna trotskista dos soviéticos, com elementos como Liri Belishova e Koço Tashko, que, em total concordância com os khrushchevistas, mostraram sua face depois de Bucareste e se opuseram à linha marxista-leninista do partido.

Como disse anteriormente, após a Reunião de Bucareste ficou claro que o confronto com os soviéticos era inevitável. Khrushchev e o PCUS tiraram qualquer véu que usavam: eles próprios estavam traindo a causa do comunismo e exigiam submissão e obediência dos outros. “Desastres e incêndios” é o que esperava todos aqueles que ousassem se opor a eles. Khrushchev nos advertiu disso em uma carta especial no verão de 1960, na qual ele exigia abertamente que nos submetêssemos a ele, ou, como ele declarou, a “faísca” que tinha sido acesa em Bucareste seria transformada em um “incêndio”.

Mas nada poderia desviar nosso partido de seu curso marxista-leninista correto. Enver Hoxha voltou-se para os comunistas, voltou-se para o povo e disse-lhes francamente como as coisas estavam. Para ele, em cada momento, mas especialmente em tempos difíceis, a opinião do povo foi decisiva, a opinião e a determinação das massas foram cruciais na escolha de suas posições. As massas deram força a Enver, o fizeram destemido e corajoso.

Na véspera e durante todos os eventos do ano de 1960, assim como na época da guerra, o povo acompanhou o partido, como sempre. Velhos e jovens, comunistas organizados e trabalhadores desorganizados, todos unidos firmemente em torno do Comitê Central, em torno do camarada Enver Hoxha. Após este “plebiscito” unânime, Enver Hoxha começou a trabalhar para se preparar para o ataque à traição de Khrushchev, para confrontá-lo com uma força muito mais potente e extremamente vulcânica. Terei sempre viva em minha memória a calma, a confiança e a clareza que ele tinha no que fazia e no que queria fazer naquele momento.

Enver Hoxha liderou pessoalmente esta grande luta. Ele quem organizou a obra preparatória para denunciar a linha revisionista de Khrushchev. Nesta fase, em uma palestra no final de junho, ele me instruiu a organizar o trabalho para realizar estudos especiais em conexão com os problemas fundamentais que seriam discutidos em Moscou, para fazer uma análise crítica das teses dos khrushchevistas sobre os problemas fundamentais da época e para elaborar os argumentos ideológicos e políticos que provariam que a liderança soviética havia iniciado um curso revisionista.

É característico que nosso partido se preparou para o ataque e não para a defesa, portanto toda sua atenção estava concentrada em expor a linha khrushchevista, descobrindo a grande traição e o perigo que ameaçava o Movimento Comunista Internacional. Mesmo quando o camarada Enver tratou dos problemas das relações albanó-soviéticas, defendendo a causa do socialismo na Albânia, a causa da soberania e da liberdade do povo albanês, ele permaneceu na ofensiva, provando que as ações anti-albanesas eram consequência de uma linha antimarxista.

Mikoyan, Suslov, Kozlov e muitos outros enviados tentaram repetidamente nos convencer de que “podem ter sido cometidos erros em relação à Albânia”, às vezes por um embaixador “estúpido”, às vezes por Malinovsky “que não sabe nada de política”, às vezes porque “não conhecemos as necessidades da Albânia”, etc.! Mas nosso partido foi firme em sua convicção, e sua resposta foi igualmente firme: “As posições anti-albanesas não são erros acidentais, refletem uma linha bem definida, um programa dirigido pelos órgãos centrais soviéticos, pelo partido e pelo Governo da União Soviética”.

Os partidos comunista e dos trabalhadores haviam concordado que uma Comissão Preparatória composta por representantes de 25 partidos diferentes deveria



trabalhar em Moscou para preparar a reunião de novembro. A delegação de nosso partido, chefiada pelo camarada Hysni Kapo, era composta por Foto Çami, eu e alguns outros camaradas.

Lá vimos por nós mesmos a ferocidade e a perfídia dos revisionistas, enquanto eles tentavam manobrar ao ar livre e nos bastidores, e ficamos mais uma vez convencidos da força e vitalidade do marxismo-leninismo, e da justiça da causa que nosso partido defendia. A reunião da Comissão Preparatória foi uma grande experiência para nós.

Nesta Comissão, que se reuniu de 1-21 de outubro de 1960, o objetivo dos soviéticos era garantir que nosso partido não se manifestasse contra seu partido e Khrushchev, não trouxesse a luta à tona e falasse de Bucareste e das contradições que existiam. Para isso, criaram em torno de nossa delegação uma atmosfera dura e perigosa, na qual as ameaças abertas eram combinadas com elogios astuciosas.

O camarada Enver acompanhou atentamente os trabalhos da Comissão, dia após dia; o mantivemos informado sobre as teses que foram apresentadas, as contribuições que foram feitas para a discussão, as posições que foram tomadas por diferentes delegações. E todo o tempo ele nos instruiu sobre o que fazer, como devemos reagir nas situações que foram criadas.

A maioria das instruções concretas muito valiosas que nossa delegação recebeu do camarada Enver foram publicadas no livro *A Luta do Partido do Trabalho da Albânia Contra o Revisionismo Khrushchevista*. Em suas cartas e telegramas, ele apontou claramente os objetivos dos soviéticos, viu exatamente o que os khrushchevistas estavam visando e o desvio que eles queriam realizar, e também revelou a fraqueza dos chineses e suas táticas de “sentar no meio”.

“Os soviéticos pensam que estamos desesperadamente preocupados com as declarações. Temos o marxismo-leninismo! O que precisamos e insistimos é que os soviéticos corrijam seus erros oportunistas. A declaração deve ser a conclusão destas discussões. Precisamente isto assusta os soviéticos, mas não nos assusta” — disse-nos ele em um radiograma.

Em outro ele escreveu:

“A Reunião de Moscou não pode ser uma reunião formal, nem uma reunião de polêmicas estéreis. Ela não terá o caráter de uma reunião conciliadora *pacifista*, a fim de levantar um véu sobre os graves erros”.

E o principal:

“A declaração deve ser feita da forma mais forte possível, com pólvora e não com lã de algodão”.

Ele nos advertiu que não devemos ficar presos pelo formulário:

“Não tente ajustar as perguntas sobre a frases apresentadas pelos soviéticos, porque eles querem construir essa narrativa... eles querem introduzir uma dose de veneno em vários lugares, ou espalhar o veneno em uma tirada inteira, na qual eles também lançam uma camada de açúcar ao longo de seu curso”.

Estas orientações abriram nossos olhos, nos deram força e inspiraram nossa confiança na justa causa que nosso partido defendeu. Com seus radiogramas e cartas, o camarada Enver nos ajudou a cumprir nossa tarefa com sucesso, para evitar cair em várias armadilhas em construção das quais os soviéticos e seus cúmplices eram mestres.

Durante os primeiros dias, as discussões na Comissão foram calmas. Os soviéticos ficaram satisfeitos, os demais também. Mas no dia 6 de outubro esta calma foi quebrada. O discurso do camarada Hysni foi a causa. Enquanto ele falava, os delegados soviéticos estavam muito inquietos. Kozlov, Suslov e os outros não conseguiam se conter, mas sussurravam com raiva uns aos outros.

O discurso que Hysni fez apresentou a opinião de nosso partido sobre as questões fundamentais da época. Foi claro, fundamentado, sem equívocos. Desde o início, enfatizou que existiam sérias diferenças e desacordos dentro do movimento comunista, portanto, “a Comissão não pode e não deve passar por cima deles como se não fossem nada”. Com relação a isto, expressou a opinião de nosso partido de que a Reunião de Bucareste, tanto na forma quanto no conteúdo, foi uma ação precipitada em violação às regras leninistas e à prática dos partidos comunista e dos trabalhadores; que, longe de ser benéfica, Bucareste não tinha feito nada além de danos. Por este motivo, nossa delegação exigiu que as ações até aquele momento fossem analisadas com um olhar crítico, a fim de tirar as lições necessárias. Caso contrário, o documento que seria elaborado para a reunião de novembro não seria apropriado, mas seria transformado em uma fonte de males no futuro.

Após este preâmbulo, o discurso expressou a opinião de nosso partido sobre algumas das questões fundamentais sobre as quais houve diferenças. Deve-se dizer que enquanto estivemos em Tirana, antes de partir para a reunião da Comissão,

o camarada Enver instruiu Hysni e eu sobre quais questões devemos falar e o que devemos deixar para a reunião de novembro. Do aspecto tático ele julgou corretamente que na Comissão deveríamos nos limitar estritamente a certos problemas relacionados ao documento a ser redigido, enquanto fortes críticas diretas ao revisionismo khrushchevista seriam feitas na reunião geral das partes em novembro. As posições dos soviéticos em relação à Albânia também seriam levantadas lá. O camarada Enver raciocinou desta forma:

“Em Bucareste Khrushchev viu que suas opiniões não tem nenhuma aceitação em nosso partido. Na Comissão Preparatória, deixou-o experimentar uma crítica mais aberta. Na reunião de novembro, daremos a ele um golpe de misericórdia”.

Como é conhecido em Bucareste, o ataque de Khrushchev foi dirigido contra os chineses. Estava previsto que eles também seriam atacados na Comissão Preparatória. Mas enquanto nosso partido foi a Moscou com a intenção de falar abertamente, de chegar ao fundo das coisas, os chineses tinham ido para lá com um objetivo diferente. Sem dúvida, era para se opor aos soviéticos, para abalar a autoridade e o prestígio que o Partido Comunista da União Soviética tinha naquela época no movimento revolucionário. Entretanto, a delegação chinesa não tinha ido a Moscou com a intenção de lutar pela denúncia completa do revisionismo, teses e posições da liderança soviética.

Isto está claro para nós agora. Mas que impressão os chineses causaram em nós naquela época? Sua delegação à Comissão Preparatória foi chefiada por Deng Xiaoping, então Secretário-Geral do Partido Comunista da China (PCCh). A delegação também incluía Peng Zhen, Kang Sheng, e outros. Ao chegar em Moscou, eles pediram para se encontrarem com nossa delegação. É claro que o camarada Hysni e eu concordamos e conversamos com eles.

Desde a primeira reunião, ficamos impressionados com a excessiva “prudência” dos chineses.

“Não vamos falar de todas as questões, embora muitas coisas tenham sido apresentadas incorretamente na ata da declaração que os soviéticos nos deram — disse Deng — Insistiremos em desacreditar o *bastão do maestro*.”

Para tornar sua posição em relação aos soviéticos ainda mais clara, Deng continuou: “não vamos usar termos como *oportunista*, ou *revisionista*.”

Depois de falar sobre algumas outras questões, especialmente sobre as demais

bancadas, sobre qual postura cada bancada poderia adotar, Deng Xiaoping nos informou sobre novos desenvolvimentos nas relações entre a União Soviética e a China, sobre a retirada dos especialistas soviéticos da China e o cancelamento de contratos e créditos planejados para a mesma.

Depois que saímos da reunião com os chineses, Hysni e eu tivemos uma longa discussão sobre as opiniões que eles expressaram para nós. Nem o raciocínio deles nem a “tática” que eles iriam aplicar nos agradaram. Mas não chegamos à conclusão de que esta posição expressava uma posição geral oportunista. Enver Hoxha deveria tirar esta conclusão assim que lesse o texto do discurso de Deng na reunião da Comissão, que lhe enviamos de imediato.

Nas cartas que ele nos enviou naqueles dias, ele escreveu:

“O tom em que ele [os chineses] coloca as questões é conciliatório...”

Ele descreveu o discurso de Deng como algo “amargo como uma limonada” e sua tática como “sem nenhuma estrutura”.

“Eles [os chineses] — escreveu ele — não querem levar o assunto até o fim... Vieram tentar consertar o que pode ser consertado, e o tempo consertará o resto. Se eu estivesse no lugar dos soviéticos, aceitaria o campo que os chineses estão abrindo para mim, porque lá encontrarei boa grama e poderei caminhar à vontade”.

O desenvolvimento de eventos na Comissão, na Reunião dos 81 Partidos e mais tarde, durante os anos da luta aberta contra o revisionismo de Khrushchev, foram para confirmar plenamente esta análise que Enver Hoxha fez naquela época das bancadas chinesas, suas vacilações e oportunismo.

Na Reunião de Moscou, encontramos muitos pontos em comum com os chineses, especialmente em questões que tinham a ver com as críticas das visões soviéticas sobre o imperialismo e seus conceitos sobre as relações entre os partidos comunistas.

Quanto às críticas ao revisionismo moderno e à luta contra ele, porém, estávamos muito distantes. Os chineses estavam preocupados apenas com a ideia do *bastão do maestro* que eles queriam quebrar. Eles não foram mais longe, mas Moscou não era o lugar para um confronto de nossas opiniões com as dos chineses, nem o momento nos permitiu fazer uma análise completa das estratégias e táticas chinesas, das tradições e da história do Partido Comunista da China. Tudo o que ficou em nossas mentes a partir daqueles encontros que tivemos com a

delegação chinesa, das diferentes interjeições e respostas nas reuniões da Comissão de Preparação da Declaração, assim como do discurso de Deng Xiaoping na reunião geral, foram apenas impressões e observações fragmentadas, uma mistura de avaliações positivas e negativas. Todas elas, consideradas em conjunto, exigiram um estudo sério e uma verificação detalhada.

Quando retornamos à Albânia, uma das tarefas que o camarada Enver estabeleceu para si mesmo e para todos nós, foi estudar sobre a China: este parceiro, com o qual a luta contra o revisionismo nos fez camaradas de viagem e nos deixou mais próximos. Tínhamos que saber como proceder em nosso rumo comum, no mesmo ritmo, em direção ao mesmo objetivo, conversando e chegando a um acordo ou aprofundando o debate.

Nós, comunistas albaneses, não conhecíamos a China, seu partido ou seus líderes. Não tínhamos uma ideia completa de sua posição no movimento comunista internacional ou de suas relações com o Partido Comunista da União Soviética.

Como o camarada Enver explicou, a vitória da Revolução Chinesa em 1949, sob a liderança do partido comunista, havia causado uma profunda impressão em nós. Seu grande peso, que fez pender o equilíbrio da relação mundial em favor do socialismo, o estímulo que deu à luta contra o colonialismo, que na época havia estalado em uma grande conflagração, nos impulsionou a ver os bons aspectos da China como um fator de incentivo à marcha triunfante da revolução mundial.

No entanto, a intuição revolucionária de Enver Hoxha foi muito forte, sua capacidade de pausar e refletir até mesmo sobre um fenômeno que poderia parecer acidental, ou um fato que ainda não estava claro, era excepcional. Levou muito pouco tempo, nem mesmo um ano, para que ele se convencesse completamente de que a linha chinesa estava cheia de vacilações resultantes de conceitos ideológicos errôneos, que suas táticas não só eram oportunistas, mas também muito perigosas para o movimento comunista de libertação internacional, e para o futuro do socialismo no mundo.

Em junho de 1962, o Comitê Central do partido enviou o camarada Hysni Kapo e eu à China para conversar com a liderança chinesa sobre todos os problemas que haviam surgido no movimento comunista após a reunião de Moscou. O camarada Enver quis ter a sensação real das coisas, verificar e confirmar várias vezes para que nenhum passo fosse tomado precipitadamente, imprudentemente, sem

ponderar cuidadosamente as consequências.

Depois de 25 dias de uma viagem cansativa de navio sobre mares e oceanos, chegamos à China, onde recebemos uma recepção amigável e cordial. Conversamos longamente com Liu Shaoqi, Zhou Enlai, Deng Xiaoping e outros líderes. Também encontramos Mao Tsé-Tung. Discutimos muitos problemas da situação internacional e do movimento comunista, as relações entre nossos dois países e partidos, e táticas na luta contra o revisionismo moderno e o revisionismo khrushchevista, em particular.

Em muitas questões, nós e os chineses estávamos de acordo. Mas em relação à posição em relação ao khrushchevismo e às táticas de luta contra ele, nossas diferenças eram grandes. Nós nos separamos sem alcançar a unidade de pontos de vista.

Embora ainda não tivéssemos voltado da China e feito um relatório detalhado ao camarada Enver, alguns de nossos radiogramas haviam sido suficientes para que ele chegasse a uma conclusão sobre as conversações em Pequim e escrevesse em seu *Diário*: “Os camaradas chineses parecem vacilar e temer a luta contra os revisionistas, superestimam a força do inimigo ao mesmo passo que subestimam nossa força e a do comunismo internacional. Eles estão tentando chegar a algum tipo de compromisso e conciliação. Não nos afastamos um centímetro de nossas corretas posições de princípio. Se os chineses não mudarem sua posição sobre esta importante questão tática, então não chegaremos a um acordo sobre nada”.

E foi isso que aconteceu: nunca chegamos a um acordo com os chineses. A história de nossas relações com a China, documentada em detalhes nas obras do camarada Enver Hoxha, *Reflexões Sobre a China*, é uma história de desentendimentos. Mas é, ao mesmo tempo, uma história que testemunha os esforços inigualáveis de Enver Hoxha, a sabedoria revolucionária e todas as manobras que ele fez a fim de manter boas relações com a China, para estabelecê-las de forma correta e baseada em princípios. É a história de uma luta titânica que ele travou para resgatar o movimento comunista do oportunismo, sua preocupação permanente de garantir que a luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno se desenvolvesse em um rumo correto e se elevasse a níveis cada vez mais altos.

Seus esforços inicialmente para ajudar os comunistas chineses a corrigir os freios oportunistas e a tomar uma posição correta na luta contra o revisionis-

mo moderno, as críticas marxistas que ele fez posteriormente sobre a linha do Partido Comunista da China e as visões políticas e ideológicas de Mao Tsé-Tung vão muito além do quadro das relações bilaterais e do conflito com os soviéticos. Elas representam a base teórica para construir uma verdadeira estratégia revolucionária do movimento marxista-leninista de nosso tempo.

O trabalho na Comissão, especialmente para a redação da Declaração que deveria ser apresentada na reunião de novembro, prosseguiu muito lentamente. Houve muitos debates, frequentemente ferozes. Além dos chineses, nossa delegação também era agora o alvo. Fazer uma mínima sugestão ou propor qualquer emenda que fosse era suficiente para que os partidários dos soviéticos saltassem em frenesi e se opusessem a nós sem nenhuma razão.

O camarada Enver foi informado de como o trabalho estava indo na Comissão e imaginou a tensão que estávamos sofrendo. Portanto, junto com instruções de que deveríamos concentrar nosso ataque nos soviéticos, que foram a principal causa do desvio oportunista, ele nos deu um encorajamento contínuo, o que nos permitiu manter a calma e a cabeça fria e realizar a tarefa com a qual o partido nos encarregou, o melhor que pudemos.

Com base em seus conselhos e orientações, Hysni e eu decidimos a cada dia nas bancadas que tática deveríamos adotar, os argumentos que usaríamos e as respostas que daríamos.

Um dia, foi discutida a parte da ata da declaração que falava sobre as possibilidades de evitar guerras imperialistas. Nossa delegação havia feito uma proposta para reforçar este parágrafo, opondo-se à conhecida tese de Khrushchev de “um mundo sem armas, sem guerras e sem exércitos”. A delegação francesa também havia apresentado uma proposta sobre este parágrafo, citando uma declaração que Maurice Thorez, na época Secretário-Geral do Partido Comunista da França (PCF), havia feito durante aqueles dias.

Como a proposta francesa estava correta em sua essência, decidimos apoiá-la. Assim, quando a discussão do parágrafo sobre as guerras imperialistas começou, eu me levantei e pedi que nossa emenda não fosse discutida. Todos ficaram surpresos. Mas isso não durou muito, porque logo depois disso começou a discussão da emenda francesa. Como tínhamos decidido antes, eu me levantei e apoiei, ao mesmo tempo em que desmascarei as ilusões que os oportunistas estavam ten-

tando criar sobre o imperialismo. Começou um debate acalorado que foi um tanto difícil para os revisionistas. Ao atacar meus argumentos, eles também tiveram que rejeitar Thorez. No meio da discussão, Léo Figuières, o representante francês, levantou-se e retirou sua emenda, declarando que apoiava o projeto apresentado pelos soviéticos!

No intervalo conversei com Léo Figuières, eu já o conhecia há muito tempo, porque tanto ele quanto eu tínhamos trabalhado anteriormente com a juventude. Para agradecer, eu disse: “você tem tanto medo dos soviéticos que negou Maurice Thorez, o Secretário-Geral do seu partido?”

“Você não entendeu o que está acontecendo nesta reunião? — ele respondeu — Assim que você se levanta para falar, sem ninguém ouvir o que você tem a dizer, sem raciocínio algum, todos estão contra você. Desde o momento em que você apoiou nossa emenda, percebi que ela seria rejeitada. Portanto, retirei a proposta a fim de evitar que trouxessem Thorez para a discussão”.

Menciono este exemplo para mostrar a atmosfera que prevaleceu na reunião da Comissão. Mais tarde, na Reunião dos 81 Partidos em novembro, a atmosfera deveria ser muito mais opressiva, com o ambiente ainda mais hostil e ainda mais pressão e intrigas. Mas então Enver Hoxha estaria lá pessoalmente!

No final dos trabalhos da Comissão, no dia 22 de outubro, Khrushchev preparou um jantar para todos aqueles que haviam participado da reunião. O jantar foi usado para ameaçar os partidos que poderiam se opor à linha dos soviéticos em novembro. A “ira dos deuses” iria cair sobre eles.

Esta “mensagem” também nos foi transmitida. Durante o jantar, o membro da liderança soviética, Yekaterina Furtseva, que estava sentado ao lado de Hysni, após um longo silêncio, acabou se dirigindo a ele:

— Você é Hysni Kapo?! Ouvi falar tanto de você...

O camarada Hysni respondeu: “Ouviu falar bem ou mal?”

— Foi você quem atacou a União Soviética?! Então sabe que encontrará apenas problemas...— respondeu ela, incapaz de se controlar.

Naturalmente, ela recebeu a resposta que merecia. Furtseva calou sua boca. Aparentemente, sua missão era apenas transmitir um sinal daquela atmosfera. Durante todo o jantar, ela não falou conosco novamente.

Ao saímos da sala de jantar, outro membro do Birô Político, Dmitry Polyansky,



juntou-se a nós. Tínhamos conhecido anteriormente este pulha que ganhou reputação como um provocador astuto. Eu tinha conhecido Polyansky pela primeira vez em 1957, quando ele veio de férias para a Albânia. Mas o segundo encontro com ele, em abril de 1958, especialmente, causou uma impressão em mim. O camarada Hysni e eu estávamos em Moscou em uma delegação do nosso partido. Naqueles dias, Polyansky havia sido nomeado Presidente do Conselho de Ministros da Federação Russa. Soubemos que ele se hospedava no *Hotel Moscou*, onde estávamos hospedados. Telefonamos para ele e fomos parabenizá-lo. Na suíte de Polyansky, encontramos um Secretário do Comitê do partido em Krasnodar. Sua bajulação à Polyansky era intolerável. Mas isso nos esclareceu enquanto a psicologia dos líderes soviéticos do grupo khrushchevista. Ele bebia torradas após torradas a Polyansky e continuava balbuciando:

“Ao novo Czar da Rússia! Não é brincadeira ser o Czar da Rússia! Ele é o Czar, sempre será o meu Czar, de novo e de novo!” — tudo isso saía de sua boca.

E Polyansky? Ele riu e nunca interrompeu seu amigo obsequioso, exceto para ressaltar que Khrushche (não o partido) lhe havia feito esta honra. Então este Polyansky, que conhecíamos bem, se aproximou de nós e, sem nos cumprimentar, começou a atacar nosso partido por causa de sua posição de princípios em Bucareste e na Comissão Preparatória.

“Você está traíndo a União Soviética... para onde pretender ir com essa ideia?” — disse ele, também, nos ameaçando.

Ele recebeu a resposta adequada: “não fomos nós, albaneses, que mudamos, mas a liderança soviética quem se colocou em um caminho fatal” — eu havia lhe dito ali e depois.

O rosto de Polyansky corou de raiva e ele nos deixou dizendo: “vocês albaneses se acham” — E quem disse isso? Um megalômano desenfreado, que sonhava como os czares da Rússia em estender seu domínio sobre os povos, mares e oceanos.

No dia seguinte, saímos de Moscou. Assim que chegamos em Tirana, demos ao camarada Enver um relato detalhado de tudo. Ele nos ouviu atentamente e, depois de nos instruir a preparar um informe para o Birô Político, nos disse:

“Agora está claro que teremos uma luta feroz com Khrushchev e sua quadrilha, mas estamos no caminho certo, não podemos e não devemos deixar de desmascarar o oportunismo deles; não podemos ceder, porque somos comunistas, marxista-le-

ninistas; não podemos ceder, porque a linha revisionista de Khrushchev constitui um perigo não só para o movimento comunista internacional, mas também para a liberdade e independência de nosso país”.

Enquanto ele falava conosco, o camarada Enver estava olhando para o futuro: “Nesta luta — continuou ele — não estaremos sozinhos. Mesmo na Comissão você viu que havia representantes de alguns partidos que não compartilhavam a opinião dos soviéticos sobre muitas questões. Estou desapontado com os chineses. Eles estavam no centro do ataque dos soviéticos, mas não tinha firmeza nenhuma em suas posições. Eles se mostraram como conciliadores, como se buscassem um compromisso. Mas esperamos que a posição de nosso partido os encoraje a mostrar mais combatividade na reunião de novembro”.

Mas, como foi visto mais tarde, isto ficou apenas na vontade.

“Enquanto você estava na luta em Moscou — disse o camarada Enver no final de nossa reunião — venho me preparando para guerrear em novembro. Escrevi o discurso que faremos na Reunião dos 81 Partidos. Leia-o e debateremos novamente mais tarde. É claro que será necessário fazer algumas adições, que estão ligadas aos últimos desenvolvimentos, especialmente com o trabalho da Comissão”.

A Plenária do Comitê Central do partido aprovou por unanimidade o discurso do camarada Enver e nomeou os participantes da delegação que seria chefiada por Enver Hoxha, ele quem representaria nosso partido na Reunião de Moscou. Hysni e eu fomos incluídos na delegação.

O camarada Enver permaneceu em Moscou por três semanas, de 3 a 25 de novembro. A atmosfera que nos rodeava era fria, as pessoas que nos serviam, os oficiais e guardas de segurança e os funcionários designados para manter contato conosco, todos faziam seu trabalho como robôs. Não havia calor, nenhum comportamento amigável da parte deles, mas apenas uma espécie de frieza formalista. Quando chegou a hora de conhecer os dirigentes, entre eles Suslov, Andropov, Mikoyan e Khrushchev, vimos que a hostilidade era aberta.

O objetivo dos soviéticos era garantir que o camarada Enver não falasse abertamente em Moscou, que, no máximo, ele deveria se restringir a críticas gerais em um plano teórico. Eles queriam a todo custo evitar a discussão das ações oportunistas de Khrushchev, de sua linha revisionista sobre as questões candentes do movimento comunista, as posições concretas dos soviéticos em relação à Albânia,

sua pressão e interferência em nossos assuntos internos.

Para alcançar estes objetivos estratégicos, na véspera da reunião e durante os primeiros dias da mesma, eles exerceram pressão de todos os flancos sobre nossa delegação. Vários enviados pelos soviéticos vinham e iam, os principais líderes do país começaram a sua marcha. Eles se entregaram à bajulação, levantaram sua voz em ameaças, prometeram “ajudas e créditos”, vinham de dia e de noite. Usaram até mesmo a recepção oficial para a celebração do 7 de novembro contra nossa delegação, lá eles trouxeram seus marechais e generais para o ato.

Os líderes soviéticos não estavam acostumados a que ninguém lhes dissesse as verdades na cara. Portanto, nas diferentes reuniões e conversas, quando o camarada Enver e nós, membros da delegação, falamos sobre o oportunismo que caracterizava a política khrushchevista, os líderes soviéticos ficavam vermelhos, ficavam agitados, levantavam suas vozes, ficavam com raiva e proferiam ameaças. Mas o nosso camarada Enver Hoxha jamais se deixou abalar!

Um dia antes do camarada Enver fazer seu discurso, realizamos nossa última reunião com Khrushchev e outros líderes soviéticos, lembro-me do camarada Enver como se fosse hoje. Calmo, determinado, conciso em seu pensamento, parcimonioso em palavras. Como se fosse para lhes dizer: “aqui estamos nós, vocês queriam conversar, nós viemos. Fale, estamos ouvindo!” Como é sabido, a reunião terminou sem nenhum resultado. Os soviéticos exigiram submissão, mas o Partido do Trabalho da Albânia (PTA) e Enver Hoxha jamais se rendem!

No momento em que nossa delegação estava saindo da sala, ouvi Khrushchev dizer a Mikoyan e Frol Kozlov:

“O que devemos fazer com eles agora?”

Sua fonte poderia ter sido esta reunião, ou poderia ter sido um plano decidido anteriormente, mas o fato é que alguns dias depois (depois que o camarada Enver falou à reunião e mudou sua estadia para nossa embaixada, na qual todos nós tínhamos ficado juntos), um dos oficiais de segurança soviético que nos acompanhou, disse a Hysni e a mim:

“O camarada Enver fez muito bem em deixar a vila e ir para a embaixada. O Coronel de Segurança que o acompanha é um dos tipos malignos”.

Eis a verdade: essa expressão de Khrushchev — “o que devemos fazer com eles agora?” — implicava na ideia de um plano criminoso, que, após o fracasso dos es-

forços para subjugar nossa delegação com promessas e ameaças previa até mesmo o assassinato do camarada Enver.

O método de assassinar opositores é um método de golpistas, daqueles que, para tomar o poder ou mantê-lo nas mãos, recorrem a qualquer meio, bajulação e intrigas, pressão e assassinato. Khrushchev e companhia pertencem a esta categoria. Para atingir seus objetivos, seja no plano interno ou externo, eles não reconhecem nenhuma norma de moralidade humana. O que eles fizeram com a Tchecoslováquia, seu aliado no Comecon e no Tratado de Varsóvia? Eles abraçaram Alexander Dubček em Bratislava, mas dois dias depois as tropas soviéticas entraram em Praga. Eles ajudaram Nur Mohammad Taraki do Afeganistão a tomar o poder, mas os tanques de Brejnev levaram Hafizullah Amin ao mesmo status, e mais tarde o mesmo exército soviético ajudou Babrak Karmal a assassinar Amin e seu clã. Tudo de acordo com os princípios dos pérfidos velhacos que te assassinam à noite e choram em prantos por você no dia seguinte!

Em 16 de novembro, Enver Hoxha proferiu seu discurso histórico no Encontro de Moscou. Este discurso foi uma verdadeira acusação ao revisionismo. Deve-se dizer que nem os soviéticos, nem os outros participantes da Reunião, conheciam o conteúdo do discurso. Provavelmente eles esperavam que as pressões tivessem tido alguma influência sobre ele, mas logo após suas primeiras palavras, todos entenderam rapidamente que Enver Hoxha não iria falar em meios-termos.

Com sua voz calma e forte, com seu oratório característico, o camarada Enver impôs um silêncio total no salão. Todos escutaram com atenção. Todos com preocupação. Digo tudo, porque os chineses, ou alguma outra delegação que talvez estivesse “satisfeita” com os golpes que Khrushchev estava recebendo, na verdade ainda não concordavam que a polêmica deveria assumir um caráter abrasivo, que a luta contra o revisionismo deveria ser travada de forma tão consistente.

Naturalmente, os mais preocupados foram a delegação soviética e os representantes das partes que se tinham atado de mãos e pés à carruagem de Khrushchev. Eles estavam carrancudos e não conseguiam controlar sua raiva. Havia outros que pensavam profundamente. Eles ouviam atentamente as palavras do camarada Enver. Claramente os argumentos que ele apresentou estavam causando uma impressão neles, mas ao mesmo tempo eles pareciam estar dizendo a si mesmos: “de que tipo de fibra são feitos esses albaneses? Como ousam desafiar Khrush-

chev e os soviéticos cara a cara?”

Quando o camarada Enver falou, todas as delegações estavam presentes no salão. Dos soviéticos estavam Khrushchev, Mikoyan, Suslov, Kozlov, Polyansky, Brejnev e outros. Khrushchev mostrou sua raiva mais abertamente do que os outros. Até aí muito natural, mas é fato que foi pela primeira vez que sua atividade estava sendo fortemente criticada, suas opiniões, que a imprensa soviética exaltara aos céus como “brilhante, leninista e criativa”, estava sendo rejeitada uma a uma, e desmascarada como antimarxismo, como oportunistas e como reacionárias. E este ataque ocorria na presença dos representantes dos 81 Partidos Comunistas e Operários do mundo, numa época em que Khrushchev havia “cativado a ONU”, quando seu prestígio estava no auge, quando ele havia começado e estava trabalhando para estabelecer a hegemonia incondicional da União Soviética e do PCUS sobre todos os países que compunham o campo socialista e todos os partidos comunistas. Por isso, enquanto Enver Hoxha falava, Khrushchev segurava a cabeça nas mãos, esmigalhava em sua cadeira, sussurrava às vezes ao lado de Mikoyan às vezes a Suslov, fazia gestos de espanto ou sorria ironicamente, para mostrar aos outros que o que estava sendo dito não pertencia a ele, mas, no final, ele desistiu desta charlatanice e começou a perder sua paciência. Em um momento, ele tirou seu relógio de pulso e o segurou na mão, para tê-lo pronto diante de seus olhos. Ficou claro que ele estava impaciente: cada minuto parecia uma hora para ele.

O discurso de Enver Hoxha levantou o que estava embaixo do tapete. Os soviéticos fracassaram em sua missão de evitar polêmicas e discussões concretas sobre os desvios oportunistas que haviam se manifestado no movimento comunista. Portanto, eles tomaram as medidas necessárias para organizar o contra-ataque com novas calúnias e ameaças contra nosso partido.

Guardei notas detalhadas de cada sessão da Reunião de Moscou e do que os representantes das diferentes partes disseram ali. Líderes de partidos da Europa, América Latina, África e Ásia tomaram a palavra um após o outro. A moralidade comunista foi descartada. Agora se podia ouvir os mais retumbantes epítetos e insultos.

Eles até encontraram um palhaço, o secretário geral do Partido Comunista do Paraguai, Oscar Creydt, chorou amargamente porque “o partido de Lênin tinha sido atacado”. Alguns anos mais tarde, em 1976, vi este “valente lutador” chorar

novamente, mas desta vez em Tirana, quando ele veio fazer autocrítica sobre o que havia dito em Moscou. Ele me disse que havia sido compelido pelos soviéticos, que posteriormente foram trabalhar contra ele também: eles haviam organizado uma facção dentro do partido do Paraguai contra o “corajoso Oscar Creydt”. Ele acabou no curral chinês, como partidário da teoria maoísta dos “três mundos”.

Apesar dos esforços dos soviéticos para afogar as críticas que o camarada Enver fez, e para desviar a atenção dos problemas que ele levantou ao nos insultar, a impressão que os participantes do encontro ganharam não foi do agrado dos líderes soviéticos, e especialmente de Khrushchev pessoalmente. Todos viram e ouviram que o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) podia ser criticado, que Khrushchev podia ser criticado, que a liderança soviética e Khrushchev não eram infalíveis, mas, pelo contrário, eram oportunistas antimarxistas. Precisamente para fazer algo para remendar as coisas, para que a reunião não terminasse deixando estas impressões, em 23 de novembro, os soviéticos sugeriram uma segunda rodada de discussões.

Nikita Khrushchev tomou a palavra em primeiro lugar. Ele começou dizendo que não tinha a intenção de falar, mas foi obrigado a fazê-lo por causa das coisas que Enver Hoxha havia dito. Ele tentou parecer calmo. Ele leu seu texto escrito quase mecanicamente. Ele contestou os pontos de vista dos chineses, embora sem grande calor. Mas esta pose de “cabeça fria” não durou muito. Assim que começou a responder ao discurso do camarada Enver, ele perdeu a cabeça e começou a gritar, gritar e gritar.

Este discurso de Khrushchev não despertou nenhum tipo de reverberação especial. Pelo contrário, era bastante óbvio que muitas delegações, até mesmo algumas que se dedicaram à linha dos soviéticos, o escutaram sem entusiasmo. Ao falar sobre a figura de Khrushchev, como um oportunista que havia partido da linha revolucionária marxista-leninista, e provando isto com muitos fatos, o camarada Enver havia abalado o prestígio de Khrushchev aos olhos dos participantes do encontro.

Em 25 de novembro, o camarada Enver partiu para a Albânia, a fim de estar em Tirana para a celebração do dia 29 de novembro. O adeus a ele na estação ferroviária Kievskiy, em Moscou, ficou preso na minha mente. Dos soviéticos, havia Kozlov, que parecia muito desconfortável e mantinha uma postura muito fria, mas

os estudantes albaneses, civis e militares, que estavam estudando em Moscou e tinham vindo para saudar o líder do partido, criaram uma atmosfera inflamatória. Foi uma manifestação magnífica, uma manifestação pública de grande importância política, um poderoso apoio que aqueceu nossos corações, uma manifestação da unidade de ação de nosso povo ao redor do partido com Enver Hoxha à frente. Havia apenas duzentos a trezentos estudantes, mas eles transmitiam os sentimentos puros de todo o nosso povo, os laços estreitos do povo com o partido e o camarada Enver, um laço de unidade que nem Khrushchev, nem Kozlov, nem qualquer outro inimigo de nosso país poderia compreender.

Logo após o Encontro de Moscou, a grande polêmica entre marxista-leninistas e revisionistas modernos estava para começar dentro do Movimento Comunista Internacional da classe operária. Enver Hoxha, à frente de nosso partido, desempenhou um papel de primeira importância nesta luta, fazendo uma contribuição notável em defesa dos princípios de nossa doutrina triunfante do marxismo-leninismo.

Em fevereiro de 1961, foi realizado o 4º Congresso do nosso partido. É um dos congressos mais entusiásticos e militantes de sua história. A unidade do partido e sua determinação de marchar inabalavelmente no caminho do marxismo-leninismo foram mostradas lá mais claramente do que em qualquer outra ocasião.

O congresso endossou a linha política e ideológica do partido, que incluía tanto as primeiras posições quanto as lutas futuras que ele travaria contra o revisionismo. Uma nova etapa estava começando na vida de nosso partido e de nosso país. Este era o estágio em que nossa independência ideológica e política seria ainda mais fortalecida e consolidada, o estágio em que a personalidade de Enver Hoxha, como ardente defensor de nossa ideologia triunfante, como lutador consistente pela causa da revolução e do socialismo também no plano internacional, deveria se manifestar de forma brilhante.

Após o 4º Congresso, as relações entre a União Soviética e a República Popular da Albânia ficaram ainda mais amargas. Quando viram que não estavam obtendo resultados no plano ideológico, Khrushchev e seu grupo transferiram seus esforços para os planos político e econômico. As provocações na base de Vlorë, que foram intensificadas dia após dia, ocuparam um lugar de destaque em suas pressões políticas. Por outro lado, a embaixada soviética em Tirana se dedicou

à atividade chauvinista anti-albanesa. Enquanto isso, no campo econômico, a realização de acordos e contratos era barrada, os materiais solicitados ficavam atrasados ou não chegavam. A questão chegou ao ponto de um navio, que tinha navegado em Durrës, trazendo materiais de construção da União Soviética para o Palácio da Cultura em Tirana, cuja construção já tinha começado, foi simplesmente enviado de volta sem descarregar sua carga.

Junto com estas ações, começou a série de cartas trocadas entre o partido e governo soviético com nosso partido e com nosso governo. Longas cartas contendo calúnias e ameaças vieram de Moscou, as vezes com a assinatura do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, as vezes tanto do Comitê Central do PCUS quanto do Conselho de Ministros da União Soviética, as vezes com a assinatura de Alexei Kosygin, e assim por diante. Com estas cartas, além de outras coisas, os soviéticos tentaram brincar com nossos nervos. A opinião de que os albaneses são de cabeça quente era generalizada naquela época. Portanto, Khrushchev tentou nos provocar, acreditando que cairíamos em sua armadilha, que perderíamos nossa lógica e que tomaríamos algumas medidas impensadas, ações das quais ele poderia explorar para nos desacreditar aos olhos da opinião mundial.

Falei anteriormente sobre a forma como o camarada Enver trabalhava. Ele era sistemático em tudo. Ele estudava minuciosamente as questões que se apresentavam ao nosso partido. Ele não era precipitado, mas uma vez que sua opinião amadurecia, ele a escreveria e desenvolveria seus pensamentos com grande velocidade, ainda que fosse extremamente preciso na formulação de suas ideias. Ele tinha uma habilidade especial para analisar os fenômenos e sabia distinguir as questões principais das secundárias.

Ele se empenhou pessoalmente na preparação da correspondência com os soviéticos e dos principais artigos publicados em nossa imprensa, cujo objetivo era expor os pontos de vista de diferentes revisionistas: soviéticos, iugoslavos, chineses ou eurocomunistas. Como regra, antes de decidir escrever ou preparar qualquer material desse tipo, ele trocava opiniões com os camaradas, analisava as posições dos revisionistas, apontou seus erros, pontos fracos e desvios do ponto de vista marxista-leninista, e depois de ouvir as opiniões dos camaradas, ele escreveu, às vezes um artigo completo, às vezes tese ampliada, às vezes ideias particulares. Eram materiais pesados, tanto do ponto de vista teórico-ideológico



quanto do aspecto jornalístico e publicista, do poder do pensamento e da excelência da apresentação.

Como eu disse, o camarada Enver colocava seus pensamentos no papel com extrema agilidade, então as vezes ele diria brincando: “acabei de preparar um artigo que vai estourar tudo, dá uma olhada com os camaradas!”

Esses artigos eram verdadeiras bombas: eram a verdade marxista-leninista, o pensamento da revolução que rasgava a máscara da contrarrevolução.

O nosso camarada Enver considerava cuidadosamente cada palavra, cada epíteto, e cada frase do aspecto tático. Ele dava importância ao esclarecimento ideológico e político das questões levantadas, para encontrar os argumentos necessários que refutassem as opiniões do adversário, deu importância à defesa ardente da linha do partido e à denúncia inequívoca das posições revisionistas. Embora dando importância ao conteúdo, ao pensamento, às ideias que deveriam ser expressas, ele não estava indevidamente preocupado com a ordem dos parágrafos, ou detalhes formais similares. Este método de escrita era natural para ele.

A luta ideológica contra o revisionismo em geral, e contra o revisionismo khrushchevista em particular, elevou a figura de Enver Hoxha a grande destaque. É também um dos campos de sua mais frutífera criatividade teórica. Ele sempre se mostrou um marxista-leninista consistente: na época da Guerra de Libertação Nacional, na oposição ao revisionismo iugoslavo, em sua atitude em relação ao 20º Congresso do PCUS, e assim por diante. Enver Hoxha surgiu como o ardente defensor do marxismo-leninismo, especialmente como figura que desencadeou a luta ideológica nos anos 60, quando o revisionismo de Khrushchev surgiu como o principal perigo, e mais tarde, nos anos 70, quando o maoísmo também demonstrou ser uma ideologia burguesa, pseudo-comunista. Além dos numerosos artigos publicados em nossa imprensa, as obras de destaque: *O Imperialismo e a Revolução*, *Eurocomunismo é Anticomunismo*, *Recordações com Stálin*, *Quando Nasce o Partido*, *Os Khrushchevistas*, *Os Titoítas*, *Cimentando as Bases da Nova Albânia* pertencem a este período. Estas obras constituem uma grande herança teórica, tanto para o povo albanês quanto para os comunistas em sua luta pela causa da construção socialista e para a classe operária de todo o mundo que leva adiante a causa da revolução e do comunismo.

O principal argumento dos revisionistas para tornar suas teses e objetivos acei-

táveis, para apresentá-las como “criativas e em conformidade com a conjuntura”, sempre se baseou na deturpação do significado das mudanças ocorridas no mundo desde a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento da revolução técnico-científica e a agudização de diferentes contradições sociais. Assim, eles proclamam o marxismo-leninismo como “obsoleto e que seus ensinamentos são impróprios para as condições atuais”.

O mérito do PTA e do camarada Enver Hoxha é que eles se opuseram a essas deturpações e provaram a vitalidade do marxismo-leninismo. Nos trabalhos acima mencionados, o camarada Enver defendeu com determinação nossa doutrina triunfante e a desenvolveu com criatividade, dando respostas aos problemas que sempre surgiram a partir de posições corretas.

Ao analisar as condições do desenvolvimento atual, a relação de forças, o imperialismo e sua estratégia reacionária, por um lado, e a luta da classe trabalhadora e dos povos, por outro, com maestria especial e no estilo leninista, Enver Hoxha provou em todas as suas obras que as mudanças ocorridas no mundo deram origem não à necessidade de rever o marxismo-leninismo, mas de colocá-lo em prática, liderando o proletariado nos campos de batalha para atacar a burguesia, e os povos para atacar o imperialismo.

Ele provou a conexão que existe entre a estratégia reacionária do imperialismo e a do revisionismo moderno. Em suas obras, Enver Hoxha não se limita a observações. Ele se opõe a esta estratégia reacionária com a estratégia da revolução, ele quer que se derrube a sociedade capitalista através da luta das classes antagônicas, como um resultado inevitável da própria luta de classes.

Com sua luta resoluta contra o revisionismo moderno de todos os matizes, nosso partido e o camarada Enver Hoxha abriram os olhos de muitos revolucionários desiludidos no mundo, provando que o retrocesso revisionista não foi um fracasso do socialismo, mas apenas um ziguezague no longo e difícil caminho do progresso.

A luta do Partido do Trabalho e seu líder, Enver Hoxha, para traçar a linha de demarcação entre o marxismo-leninismo e o revisionismo moderno, sua coragem nesta luta, tem sido um dos fatores importantes que deu impulso ao processo de distinção nas fileiras do movimento comunista, e a criação de novos partidos revolucionários marxista-leninistas. Nesses partidos o camarada Enver viu o futuro, a força invencível da revolução. Portanto, ele colocou sua ampla experiência como

organizador e líder comunista, e suas habilidades teóricas como ideólogo marxista-leninista à disposição deles a qualquer momento.

Enver Hoxha é uma figura notável do comunismo internacional. Assim como ele era um patriota ardente, ele era um internacionalista igualmente ardente. Ele viu a vitória da revolução e a construção socialista de nosso país, também, como um cumprimento de nosso dever internacionalista para com o proletariado mundial, enquanto considerava o crescimento do movimento marxista, as vitórias marcadas pelos revolucionários e pelos povos do mundo contra o capital como um poderoso apoio externo ao socialismo que está sendo construído na Albânia.

Historicamente, após o surgimento do revisionismo moderno, muitos partidos comunistas do mundo, especialmente na Europa, se desviaram para posições contrarrevolucionárias. Como reação contra eles, surgiram primeiro grupos marxista-leninistas que cresceram muito rapidamente e logo se constituíram em partidos. Naquela época, como resultado da pressão dos revisionistas, mas também devido à falta de experiência, as tendências direitistas ou esquerdistas foram denunciadas em alguns desses novos partidos e grupos marxista-leninistas. Isso foi natural. Como questão emergente de suas obras, reuniões e palestras, o camarada Enver frequentemente chamava a atenção para estes perigos e para a necessidade do fortalecimento do método revolucionário marxista-leninista.

Em uma reunião de trabalho realizada em seu escritório em 1º de novembro de 1972, ele me disse: “Tanto o oportunismo quanto o sectarismo são igualmente perigosos para os partidos marxista-leninistas. Embora colocando a ênfase no oportunismo, como principal perigo para o movimento comunista, o sectarismo não deve ser subestimado. Se tivermos em mente que os novos partidos marxista-leninistas nasceram na luta contra o revisionismo, ou seja, com o desvio de direita, não se pode descartar a possibilidade de que às vezes eles possam se desviar para posições sectárias, como reação ao oportunismo”.

Em várias ocasiões, participei das reuniões com o camarada Enver com delegações dos partidos marxista-leninistas. É fato de que ele nunca falou com os amigos de nosso partido com ordens e comandos, mesmo quando eles procuraram seu conselho diretamente: Enver fazia como Stálin, contou-lhes nossa experiência, falava “de acordo com nossa Guerra de Libertação Nacional [...]”, ou “a luta pela construção socialista nos ensinou que [...]”, “realizamos a coletivização em con-

formidade com nossas condições, durante um período de várias décadas [...]”, “a vida nos levou à conclusão de que a luta de classes é travada mesmo na fase da construção completa da sociedade socialista [...]”. causou uma impressão especial em mim e tem sido uma lição muito valiosa para o meu trabalho. Em uma palavra, ele não impôs a experiência e o caminho do nosso partido aos outros.

“Os marxista-leninistas — salientava o camarada Enver na reunião acima mencionada — organizam-se em partidos e grupos, que, por enquanto, podem ser pequenos. Mas o efeito de seu trabalho pode ser muito maior se eles operarem com prudência. A classe trabalhadora está em guerra com a burguesia, com a classe proprietária. Como sabemos, diferentes desprendimentos da mesma têm exigências diferentes. Se os marxista-leninistas se unirem à classe trabalhadora, em luta e através de luta, apoiarem suas reivindicações e propagarem sua linha no curso das ações, certamente serão criadas as condições para que o partido aumente sua influência entre a classe trabalhadora e se vincule melhor com as massas.”

Em 15 de fevereiro de 1979, informei o camarada Enver sobre uma reunião que tive naqueles dias com um representante do Partido Comunista do Canadá (Marxista-Leninista), Hardial Bains, que me informou sobre o trabalho que os revolucionários estão fazendo de acordo com a luta de classes, na luta contra o imperialismo dos Estados Unidos.

“O camarada do Partido Comunista do Canadá apresentou corretamente os problemas de seu país e a necessidade da luta contra o imperialismo norte-americano — disse o camarada Enver — É claro que os camaradas de cada partido marxista-leninista têm seus objetivos para a luta contra a burguesia local, o imperialismo ou o revisionismo. Podemos trocar opiniões de uma forma camarada, mas são eles mesmos que decidem o que é necessário e o que não é necessário fazer, porque nem nós, nem ninguém mais, podemos dizer-lhes como devem agir. Justamente aqui reside a capacidade de cada partido comunista de aplicar os princípios do marxismo-leninismo em conformidade com as condições concretas do país”.

Durante toda a sua vida, o camarada Enver Hoxha permaneceu próximo ao movimento comunista marxista-leninista. Ele lidou extensivamente e enriqueceu o pensamento marxista sobre o internacionalismo proletário. Algumas de suas definições, como a de cumprir seu dever internacionalista, em primeiro lugar, realizando as tarefas revolucionárias dentro do país são de grande importância

teórica e prática.

“Há apenas um internacionalismo — dizia o camarada Enver com frequência — Não há e não pode haver internacionalistas *ativos* e internacionalistas *passivos*. Internacionalismo é lealdade ao marxismo, devoção aos interesses do proletariado, dedicação à causa da revolução. O internacionalismo é sempre ativo e não pode ser de outra forma.”

Os marxista-leninistas, revolucionários e progressistas, tanto aqueles que tiveram contatos diretos com ele, como aqueles que o conheceram através do estudo de suas obras, sempre expressaram sua admiração e amor sincero por este grande lutador proletário. O camarada João Amazonas, primeiro secretário do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), destacou: “Enver Hoxha é um exemplo de abnegação, de coragem revolucionária, de perseverança nas ideias que ele representa, é um militante convicto e honrado do partido comunista. Ele é o símbolo da perseverança na luta, da fé no povo, do amor à pátria socialista, do internacionalismo consistente. Um símbolo da invencibilidade das ideias revolucionárias”.

Na luta contra o revisionismo moderno, que os comunistas albaneses com Enver Hoxha à frente travaram com justeza exemplar, mostrou que nosso partido saiu vitorioso. A própria vida confirma cada dia mais e mais a justeza desta luta, a justeza de suas análises, previsões e conclusões. O que Enver Hoxha viu e declarou desde o início, que os revisionistas degenerariam, restaurariam o capitalismo, que os outros partidos revisionistas cairiam na lama social-democrata, que o revisionismo moderno se transformaria em uma cesta de esterco, agora pode ser observado por todos. Estamos vendo isto na Iugoslávia que, para ser *auto-gestionada*, é financiada e administrada por seiscentos bancos internacionais e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI); estamos vendo isto na China, onde o último congresso do PCCh declarou oficialmente que a China só pode se lançar no caminho do socialismo daqui a 50 anos; estamos vendo isso na Polônia, onde, para manter vivo o “socialismo”, o governo tomou emprestado trinta bilhões de dólares dos bancos ocidentais e agora não pode reembolsá-los; estamos vendo isso na Hungria que, nos últimos dias, anunciou oficialmente que está endividada em dezessete bilhões de dólares.

Os resultados da linha revisionista são claramente visíveis, também, em dois dos

partidos “mais ardentes” do novo oportunismo: o Partido Comunista da França (PCF) e o da Itália (PCI), os porta-bandeiras do eurocomunismo. Nas eleições parlamentares de 1956, o PCF obteve 5 milhões 450 mil votos, ou seja, mais de 25% dos votos de todo o país. Em 1968 obteve 4 milhões 430 mil votos, ou seja, 20% do total. Mas, em 1986, obteve apenas 9,8% dos votos. A linha revisionista também não trouxe melhor sorte para o PCI. Somente nos últimos dez anos, este partido perdeu mais de um terço de seu apoio eleitoral. Em 1976, ganhou 34,4% dos votos, enquanto em maio de 1988 obteve apenas 21,9% dos votos. Em uma reunião do Comitê Central desse partido, realizada em julho deste ano, um de seus líderes disse abertamente, “o PCI é agora um partido social-democrata”.

Os resultados da linha revisionista estão aparecendo hoje com especial clareza na União Soviética, que com Gorbachev como timoneiro, está se esforçando para levar até o fim o que Khrushchev não terminou: a transição completa para uma sociedade capitalista com rótulo de socialista. A chamada *Glasnost* e *Perestroika* são formas de reformar até mesmo aqueles elementos que ainda mantêm sua aparência socialista. *Perestroika* significa reformar toda a sociedade soviética, não para fortalecer as posições da classe trabalhadora e do socialismo, mas para dar-lhes o golpe final. *Glasnost* significa abrir o caminho de uma vez por todas para a ideologia burguesa, para permitir aos oportunistas e aos partidários do pluralismo determinar o que é bom e o que é ruim, como eles devem e como não devem agir, de acordo com seu gosto. A quadrilha de Gorbachev precisa da *Perestroika* e da *Glasnost* para criar as condições necessárias para que a União Soviética prossiga no mesmo rumo que os Estados Unidos da América, para competir com ela pelas esferas de influência e expansão, pela exploração dos povos e pela hegemonia.

Nosso partido marchará consistentemente no caminho da luta irreconciliável contra o revisionismo moderno de qualquer tipo e qualquer nome que ele assuma. Como nos aconselhou Enver Hoxha, a Albânia socialista trabalhará persistentemente para a construção do socialismo, com total fé e seguindo inabalavelmente os ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, que demonstraram e estão demonstrando sua vitalidade e valor universal dia após dia. O fato é que, guiada por estes ensinamentos, implementando-os de maneira criativa em nossas condições concretas, a Albânia socialista está avançando, desenvolvendo-se e tornando-se mais bela.



# ORGANIZADOR DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO.

– PINTURA DO ÁLBUM “ME POPULLIN, MES SHOKEVE”

“ENVER HOXHA, LÍDER IMPRESCINDÍVEL DO POVO ALBANÊS”





*Enver Hoxha no 8º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), 1981.*



*Enver Hoxha na inauguração da linha ferroviária entre Tirana e Durrës, 1949.*

# ORGANIZADOR DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

NÃO É POSSÍVEL APRESENTAR NEM MESMO UM ESBOÇO GERAL DE TODA A CONTRIBUIÇÃO de Enver Hoxha como arquiteto da política de desenvolvimento econômico e cultural da Nova Albânia em um único livro, muito menos em um único capítulo. Estudos científicos, conferências, livros, monografias e publicações de todos os tipos foram dedicados ao seu pensamento teórico como um todo, e ao seu pensamento econômico em particular. No entanto, nossos estudos científicos ainda têm muito a produzir para ressaltar seus valores multiformes como instrumentos do progresso e do desenvolvimento em todos os campos, como inspiração da continuidade socialista.

Nestas notas, em vez de fazer uma apresentação histórica do curso seguido pelo nosso partido na construção material e espiritual de nossa sociedade nos anos da nova vida sob a liderança do camarada Enver Hoxha, quero sublinhar seu papel como organizador da construção socialista na Albânia, como revolucionário, como um pensador criativo, tudo a serviço da implementação dos ensinamentos do marxismo-leninismo nas condições de nosso país.

Ele deu uma contribuição decisiva, tanto para prever como para colocar em prática cada reforma, cada transformação socialista que a economia e a cultura albanesas necessitavam na última metade do século. O seu principal mérito foi o de traçar o rumo para o desenvolvimento socialista em todos os cantos da Albânia desde a libertação até os dias de hoje.

Quando libertamos o país dos ocupantes fascistas, nossa pátria estava numa situação muito grave: a devastação da guerra foi acrescentada ao atraso geral de nossa economia e à pobreza de nosso povo. Nenhuma ponte tinha ficado de pé, em todos os lugares só restavam ruínas. A principal e mais urgente necessidade

era de alimentos. Quase não haviam medicamentos disponíveis, ainda por cima estávamos em uma época em que as doenças eram galopantes em todos os lugares. As finanças do Estado haviam sido esgotadas e os especialistas técnicos existentes podiam ser contados a dedo. Naqueles primeiros anos, os inimigos internos e externos da classe trabalhadora, derrotados pela revolução, tramavam e operavam com a ferocidade de uma animal ferido. Eles empregavam todos os meios, entre eles, as armas, a diplomacia e também seu poder econômico, para derrubar o poder popular. Como nós enfrentamos essa situação? Como conquistamos essas vitórias e como fomos capazes de defendê-las? Por onde deveríamos começar?

Quando olhamos para trás, quando vemos o desenvolvimento socialista do país em retrospectiva, sentimos um orgulho legítimo de que em todas as situações e etapas da revolução, a estratégia e a tática do partido têm sido corretas. A reconstrução do país e as dificuldades do início foram enfrentadas com sucesso. Foi aplicada uma política econômica que respondeu aos interesses do socialismo, da independência e da soberania da pátria, do bem-estar e da prosperidade do povo. O majestoso programa de industrialização socialista, nossa tática para a coletivização e modernização da agricultura, a revolução ideológica e cultural, são conquistas históricas de extraordinária importância. Profundas transformações sociais como a criação da classe operária e a valorização de seu papel de liderança, o estabelecimento e fortalecimento da igualdade social, a emancipação da mulher e a democratização da vida do país, a criação de um novo modo de vida, o cultivo de valores morais socialistas e o desenvolvimento de processos democráticos corretos, tudo isso é dedicado à sabedoria do partido e de nosso inesquecível líder, o camarada Enver Hoxha.

Quanto mais tempo se passa, mais valorizam as grandes ideias de Enver Hoxha sobre a elaboração da linha econômica do partido. Hoje a política de direcionar investimentos com prioridade para os ramos da indústria pesada, para a produção de petróleo e energia, para a extração e processamento de ativos minerais, como primeiro e principal passo para a industrialização socialista do país, pode parecer para muitos simplesmente uma aplicação mecânica das leis econômicas universais do socialismo. Mas, na situação do nosso país durante esses primeiros anos, essa foi uma decisão muito ousada.

Não me refiro simplesmente às “recomendações”, mas sim às verdadeiras pres-

sões dos “amigos” daqueles tempos, primeiro os iugoslavos, depois os soviéticos. Ambos diziam que para iniciar a industrialização com a “mais rápida rentabilidade econômica” era necessário trabalhar com a indústria leve e alimentícia, ou seja, ambos queriam nos impor um desenvolvimento econômico distorcido, instável e unilateral, para ser mais claro: para fechar as perspectivas da indústria pesada, ramo fundamental de uma economia independente. De fato, chegaram ao ponto ridículo de buscar bases “teóricas” para a tese de que um país pequeno não tem necessidade de criar uma indústria complexa.

Também não me refiro à atividade sabotadora dos inimigos internos, a seus esforços sistemáticos para atacar e distorcer a política econômica do partido, ou às tentativas de inimigos externos, imperialistas e outros, de intervir com objetivos contrarrevolucionários na Albânia.

Investir com prioridade na indústria pesada logo após a guerra significava colocar tanto a economia quanto às massas a um período de grandes provações, significava apelar para eles para que fizessem novos sacrifícios. Não esqueçamos o período sobre o qual estamos falando. Nos primeiros anos, o nível de produção assegurado era tão baixo que era insuficiente, mesmo que tudo tivesse sido utilizado para consumo, sem mencionar as fontes de acumulação de novos investimentos.

Diante de tal situação, parecia justificável, pelo menos por um certo período, tomar medidas que levassem imediatamente a elevar o nível de bem-estar das massas, ou seja, evitar o aperto dos cintos, caindo assim nas posições mesquinhas e burguesas daqueles que não querem fazer sacrifícios, mas querem deixá-los para as gerações futuras.

É a harmonização das proporções fundamentais da economia e a construção de sua estrutura completa e sólida, o que, mais do que qualquer outra coisa, destaca a adesão aos princípios e a sabedoria política de nosso partido e do camarada Enver Hoxha. Justamente porque o partido e o camarada Enver queriam prosperidade para a pátria e felicidade para o povo, eles encorajaram e aplicaram tal linha de desenvolvimento, cuja essência é a prioridade dos interesses do futuro sobre os do momento.

Não é difícil criar situações temporárias de abundância em bens de consumo, fomentar ilusões e semear a euforia sobre o bem-estar entre as massas, abandonando as obrigações em relação ao desenvolvimento. Na história há muitos líderes

ambiciosos que, querendo aplacar as massas e ganhar seu apoio, elevaram artificialmente e prematuramente o nível de consumo do povo. Entretanto, as ilusões sempre foram seguidas de desilusões, o que é ainda mais desagradável do que a insuficiência momentânea.

Em nossa vizinhança há países nos quais as atuais gerações estão pagando pelo padrão de vida imerecido de várias gerações anteriores e, além disso, as gerações futuras continuarão a pagar por isso. Falando em termos concretos, cada novo cidadão nascido na Iugoslávia herda uma média de mil dólares de dívida externa que lhe foi deixada por seus antepassados. Este é o caso também em muitos outros países, nos quais a respectiva classe trabalhadora teria trabalhado anos a fio sem remuneração, a fim de pagar as obrigações para com os credores.

Nosso partido e o camarada Enver Hoxha não seguiram tal curso. Eles não buscaram soluções fáceis e confortáveis, não temeram sacrifícios e dificuldades. Por conta disso, a cada dia que passa aumenta a gratidão de gerações pelo rumo traçado pelo partido. Este é o caminho confiável de avanço em direção ao futuro, o caminho do desenvolvimento harmonioso de toda a nossa vida socialista. Uma liderança como nosso partido, que tem o povo com ele, pode marchar por este caminho.

Nos primeiros anos após nossa libertação, a tarefa fundamental do programa para o desenvolvimento do país foi superar rapidamente o profundo atraso herdado na economia através do desenvolvimento vigoroso das forças produtivas. A industrialização socialista do país compreendia a essência desta tarefa estratégica.

Se nos referimos às crônicas daquela época, emerge que o primeiro passo para a criação da nova indústria foi a nacionalização do capital privado local e estrangeiro. Na verdade, a nacionalização foi mais um ato político do que econômico, porque o valor do capital nacionalizado era insignificante, especialmente pelos padrões atuais. Além disso, pelos aspectos técnicos e organizacionais, este legado não constituía uma verdadeira indústria.

Nessas condições, a industrialização, especialmente dando prioridade constante à indústria pesada, parecia uma grande montanha intransponível. Mas Enver Hoxha com sua sabedoria encontrou as formas de escalar estas difíceis e perigosas encostas. Quando ele teorizou sobre a necessidade da indústria pesada e seu desenvolvimento prioritário, ele tinha em mente, antes de tudo, a exploração

de ativos subterrâneos latentes, a extração de petróleo e carvão, cromo e cobre, ferro e outros minerais.

Nosso partido foi guiado pelo camarada Enver pela ideia de que, no processo de industrialização, cada etapa se prepararia para a próxima; a indústria extrativa exigiria e forneceria a indústria processadora; a partir daí, as plantas metalúrgicas surgiriam e passariam ao processamento secundário e mais profundo das matérias primas, e à conclusão de seus ciclos. Mesmo que tivéssemos instruído que a indústria pesada deveria começar com as minas, jamais deixamos de apontar concretamente que a extração das riquezas subterrâneas seria uma fase puramente transitória, tal política se provou na prática, pois nosso objetivo final sempre foi a criação de uma indústria de processamento. O que demonstra isso é o fato de que o aumento da proporção de materiais processados têm sido uma tendência contínua desde o início de nossa industrialização até os dias de hoje.

Ao buscar o processamento em larga escala de nossos recursos naturais, Enver Hoxha teve em vista o desenvolvimento das indústrias de fundição de ferro, aço e cromo, petroquímica e a produção de máquinas complexas. Com tal lógica, ele nunca separou o desenvolvimento das indústrias em extensão do seu desenvolvimento em profundidade, mas viu-as como dois processos simultâneos.

Ele considerou que a produção de aço e a criação da indústria metalúrgica albanesa, que a construção do complexo metalúrgico em Elbasan, eram na verdade “a segunda libertação da Albânia”. Deve-se ter em mente que o camarada Enver fez esta grande proclamação numa época em que a usina metalúrgica exigia grandes investimentos e subsídios e os exigiria por um período relativamente longo. No entanto, ele tinha a convicção inabalável de que chegaria o dia em que a metalurgia reembolsaria o país muitas vezes por todos os investimentos e sacrifícios, porque, com o tempo, cada nova fábrica acrescentada à fábrica aumentaria imediatamente sua lucratividade geral em uma extensão considerável.

Com este amplo conceito político e econômico, o partido, com Enver Hoxha à frente, traçou o caminho para garantir os recursos financeiros necessários para toda a industrialização socialista. Ele estava bem ciente do patriotismo e da prontidão que o campesinato demonstraria para financiar a criação de diferentes indústrias, assim como estava ciente da eficácia dessas indústrias e das muitas possibilidades que elas criariam de acumulação sobre toda a economia nacional.

A aliança política entre duas classes amigas, entre a classe operária e o campesinato cooperativista, o camarada Enver salientou, deve ser reforçada por uma aliança econômica estável.

Desde os primeiros anos, Enver Hoxha viu claramente que o progresso social e econômico do país não poderia ser alcançado sem sua eletrificação. Ele estava tão firmemente convencido disso que considerava a revolução socialista e a eletrificação do país como intimamente ligadas entre si. Sua fé no futuro o levou a falar sobre o uso da energia elétrica na indústria e nas minas, nas usinas e nas combinações, naqueles anos em que nosso país possuía apenas oficinas de artesanato e algumas pequenas fábricas.

Se hoje temos uma indústria de diversos ramos, complexa, pesada e leve, baseada nos recursos locais, que atende às necessidades da economia em uma ampla frente: um sistema unificado de energia elétrica e um balanço energético positivo; um desenvolvimento harmonioso da indústria e da agricultura; uma classe operária madura e distribuída por todo o território dos cantos mais remotos do país — tudo isso decorre da política clarividente de industrialização, aplicada consistentemente pelo partido sob a liderança do camarada Enver Hoxha.

Hoje a Albânia está se aproximando do estágio de sua transformação em um país industrial-agrário, o que representa um nível mais avançado da construção da base material-técnica do socialismo. Esta será uma vitória majestosa, com a qual o partido e o povo sonharam, com a qual trabalharam e lutaram, e até se sacrificaram por cerca de meio século. A transformação da Albânia de um país antes agrário atrasado em um país moderno e industrializado tem sido o guia constante da tática econômica trabalhada pelo partido e por Enver Hoxha. Os anos dos últimos planos quinquenais foram passos para ascender em direção a este objetivo histórico, que coroará com sucesso o trabalho e o heroísmo de várias gerações de construtores do socialismo.

A etapa industrial-agrária, para a qual estamos dando os passos decisivos, é prova da maturidade do socialismo, prova do progresso geral do país, do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, da elevação do bem-estar e da melhoria do modo de vida, da emancipação de nossa sociedade como um todo. Esta é a etapa da consolidação da estrutura multifacetada da economia e sua maior intensificação nas mudanças qualitativas da composição

da produção social dos ramos da indústria; da melhoria da estrutura de recursos para a criação de renda nacional e exportações; de novos desenvolvimentos sociais de nossa sociedade etc.

É de conhecimento comum que, após a Segunda Guerra Mundial, uma série de países europeus e asiáticos de democracia popular se lançaram no caminho da coletivização da agricultura. Desde então, já se passaram mais de quatro décadas. Durante este período, todas as formas e sistemas aplicados na agricultura pelos diferentes “teóricos” do marxismo foram exaustivamente testadas. O fato é que hoje tanto a *kolkhoz* soviética como a *comuna* chinesa, assim como as outras economias de tipo coletivo que foram criadas no passado nos países orientais, foram superadas. Nesses países, o conteúdo do coletivismo foi destruído, restando apenas as fachadas do mesmo.

Nos países revisionistas, em alguns mais cedo e em outros mais tarde, em alguns às escuras e em outros abertamente, a propriedade privada na agricultura foi restaurada ou assumiu grandes proporções. Assim, as cooperativas foram eliminadas de uma vez por todas. A teoria de que supostamente o sistema cooperativista na agricultura é incapaz de elevar os níveis de produção, ou de elevar o bem-estar das massas tem sido usada para justificar essa perversão. A verdade é que as causas das falhas da agricultura nestes países não estão na tese leninista de criar cooperativas, mas precisamente na revisão dela.

A correta política agrária que nosso partido tem aplicado, ao mesmo tempo em que continuamente traz mudanças radicais no campo e dá um impulso sem precedentes ao desenvolvimento da agricultura, é também uma brilhante defesa dos ensinamentos de Lênin contra as distorções e ataques dos revisionistas.

Se a superioridade do modo cooperativista é indiscutível em nosso país e suas vantagens aumentam constantemente, isto se deve, em primeiro lugar, à clareza teórica e à lógica de classe penetrante de Enver Hoxha. A filiação à cooperativa trouxe ao camponês albanês bem-estar e cultura, um modo de vida digno e conceitos morais socialistas.

É claro que esta conquista, colossal em suas dimensões e importância, não foi feita facilmente. Para realizá-la é necessário não apenas sabedoria política e coragem revolucionária, mas também respeito pelas condições do país, assim como grandes investimentos e apoio financeiro contínuo por parte de nossa sociedade.



Embora sob condições difíceis e diante da necessidade urgente de aumentar a produção agrícola, o partido e o camarada Enver sempre seguiram uma política agrária prudente e cautelosa. Em cada fase ela tem sido aplicada sem pressa e tem respondido aos interesses do campesinato e do desenvolvimento socialista do país. O próprio fato de ter levado mais de vinte anos para completar a coletivização da agricultura em nosso país (1946-1967) mostra quão consistentemente o princípio do voluntarismo, da persuasão ao campesinato foi construída persistentemente em nosso país. Sobre esta questão cardinal da revolução, também, nosso partido não saltou as etapas, não apressou as coisas, mas fez tudo na hora certa.

A história da coletivização da agricultura em nosso país está cheia de fatos que mostram que nosso partido nunca confundiu vontades utópicas e imaginação com as reais condições e possibilidades do nosso desenvolvimento. As decisões da 11<sup>a</sup> Plenária Especial do Comitê Central do Partido, realizado em maio de 1951, são uma ilustração desta maturidade com valor universal.

Uma reunião do comitê central realizada apenas um mês antes desta plenária havia examinado a questão da coletivização da agricultura e emitido a palavra de ordem da extensão e aceleração em massa deste processo. Na verdade, estas conclusões foram precipitadas, se não deliberadamente hostis, com o objetivo de desacreditar a linha do partido sobre a coletivização. Eu digo que poderiam ter sido atos deliberadamente hostis, pois o relatório principal foi entregue por Mehmet Shehu, que presidiu esta reunião e orientou seus procedimentos na ausência do camarada Enver que estava em visita à União Soviética naquela época. Na verdade, essa reunião violou a decisão da 2<sup>a</sup> Conferência Nacional do Partido realizada um ano antes, na qual a linha sobre a coletivização da agricultura foi resumida na palavra de ordem “não devemos apressar as coisas, nem marcar o tempo”.

Quando o camarada Enver retornou ao nosso país e se informou sobre os documentos da reunião do comitê central de abril de 1951, ele exigiu uma reconsideração de suas decisões, descrevendo-as como prematuras e unilaterais. Sobre sua proposta, o Plenário do Comitê Central reuniu-se mais uma vez e discutiu novamente a questão da coletivização, em uma base sólida.

Nesta reunião do comitê central (11<sup>a</sup> Plenária), que entrou para a história do partido como o *Correção da 10<sup>a</sup> Plenária do Comitê Central*, o camarada Enver explicou pacientemente, com argumentos teóricos e práticos, a importância do voluntaris-

mo em uma transformação tão revolucionária como a transição da propriedade privada em pequena escala para a propriedade cooperativa, e do trabalho individual para o trabalho coletivo. Esta foi uma revolução em si mesma, que exigiu profunda compreensão política e econômica, que teve a ver com a psicologia e o nível cultural dos camponeses. Ao criar novas relações na produção, a coletivização traria um novo desenvolvimento da produção agrícola e pecuária, assim como traria mudanças importantes também na vida no campo, em seu desenvolvimento e progresso e em suas ligações com a cidade e a classe trabalhadora.

Assim, por inúmeras razões de caráter ideológico e político, econômico e organizacional, psicológico e social, o partido teve que demonstrar prudência no trabalho de coletivização da agricultura. A pressa era igual ao fracasso. As decisões endossadas pela 11ª Plenária de maio de 1951 constituem um verdadeiro programa com as quais a coletivização no campo seria alcançada.

A questão camponesa, em toda sua complexidade, envolvendo a política econômica e social, com o objetivo final de eliminar as distinções essenciais entre cidade e campo, é uma das questões mais difíceis da construção socialista. Portanto, requer atenção especial do partido e dos órgãos estatais, requer trabalho persistente de todos os lados e tratamento científico marxista-leninista. Foi assim que Enver Hoxha viu este problema e é assim que o partido, baseando-se em seus ensinamentos, vê as questões do campesinato e o desenvolvimento de nosso campo socialista nos dias de hoje. Enfatizo isto porque o progresso das relações socialistas no campo, o desenvolvimento da produção agrícola, a emancipação do campo no sentido amplo do termo, dependem em grande parte da compreensão correta, e especialmente da aplicação correta da política agrária do partido.

O partido e o camarada Enver tinham muitas vezes que combater conceitos restritos, desejos subjetivos, subestimação do campo e ações prejudiciais aos interesses das cooperativas camponesas e agrícolas, apresentadas sob o falso pretexto de defender desta forma os interesses do Estado socialista, etc. Falei anteriormente do perigo que existia nos primeiros anos de que o princípio do voluntarismo fosse violado e do ritmo forçado na coletivização do campo. Mas, desde então, ocorreram casos de visões superficiais, teóricas e práticas incorretas e, não se pode descartar que interpretações teóricas superficiais possam ser feitas ainda hoje. É claro que é dever do partido trabalhar para esclarecer estes mal-entendi-

dos e corrigir os erros.

Foi assim que Enver Hoxha agiu.

“Na reunião que tive com o camarada Enver — escrevi em minhas notas de 10 de dezembro de 1980 — um material apresentado por um grupo de economistas sobre o mecanismo de transformação da cooperativa em fazendas estatais foi discutido. A questão foi apresentada: os membros das cooperativas devem ser indenizados ou reparados durante a transformação da propriedade das fazendas cooperativas em fazendas estatais? A ideia predominante do material era de que os cooperativistas não deveriam ser indenizados, justificando apenas a transformação de uma forma de tipo inferior em tipo superior de propriedade social. Essa linha de pensamento parecia muito racional para os autores do material. Eles ainda motivaram o fim do direito à indenização como forma de defender os interesses da sociedade e do Estado.”

Não concordamos com tal ideia. O camarada Enver se debruçou especialmente sobre esta questão: “No material que nos apresentaram, parece-me que nossos economistas não entendem corretamente a questão da propriedade. Para eles não parece haver diferença entre os bens de um grupo de camponeses e os bens do Estado. Isto não é verdade. Para convencer-se disso, basta ler Engels cuidadosamente em seu trabalho *Anti-Dühring*. Ali, referindo-se ao pensamento de Marx, ele explica claramente a diferença entre a propriedade de todo o povo e a propriedade de um grupo. Entretanto, ao negar aos camponeses o direito a uma certa indenização pela propriedade cooperativa durante a transição das fazendas cooperativas em fazendas estatais, os economistas que prepararam este material estão dizendo, indiretamente, que a propriedade de todo o povo é a mesma que a propriedade de um grupo. Mas isso é errado em princípio.”

O camarada Enver Hoxha frequentemente lidava com questões práticas de maneira a sempre fazer generalizações importantes. Querendo incitar meus pensamentos nesta direção, eu intervi na conversa dizendo:

“Tal raciocínio aparentemente de princípio não tem faltado nas fases anteriores de desenvolvimento da coletivização da terra. Ainda hoje — continuei — às vezes, especialmente no campo da teoria, as discussões são realizadas e a questão é colocada: por que foi necessário realizar a reforma agrária quando, imediatamente depois disso, começou a coletivização? por que foi necessário dar a terra

ao camponês quando, pouco tempo depois, ele ia se unir em cooperativas? Não era possível pular esta reforma?”

“Fazer perguntas e se entregar à teorização é fácil — disse o camarada Enver — mas toda ação deve ser julgada de acordo com as condições históricas concretas. A reforma agrária era indispensável, era uma tarefa imediata do poder popular, uma das condições mais decisivas para abrir perspectivas para o desenvolvimento do campo na Albânia.”

“Nosso partido nunca fez nada apenas por uma questão de forma — ele enfatizou a seguir — e também não agiu dessa maneira em relação à reforma agrária. Nosso campesinato, que lutou pela pátria e pela terra durante séculos a fio, comprometeu-se sem reservas com a Guerra de Libertação Nacional, expressando seus sentimentos profundos de patriotismo e desejo de liberdade e justiça social, bem como suas aspirações a uma vida melhor e seu sonho de possuir a terra. Combatu e se sacrificou sem reservas, na esperança de se tornar o legítimo proprietário da terra, tal como o partido havia prometido durante a guerra. Os camponeses albaneses já estavam cansados de sempre lutar de batalha em batalha ouvindo promessas vazias das classes dominantes, dessa vez não podíamos permitir que isso acontecesse novamente e de fato não aconteceu. Sobre a questão da coletivização, não apressamos a questão. Se tivéssemos insistido que a coletivização fosse realizada imediatamente para todo o campesinato, certamente teríamos falhado e a própria existência de nosso estado socialista, o estado da ditadura do proletariado, teria sido colocada em perigo.”

Quando as bases de nosso sistema cooperativista foram lançadas, nosso país havia acabado de emergir da guerra. O povo suportou um pesado fardo de trabalho e realizou tarefas difíceis. A proteção das planícies contra enchentes e drenagem de pântanos, a construção de projetos de irrigação e a sistematização de terras, os terraços, a irrigação, a mecanização da agricultura e o fornecimento de fertilizantes químicos, sem os quais a coletivização teria sido inútil, foram ações que foram realizadas com grande esforço. E isto ocorreu precisamente no momento em que a agricultura carregava o principal fardo da acumulação socialista e financiava a instalação da nova indústria.

O camarada Enver sempre enfatizou que os camponeses albaneses mereciam toda contribuição de nossa sociedade. Com isso, ele tinha em mente as caracte-

rísticas especiais de nosso campesinato, suas diferenças em muitos aspectos em relação ao campesinato de outros países.

O caráter específico de nosso campesinato está ligado ao seu papel, lugar e contribuição em todas as lutas pela liberdade e independência, mas especialmente, na revolução popular e na luta pela construção do socialismo, na construção, consolidação e defesa do novo poder popular, as magníficas conquistas da época do partido. Nessas lutas e batalhas o campesinato tem sido um lutador resolutivo e exemplar na aplicação dos ensinamentos do partido.

Nosso campesinato não é meramente um aliado da classe trabalhadora, mas seu digno irmão. Ele assimilou e está assimilando a ideologia e a consciência do proletariado, os ensinamentos do marxismo-leninismo. É uma realidade que a classe operária albanesa constitui a classe líder da sociedade, mas é igualmente verdade que nosso campesinato nunca ficou para trás e deu uma contribuição histórica como revolucionário resolutivo na causa da construção do socialismo.

Tenho me debruçado sobre isso para salientar que o camarada Enver Hoxha julgou os vários fenômenos não de acordo com esquemas, mas de acordo com a lógica da vida, a lógica de nossa luta diária e do trabalho. Alguns estudos e palestras, no entanto, quando se referem ao papel e à natureza de nosso campesinato, tendem a se tornar principalmente discussões teóricas e muitas vezes fazem avaliações com base em estereótipos gerais conhecidos. Estas avaliações, ou ignoram completamente, ou diminuem e minimizam o papel e contribuição de nosso campesinato na construção socialista. Entretanto, a prática da construção do socialismo em nosso país destrói essa teorização escolástica.

A agricultura albanesa, que sempre esteve no centro da política econômica do partido e dos planos de desenvolvimento do país, tem estado em constante transformação. Tornou-se uma fonte inesgotável de produtos para o consumo do povo, para a acumulação socialista e para a exportação. Com os rendimentos alcançados nos principais produtos, nossa agricultura coletivizada deu passos gigantes na frente. Ano após ano está consolidando essa vitória de importância estratégica ao assegurar o pão do povo dentro do país, e agora é também capaz de lidar com tarefas ainda mais difíceis.

A agricultura socialista tem sido desenvolvida com passos seguros e de maneira original em nosso país. Tais experiências como a criação de cooperativas, a

combinação de relações econômicas de propriedade coletiva com o Estado, a intensificação prioritária da produção em zonas amplas, a combinação e harmonização do caminho intensivo com as formas tradicionais de desenvolvimento, a concentração, especialização e regionalização de cultivos e pecuária de acordo com a experiência da Plasë, o estreitamento das distinções entre as zonas de planície e montanhosas e a estabilidade da população camponesa, são todas de especial importância. Eles abriram novos horizontes para o aprofundamento do processo de construção socialista no campo e para os passos que serão dados no futuro.

Quando as primeiras cooperativas foram criadas, a Albânia não podia fornecer pão suficiente para os pouco mais de um milhão de habitantes que tinha, enquanto hoje, 40-50 anos depois, com sua própria produção, ela assegura não apenas o pão, mas também a esmagadora maioria dos alimentos para uma população que aumentou quase três vezes em número e com demandas muitas vezes maiores. Hoje, nossa agricultura produz cerca do dobro por habitante do que produzia em 1960. Esta é a eficácia da ordem cooperativista; isto expressa a exatidão da política agrária do Partido do Trabalho da Albânia (PTA) e o valor do pensamento criativo do camarada Enver Hoxha.

Em todas as etapas da construção socialista, desde as primeiras reformas democráticas até as profundas transformações revolucionárias que vieram depois, Enver Hoxha carregou pessoalmente o principal fardo da gestão econômica do país, não apenas enquanto foi Presidente do Conselho de Ministros, tarefa que desempenhou até 1954, mas o tempo todo, como Secretário-Geral do Comitê Central do Partido. Ele garantiu que as tarefas por ele formuladas como líder político fossem realizadas com sucesso através de seu trabalho como organizador para sua implementação na prática. Sua clareza política e seu amplo horizonte cultural aguçaram suas qualidades organizacionais, assim como sua participação direta na atividade de organização e administração forneceu material inesgotável e insubstituível para seu poderoso pensamento arquitetônico.

A visão econômica do camarada Enver era muito ampla, cobrindo todos os campos do desenvolvimento da produção social. Basta dar uma olhada no índice de qualquer um dos volumes de suas obras para se convencer disso. Ali estão listadas todas as questões fundamentais do desenvolvimento do país, desde os problemas de prioridades e os princípios principais da gestão da economia até os da orga-

nização detalhada do trabalho. Se partirmos do critério temático, de suas obras abrangentes e variadas, poderão ser publicados volumes inteiros com materiais selecionados, não apenas sobre o papel do partido, sobre o petróleo ou setores como agricultura, ciência, educação e cultura, literatura e arte, exército e órgãos de assuntos internos, etc., volumes que, de fato, há muito tempo estão à disposição do leitor, mas também precisamos reforçar o entendimento dos volumes sobre cromo, carvão, pecuária, construção e transporte, sobre a eficácia econômica ou os aspectos sociais da produção.

Entre o grande público, assim como em estudos científicos e reuniões, foi declarado, muito corretamente, que Enver Hoxha é o inspirador das magníficas transformações que mudaram a face de nosso país. E ele não forneceu apenas ideias gerais sobre estas transformações. Para cada novo passo que teve que ser dado na economia, ele estudou a ciência e as realizações contemporâneas, consultou os quadros, ouviu as opiniões dos especialistas, buscou informações e análises. Desta forma, ele formou um conceito claro do que tinha que ser feito. Isto lhe permitiu não apenas determinar os novos rumos do desenvolvimento ou o momento adequado para dar o novo passo, mas também apresentar suas ideias para o futuro com inspiração e em detalhes.

Quando falava sobre o futuro, o camarada Enver surpreendeu seus ouvintes com seu otimismo. Ele pensava na planta metalúrgica quando as primeiras minas iniciaram a produção, ele previu a eletrificação completa do país em uma época em que até mesmo as cidades não dispunham de suprimento de energia elétrica adequado e confiável. Ele nos descreveu Lukovë como ela é hoje, quando ela estava apenas coberta com a vegetação das montanhas.

Os contornos do futuro estão sempre presentes em seu pensamento. A escassez temporária e as dificuldades não o impediram de ver claramente os desenvolvimentos futuros. Precisamente sobre esta brilhante forma de se pensar, em março de 1983, após um encontro diário normal com ele, fiz esta nota:

“Hoje o camarada Adil Çarçani me informou sobre uma reunião realizada há alguns dias no Ministério da Agricultura, da qual ele havia participado. Os camaradas daquele departamento haviam falado com otimismo e argumentos convincentes sobre as possibilidades e perspectivas do desenvolvimento da pecuária, da fruticultura e de alguns outros setores da economia.

O camarada Enver ficou satisfeito com as informações. Ele deu a Adil uma série de instruções para agora, mas também para mais tarde, olhando 15 anos à frente, em relação à melhoria do trabalho no setor pecuário. Ele falou longamente sobre o trabalho que deve ser feito em relação aos animais, os centros de criação de gado de reposição, os complexos pecuários e, especialmente, sobre a base forrageira para o gado.

Ele deu especial importância à questão da coordenação do trabalho em todos os setores da agricultura e da pecuária, da indústria de alimentos e do comércio, para que nada produzido pelo campesinato ficasse sem uso. Quando ele falou sobre a fruticultura, ele enfatizou a necessidade de que cada produto deste setor seja utilizado e não desperdiçado.

Quão otimista é o camarada Enver! Ele fala do futuro da fruticultura e em sua imaginação nós podemos ver vividamente todas as cadeias de colinas que se estendem de Tirana a Durrës, de Lushnjë até Berat, de Këlcyrë até Gjirokastër completamente cobertas de árvores. Ele fala de tantas frutas a serem cultivadas a fim de garantir um abastecimento ininterrupto para os mercados, para que o nosso povo tenha uma variedade de frutas para diversas estações, para que nossas mesas estejam sempre carregadas. Nós podíamos ver as frutas diante dos nossos olhos, poderíamos quase tocá-las. Tão vívidos, tão convincentes são seus conceitos, com tanta paixão e confiança ele apresentava as tarefas para o futuro.

Toda transformação que foi realizada em nosso país foi elaborada primeiramente na mente do camarada Enver. Suas previsões não são eufóricas e românticas, mas uma previsão científica. Quando ele fala, as dificuldades parecem mais leves, a perspectiva parece mais próxima e você se sente mais forte.

Nosso povo confia no que o partido e o camarada Enver dizem. Esta confiança é uma arma poderosa nas mãos dos comunistas, um grande estímulo para marchar adiante. Ela foi formada na prática, na vida. Nosso povo provou as verdades das orientações do partido. Isto é um grande exemplo para o trabalho com as massas e para a mobilização das mesmas.

O pivô da política econômica de nosso partido é o fortalecimento da independência do país e a confiança em nossas forças internas. Sem dúvida, o comandante desta política, que tem sido e continuará sendo inalterável, é Enver Hoxha. Esta política tem sido inspirada pelas lições que nossa história nos ensinou, tem sido



impulsionada pelas condições concretas da construção socialista na Albânia e pela defesa das vitórias alcançadas, e serve aos interesses do nosso povo e do nosso país.

A industrialização socialista em geral e a criação do sistema energético em particular, a coletivização da agricultura e a conquista da autossuficiência em grãos de trigo, a oferta de escolaridade para as massas populares e a criação de um exército de quadros, representam os três pilares principais que tornam possível o desenvolvimento totalmente independente de nosso país hoje. Se estas condições fundamentais não tivessem sido preparadas passo a passo e com o tempo, o país teria encontrado a impossibilidade de implementar o princípio da autossuficiência com sucesso e sem quaisquer restrições. Portanto, é muito correto chamar esta política do nosso partido de *salvação* do país.

Os fatos, a verdade, tudo atesta isso. Somente os inimigos do socialismo se recusam a reconhecer esta realidade. Surpresos com a estabilidade econômica, política e social que existe na Albânia neste momento turbulento, quando o caos e a estagnação reinam no mundo, cegos pela antipatia eles atacam a linha do partido e tentam denegrir e desacreditar nossas vitórias. “A política seguida até agora deixou a Albânia isolada — eles lamentam — com outra política, estendendo a mão às potências, aceitando créditos e se integrando como parceiros em vários tratados políticos e grupos econômicos, o desenvolvimento da Albânia teria sido muito mais rápido” — é isto que recomendam pregam os inimigos do socialismo, os vários burgueses e revisionistas.

O objetivo dos inimigos é claro. Eles querem que renunciemos à linha do partido e aos ensinamentos de Enver Hoxha, o que significaria abandonar o caminho da liberdade e da independência nacional, o caminho do socialismo, o caminho pelo qual 28 mil heróis deram suas vidas na guerra e pelo qual todo o nosso povo e país fizeram inúmeros sacrifícios.

O povo albanês está orgulhoso da vida livre que leva, orgulhoso das vitórias que alcançou e está certo de que sob a liderança do partido alcançará novos e ainda maiores sucessos.

A política econômica de desenvolvimento independente que a Albânia socialista está seguindo é guiada não por objetivos nacionalistas estreitos como os inimigos tentam fazer, mas pelo ideal elevado da afirmação completa da ordem socialista, como uma ordem com forças motrizes ativas e potencial criativo inesgotável.

Queremos viver com honra e dignidade, com nosso próprio suor e trabalho, e é precisamente a ordem socialista e a autossuficiência que nos permitem fazer isso.

Ninguém nos deu o que ganhamos. Não estamos endividados a ninguém por nada. Outros estão em dívida conosco, porque nos causaram danos e derramamento de sangue, pilharam nossa riqueza e nos sabotaram. A Albânia não tem dívidas externas econômicas, morais ou de qualquer outro tipo. Acima de tudo, nosso país é independente, porque é dono de todos os seus próprios bens, porque é soberano e decide por si mesmo como e até que ponto utilizar esses bens. Todas aquelas formas e práticas de colaboração que transformam a independência política em uma fórmula vazia e que, de fato, são o selo da subjugação e da perda de soberania, são desconhecidas e inaceitáveis para nós.

A autossuficiência, no conceito de nosso partido e em nossa prática econômica, não exclui ou empobrece nossos intercâmbios com o mundo, como dizem os pulhas da propaganda imperialista, mas, ao contrário, implica e aumenta-os. É um fato que nosso comércio exterior, nossas compras e vendas com países estrangeiros têm aumentado ano a ano. E isto também continuará no futuro. O desenvolvimento da economia, o aumento da produção e as necessidades do povo, exigem isso.

O comércio exterior é um setor que desempenha um papel primordial no progresso contínuo de toda a economia e na garantia de seu desenvolvimento independente. Portanto, o partido e o camarada Enver têm dado especial atenção à melhoria do trabalho no campo das relações econômicas e comerciais com outros países, ao aumento das exportações e ao abastecimento equilibrado das importações, ao aumento da capacidade comercial dos camaradas que trabalham neste campo.

“A questão da exportação-importação é um problema complicado com o qual o destino de nossa economia socialista está ligado em grande parte. Como nossa economia se desenvolverá ainda mais, com que taxas iremos prosseguir e em que direção iremos avançar dependerá muito das exportações-importações” — apontou o camarada Enver em uma conversa que teve com alguns camaradas encarregados desses problemas, em setembro de 1980, na qual eu estava presente.

“Notei que alguns camaradas têm conceitos unilaterais sobre comércio exterior — intervi na conversa — Há alguns organismos e quadros que culpam a crise mundial e o bloqueio por cada fracasso em nossos intercâmbios com os países

estrangeiros.”

O camarada Enver disse que “essa ideia é desmobilizante. Nossas exportações dependem de nossas forças internas. É claro que a crise mundial e o bloqueio podem se transformar em obstáculos se não trabalharmos bem, não contrariarmos ou operarmos desajeitadamente. Temos relações comerciais com muitos países do mundo e a superação dos efeitos da crise ou do bloqueio depende em grande parte do volume e da estrutura dos bens que trocamos com eles, de sua qualidade e de nossa correção. Portanto, devemos trabalhar melhor, devemos estudar os mercados e a oferta e demanda, e responder ao bloqueio colocando sempre a ênfase no desenvolvimento das forças produtivas dentro do país”.

Ele retornou a esta questão várias vezes em seus últimos anos, mas aqui quero reproduzir apenas algumas breves notas que tomei em minhas reuniões diárias com ele, uma vez que grande parte de suas ideias sobre questões de comércio exterior foram publicadas em seus trabalhos.

Em uma palestra em 21 de outubro de 1980, o camarada Enver pontuou que devemos “aumentar as exportações, devemos garantir as possibilidades de importação de máquinas e outros bens que precisamos e precisaremos no futuro — ele prosseguiu elaborando sua ideia — Antes de mais nada, devemos produzir. Nesta base, seremos capazes de ampliar nosso consumo local, mas também de vender mais da produção excedente, a fim de melhor atender nossas necessidades com bens estrangeiros”.

Com relação ao desenvolvimento do comércio exterior, o camarada Enver insistiu que os estudos mais exaustivos deveriam ser feitos não apenas para encontrar possibilidades de aumentar as exportações, mas também para conhecer as regulamentações e exigências do mercado externo.

Durante uma reunião que tive com ele no início de junho de 1982, ele disse: “No passado, as pessoas que trabalhavam no comércio exterior podiam *ir com calma*, mas agora, nas condições de uma concorrência mais acirrada e confiando apenas em nossos próprios recursos financeiros e monetários, elas devem fazer maiores esforços para encontrar compradores para os bens que oferecemos”.

Eu comentei, em resposta que “no comércio exterior, como em qualquer outro campo, hoje não podemos proceder como antes”.

“Assim é. No exterior, muitos estudos estão sendo realizados neste campo e todos

os tipos de livros estão sendo publicados. Nosso povo deve lê-los porque não se pode fazer comércio com alguns dados econômicos que se pode obter por Telex. Nossos camaradas devem estudar a fim de obter informações sobre as possibilidades de venda de mercadorias hoje e no futuro, devem definir claramente onde é do nosso interesse comprar e vender, quais produtos devemos promover e quais devemos melhorar em qualidade”.

O partido e o camarada Enver nunca foram rígidos na elaboração da política econômica do país. Sem se desviar dos princípios fundamentais, buscaram novas formas de desenvolvimento em conformidade com as condições que foram criadas. Esta política é permeada pela preocupação com o desenvolvimento integral da indústria e da agricultura, com a utilização de bens acima e abaixo da superfície da terra, com o progresso técnico e tecnológico, tendo a consolidação da independência do país, elevando o bem-estar material e cultural das massas e superando o bloqueio e a pressão externa hostil.

O camarada Enver falou repetidamente sobre o papel decisivo da autossuficiência e na construção do socialismo, mas seu pensamento sobre o desenvolvimento do país com base neste princípio assumiu um novo impulso, especialmente depois de 1960 e ainda mais nos anos 1970.

Naqueles anos, nossa experiência foi ainda mais enriquecida. Como é conhecido, em 1960-1961 nosso partido não se submeteu à linha antimarxista e aos objetivos imperialistas dos khrushchevitas, diante disso a União Soviética não só quebrou qualquer tipo de colaboração com a Albânia e arrogantemente anulou contratos e projetos durante a construção do socialismo, mas também aplicou um selvagem bloqueio econômico contra nosso país. Khrushchev procurou criar dificuldades para nós, na esperança de nos subjugar ou forçar-nos a estender nossa mão aos países capitalistas, a fim de provar sua cínica profecia de que nos venderíamos ao imperialismo “por 30 moedas de prata”. Mas isto não aconteceu e nunca acontecerá.

Não muito tempo depois disso, tomamos dolorosamente consciência, mais uma vez, dos objetivos escravizadores que os grandes países imperialistas aplicam em relação a seus parceiros menores através do mecanismo da “ajuda humanitária”. Por volta de 1968, especialmente depois de 1971, quando as diferenças ideológicas e políticas entre nosso partido e a liderança chinesa aumentaram e a Albânia

se recusou a se transformar em um instrumento da política hegemônica chinesa e da infame teoria dos “três mundos”, fomos mais uma vez obrigados a resistir às pressões econômicas, desta vez de marca chinesa. Como os soviéticos, eles também pensaram que nos obrigariam a nos submeter através de tais medidas. Mas, como os khrushchevitas antes deles, eles estavam gravemente enganados.

É claro que o partido e o camarada Enver tiraram lições necessárias dessas amargas experiências. Agora ficou claro que nosso desenvolvimento não mais tinha que se basear principalmente, mas inteiramente, em nossas próprias forças. Esta posição constituía a condição indispensável para defender nossa independência e soberania nacional. Portanto, passamos a aplicar essa política na proposta do camarada Enver que foi sancionada na *Nova Constituição da República Popular Socialista da Albânia* em 1976.

A autossuficiência, que está na base da política econômica construída pelo partido, liderada pelo camarada Enver Hoxha, é um dos princípios básicos de nosso desenvolvimento presente e futuro. A posição em relação a este princípio é a pedra angular da continuidade da construção do socialismo no caminho que Enver Hoxha traçou.

A essência do princípio de autossuficiência na fase atual foi expressa claramente nas orientações do partido de que devemos produzir nosso casaco de acordo com nosso tecido, consumir tanto quanto produzimos, e garantir as importações com nossas exportações. Entretanto, estas exigências devem ser entendidas corretamente e de forma progressiva. Consumir tanto quanto produzir não significa simplesmente contentar-se com uma divisão proporcional de qualquer quantidade de produtos que você produza. É precisamente a partir de uma compreensão tão equivocada de nossos princípios que alguns serviços de informação pública estrangeiros, quando escravizados por seus próprios preconceitos, apressam-se a proclamar a Albânia como um país de “autossuficiência”, identificando isto com a falta de progresso.

Consumir tanto quanto produzir significa que com maior produção você satisfaz mais necessidades das massas; significa que o bem-estar material do povo é elevado continuamente, mantendo uma norma de acumulação necessária. Este é o verdadeiro significado revolucionário da orientação de Enver Hoxha. Sua exigência fundamental não é a restrição do consumo, mas a expansão da produção.

De maneira análoga poderíamos dizer: cobrir as importações com exportações não significa restringir e reduzir as trocas com o mundo, mas trazer produtos e meios mais essenciais com maiores exportações; significa que as vendas nos mercados externos devem aumentar constantemente a fim de criar maiores possibilidades para um desenvolvimento dinâmico da economia.

Já discuti esta questão com o camarada Enver várias vezes. Em uma conversa comigo na primavera de 1983, ele tratou mais completamente do conceito de confiança em nossas forças internas. Coloquei imediatamente suas ideias e as impressões que obtive no papel, e as reproduzo a partir das notas que tomei naquela época, sem reinterpretar os fatos e sem novos comentários:

“O camarada Enver não veio ao escritório esta manhã porque ele tinha vários materiais para estudar. Quero acreditar que esta é a única razão, mas acho que ele ficou em casa também para descansar antes dos próximos dias, que serão repletos de atividades. De tarde, fui até sua casa. Conversamos, como sempre, sobre os acontecimentos internacionais atuais, mas com mais profundidade sobre nossa situação interna. O camarada Enver perguntou especialmente sobre a situação econômica, sobre o cumprimento do plano na indústria, exportações, etc. Impedido por alguns fenômenos indesejáveis que aparecem aqui e ali na economia, ele falou longamente sobre autossuficiência, sobre a necessidade de entender este grande princípio com um espírito revolucionário.

Ele enfatizou que “o princípio da autossuficiência significa marchar adiante confiando em nosso potencial material e humano, em nossas finanças, assim como em nosso conhecimento, na força do intelecto de nosso povo. Já adquirimos mais do que uma pequena experiência. Somente com nossas forças internas conseguimos melhorar o bem-estar do povo e continuar nossos investimentos. E isto não é uma conquista pequena, mas não devemos esquecer que em alguns casos fomos obrigados a recorrer às reservas do Estado. A autossuficiência deve, sem falta, ser acompanhada das taxas de desenvolvimento planejadas, com o aumento da produção e do progresso técnico e tecnológico. A autossuficiência é expressa em todo o seu valor quando três condições são cumpridas: quando o programa de investimentos é continuado, quando o nível de bem-estar é elevado de forma constante e as reservas essenciais são preenchidas e aumentadas continuamente”.

Eu respondi dizendo que “isto agora se tornou urgente. Altas taxas significam

um grande avanço, aumento da produtividade, daí grandes investimentos e rápido progresso, continuando a reprodução socialista ampliada, bem como a criação de possibilidades de maior consumo, a fim de melhorar o padrão de vida das massas”.

“Quando alcançarmos estas condições na prática, então poderemos afirmar com plena justificação que aprendemos a marchar inteiramente com nossos próprios pés, usando nossas próprias cabeças — enfatizou ele — mas isto requer muito trabalho, requer um correto entendimento pelo partido e total mobilização das massas trabalhadoras”.

Acrescentei dizendo que “a autossuficiência é um princípio vital para nós, não simplesmente porque fortalece a independência política e econômica do país, mas também porque nos permite ativar todo nosso potencial material, humano e científico no interesse e para o bem-estar do nosso povo”.

“A experiência de nosso país — concluiu o camarada Enver — mostra que a salvaguarda de nossa independência econômica e política e a defesa de nossa soberania nacional estão intimamente ligadas à implementação consistente do princípio da autossuficiência. Assim como a liberdade e a independência de um país não são doadas, também a revolução e o socialismo não são importados. Eles são o resultado da luta revolucionária resoluta das amplas massas trabalhadoras de cada país, com a classe trabalhadora à frente e sob a liderança do partido marxista-leninista”.

O camarada Enver também aplicou o princípio da autossuficiência à questão da defesa da pátria. Não nos baseamos em alianças militares e pactos com outros, mas somente no treinamento militar de nosso povo, em nossas forças armadas, em nosso exército.

A arte militar da guerra popular, elaborada por Enver Hoxha, baseia-se na força política, militar e econômica de nosso povo, em nossos próprios recursos internos. Está impregnada de ponta a ponta pela ideia de que o povo unido, treinado militarmente e preparado politicamente é o fator decisivo para a defesa, que uma defesa forte também requer uma economia forte.

Os ensinamentos do camarada Enver contêm importantes teses marxista-leninistas que enriqueceram a política econômica do partido e protegeram o país de qualquer desvio, de qualquer tentativa de imposição ou ditado do exterior. O curso que nosso país tem percorrido tem fortalecido cada vez mais a crença e convicção do povo nas grandes possibilidades que existem para levar adiante a

construção completa da sociedade socialista, contando apenas com nossos próprios recursos materiais e humanos.

Frequentemente na imprensa estrangeira há pessoas com opiniões que, partindo de dogmas, devido à ignorância da realidade, ou à má vontade, interpretam nossa política de autossuficiência como uma orientação que leva ao “isolamento, ao atraso tecnológico e à divisão do mundo”, acusações que buscam apenas estigmatizar a Albânia.

Em uma reunião que tive com o camarada Enver Hoxha no outono de 1983, referindo-se à propaganda inimiga, o camarada apresentou uma série de argumentos para refutá-la, ao dizer “é claro que garantir tudo o que é necessário para a economia e o consumo das massas para o presente e o futuro com nossas forças internas, apenas com a produção local, é impossível. Esta nunca foi e não é nossa política. A aplicação do princípio da autossuficiência não implica isto. Portanto, as acusações de ‘isolamento’, das quais os inimigos nos estigmatizam, são infundadas e falsas”.

Eu respondi dizendo que “a própria prática confirma o que você diz, camarada Enver. O volume de exportação-importação e nossas trocas econômicas com outros países têm aumentado constantemente. Atualmente, trocamos cerca de um décimo de nosso produto social com o mundo externo, ou seja, tanto quanto a média de muitos outros países”.

“Naturalmente — prosseguiu o camarada Enver — nas condições em que o mundo burguês-revisionista está tentando aumentar sua influência em nossa economia através do comércio, também devemos tentar reduzir ao máximo as importações, aumentando a produção de novos artigos de casa. É um sucesso de importância histórica — salientou ele — que resolvemos categoricamente a questão da satisfação das necessidades da economia e das massas com produção local dos artigos mais estratégicos como o pão e os principais produtos alimentícios, combustíveis e energia elétrica, ainda estamos a caminho de resolver o problema de produzir uma série de outros produtos como ferro e aço, peças de reposição, etc. Atualmente, em termos de valor, apenas cerca de 15% das matérias-primas, máquinas e equipamentos são importados. Devemos proceder desta forma também em relação a outros artigos”.

Enver Hoxha ensina que a autossuficiência é completa e realizada até o fim



quando cada coletivo e cada indivíduo tenta cumprir e preencher em excesso as tarefas a eles atribuídas sem pedir ao Estado e à sociedade meios suplementares. Isso, de fato, permanecerá uma instrução de valor permanente para nosso povo. Isto nos confronta com a tarefa de lutar, antes de tudo, em todos os lugares com determinação para aumentar a produtividade da mão-de-obra, aumentar a produção e reduzir os custos, preservar, aumentar e utilizar a propriedade socialista com alta eficiência, elevar o nível técnico e tecnológico da produção e intensificar o movimento de inovação e progresso científico. O camarada Enver apontou no 7º Congresso do partido que “o princípio da autossuficiência é corretamente aplicado quando é implementado em todos os campos da atividade social, em escala nacional e regional, quando se estende a cada elo e célula de nossa vida, a cada empresa e cooperativa, a cada instituição e unidade do exército”.

Nas reuniões que tive com o camarada Enver, especialmente durante as últimas três décadas, nossas conversas se centraram principalmente em questões políticas e ideológicas. Falamos sobre o desenvolvimento de eventos e relações internacionais, problemas de cultura e ciência, educação e artes. Como dizem as pessoas, a língua vai onde dói o dente. Como membro da liderança do partido, tenho me engajado nestas áreas continuamente, por isso, estava interessado em trocar opiniões com ele sobre estas questões com a maior frequência possível. E ele nunca se cansava de falar sobre questões de política e cultura. Ele tinha o prazer de falar a qualquer momento sobre um livro que estava lendo, sobre um evento político que acontecia no mundo, ou sobre alguma questão de ciência ou arte.

Os problemas da economia e seu desenvolvimento começaram a ocupar um lugar maior em nossas reuniões, especialmente durante os últimos anos. Nessas conversas, assim como em muitas conferências e reuniões nas quais participei, conheci amplamente as ideias do camarada Enver sobre a política econômica do partido e os caminhos que devem ser seguidos para avançar com confiança no caminho do socialismo e do progresso do país. Durante os preparativos para o 7º Plano Quinquenal, porém, tive a oportunidade de conhecer muito melhor e no decorrer do processo como ele pensava e raciocinava, o que esperava dos quadros e dos cientistas, como via o presente e o futuro do desenvolvimento econômico do país, como aplicava as leis universais da construção socialista de forma criativa e as defendia com rigor.

A elaboração do 7º Plano Quinquenal teve e ainda tem grande importância prática e teórica para a construção socialista na Albânia. Este plano quinquenal deveria iniciar uma nova fase no desenvolvimento econômico e social do país. Seu progresso posterior seria realizado sem qualquer ajuda material e financeira, sem créditos do exterior. Assim, o trabalho de planejamento dos objetivos deste plano quinquenal teria um valor instrutivo e serviria como guia para os próximos planos quinquenais.

Como é sabido, exatamente no momento em que os estudos do 7º Plano Quinquenal começaram, os chineses cancelaram unilateralmente todos os acordos econômicos que haviam sido assinados de tempos em tempos entre nossos países. Este ato constituiu um novo fator, não só de importância econômica, mas também política, que teve que ser ponderado na fase de planejamento. Naquela época, a opinião mundial mal-intencionada começou a fazer todo tipo de suposições sobre o futuro da Albânia. Qual será o futuro da Albânia? De que lado ela está? Em que campo ou estado se apoiará? Em que grupo econômico ou aliança participará? Estas perguntas foram frequentemente apresentadas por vários jornalistas ou especialistas nas páginas da imprensa mundial do Oriente e do Ocidente. É claro que não faltaram tentativas de nos atrair com afagos para ganharem nossos afetos.

A imprensa mundial e os serviços de informação falaram e profetizaram todas as possibilidades, exceto a de a Albânia salvaguardar sua independência política e econômica, de seu avanço inteiramente com base na autossuficiência, sem estender a mão a ninguém. Isso só alguns previram.

Nessas circunstâncias, a elaboração e implementação do 7º Plano Quinquenal foi de particular importância. A questão era: deveríamos assegurar e, assim, afirmar a justiça da política econômica do partido e o princípio da autossuficiência; caso contrário, nos encontraríamos em novas grandes dificuldades que seriam criadas, o processo de desenvolvimento seria retardado e o bem-estar das massas estaria prejudicado, o que certamente abalaria a confiança das massas no caminho escolhido.

Por estas razões, o 7º Plano Quinquenal, especialmente, de acordo com a ideia do Camarada Enver, tinha que ter objetivos precisos e reais. Os índices de desenvolvimento deveriam responder às condições criadas, ou seja, não devemos nos enganar com sonhos irrealizáveis. Aquele plano que garantisse a ativação dos po-

tenciais produtivos e criativos do país e que tivesse um alto grau de garantia de sua realização — esse seria o plano mais valioso.

É um fato que isto foi uma coisa muito difícil de se fazer. Entre o povo, entre as massas, a ruptura com os chineses não causou nenhum pessimismo, e muito menos choque, do qual não houve sinal. Mas para os diretores, economistas e contadores, incluindo os dos departamentos centrais, isso significava muito trabalho, pois eles tinham que fornecer respostas a muitas perguntas. Como a Albânia poderia avançar sem nenhum crédito do exterior? Como se poderia construir um equilíbrio econômico e monetário positivo favorável nessas circunstâncias? O que deve ser feito para garantir que a economia avance e que o bem-estar do povo também continue a crescer? Como os numerosos recursos do país seriam colocados em circulação econômica quando as possibilidades de novos investimentos fossem um pouco mais limitadas? Para escolher os caminhos mais corretos e dar as respostas mais precisas a essas perguntas, foi necessário ter uma mobilização completa dos especialistas e quadros dirigentes, engajar-se em muitos estudos para encontrar as melhores soluções para questões gerais e problemas específicos de desenvolvimento.

Nossa prática para a preparação dos planos estatais é conhecida. Normalmente, especialmente nos estágios iniciais, o Estado e os órgãos econômicos, desde os da base até os ministérios, a Comissão de Planejamento do Estado e o Conselho de Ministros, estão engajados na elaboração do esboço do plano. Para chegar ao plano que é endossado pelo Congresso do Partido, inúmeras discussões são organizadas com as massas, assim como com especialistas e quadros em vários níveis. Várias vezes, primeiro como diretrizes gerais, depois na forma de um esboço, e finalmente como um projeto completo, o plano é discutido, também, na liderança do partido, no Birô Político e no Pleno do Comitê Central. Este procedimento democrático de discutir os objetivos do plano na base e no centro, em várias etapas, tem se mostrado muito correta e eficaz. Os preparativos para o 7º Plano Quinquenal também foram organizados de acordo com este procedimento.

No início de novembro de 1979, foi apresentado aos camaradas do Birô Político um material sobre o 7º Plano Quinquenal, que estabelecia os principais objetivos, as taxas de desenvolvimento, os dados sobre importações e exportações, os investimentos básicos e os recursos financeiros, etc. Este material apresentado pela

Presidência do Conselho de Ministros deveria ser discutido em uma reunião do Birô Político. Eu estava tentando em vão entender o fio condutor, para formar até mesmo um conceito vago sobre o desenvolvimento futuro de nosso país quando:

“Você está livre?” — Ouvi a voz calorosa de Enver com sua pergunta habitual ao telefone. Ao que respondi prontamente: “Eu estou chegando”.

Encontrei-o em sua mesa, em seu escritório, com o mesmo material na sua frente. “Você leu o material que o Governo nos apresentou no esboço do plano?” — ele me perguntou. Eu acenei com a cabeça. Então, sem esperar para ouvir minhas impressões, ele acrescentou:

“De minha parte, eu o li com muito cuidado, mas tenho muitas perguntas decorrentes deste material e estou muito preocupado com ele. Não consigo entender para onde estamos indo com o 7º Plano Quinquenal. Seus objetivos estão no ar. Pode ser que utilizaram o final do 6º Plano Quinquenal para tomar como base os principais índices econômicos e financeiros, as vezes até mesmo a média dos cinco anos são tomados em conjunto, de forma extrema. Este não é um trabalho arrumado — disse ele com evidente desagrado — Os dados do plano quinquenal devem ser construídos sobre uma única base conjunta.”

O material também causou a mesma impressão em mim, embora eu ainda não conseguisse perceber porque minha cabeça estava realmente encoberta, para não dizer confusa, ao lê-lo.

“Você está absolutamente certo — disse eu — Eu senti a mesma coisa quando estava estudando o material. No início eu me perguntava se os termos técnicos e a abordagem estavam me confundindo, de fato, eu estava prestes a chamar algum economista para consultar, mas...”

“Não, não” — ele me interrompeu — Isto não é uma questão de forma ou de termos. Parece-me que os camaradas que prepararam este material trabalharam de forma descuidada. No relatório que nos foi apresentado, os problemas foram jogados como se estivessem em uma cesta, sem nenhuma conexão entre si, sem argumentos. Os números, e especialmente as porcentagens, são dados em profusão esmagadora, mas o quadro geral permanece pouco claro.”

Eu havia notado o fato de que algumas questões cardeais do desenvolvimento futuro do país haviam sido abordadas apenas de passagem e de forma bastante superficial.

“De minha parte neste material, não vejo nem as dificuldades que vamos encontrar, nem as formas de superá-las, nem a solução para algumas contradições que surgiram — disse eu — mas por que eles procederam desta maneira? Por que as cotas do plano quinquenal parecem cobertas de fumaça?” — perguntei eu.

“Eu não sei — disse o camarada Enver pensativamente — Este plano tem uma importância excepcional para nosso país, portanto, tudo deve ser bem pensado e cuidadosamente estudado. Devemos, especialmente, manter os pés no chão. Enquanto que com o que eles nos dizem aqui, parece que tudo vai correr bem!”

“Podemos esperar as mesmas taxas de desenvolvimento, o mesmo nível de investimentos que nas condições no período que obtivemos algum tipo de crédito do exterior?” — eu perguntei.

“Não, devemos ser muito cautelosos, devemos ter clareza de que tudo o que colocamos no plano é garantido com nossa base material, financeira e monetária. Caso contrário, o plano não responde às necessidades e, portanto, não será cumprido. Isto também nos causaria danos políticos incalculáveis. Precisamos de um plano científico — prosseguiu ele — mas para isso os estudos devem ser feitos. Não estamos isolados da economia mundial, nem imunes a suas influências, portanto devemos conhecer os desenvolvimentos contemporâneos e suas consequências, positivas ou negativas, para nosso país. Temos especialistas capazes, portanto, devemos ouvir suas opiniões e conclusões também sobre esta questão, mas não devemos diminuir o entusiasmo deles, dizendo-lhes que não vamos além dos limites que determinamos previamente, porque, nesse caso, não haverá pensamento criativo. Portanto, devemos ouvir o que as pessoas nos dizem, porque elas falarão de acordo com a linha do partido. Então, tendo em conta os diversos fatores políticos, econômicos, organizacionais e outros, tomaremos a decisão final.”

Quando a reunião do Birô Político foi realizada, os outros camaradas também tiveram muitas críticas sobre este material do Governo. O camarada Enver não apenas criticou as deficiências e fraquezas do material apresentado, mas também deu instruções concretas sobre como proceder para que tivéssemos um plano baseado no mais sólido raciocínio científico. Ele expôs em detalhes o procedimento de planejamento para a economia e a cultura como um todo e para cada setor e campo tomado separadamente. Claramente este serviço não era uma tarefa de sua responsabilidade, mas sempre que ele via que o trabalho não estava fun-

cionando e com problemas, o camarada Enver não esperava que os responsáveis acordassem para a vida, mas ele mesmo trabalhava para executar os planos do partido com firmeza.

Isto não foi o fim dos problemas relativos à elaboração do 7º Plano Quinquenal. Pelo contrário, este foi apenas o começo. Naquela época, não sabíamos que entre nós, na verdade à frente do governo, tínhamos um inimigo perigoso de longa data, Mehmet Shehu. Na época em que os chineses cortaram qualquer tipo de colaboração econômica e técnica com a Albânia, aparentemente este servo de muitos mestres e mercenários de estrangeiros pensou que havia chegado a hora de ele se levantar e colocar em prática seus planos diabólicos. Segundo ele, nosso país estava agora exposto a grandes perigos e nossas esperanças de escapar deles eram praticamente inexistentes, de modo que apenas mais um golpe era necessário para derrubar o castelo. Sem dúvida, estes cálculos também foram inspirados por seus patronos.

Como já disse, porém, naquela época não sabíamos nada sobre esta atividade que acontecia em segredo. Entretanto, o fato de que mesmo após as críticas e instruções do camarada Enver na reunião do Birô Político em novembro de 1979, o material apresentado aos secretários do Comitê Central no início de setembro de 1980 sobre o 7º Plano Quinquenal novamente tinham muitos defeitos e falhas, isso não nos impressionou. Aqui não estou me referindo a questões técnicas e detalhes, mas a orientações e ideias erradas. Os estudos foram impregnados por um espírito de euforia, os objetivos de produção e investimentos foram inflados, não foram equilibrados e calculados com base em possibilidades objetivas. Em resumo, se tivéssemos prosseguido nesse rumo, as massas e o partido teriam encontrado grandes dificuldades. Assim, de fato, a semente do fracasso foi lançada desde o início, na fase de planejamento. Tal plano, que continha mais desejos do que objetivos reais, não poderia ser aceito. Dessa forma, poderíamos ter nos satisfeito, mas teríamos nos alimentado de uma colher vazia, uma coisa que estava repleta de consequências perigosas.

Desta vez, o camarada Enver ficou ainda mais perturbado. Ele nos convocou, secretários do Comitê Central e, sem qualquer equívoco, propôs que tudo tivesse que ser feito novamente desde o início.

“Me parece — disse o camarada Enver — que os camaradas da Comissão de

Planejamento do Governo não entenderam adequadamente as instruções dadas pelo Birô Político sobre esta questão. O que devemos fazer? Há duas maneiras: podemos formular mais uma vez nossas críticas aos materiais já apresentados e exigir que os camaradas do Governo os reescrevam com base nestas críticas. Essa é uma das maneiras, mas suspeito que acabaremos voltando onde estamos agora, é claro, com algumas pequenas mudanças. A segunda maneira é que nós aqui no Secretariado não nos limitamos apenas a observações gerais, mas após um exame concreto dos principais campos da economia e da cultura, apresentamos algumas ideias e números básicos para o futuro. Desta forma, o Governo e os órgãos de planejamento terão não apenas nossas sugestões e orientações gerais, mas também pontos concretos em torno dos quais farão os ajustes necessários.”

“Acho que o segundo caminho é mais eficaz — comentei — especialmente se tivermos em mente que o tempo está passando e a data em que ele deve ser concluído está se aproximando. A forma que você propõe dará uma contribuição mais concreta aos camaradas da Comissão de Planejamento do Governo.”

Os outros secretários do Comitê Central concordaram com a mesma opinião.

“Concordo — disse o camarada Enver — mas este será um trabalho volumoso e difícil para nós, pois nos faltam muitos dados, estatísticas, estudos especiais, etc. No entanto, vamos começar a trabalhar sem demora.”

Com esse objetivo, criamos grupos de trabalho especiais com camaradas do aparelho do Comitê Central, que foram encarregados de preparar materiais para diferentes setores da economia e da cultura. Fornecemos a esses camaradas questionários detalhados sobre quase todos os campos de produção, que deveriam ser completados com dados estatísticos e as ideias que eles tirariam dos ministérios ou em consultas com especialistas e quadros do partido, do estado e da economia, bem como de cientistas do centro e da base.

Enquanto isso, o próprio camarada Enver começou a trabalhar com especial decisão para elaborar os objetivos do plano quinquenal. Setembro e início de outubro de 1980 foi um período durante o qual ele carregou um fardo excepcional. Todos os dias ele conhecia um ou outro camarada da liderança, trocava opiniões com membros do governo, especialistas e economistas, camaradas dos distritos, etc. Ele discutiu com eles teses e variações, verificou suas próprias impressões, formou convicções e tirou conclusões. Todos os dias ele lidava com uma massa

de tabelas e índices econômicos a fim de obter conhecimento concreto do potencial produtivo e das possibilidades do país.

Após todos esses preparativos, o Secretariado do Comitê Central do Partido, sob sua liderança, passou uma semana analisando os principais problemas do plano e formulando as respectivas recomendações para o Governo. Nessas reuniões que duraram horas a fio, e que contaram com a presença também de especialistas competentes convidados, o camarada Enver analisou os problemas com uma lógica econômica rigorosa, que qualquer homem da universidade neste campo poderia invejar.

Ao examinar um problema após outro, lidando com as questões que surgiram a fim de realizar as tarefas que foram apresentadas para este ou aquele setor, Enver Hoxha escreveu um livro inteiro que foi publicado sob o título *Sobre o 7º Plano Quinquenal*. Suas principais ideias sobre o desenvolvimento econômico e social do país durante os anos de 1980-1985 estão incluídas neste livro.

Seu trabalho, no *Sobre o 7º Plano Quinquenal*, é uma brilhante defesa da política do partido para fortalecer nossa independência econômica na luta contra qualquer tipo de pressão ou imposição. De fato, este trabalho refuta as ideias e opiniões extravagantes de Mehmet Shehu, embora seus objetivos hostis de desacreditar o partido e a construção socialista em nosso país ainda fossem desconhecidas.

Enquanto lutava contra a euforia e desejos subjetivos irrealizáveis, o camarada Enver Hoxha exigiu com igual força o aprofundamento do espírito mobilizador no planejamento, para que nenhuma reserva interna permanecesse inativada. Suas generalizações sobre a eficácia econômica como um resultado geral e como um dos principais objetivos e tarefas da produção socialista têm valor teórico e prático para hoje e sempre.

Segundo o conceito científico de Enver Hoxha, a eficácia não é um resultado espontâneo da atividade produtiva, mas algo que pode ser calculado exatamente na fase de planejamento e que deve ser alcançado sem falhas durante o cumprimento das tarefas em cada firma e centro de trabalho, bem como em toda a economia em escala nacional.

Todos os nossos economistas e trabalhadores devem sempre manter no foco de sua atenção a essência do pensamento do camarada Enver sobre a eficácia, a importância da poupança e da autoavaliação no trabalho social, assim como uso



criativo da riqueza nacional, como aumento da produtividade social do trabalho e redução dos gastos por unidade de produção. Precisamente esse conceito promoveu a contabilidade econômica e as finanças ao papel que lhes é devido no desenvolvimento e administração da produção. É importante entender corretamente que sem eficácia econômica, nossa autossuficiência será minada e desvalorizada.

O Partido do Trabalho da Albânia (PTA) sempre trabalhou para levar adiante a causa do socialismo, na teoria e na prática, em um pequeno país como o nosso. Sempre ligamos o destino do povo e da pátria intimamente à nossa ordem social, como nos ensinou Enver Hoxha. A continuidade da construção do socialismo como experiência histórica e sua superioridade avançada, estão ligadas ao nome do partido e do camarada Enver.

Há acrobatas ideológicos que, querendo se passar por “pragmáticos”, aceitam a ordem socialista somente depois do estabelecimento de um maduro desenvolvimento das relações de produção capitalistas, ou após o estabelecimento de uma sociedade industrial relativamente avançada. Se estabelecermos o socialismo antes disso, isso significará sua morte derradeira. Em resumo, eles proclamam o revés do revisionismo soviético e dos países do leste europeu como a derrota do socialismo em geral. Esses ideólogos pregam suas mentiras sob a bandeira da “objetividade” ou até mesmo do “pragmatismo”. Em sua essência, esses que espalham a descrença nas possibilidades na vitória do socialismo são revisionistas, capitalistas disfarçados com fraseologia socialista.

O raciocínio de tais teóricos apologistas do capitalismo que, através de todo tipo de sofismas, tentam santificar a velha ordem e afirmar sua perpetuidade, enquanto tentam apresentar o socialismo como um desvio da história, é totalmente sem fundamento. Há uma grande diferença essencial entre o socialismo e todas as ordens sociais precedentes. Todas as ordens pré-socialistas tiveram seu nascimento, florescimento e destruição inevitável, depois de terem esgotado todas as suas possibilidades de levar a sociedade adiante. Tal fim não espera o socialismo tal como ele é concebido e construído em nosso país. Suas forças motrizes e suas capacidades criativas nunca se esgotarão. Pelo contrário, ao implementá-lo em conformidade com as condições históricas, seu potencial produtivo e suas vantagens sociais são constantemente renovadas e fortalecidas.

Justamente aqui reside o valor do pensamento teórico e prático de nosso partido

e do camarada Enver Hoxha. O socialismo em nosso país avança continuamente, consolidando suas características positivas e procederá desta forma até sua transição final para o comunismo. As relações socialistas de produção, que estão sendo constantemente aperfeiçoadas, nunca se tornam um fator inibidor do desenvolvimento socioeconômico do país. Isto se explica com o fato, já provado na teoria e na prática, de que o socialismo é uma ordem vital que nunca se esgota a si mesmo. Pelo contrário, quanto mais as possibilidades conhecidas de desenvolvimento socialista são utilizadas de forma racional e segundo critérios sólidos, mais aumentam para o futuro, e mais ricas e mais poderosas se tornam as reservas para este desenvolvimento.

“O presente e o futuro do socialismo são como uma árvore saudável”, dizia o camarada Enver. Quanto mais profundas suas raízes o sistema nutritivo da planta no solo, maiores são suas possibilidades de crescer em altura. As raízes do socialismo são suas conquistas. Quanto maiores são, mais condições para novos desenvolvimentos são criadas e mais belo se torna o futuro.

A fim de montar nossa complexa indústria, nos primeiros anos após a libertação utilizamos as fontes minerais conhecidas e as descobertas naqueles anos, o petróleo e o cromo, o cobre e as águas. Para montar uma agricultura produtiva moderna, tivemos que ganhar cada centímetro de solo nas planícies e nas montanhas. Assim, as possibilidades que estavam além da imaginação no passado foram postas em prática. Hoje a agricultura e a indústria, a ciência e a cultura, o estágio de desenvolvimento socioeconômico que atingimos, constituem uma grande reserva e criaram uma base poderosa a partir da qual se pode ir mais longe.

A Albânia embarcou no caminho do socialismo e enriqueceu sua prática como sistema social ao dar um salto inigualável em tempo recorde. Herdamos um atraso absoluto em todos os campos, algo que pode ser explicado com o destino histórico de nosso povo e de nossa pátria. Gostaríamos de ter embarcado neste caminho com uma indústria desenvolvida e tecnologia moderna, com uma classe trabalhadora formada a partir do aspecto vocacional e uma *intelligentsia* capacitada em todos os campos, com um sistema educacional consolidado e uma agricultura produtiva, com uma estrutura econômica e uma rica base material, etc., mas fomos obrigados a criar estas condições, que constituem as bases do desenvolvimento em geral. Com o socialismo, em menos de meio século a Albânia conseguiu

o que outros países haviam levado centenas de anos para conseguir no passado.

A confiança do povo no partido e no socialismo já se tornou uma força motriz que opera permanentemente. Sua experiência até hoje convenceu nosso povo de que o programa político do partido e de Enver Hoxha sobre a construção socialista não são e nunca foram promessas de propaganda, mas uma realidade em operação. O socialismo deu à Albânia sua liberdade e independência nacional, seu honrado nome no mundo, sua própria voz na arena internacional; deu-lhe uma economia sólida e uma civilização moderna; deu ao povo democracia, igualdade social e política, seu novo modo de vida, emancipação total e otimismo inabalável no futuro, que se tornaram uma fonte inesgotável de inspiração para o progresso. A defesa e o avanço do socialismo na Albânia, visto como uma grande causa interna e internacionalista, constitui, ao mesmo tempo, uma fonte de orgulho nacional para todos nós. É por isso que nosso povo olha para o futuro socialista e comunista com coragem e confiança.

Entre as questões essenciais da teoria e prática da construção socialista tratadas pelo camarada Enver Hoxha de forma magistral e com profundo humanismo, um lugar importante é ocupado pelos problemas que têm a ver com as condições de vida do povo, com os fatores e formas que asseguram o contínuo e geral aumento do bem-estar no socialismo.

A política social implementada por nosso partido foi orientada pela premissa de que somente o socialismo cria condições objetivas e subjetivas para que o desenvolvimento das forças produtivas tenha como principal objetivo social o bem-estar das amplas massas trabalhadoras, para que a riqueza material possa ser utilizada, como Karl Marx apontou, para satisfazer as necessidades reais das pessoas, e a sociedade tem como princípio fundamental o desenvolvimento pleno e livre de cada indivíduo.

A realidade albanesa provou a previsão clarividente dos clássicos do marxismo-leninismo que enfatizaram que somente esta ordem social cria as condições para a distribuição de qualidades materiais para fortalecer a democracia e, nesta base, permitir que o povo saia das condições bestiais de sua existência, do domínio dos produtos sobre os produtores, para condições verdadeiramente humanas.

A justa política social seguida por nosso partido, sob a liderança de Enver Hoxha, sendo uma política caracterizada pela real igualdade social, torna possí-

vel, mesmo nas condições de um desenvolvimento relativo das forças produtivas e nas condições de uma produção que ainda não atende plenamente às demandas da população de acordo com os padrões científicos modernos, ter bem-estar para todos, avançar com passos seguros para o cumprimento das crescentes necessidades materiais e culturais e reduzir as distinções essenciais entre as classes sociais.

É natural que na satisfação das necessidades do povo, como em qualquer outro campo, nas condições do socialismo deve haver ordem e prioridades, mas o partido e o camarada Enver nunca permitiram qualquer desconsideração por interesses parciais e momentâneos, ou fazer sacrifícios injustificáveis para o futuro, negligenciando e minimizando as exigências diárias do povo trabalhador em prol dessas prioridades.

Em conexão com isto, lembro-me de uma conversa inicial com o camarada Enver, em 1968, justamente na época em que eu estava envolvido na preparação do relatório da Plenária do Comitê Central do Partido que deveria tratar da questão do aprofundamento da revolução socialista através do desenvolvimento da luta de classes e da aplicação da linha de massas. Essa plenária também ficou conhecida por sua luta contra a burocracia.

Durante a conversa com o camarada Enver quando estávamos trocando opiniões sobre o conteúdo do principal material a ser discutido na plenária, ele disse: “A burocracia pode se apresentar sob um disfarce político de vanguarda, por assim dizer, mas independentemente de seu disfarce, em essência ela põe em perigo os interesses do povo trabalhador, apunhala-o enquanto usa palavras de ordens revolucionárias”.

Com estas palavras ele levantou uma questão que me interessou em conexão com a preparação do relatório da plenária. Assim, a fim de empurrar a conversa nesta direção, eu intervim dizendo:

“A experiência tem mostrado que quando é de seu interesse, o burocrata justifica a violação dos interesses do povo trabalhador ao sair com o estandarte da defesa do Estado. Alguns funcionários têm uma espécie de psicologia *estatista* unilateral. Eles se apresentam como se fossem os únicos a salvaguardar os interesses gerais, enquanto os outros, os trabalhadores e camponeses, segundo eles, têm outra preocupação, como tirar da sociedade mais do que é devido a eles.”

“Para nós, os interesses do Estado e do povo são os mesmos — disse o cama-

rada Enver — Por isso, seguir a opinião desses funcionários burocratas significa colocar-se acima do povo”.

Mais adiante, ele enfatizou que é indispensável estabelecer o melhor equilíbrio possível entre os vários interesses da sociedade.

“Cada geração realiza certas tarefas históricas, algumas mais difíceis e outras mais fáceis, outras maiores e outras menores — disse ele — e cada geração trabalha não apenas para o futuro, mas também para o presente; portanto, tem o direito de desfrutar os frutos de seu próprio trabalho até este ou aquele ponto, de acordo com as possibilidades e condições.”

Nosso partido e nosso povo passaram por grandes tempestades e provações no caminho que estão seguindo. Mas eles nunca tiveram uma visão unilateral da construção do socialismo, não permitiram que nenhum aspecto dele fosse sacrificado em prol da superação de dificuldades ou obstáculos temporários que surgiram.

Todo o trabalho e pensamento social de Enver Hoxha, permeado por grandes preocupações sobre o destino do povo e da pátria, são uma negação das acusações que os inimigos do socialismo fazem contra ela como uma sociedade de “produção pela produção”, na qual “o critério de crescimento é oposto e prevalece sobre o critério de bem-estar das massas”, no qual “a acumulação forçada impede a elevação do padrão de vida”, etc.

Em conformidade com a natureza de nossa ordem social e a perspectiva da construção do comunismo, Enver Hoxha viu o bem-estar não como riqueza para uma determinada classe ou estrato de pessoas, mas como satisfação das necessidades de todo o povo, não apenas da cidade, mas também do campo, não apenas das terras planas, mas também das terras montanhosas. Com sua política social, o partido não permitiu e não permite grandes diferenças no padrão de vida e modo de vida entre diferentes classes, grupos e estratos da população.

É claro que há distinções na sociedade socialista. O partido e a prática da construção socialista durante muitos anos nos ensinam que sobre esta questão vital é muito importante definir o nível destas diferenças de forma justa e assegurar que elas sejam reduzidas de forma constante durante o processo de construção do socialismo. A elevação geral do bem-estar do povo, como o camarada Enver sempre nos instruiu, deve necessariamente ser acompanhada pelo estreitamento gradual das diferenças no nível de renda e no modo de vida entre a *intelligentsia*

e a classe operária, entre a classe operária e o campesinato cooperativista, bem como dentro destas duas classes amigas da sociedade socialista.

Tirando lições da degeneração revisionista, ele ressaltou que o destino do socialismo não depende apenas do poder político, do tipo de propriedade ou da produtividade social do trabalho. Depende, também, do modo e dos critérios de distribuição. Tanto as grandes e injustificáveis diferenças de renda das pessoas quanto o igualitarismo pequeno-burguês, que aplanam as individualidades humanas, inibe o desenvolvimento dos talentos e desestimula a iniciativa e o espírito de emulação dos trabalhadores, levam à degeneração do socialismo.

Como a liberdade e independência da pátria, o bem-estar, seja ele pessoal ou geral, também não é doado, mas ganho com o trabalho, com base no princípio da autossuficiência. Esta é uma conclusão importante que emerge do trabalho de Enver Hoxha. O socialismo, declarou ele, é escrito pela classe operária e das demais massas trabalhadoras.

O partido, com Enver Hoxha à frente, tem feito muito pelo povo. Ele mudou a face do país e melhorou radicalmente as condições de vida das massas.

Por mais de uma década, nosso país tem atendido todas as necessidades do povo em grãos de pão com sua produção local e está consolidando esta vitória histórica ano após ano. A mudança na estrutura dos grãos em favor do trigo, juntamente com o aumento da quantidade produzida, é um sucesso de importância econômica e social. Agora foram criadas as possibilidades de acelerar os passos para garantir que em pouco tempo o pão de trigo esteja disponível o ano inteiro também para a população camponesa. Todos nós temos a obrigação de assegurar o cumprimento deste desejo e da exigência do camarada Enver para nosso campesinato heroico.

A indústria para a produção de bens de consumo sempre foi considerada pelo partido como um fator indispensável para garantir e elevar o bem-estar das massas. Em seu discurso na reunião do Birô Político em fevereiro de 1985, que foi a última reunião do camarada Enver, ele argumentou que era necessário dar prioridade ao desenvolvimento deste ramo durante o 8º Plano Quinquenal. Esta ideia está na base dos planos atuais. A indústria leve e de processamento de alimentos, para a qual os fundos investidos até 1990 serão quase o dobro do montante investido no último plano quinquenal, dará um grande passo em frente.

Assegurar a esmagadora maioria dos alimentos para a população interna constitui um dos pilares da independência econômica e política do país. Numa época em que as potências imperialistas estão usando seu monopólio de alimentos como meio de chantagem e um golpe político para forçar grandes e pequenos Estados a se ajoelharem e entrarem na órbita imperialista, esta é uma das maiores vitórias políticas e sociais de nossa sociedade. Sua base é a correta linha marxista-leninista do partido e a vitalidade dos ensinamentos de Enver Hoxha.

O emprego de todas as forças ativas de nossa sociedade constitui outra grande vitória econômica e social da linha do nosso partido. O trabalho é a base do desenvolvimento material e social, uma fonte de inspiração e otimismo para toda a sociedade, e a estrada para aumentar o bem-estar. O emprego sistemático e massivo da juventude requer recursos materiais e financeiros cada vez maiores e investimentos também cada vez maiores. Atualmente, a fim de criar um novo emprego, nossa sociedade utiliza uma média de mais de 100.000 lekës em investimentos e outros gastos, quase o dobro do que nos anos 60. Ainda mais será necessário no futuro, pois os investimentos em equipamentos e tecnologias avançadas se tornarão maiores. Para criar os fundos necessários para os novos empregos que normalmente são abertos na cidade e no campo a cada ano, são necessários 4 a 5 bilhões de lekës.

Sem o trabalho e o espírito de sacrifício que foi feito nos anos de início da construção do socialismo, sem a base material-técnica criada, sem a propriedade socialista e a gestão centralizada estatal unificada da economia, uma perspectiva confiante de resolver radicalmente o problema do emprego de todas as forças ativas é inimaginável. Esta conquista assume ainda maior importância se tivermos em mente que isto está sendo realizado em um país pequeno, no qual a população está aumentando em altas taxas e que as tarefas para a intensificação da economia e o progresso técnico e científico permanecem na ordem do dia.

Foram feitos gastos e investimentos consideráveis também para a educação do povo e para a proteção de sua saúde. O camarada Enver argumentou que qualquer investimento possível da sociedade nestes campos nunca é demais. Com extraordinária rapidez, sob seus cuidados diretos, a escolaridade tornou-se um fenômeno de massa, e as ligações e estruturas do sistema escolar foram completadas, tornando-o um forte apoio para todo o progresso do país.

Nos primeiros anos de reconstrução, e mais tarde também, a Albânia recém-saída de um grave atraso, tinha muitas necessidades, mas quando se tratava da saúde do povo Enver insistia que o máximo deveria ser feito. Ele considerava o serviço de saúde um setor vital em todo o programa de medidas sociais. Por sua iniciativa, o serviço de saúde foi um dos primeiros a ser prestado gratuitamente para todos os cidadãos.

A criação e o pleno desenvolvimento do sistema de previdência social na cidade e no campo são uma vitória social de dimensões nacionais. Isto aumentou a garantia de um sustento, tornou-se um poderoso estímulo ao trabalho e fortaleceu as relações sociais na família. Hoje, só os pensionistas totalizam cerca de 260.000, ou mais de um quarto de toda a população do país antes da libertação. Apesar das dimensões que este sistema assumiu, o camarada Enver instruiu, especialmente em seus últimos anos, que, em conformidade com as possibilidades e a força econômica das cooperativas agrícolas, mais melhorias deveriam ser feitas na previdência social no campo. Este, disse ele, é um campo no qual podemos proceder mais rapidamente para nos aproximarmos da cidade.

Na época da direção do camarada Enver, a Albânia tornou-se o primeiro país do mundo sem impostos e taxas sobre a renda dos trabalhadores; um país que está se desenvolvendo a taxas estáveis, sem males e distúrbios sociais; um país onde a vida é segura e onde os trabalhadores não são ameaçados por todo tipo de perigos que os mantêm em medo e ansiedade no mundo do capital. Embora tendo uma alta apreciação do valor histórico das realizações no campo social, o camarada Enver instruiu que elas deveriam ser sempre um fator de progresso, uma força encorajadora de criatividade e dinamismo, e não louros de glória que criam euforia e falta de preocupação.

A economia socialista não foi criada e não se fortalece e se desenvolve espontaneamente. Foi criada e se desenvolve com base na propriedade social, no trabalho, no conhecimento e nos sacrifícios dos operários, cooperativistas e intelectuais. “O trabalho e a propriedade socialista — nos ensina Enver Hoxha — são dois grandes pilares nos quais se baseia o desenvolvimento da economia, toda a vida do país, seu presente e o futuro”. Uma grande lição de nossa vida é que o trabalho cria valores materiais, aumenta a propriedade social e a torna mais eficaz; enquanto que, por sua vez, a propriedade social se torna um estímulo para o trabalho, para



uma nova criatividade em um nível superior.

A confiança inabalável que Enver expressa em sua saudação por ocasião dos 40 anos de nossa libertação, na qual uma geração entrega a outra geração, é a prova de uma Albânia cada vez mais forte e mais próspera, uma Albânia vermelha, como a chama imortal dos corações dos partisanos e dos ideais comunistas. Nossa força se baseia nestas vitórias históricas, nesta realidade viva. Esta confiança do camarada Enver é uma grande responsabilidade e compromisso para nós, para o partido e para todo o povo albanês.





# ARQUITETO DO PODER POPULAR.

– PINTURA DE *SPIRO KRISTO*

“ESTRATEGISTA DA GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DO POVO ALBANÊS”



*Enver Hoxha escuta atentamente aos conselhos da classe trabalhadora, Lezhë, 1967.*



*Enver Hoxha sempre manteve um profundo laço direto com as massas do povo, 1967.*

# ARQUITETO DO PODER POPULAR

A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO E DA NOVA ALBÂNIA FORAM REALIZAÇÕES POSSÍVEIS porque seguimos um caminho correto. Mesmo que atrás de nós a onda monstruosa do revisionismo moderno tenha nos afetado, nós provamos que a degeneração revisionista não é inevitável. O país seguiu marchando confiante rumo a um futuro melhor, rumo a novas vitórias.

Afirmamos e reafirmaremos novamente, mesmo que estejamos repetindo uma verdade já conhecida, é necessário sempre dizer: a chave para os nossos sucessos é o partido e sua linha política. Com o camarada Enver Hoxha à frente, o partido soube manter vivo o espírito revolucionário entre o povo e prevenir os perigos que ameaçam o socialismo nas condições do cerco imperialista-revisionista, o partido soube manter em atividade feroz a luta de classes, especialmente no plano internacional.

Aderindo aos ensinamentos leninistas, o camarada Enver Hoxha apontou continuamente que a revolução socialista não termina com a tomada do poder, ou com a construção da base econômica do socialismo. A revolução socialista é um longo processo, que se aprofunda ininterruptamente em todos os campos. Sem esta continuidade, o aperfeiçoamento de nossa sociedade teria sido impossível.

A fim de garantir o desenvolvimento bem-sucedido deste processo, nosso partido sempre considerou a questão do poder do Estado como o ponto fundamental da revolução. Em todas as mudanças revolucionárias que foram feitas na Nova Albânia, o poder popular demonstrou estabilidade, grande força organizadora e capacidade de fazer as coisas em seu caráter verdadeiramente popular, democrático e revolucionário.

O ponto central era a necessidade do povo se tornar dono de seu próprio destino,

o fato de que deveria tomar em suas mãos o poder do país. Essa questão foi resolvida pela Guerra de Libertação Nacional. É um grande mérito do partido e de Enver Hoxha que nós jamais separamos a pauta da libertação nacional do poder do Estado, de garantir a liberdade e independência da pátria. Com sua aguçada intuição revolucionária, na Conferência de Pezë, o camarada Enver Hoxha lançou a ideia de que os conselhos de libertação nacional deveriam ser, simultaneamente, não apenas órgãos da unidade do povo na guerra contra o fascismo, mas também órgãos do novo poder popular nascente.

O novo estado do poder popular, consagrado nas decisões históricas do Congresso de Përmet, constitui uma das maiores e mais brilhantes realizações, uma das obras monumentais de nossa época, como o próprio camarada Enver a definiu em seu livro *Cimentando as Bases da Nova Albânia*.

Com seu poderoso sentimento de amor pelo povo, e confiando na teoria marxista-leninista e na experiência revolucionária, Enver Hoxha chegou naturalmente à ideia de que são as massas que construirão a nova sociedade, levarão o socialismo adiante e entregarão o novo Estado democrático de geração em geração. Esta foi uma convicção pela qual ele se guiou durante toda a sua atividade. Ela foi formulada muito claramente no ditado: “as massas constroem o socialismo, o partido às dá consciência” — essa sendo uma síntese marxista de importância fundamental para o destino da revolução.

O partido, com o camarada Enver Hoxha à frente, considerando as massas como agentes da transformação histórica, como seus autores e atores, garantiu-lhes os direitos que haviam sido negados durante séculos. Ao afirmar o papel primordial das massas, o partido e o camarada Enver protegeram os comunistas contra qualquer sentimento de prepotência e mostraram o caminho para a contínua democratização do governo e do país. Enver Hoxha considerou a questão da segurança e do fortalecimento do poder popular como também a questão do aperfeiçoamento da própria revolução, como uma tarefa permanente de todo o nosso partido.

“O povo conquistou o poder popular com derramamento de sangue — dizia ele diversas vezes — Portanto, devemos protegê-lo a todo custo, devemos defendê-lo e fortalecê-lo, mantê-lo sempre eficaz e fresco.”

O poder popular, que desempenha as funções da ditadura do proletariado,

garante uma verdadeira democracia para as massas trabalhadoras, assim como a emancipação de todas as camadas da nossa sociedade, e é a maior garantia de suas liberdades e igualdades sociais. Nas condições de nossa ordem, as obrigações do indivíduo para com a sociedade e da sociedade para com o indivíduo são realizadas da forma mais harmoniosa possível.

Insistindo na necessidade da organização das massas na gestão do país, Enver Hoxha exigiu que isso fosse garantido em todos os níveis do Estado, especialmente na base, na produção e na vida social. As massas gerenciam e governam não apenas exercendo funções dentro do partido ou do Estado, mas também se preocupando e dando ideias valiosas para o progresso do país. Este papel das massas na administração da nação é o fator básico que, com o passar dos anos, tornou possível desenvolver rapidamente a economia, embelezar a pátria, progredir na educação e na cultura, fortalecendo o próprio Estado.

Enver Hoxha testemunhou com alegria e otimismo essas mudanças que a Albânia estava passando, ao mesmo tempo, não hesitou em apontar as deficiências que de tempos em tempos eram evidenciadas na atividade do poder popular. O poder popular, disse ele, nunca deve ficar atrás das exigências da vida; qualquer distanciamento dessas exigências é uma expressão da separação do Estado e das massas, ou seja, uma expressão do enfraquecimento de seu caráter popular. Representantes dignos, apontou ele, são aqueles que conhecem os problemas do povo e lutam para resolvê-los, e não aqueles que se afastam dos trabalhadores; representantes dignos são aqueles que trabalham e vivem perto das massas, que escutam atentamente sua voz e a levam aos órgãos superiores. Somente desta forma os representantes eleitos podem ser dignos do atributo que lhes é devido como “servos do povo”.

“Mas o que significa ser um servo do povo? — perguntava ele, sempre que a questão do vínculo entre o Estado e o povo era colocada — Antes de tudo, isto significa que você deve servi-los com grande lealdade, deve servi-los com base na linha do partido, isso significa que devemos trabalhar incansavelmente para aplicar suas decisões, aplicar seus princípios com vigor. Nunca devemos, em nenhum caso, abusar da confiança do povo, jamais devemos utilizar dessa confiança para obter ganhos pessoais ou privilégios, devemos ser sempre justos, sinceros e irreconciliáveis com qualquer manifestação, por menor que seja, de



favoritismo, amiguismo e nepotismo. Isso significa, também — continuava o camarada Enver — ser educado e justo com as massas, manter laços estreitos com o povo e ouvir atentamente sua voz, ter uma atitude de princípios em relação às suas reclamações e críticas, ser inimigo declarado das manifestações de arrogância, vaidade e altivez.”

O povo é grande, em comparação com o povo, o indivíduo, por mais destacado que seja, é minúsculo. Portanto, o servidor público, o dirigente, o representante eleito, mesmo o mais capaz e valioso, deve ser humilde diante do povo. Enver Hoxha seguia a partir disto quando concluiu que a força do Estado reside em seu caráter democrático. Caso contrário, a declaração na Constituição da República de que o “poder popular provém do povo e pertence ao povo”, continuaria sendo um texto sem sentido.

Como um lutador indomável por superar qualquer obstáculo que surgisse no caminho da democratização da atividade do governo, Enver Hoxha atacou consistentemente todas as manifestações de oficialismo ou burocracia. Mas especialmente durante os anos 60, e posteriormente, ao analisar as causas da catástrofe política que ocorreu na União Soviética e nos outros países do Oriente, suas conclusões sobre a luta contra a burocracia foram transformadas em um sistema completo e coerente de exigências para a revolução do Estado e de toda a vida do país.

Em muitas ocasiões, mas especialmente durante o ano de 1965, quando o Comitê Central havia acabado de iniciar os preparativos preliminares para o 5º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), o camarada Enver falou comigo sobre a necessidade de intensificar esta luta. Ele considerava a burocracia como uma séria ameaça ao Estado e ao partido, ao futuro do socialismo.

“A burocracia — disse-me ele nessas conversas — é um inimigo perigoso, que corrói o estado a partir de dentro. Assim como a broca que devora a madeira, a burocracia atrofia a democracia e a iniciativa, se não for combatida de forma consistente e com determinação”.

Sabe-se que ele voltou várias vezes a este tema. A *Carta Aberta de 1966*, registrada na história do partido como um documento importante, representa um verdadeiro programa de luta contra a burocracia. Seus muitos discursos e contribuições para a discussão no Birô Político constituem a base sobre a qual foi realizada a 6ª Plenária do Comitê Central em setembro de 1968, especialmente sobre a imple-

mentação da linha das massas.

Enver Hoxha considerou a luta contra a burocracia como principal fator para manter o Estado descontaminado, assim como também uma necessidade para salvaguardar seu caráter popular. Como é sabido, enquanto descobria as raízes ideológicas e sociais do revés revisionista que ocorreu na União Soviética e em outros países após a traição khrushchevista, ele chegou à conclusão de que uma das principais causas que prepararam o terreno para o desvio revisionista foi precisamente a disseminação da burocracia. Esta doença infectou os órgãos do partido e do Estado soviético, corrompeu os quadros, causou apatia e divorciou o partido das massas. Nestas condições, a quadrilha de Khrushchev e seu aparelho não tiveram dificuldade em tomar o poder, confundindo as massas e liquidando as vitórias socialistas.

O perigo da burocracia é mortal, dizia frequentemente o camarada Enver, portanto a luta contra ela nunca deve cessar. Enquanto os restos de concepções estranhas estiverem presentes na consciência humana, isso levará à degeneração de indivíduos ou de certos grupos, o que podem agravar e danificar a atmosfera social. Distorções burocráticas e métodos rudimentares levam à degeneração do Estado, levam a sua alienação das massas, levam à perda dos principais motivos da vitória de nossa revolução.

Procedendo desta consideração, ele instruiu que devemos ver a luta contra a burocracia como um dos principais caminhos da nossa luta de classes. Esta luta, instruiu ele, não deve ser simplificada demais, tratada superficial ou formalmente, como se tivesse a ver apenas com o corte de papel ou a redução dos estabelecimentos de pessoal. A burocracia, antes de tudo, é uma certa maneira de pensar e agir contrária aos interesses do povo. Tem a ver com o método e o estilo de trabalho, com a maneira como os órgãos do Estado administram os assuntos e resolvem os problemas.

Sempre que o camarada Enver falou sobre a luta contra a burocracia, ele o fez com grande concentração. Ele não desistia, sempre buscava convencer todos os seus camaradas nas conversas sobre o perigo deste fenômeno. A burocracia faz de seu alvo a principal conquista da revolução: o poder político, ou seja, é um inimigo um tanto escorregadio e difícil de compreender, que se enraíza e envolve nosso povo em sua teia sub-repticiamente. Portanto, a luta contra ela não tem

sido, e não é e não será fácil.

A aplicação dos ensinamentos do camarada Enver sobre a luta contra a burocracia é a melhor profilaxia contra esta ameaça e uma exigência da ordem do dia, porque os burocratas podem ser encontrados a qualquer momento e em diferentes campos de atividade. Eles não levam em conta a vida e seu desenvolvimento, por isso se dedicam apenas ao trabalho em papel, reproduzindo frases emprestadas das cláusulas dos livros de regras. Permanecendo por muito tempo sem se afastar de cargos e escritórios de liderança, os burocratas formam a opinião de que eles são os mais conhecedores, que são invioláveis e insubstituíveis. Eles não têm fé na democracia e na iniciativa das massas, por isso as sufocam e as inibem.

O burocrata é idealista em seus conceitos e julgamentos. Em sua opinião, palavras, ordens, cartas podem fazer maravilhas. Os burocratas têm medo de uma ação revolucionária. A mentalidade burocrata lembra as frases de abertura dos manuais eclesiásticos: “No início, havia a Palavra”. Hoje, os materialistas dos nossos tempos reverteram destemidamente essa frase, declarando: “No início, havia a Ação”. Desta maneira materialista de pensar, emerge o fato de que a burocracia não é erradicada com palavras e moralização, mas com o controle ativo exercido pela classe trabalhadora, pelo rejuvenescimento dos aparatos do Estado e do partido, pela aplicação da justiça revolucionária em todos os campos da vida, pelo envolvimento das massas de quadros e líderes, dos trabalhadores e trabalhadoras intelectuais, em geral, na dinâmica da vida e da produção.

O conselho que o camarada Enver deu em diferentes momentos, de que a luta contra a burocracia deve ser entendida não como uma medida técnico-administrativa, mas, sobretudo, como uma medida de caráter político e ideológico, é valiosa para o presente e o futuro. Se as manifestações da burocracia não forem entendidas profundamente deste ângulo, elas reanimarão e ressurgirão, mesmo depois de terem sido combatidas uma vez.

Em discussões e conversas, em dezenas de ocasiões, ouvi Enver Hoxha falar cheio de paixão e energia sobre os mais variados problemas da atividade social. Mas seu pensamento nunca foi unilateral, nem mesmo quando o debate se acalentava e as emoções se instalavam nele. Notei isto mesmo em meados dos anos 60, na época em que nos preparávamos para lançar a fase da revolução da vida do país, na fúria da luta contra a burocracia.

Mesmo nestas condições, quando a extensão da democracia socialista estava sendo apoiada poderosamente com uma série de novas medidas organizacionais, ele não esqueceu o outro perigo que ameaçava o poder popular: o liberalismo. Em muitos discursos e artigos, ele argumentou que o liberalismo não é um fenômeno que desce subitamente do céu; é um produto da pressão ideológica do inimigo externo e interno, cujo objetivo é minar o poder popular e o socialismo. Se o centralismo e a democracia foram equilibradas e estão em harmonia em todas as etapas da construção socialista de nosso país, o fator decisivo para isso foram as orientações do partido, as ideias e a insistência do camarada Enver Hoxha.

Argumentando a necessidade da luta contra o liberalismo, o camarada Enver disse que, com o avanço do socialismo, os inimigos acham cada vez mais difícil sair abertamente com apelos contra o poder popular, contra nossa ordem social, porque os trabalhadores e os camponeses, a intelectualidade, as mulheres e a juventude brotariam na garganta de qualquer um que lançassem tais palavras de ordem. Portanto, o inimigo e toda a reação se esforçam para provocar a degeneração do Estado e da ordem socialista, encorajando o liberalismo, procurando abrir novos caminhos para injetar seu veneno na mente das pessoas.

As ideias do camarada Enver sobre o perigo do liberalismo e do oportunismo, sobre a proteção do partido e do Estado contra as ilusões que suas palavras de ordem sedutoras podem suscitar, são uma arma eficaz até mesmo para hoje. Ventos fortes de oportunismo de vários quadrantes estão soprando no mundo de hoje. Eles são alimentados e fomentados pelo imperialismo e pela reação mundial e são usados para combater o socialismo e a revolução, para difundir o liberalismo e a contrarrevolução. Ao mesmo tempo, as correntes oportunistas atuais representam a crise do revisionismo, que é a causa da degeneração moral, política, ideológica, econômica e cultural geral na União Soviética e nos outros países antes socialistas, que hoje se uniram no “desfile da moda” das reformas.

Ao abordar a questão da revolução do Estado, o camarada Enver não se limitou apenas a denunciar o perigo da burocracia e do liberalismo. Ele também elaborou as maneiras de evitar estes males que poderiam roubar o poder político do povo. O “remédio” contra a burocracia e o liberalismo que o camarada Enver Hoxha recomenda é aumentar a atividade sócio-política das massas populares, sua participação direta na gestão dos assuntos do Estado.

Ele não definiu esses caminhos de forma livre; eles surgiram em debates, discussões e consultas com o povo, a partir da síntese da experiência histórica da construção socialista em nosso país.

“Os comunistas, os quadros do partido e do Estado — disse-me ele em uma conversa no início de 1972 — devem estar sempre na vanguarda. Enquanto lideram as massas, eles devem, ao mesmo tempo, submeter-se ao seu controle. Se dizemos que os comunistas se dedicaram à causa do povo, então eles nunca devem se comportar como senhores ou ser ditadores sobre as massas. O partido não precisa de tais comunistas.”

Continuando, ele perguntou:

“Este nobre objetivo do partido e dos comunistas pode ser realizado quando a maioria dos funcionários dos departamentos são membros do partido?”

E sem esperar por uma resposta, ele enfatizou:

“É errado, de fato, eu a chamaria de mentalidade pequeno-burguesa, se há comunistas que consideram como seu dever ocupar as posições-chave e dar ordens. Mas e aqueles que não são membros do partido, entre os quais há especialistas e quadros muito capazes, especialmente nas fileiras da juventude e da intelectualidade? Para que servem? Apenas para receber e levar nossas ordens?”

Alguns dias depois, quando li o discurso que ele apresentou na Plenária do Comitê do partido do distrito de Mat, que é conhecido como um discurso de especial importância teórica e prática sobre o papel das massas na construção socialista, lembrei-me dessa conversa e entendi melhor a preocupação de Enver.

A linha de massas constitui o principal pivô do pensamento de Enver Hoxha sobre a questão do estado. O papel das massas, declarava ele, é decisivo em tudo. A classe trabalhadora, os camponeses e a intelectualidade popular são os portadores do progresso, lutadores resolutos pela causa do socialismo e pelo fortalecimento do poder popular. Os comunistas devem contar com as massas trabalhadoras, porque o próprio partido emergiu delas.

No decorrer da luta contra manifestações da burocracia, o camarada Enver elaborou uma série de ideias originais, como a da circulação de quadros, a participação dos quadros no trabalho braçal junto das massas, o controle da classe trabalhadora e o estabelecimento de uma proporção correta entre salários altos e baixos. Um fio vermelho perpassa estas ideias: o partido e o Estado devem estar ligados

ao povo como carne e osso. Ele enfatizou que a luta contra manifestações da burocracia e do liberalismo só podem ser travadas com sucesso com a participação das massas, através do fortalecimento da democracia socialista, e que o controle da classe trabalhadora sobre o trabalho das administrações, produção e distribuição é uma condição indispensável para fortalecer nossa sociedade socialista.

“Nada deve escapar aos olhos do povo — disse-me o camarada Enver em uma reunião em abril de 1975, querendo sublinhar a ideia da força do controle por parte das massas — A burocracia, se anima onde quer que a luta de classe contra ela seja afrouxada. Os burocratas se escondem somente quando o punho da classe trabalhadora e seu partido lhe bate com força.”

Assim que voltei ao meu escritório, comecei a colocar no papel as ideias que surgiram daquela conversa, porque me pareceram muito valiosas, e me preocupava que não fossem perdidas. Enquanto escrevia, porém, notei que o material estava assumindo a forma de um artigo. Quando o terminei e o li, fiquei ainda mais convencido sobre isso. Voltei para o escritório do camarada Enver:

“Coloquei algumas das coisas de que conversamos ontem no papel” — disse eu, entregando-lhe o artigo, depois que ele o leu, pedi a ele sua impressão sobre. “Não o altere, ou você vai estragá-lo — disse ele sorrindo — Deixe Hysni lê-lo e enviá-lo ao jornal”.

Hysni, também, era da mesma opinião.

No dia seguinte, em 3 de abril de 1975, o artigo foi publicado no editorial do jornal *Zëri i Popullit*, sob o título *Quando a Classe Trabalhadora Fala, a Burocracia Fica em Silêncio*, o que desencadeou outro poderoso ataque em larga escala contra a burocracia, à inflação nos escritórios e às papeladas.

O camarada Enver Hoxha considerava as manifestações da burocracia e do liberalismo como ligadas entre si, como dois lados da mesma moeda. Ele repetia continuamente a afirmação do camarada Stálin de que o inimigo mais perigoso é aquele que é esquecido.

No relatório que entregou a 4ª Plenária do Comitê Central, em junho de 1973, ele destacou: “O partido sempre foi contra qualquer tipo de distorção ou subestimação de suas orientações sobre uma luta ideológica consistente nos dois flancos, contra o liberalismo e contra o conservadorismo. Tem sido e é contra qualquer tipo de deturpação que, por causa da luta contra um flanco, a luta contra o outro

deve ser negligenciada ou esquecida”.

Em nossa história, houve elementos conservadores, que tentaram travar a luta contra o liberalismo a partir de suas próprias posições, assim como houve elementos liberais que quiseram fazer o contrário. A única posição correta sobre esta questão, uma posição que deriva do trabalho de Enver Hoxha, é que tanto a luta contra o liberalismo quanto contra o conservadorismo pode ser travada com sucesso apenas a partir das posições do partido, a partir das posições dos princípios marxista-leninistas.

O grande movimento pela revolução da vida no país, que irrompeu por toda a Albânia em meados dos anos 60, é conhecido por todos. Este movimento foi de extraordinária importância para a época em que ocorreu, mas também com lições para o hoje e para o amanhã, pois ele não foi um movimento espontâneo. Seu fundador foi Enver Hoxha. Resumindo a experiência de nossa revolução e a dos outros países, com seus bons aspectos e fraquezas, ele tirou conclusões teóricas e práticas sobre a necessidade de tomar certas medidas indispensáveis para assegurar o desenvolvimento ininterrupto e o aprofundamento da revolução em todos os campos, e impedir o desenvolvimento da ferrugem em qualquer engrenagem da nossa sociedade.

O tema da revolução tem sido tema de muitas conversas nas reuniões que tive com o camarada Enver. É impossível reproduzi-las todas aqui, mas selecionei apenas uma que considero típica, e que ocorreu no início de setembro de 1968, quando eu estava trabalhando para preparar o relatório para a plenária do Comitê Central, que foi realizado no final daquele mês:

“Na plenária — disse ele — é necessário fazer um resumo da revolução da vida do país a partir do aspecto ideológico. Um grande movimento das massas irrompeu em todo o país contra a burocracia, contra os costumes atrasados, contra as mentalidades que impedem a emancipação da mulher, contra as superstições religiosas, etc. Esta luta deve ser considerada como um todo, como uma ação revolucionária que tem um único objetivo: evitar não só qualquer recuo, mas também ficar parado. A revolução deve marchar adiante, deve avançar, deve subir cada vez mais alto. O partido deve entender isto. Caso contrário, há perigos.”

Anotei essas ideias quase palavra por palavra, não só porque elas seriam úteis na fase de preparação do material para a plenária, mas também por seu valor

como orientação geral para o trabalho ideológico do partido.

“O que devemos visar com a revolução? — O camarada Enver continuou dirigindo a pergunta a si mesmo e não a mim e ele não esperou por uma resposta — Quando o partido fala de revolução, em primeiro lugar, isto tem a ver com o povo, sua consciência e visão do mundo, porque o homem é o fator decisivo em tudo. O homem faz a revolução, portanto, para revolucionar a vida do país, significa, antes de mais nada, revolucionar sua atividade. Você deve prestar atenção especial a esta questão no relatório que está preparando, porque o trabalho com o povo, o trabalho para elevar seu nível de consciência, para expurgar dele as concepções errôneas e atrasadas herdadas do passado, ou as que vêm de fora através de diversos canais, é ainda subestimado.”

Isto levantou a questão de passar a uma nova fase, mais elevada, a fase de entender a luta contra qualquer manifestação alheia à natureza do socialismo em toda a atividade estatal. As instruções de Hoxha nesta conversa projetaram claramente esta fase:

“Está sendo feito um grande trabalho na luta contra a burocracia — continuou ele — mas devemos insistir para que esta questão seja bem compreendida. A revolução pressupõe a depuração da superestrutura de qualquer coisa ultrapassada e estranha, o que é incompatível com a base econômica do socialismo que criamos. Sem aperfeiçoá-la continuamente não podemos criar as condições para o rápido desenvolvimento do país no caminho do socialismo. É essencial explicar claramente que quando falamos da superestrutura, não implicamos apenas o Estado. Certamente, isto tem uma importância decisiva. Portanto, o fortalecimento de seu caráter popular, a luta contra a burocracia e o liberalismo, a luta contra qualquer outra manifestação estranha que impeça as massas de exercer seu papel como centro do poder popular, continua sendo a tarefa principal.”

“Quando falamos de superestrutura — prosseguiu ele — não devemos esquecer que, além do estado da ditadura do proletariado, inclui também o partido, as organizações de massas, as frentes ideológica e cultural, etc. Portanto, a defesa de seu caráter de classe e sua contínua revolução constituem uma tarefa fundamental para levar a revolução adiante. Devemos ter sempre em mente a experiência negativa da União Soviética, onde a degeneração da superestrutura exerceu uma poderosa influência na degeneração de toda a ordem socialista.”



“Há outras questões que também devem ser tratadas, tais como as relações de produção, que devem ser aperfeiçoadas ininterruptamente — apontou ele nesta reunião — mas deve-se ressaltar que, em última análise, o objetivo de todas essas medidas é aumentar a produção, fortalecer a economia e a cultura socialista, aumentar a capacidade de defesa do país e elevar o nível de vida das massas. Digo isto porque há camaradas que veem a questão da revolução, a luta contra a burocracia, ou pela educação revolucionária do povo trabalhador, a luta contra costumes atrasados ou contra superstições religiosas, a luta pela emancipação da mulher, as medidas para a circulação de quadros, ou para diminuir as diferenças salariais, e todas as outras medidas que adotamos, mais como trabalho educativo, como elevar o nível ideológico. Deve ficar claro, no entanto, que o nível desta tarefa deve ser expresso, antes de tudo, na atitude em relação ao trabalho, no aumento da produtividade do trabalho, na proteção da propriedade social, na atitude uns para com os outros e para com a sociedade, no grau em que o interesse coletivo é colocado acima do interesse individual, na valorização da disciplina proletária.”

Nossa sociedade socialista, economia e cultura estão avançando a cada dia. Este progresso se deve às massas trabalhadoras, que também são os criadores de bens materiais, e trazem todo o desenvolvimento em nosso país. Portanto, o espírito das massas nos aparelhos e nos órgãos eleitos do Estado é um espírito revolucionário, e como tal, é indispensável.

Desde a criação dos conselhos nacionais de libertação até hoje, o poder popular cresceu e se fortaleceu de acordo com os ensinamentos de Enver Hoxha, que estava constantemente na vanguarda da luta e dos esforços para assegurar que este poder estatal desempenhasse suas funções políticas, econômicas e educacionais da melhor maneira possível, e realizasse os sonhos e aspirações mais ousados de nosso maravilhoso povo.

A construção da Nova Albânia foi realizada através de uma luta de classe severa, que tem sido travada em todas as frentes, contra inimigos internos e externos. É graças à habilidade de Enver Hoxha que esta luta sempre foi travada corretamente, sem desviar-se nem para a esquerda nem para a direita, que ela resistiu às pressões imperialistas, e nunca foi influenciada por visões e práticas revisionistas. Enver Hoxha não só descreveu esta luta como uma força motriz principal da sociedade socialista, mas também provou com argumentos brilhantes que ela

existiria durante todo o período do socialismo, até o comunismo. Ele considerou a luta de classes como um fenômeno objetivo que leva adiante a revolução e a construção do socialismo, que protege o partido, o Estado e todo o país da degeneração burguesa-revisionista e da restauração do capitalismo, e que purifica a consciência do povo trabalhador e fortalece seu espírito proletário.

Como mostra nossa experiência, a luta de classes é travada em todas as frentes; ela é travada nos campos da política, economia, cultura e ideologia, nos campos do desenvolvimento interno e das relações exteriores. Ela constitui um processo contínuo que se opõe a tudo o que é incompatível com os interesses do povo, ou impede o desenvolvimento de nossa sociedade socialista, tudo o que prejudica a soberania, a liberdade e a independência da pátria; é a luta entre o novo e o velho, o progressivo e o retrógrado, entre a liberdade e a escravidão material e espiritual, entre o interesse coletivo e as tentativas de colocar acima dele um interesse individual.

Sem a intenção de apresentar todo o pensamento teórico de Enver Hoxha sobre a luta de classes, que é muito rica e extensa, gostaria de salientar a importância que ele deu à luta na frente ideológica. Sempre que o camarada Enver falou sobre esta questão, tendo especialmente em mente o revés revisionista que ocorreu na União Soviética, ele enfatizou que as vitórias da revolução nos campos político e econômico não podem ser consideradas garantidas sem o triunfo da revolução no campo ideológico, na formação ideológica, política e moral do povo em geral.

“O menor enfraquecimento desta luta — dizia ele — prejudica gravemente a construção do socialismo, a linha do partido, porque isso abre a porta para a difusão da ideologia burguesa-revisionista, portanto, para a possibilidade da degeneração da revolução.”

Este ensinamento de Enver Hoxha tem grande valor para todos os nossos quadros comunistas. O cerco imperialista-revisionista e sua pressão geral sobre nosso povo não devem ser esquecidos em nenhum momento; os resquícios de ideologias estranhas, costumes atrasados, superstições religiosas, a força das ideias da propriedade privada e dos interesses individualistas mesquinhos, que impedem a formação de uma consciência socialista e criam condições para a propagação de manifestações estranhas, antissocialistas, não devem ser subestimados. É dever do partido não apenas condenar e explicar as raízes de classe destes fenômenos

negativos, perigosos para o socialismo, mas também organizar o trabalho de educação das massas para que, como frisou o camarada Enver, essa visão do mundo, esses costumes, sentimentos e gostos, essas moralidades e filosofias revolucionárias, que tornam possível impedir o renascimento e a implantação de visões mesquinhas e burguesas ultrapassadas, sejam criadas em toda parte, entre nosso povo e em toda a sociedade.

Enfrentar a luta de classes corretamente, como toda nossa prática tem confirmado, exerce uma influência direta no fortalecimento da unidade política e moral do povo, que o camarada Enver Hoxha viu como a fonte de nossa força e vitórias.

Pode-se dizer, sem a menor hesitação, que foi Enver Hoxha quem elaborou o programa para unir as pessoas e quem orientou sua aplicação na prática. A ele pertence o mérito de que, à medida que novos problemas surgiram para o país, ele foi capaz de definir as tarefas que se apresentavam para fortalecer a unidade do povo.

“Uma frente política de todo o povo, a Frente Democrática, isso é o que a Albânia precisava em tempo de guerra, isso é o que a Albânia precisa agora em tempo de paz, porque as tarefas que enfrentamos nestes tempos são tão importantes e vitais quanto as do tempo da guerra” — disse ele no 1º Congresso da Frente Democrática.

Em seguida, vendo o problema da unidade do povo em seu desenvolvimento dialético, ele sempre o tratou em estreita conexão com o estágio alcançado no desenvolvimento de nossa sociedade socialista. No período atual, a unidade do povo na Frente Democrática é uma unidade de interesses políticos, econômicos e ideológicos idênticos, uma unidade de pessoas que não estão subjugadas a nenhum tipo de opressão e exploração, que vivem em liberdade e verdadeira democracia e são senhores de seu próprio país.

Como o verdadeiro dialético que ele era, Enver Hoxha enfatizou que nossa unidade é dinâmica, não estática, não é dada de uma vez por todas. Ela é fortalecida se a luta para fortalecer os fundamentos políticos, econômicos, ideológicos e sociais nos quais se baseia for travada continuamente de acordo com os ensinamentos do partido, se a política do partido, tanto para os problemas internos quanto para os problemas externos, for compreendida completa e corretamente pelas massas trabalhadoras.

Os inimigos do partido e do socialismo tentaram e continuarão a tentar no futuro

atacar as bases desta unidade, para criar divisões entre o povo e o partido. Assim, a luta decidida contra os inimigos, sejam eles internos ou externos, antigos ou novos, deve ser vista como um aspecto importante da luta para proteger e fortalecer nossa unidade em particular, e a do poder popular em geral.

O partido e o camarada Enver têm apontado que a luta de classes não se desenvolve em linha reta, mas com ziguezagues, com altos e baixos. Isto depende de muitos fatores, da atividade dos inimigos internos e externos, das questões sobre as quais esta luta é travada. Entretanto, nosso partido, estando determinado a não fazer concessões e mantendo sempre uma posição de princípio, não acendeu nem rechaçou a luta de classes de maneira artificial.

Ao mesmo tempo, o partido e o camarada Enver têm lembrado continuamente aos comunistas e às massas trabalhadoras que eles devem fortalecer sua vigilância revolucionária ininterruptamente, devem travar a luta de classes com maturidade e partidarismo proletário, não com frases e palavras de ordens vazias, mas com ideias revolucionárias ativas, julgamentos e ações.

Precisamente como resultado desta linha clara trabalhada pelo partido e implementada sob a liderança de Enver Hoxha, a luta de classes em nosso país tem sido travada corretamente e tem respondido às situações concretas e às etapas objetivas da revolução.

A princípio, nos anos tempestuosos da libertação nacional, o partido se orientava pelo princípio de unir o povo em um único bloco de luta, vendo no povo o que tinham em comum, o que o unia em uma única frente contra o fascismo. Como é conhecido, a palavra de ordem básica da Frente de Libertação Nacional era a unidade de todos os patriotas genuínos na guerra pela libertação da pátria dos ocupantes e traidores. Em cada momento o partido soube o que deveria exigir de si mesmo e que tarefas deveria colocar diante das massas. Isto fez com que as palavras de ordem políticas do partido se destacassem por sua clareza e coragem, assim como por sua maturidade e prudência.

Em seu livro *Cimentando as Bases da Nova Albânia*, enquanto descreve quase toda a história da Guerra de Libertação Nacional, com base em fatos documentados, impressões pessoais e reminiscências, o camarada Enver deu um retrato convincente e instrutivo de como o partido manteve seu equilíbrio mesmo nas situações complicadas daqueles anos. Este livro mostra que o partido nunca seguiu sua po-

lítica geral indiscriminadamente, mas sim com base no desenvolvimento da luta de classes. O camarada Enver dialogou pessoalmente com diversos elementos vacilantes, um a um, incluindo até mesmo chefes de organizações nacionalistas. E ele fez isso não apenas para cumprir alguma obrigação para com eles, mas para conquistá-los, para salvá-los do desastre para o qual o caminho errado que eles haviam escolhido os levaria inevitavelmente.

Entre nós, a luta de classes em todos os estágios da revolução socialista e para cada agrupamento social tem sido uma luta no espírito partidário, uma luta de princípios. Nossa linha e nossa flexibilidade tática nunca se transformou em oportunismo ou em compromissos sem princípios; a paciência e a frieza nunca levaram a concessões sobre posições de classe; a prudência e o equilíbrio não foram acompanhados de um espírito de oportunismo; assim como a vigilância em relação aos inimigos nunca assumiu a suspeita em relação ao nosso próprio povo, e a firmeza ideológica e a devoção não levaram ao dogmatismo e a conflitos sociais instigados artificialmente.

Enver Hoxha sempre definiu quais eram as formas e meios mais adequados que tinham que ser utilizados para cada conjuntura criada. Ele sabia com quem usar a “arma da crítica” e com quem usar a “crítica das armas”, como disse Marx. Nosso partido sempre deu às massas o que elas merecem. As punições sem razão a inimigos, ou atribuições de saudações para méritos inexistentes, não têm sido e não estão em nosso estilo de trabalho.

Manter o equilíbrio na luta de classes não é algo fácil, tanto mais que nosso partido e nosso país, com sua posição revolucionária, estiveram e estão em permanente confronto com os inimigos, tanto internos quanto externos. Não faltaram acusações contra nosso partido de vários inimigos, especialmente os externos, dos iugoslavos e dos soviéticos, às vezes de “sectarismo”, para que caíssemos no oportunismo e no liberalismo; às vezes de “dogmatismo”, para que cedêssemos terreno ao revisionismo; às vezes de “isolamento”, para que abrísssemos as portas e puséssemos em perigo a liberdade e a independência do nosso país. Todas estas acusações foram feitas sistematicamente no passado e estão sendo feitas hoje de forma pouco generosa, acompanhadas de pressões e diretrizes de várias formas, com bloqueios econômicos, segregação ideológica e cultural, assim como com sorrisos hipócritas.

Sempre que descobrimos os objetivos sinistros que os inimigos organizaram para nós, o partido e o camarada Enver Hoxha expuseram com argumentos e denunciaram resolutamente suas ambições. Nesta luta, porém, nunca procedemos a partir da lógica formal de que quando o inimigo o ataca, você o ataca mais ainda. Se tivéssemos procedido a partir desta lógica, mais cedo ou mais tarde teríamos caído nas táticas refinadas do inimigo de classe, externo ou interno.

Hoje a refutação dessas acusações é óbvia e é um trabalho muito mais fácil do que costumava ser. Os inimigos não conseguem implantar mecanicamente suas ideias sinistras na mente de nosso povo, porque sua formação política e sua consciência estão em um nível muito mais elevado do que no passado. A maturidade ideológica e política de nosso povo é a primeira e mais forte barreira para repelir a pressão dos inimigos. Atualmente, quando lançam algum anátema aleatório sobre nós como os de “isolamento econômico e ideológico”, ou quando falam de nós realizarmos uma “abertura para sair do autoisolamento”, o povo sabe que nossos inimigos são impelidos não por sua preocupação com o bem-estar da Albânia, mas por seu desejo de nos fazer desviar de nossa política, a fim de obter vantagens geopolíticas.

Entretanto, isto nem sempre foi assim. Nos primeiros anos pós-libertação, quando a situação não era tão saudável quanto hoje, as acusações de inimigos externos não só colocavam armas nas mãos dos inimigos internos e elementos decadentes, mas também confundiam muitos indivíduos não formados, de vários estratos da nossa classe.

Nosso partido teve que estar vigilante para manter uma clara política de classe, ser capaz de definir uma linha e uma posição em relação a cada evento e conjuntura. O camarada Enver Hoxha derrotou toda teoria, as teses e os planos dos inimigos, não apenas dispensando-os com uma palavra, afirmando sem base que estavam errados, mas entrando em debate com eles, confrontando-os com os fatos históricos e tirando as respectivas conclusões, até que finalmente foram expostos pelo que são: inimigos.

A linha, as ideias e os ensinamentos do partido sempre foram superiores ao que os inimigos defendiam, porque sempre expressaram os interesses das massas populares, os interesses da liberdade e independência da pátria. O trabalho de Enver Hoxha é um claro reflexo disso. A força de suas ideias repousa precisamente no

fato de que elas derivam de um bom raciocínio dialético marxista-leninista e não de preconceitos e obsessões.

Enver Hoxha defendeu a linha do partido contra qualquer tipo de precipitação e subjetivismo. Repetidamente, ele dizia que o partido deveria analisar cada fenômeno nos campos da política e cultura, ou da economia e do exército, com calma e objetividade. A calma é característica da sabedoria e da coragem, enquanto a pressa é uma expressão da insegurança e das paixões subjetivas.

O partido tem sido e é guiado por essas posições de princípio, também, ao lidar com as fraquezas, deficiências ou falhas de determinados indivíduos. Enver Hoxha foi muito cauteloso em seu julgamento dos erros das pessoas. Ele era severo com os inimigos, porque defendia os interesses do partido e do povo; enquanto que com aqueles que estavam desorientados, que tinham sido vítimas, ou tinham cometido erros por ignorância, ele mostrou preocupação, tentou ajudá-los e convencê-los.

Ele sempre enfatizou que assim como as manifestações da luta de classes variam em forma e intensidade, também as medidas educacionais e as reações do partido e do Estado socialista devem variar em conformidade com elas. Ele nos ensinou que as contradições antagônicas não são resolvidas sem a vitória de um contra o outro, e que o inimigo de classe não é combatido através de concessões e pleitos. Quando elementos anti-partidários se engajam em sabotagens e tentam se organizar para se opor ao partido e ao Estado, eles não podem ser combatidos com palestras. O trabalho de esclarecimento, educação e convencimento é valioso para aqueles que cometem erros, que se desviam da linha, seja porque não a entenderam ou porque não estão inteiramente convencidos dela, mas não para aqueles que saem contra o partido e sua linha por objetivos hostis e que procuram derrubá-la com golpes e organizações sabotadoras contrarrevolucionárias.

Lembro-me de uma expressão que ele usava frequentemente, sempre que uma opinião tinha que ser dada, ou uma posição clara adotada em relação a algum evento importante: “pese sempre com cuidado! O primeiro pensamento é o do cavalo, o segundo é o do cavaleiro!”

Com isto ele nos advertiu que não devemos ser precipitados, devemos dominar nossas paixões e não devemos ser excessivos nem em elogios nem em reprimendas. A princípio, quando você ainda não está livre do efeito de impressões e emoções momentâneas, pode estar enganado, pode não reter um senso de proporção e cair

em posições unilaterais. Considerando que cada ação do partido deve ser cuidadosamente ponderada e motivada por razões convincentes. Portanto, o segundo pensamento, baseado no bom senso, é o que sugere a posição mais correta.

Graças a esta lógica, na atividade do partido, mesmo quando seus inimigos mais perigosos foram julgados, não houve espaço para o espírito de vingança, para paixões sinistras e brigas a partir de posições subjetivas.

O partido não tem sido injusto com ninguém. Da mesma forma, o povo não foi injusto com ninguém com suas leis. Até mesmo a derrota histórica dos inimigos de classe mais abertos, dos exploradores, durante a revolução tem sido justificada pelo progresso, pela história; mesmo aqueles que foram instrumentos e colaboracionistas com os fascistas, e que se mancharam de vergonha por sua traição aos interesses da pátria; ou mesmo os estrangeiros e seus agentes secretos que queriam cavar a sepultura da Albânia e colocá-la à venda como um cão sem dono; o povo e o partido não têm nenhuma dívida mesmo para com aqueles que, inicialmente unidos ao povo, foram arrastados pelo entusiasmo das massas pela construção da nova sociedade, mas que depois se cansaram dela e, o que é pior, procuraram se colocar acima dos interesses do povo e do partido, querendo usar a Albânia como sua própria propriedade, para fazer um presente a estrangeiros. A lei da luta de classes tem funcionado e opera com justiça para com todos.

Sabe-se que na história moderna de nosso país houve mais de alguns casos em que pessoas, que durante algum tempo ocuparam cargos de liderança no Estado e no partido, que eram membros dos órgãos supremos líderes do país e que mesmo assim se envolveram em várias atividades hostis. A luta de classes, em geral, e a luta ideológica de princípio contra o revisionismo no plano internacional, não podia deixar de se refletir dentro das fileiras do partido. Isto se deu porque elementos hesitantes e carreiristas de predisposição hostil, que capitularam à pressão externa e se colocaram a serviço dos estrangeiros, se infiltraram nos órgãos do Estado e do partido. A teoria de “tomar o castelo por dentro”, uma teoria muito antiga na história da humanidade, é uma arma que não poucos inimigos, desde os imperialistas e os países capitalistas até os iugoslavos, soviéticos e outros revisionistas, usaram contra nós.

A vida tem provado e os desenvolvimentos atuais estão provando que os “grandes países e grandes partidos” com nomes marxistas trabalham para garantir sua in-



fluência e domínio sobre os “pequenos países e pequenos partidos”, de modo que os últimos procedam de acordo com os interesses dos primeiros e dançam ao som de suas músicas, tornando-se esferas de influência e domínios para os grandes países e partidos. Nossa experiência, e não somente a nossa, mostra também que para atingir este objetivo, além de exercer diversas pressões políticas e econômicas, os “poderosos”, os “tutores”, tentam conquistar pessoas de caráter fraco, aventureiros ambiciosos, que não hesitam em vender suas almas a estrangeiros. O inimigo tenta encontrar, se puder, pessoas com tais vícios, principalmente entre aqueles que influenciam a política do país. É fato que indivíduos deste tipo, como Koçi Xoxe e Mehmet Shehu, Beqir Balluku e Kadri Hazbiu, Abdyl Këllezzi e outros, foram encontrados em nosso partido.

A propaganda estrangeira, dominada por preconceitos hostis contra nosso país, apresenta frequentemente a luta do partido e do camarada Enver Hoxha pela defesa da liberdade e independência da pátria, pela defesa das vitórias da revolução contra quem quer que tenha tentado violá-las, como uma luta de posições pessoais, como um “acerto de contas com adversários”. Deve-se dizer que também neste campo, na interpretação destes fenômenos, existe uma posição de classe definida. Ao distorcer a verdade, por um lado, a reação tenta desacreditar o socialismo, apresentá-lo como um sistema que não permite o debate e pisoteia as liberdades e direitos individuais, e, por outro lado, para se proteger, tenta defender seus próprios lacaios, mesmo quando eles tenham sido expostos e não tenham mais nenhum valor moral ou social. Portanto, enquanto nossas explicações se destacam por sua verdade, calúnias e distorções dominam as interpretações da reação e dos malfeitores.

Em nosso país, os inimigos que se colocaram a serviço dos estrangeiros e que visaram derrubar o poder popular através da violência em colaboração com os estrangeiros prestaram contas de acordo com as leis do Estado e foram punidos de acordo com o grau de perigo que representavam. Aqueles que se opuseram à linha e à política do partido e do Estado socialista, mas que não se envolveram em ações contra o Estado e que não tentaram organizar golpes e complôs antisocialistas, foram expulsos do partido, é claro, mas não enfrentaram acusações criminais. Foi o que foi feito com Sejfulla Malëshova, Koço Tashko, Ymer Dishnica, Liri Belishova e outros. Suas atividades causaram grandes danos ao socialismo,

tendo sido inspiradas pelos revisionistas iugoslavos ou soviéticos.

Houve outros, que durante algum tempo e sobre um determinado assunto, tiveram opiniões diferentes das do partido, e até mesmo se opuseram à linha e à política do partido sobre um problema tão importante como a posição em relação ao revisionismo iugoslavo e sua atividade hostil em relação à Albânia. Mas eles logo reconheceram seu erro e fizeram autocrítica. Não só não foram considerados penalmente responsáveis, como até lhes foi permitido permanecer nas fileiras do partido. Eles incluem Kristo Themelko e Ramadan Çitaku, que, permanecendo comunistas, trabalharam para onde o partido os enviou e vivem hoje aposentados.

A manutenção e consolidação do poder popular, a realização de reformas democráticas, a construção do socialismo, em geral, em um país pequeno como a Albânia, economicamente atrasado e cercado por muitos inimigos selvagens, eram fardos pesados que não poderiam ter sido suportados sem aderir rigorosamente aos princípios do marxismo-leninismo e aplicá-los corretamente, de acordo com nossas condições, mas também com criatividade política e ideológica ativa.

O partido foi capaz de realizar com sucesso as tarefas colossais da construção socialista, porque determinou as proporções e as alianças de classes corretamente e travou a luta de classe de forma consistente em nossas condições. Esta luta, que se estende a todas as frentes e abrange a maioria dos problemas e os mais diversos aspectos da atividade do país, tornando-se muito feroz em alguns momentos, não foi mais fácil do que a Guerra de Libertação Nacional. Portanto, o conhecimento e a sabedoria foram tão necessários quanto a coragem e a determinação. Foi a grande sorte do nosso partido e do nosso povo que, nestas batalhas, tiveram à frente um líder tão grande como Enver Hoxha, cujos ensinamentos sempre teremos em mente em nossa luta para garantir a vitória final do socialismo.

A luta de classes não é um fenômeno que existe apenas dentro de um determinado país. Ela é travada, também, em um plano internacional, entre a revolução e a contrarrevolução. O trabalho e os ensinamentos de Enver Hoxha são de grande valor também neste plano.

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram profundas transformações revolucionárias no interesse dos povos e do socialismo, mas houve, também, um grande refluxo da revolução. A luta dos povos ganhou impulso, o velho sistema colonial foi derrubado, mas o sistema neocolonialista emergiu, e a agressivida-

de e as intervenções do imperialismo aumentaram incessantemente. A luta da classe trabalhadora e a revolta das massas populares contra a opressão e a exploração foram organizadas, mas a traição revisionista ajudou a disseminação de várias teorias burguesas que negam a necessidade da luta de classes e da revolução, que espalham ilusões sobre a chamada integração pacífica do capitalismo ao socialismo, que lançam dúvidas sobre a necessidade de se corrigir teses marxista-leninistas universais e sobre a capacidade de nossa teoria revolucionária de fornecer as respostas necessárias aos problemas do desenvolvimento do mundo atual, desde do átomo até da eletrônica.

Nesse momento, quando a reação e os revisionistas estavam tentando causar o caos ideológico, Enver Hoxha mostrou que o caminho das forças revolucionárias e as perspectivas da luta de libertação não estão fechadas, que as mudanças que ocorreram e os desenvolvimentos atuais no mundo não negam o marxismo-leninismo, ou a luta de classes como lei universal do desenvolvimento da sociedade de classes. Enver Hoxha provou que, apesar dos ziguezagues temporários, a causa da revolução permanece na ordem do dia, não apenas como uma aspiração dos povos e do proletariado mundial, mas também como uma questão colocada que exige solução.





**PARTI-ENVER! JEMI  
GATI KURDOHERE!**

– MONUMENTO EM HOMENAGEM A ENVER HOXHA, 1988

“NÃO HÁ MORTE PARA ENVER HOXHA, APENAS ANIVERSÁRIOS. HÁ APENAS 1908. PESSOAS COMO ENVER NÃO MORREM”.



*Pessoas como Enver não morrem, elas vivem para sempre na memória do povo.*



*Enver Hoxha eternamente junto de seus camaradas no Cemitério "Heróis da Nação".*

# PARTI-ENVER!

## JEMI GATI KURDOHERE!

*[Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!]*

PARTI-ENVER! JEMI GATI KURDOHERE! *[Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!]*  
COM ESTA PALAVRA DE ORDEM EM NOSSAS BOCAS, PRESTAMOS NOSSA ÚLTIMA homenagem ao camarada Enver Hoxha, o nosso eterno comandante da guerra, herói do trabalho e pensador marxista-leninista. Foram precisamente os jovens pioneiros, os herdeiros do futuro, de quem surgiram aquelas palavras monumentais na Praça Skanderbeg.

Nesses momentos, parecia que estávamos em uma reunião ordinária e não em uma cerimônia fúnebre. Esta palavra de ordem, que sempre foi uma expressão de unidade e entusiasmo, deu força a todos nós. Ela afastou a ideia de sua morte. Ali nos despedimos apenas fisicamente de Enver, pois ali o mantivemos vivo entre nós.

Muitas vezes gritamos e agitamos ao ritmo desta histórica palavra de ordem. Quando a ouvimos pela primeira vez? Quem foi o primeiro a proferi-la e onde? É difícil responder com precisão a estas perguntas. Várias gerações gritaram e agitaram *Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!* Ela, na verdade, explodiu direto do coração das massas. É uma síntese de amor pelo nosso partido, pelo nosso líder histórico, uma expressão de gratidão por tudo o que fizeram pelo bem do nosso povo e do nosso país, uma promessa solene de seguir em frente sem parar no curso que indicaram.

Nas conversas e reuniões que tenho tido com as massas desde 11 de abril de 1985, sublinhei em várias ocasiões que quando falamos no *partido* implicamos automaticamente no camarada *Enver* e vice versa. Independentemente da semelhança dos meios de expressão, eu não adaptei simplesmente as famosas linhas de Vladimir Mayakovsky sobre Vladimir Lênin. Mas é um fato que entre nós o partido e Enver entraram juntos para a história, avançaram e cresceram juntos



e sempre estarão juntos. Enver Hoxha vive no partido que ele fundou no calor da guerra; ele vive na vanguarda revolucionária de nossa classe operária, assim como vive nas mentes e corações de todo o nosso povo.

Nosso povo expressou esta verdadeira união do partido com seu líder de forma bela em muitas de suas criações. Vejam como eles a expressaram claramente em apenas duas linhas:

*Que o Partido do Trabalho viva em você  
com o camarada Enver Hoxha à Frente.*

Sempre que o povo, ou os nossos dirigentes, expressaram palavras calorosas de respeito e amor por ele, o camarada Enver imediatamente as dirigia ao partido. Repetidas vezes, ele dizia, quaisquer bons atributos pessoais que temos são graças ao partido.

É claro que a insistência de Enver de que todo valor de seu trabalho deve ser atribuído ao partido reflete sua modéstia exemplar, mas também reflete sua consciência do papel do partido como uma escola de comunistas, de todos os seus membros, incluindo a própria liderança.

“As pessoas que me escrevem sobre esta ou aquela questão dizendo: *quero discutir isso somente com você, pois a água corre pura em cima, mas se torna lamacenta em baixo*, me deixam realmente tristes” — disse ele com evidente desagrado quando se deparava com tais expressões nas cartas dos cidadãos.

E ele raciocinava:

“Sem dúvida, erros são cometidos, mas a maioria absoluta dos comunistas e dos quadros trabalha honestamente. Eles, juntamente com as massas trabalhadoras, cumprem com devoção as diretrizes do partido e alcançam as vitórias socialistas. Aqueles que falam dessa forma, que consideram que qualquer erro ou falha são apenas responsabilidades da base e não da direção, de fato subestimam o papel e o trabalho coletivo do partido e das massas.”

Qualquer bobagem jornalística também o incomodava e o perturbava, como ocorreu no caso quando, em uma reportagem após um discurso seu, um correspondente escreveu mais ou menos que “mesmo sob as pressões do bloqueio, a Albânia de Enver Hoxha está de pé como uma rocha de granito”. Enver escreveu,

em resposta, uma nota furiosa nas margens do artigo: “A Albânia não é minha, ela pertence somente ao povo, a todos os albaneses.”

Haviam momentos em que ele corria ao meu escritório, trazendo um jornal, geralmente sublinhado, onde quer que seu nome fosse mencionado e, muito justamente, chamava a atenção até mesmo para os mais pequenos excessos que às vezes poderiam ocorrer. Ele exclamava com muita convicção: “Não sou eu, esses méritos são unicamente do partido!” — ele era muito insistente nestas ocasiões.

Enver jamais esperou, ele sempre aproveitava qualquer oportunidade para deixar destacado, em qualquer momento que fosse, que ele era um aluno do partido.

Uma das reuniões ordinárias dos secretários do Comitê Central, em meados dos anos 70, na qual ao falar sobre a preparação de vários documentos do partido, ele se debruçou longamente sobre os critérios para o uso de citações. Ele levantou a questão a princípio, entretanto, seu objetivo era de fato eliminar o uso inadequado de citações de suas obras, algo que acontecia corriqueiramente, especialmente na imprensa, em discursos e brochuras.

Nesta reunião ele disse que “pode parecer a alguns que o uso de muitas citações mostra o alto nível intelectual do autor do artigo, pois isso prova que o escritor ou repórter se baseia na teoria marxista-leninista. Se tivermos uma visão do que escrevemos no passado, veremos que a princípio nós também colocamos muitas citações”.

“Sim, isso realmente acontece — eu concordei — Isso se deu especialmente porque sentimos a necessidade de provar que estávamos certos. Em vez de usar argumentos da vida, da ciência, usamos alguma citação para colocar o selo em nossa opinião. Desta forma, nos sentimos mais seguros de nós mesmos.”

“A falta de experiência nos obrigava a fazer uso de citações, com o tempo, nosso horizonte se ampliou e começamos a usar citações mais corretamente. Mas olhe para a imprensa — ele colocou o dedo onde dói — Há pessoas que preenchem seus artigos com citações, usando dizeres meus várias vezes em um artigo. Na verdade, isto não serve para nada. Elas devem se referir à sabedoria do partido, que, sendo a sabedoria coletiva, é inquestionável.”

Para usar suas próprias palavras, para Enver Hoxha, o povo e o partido eram os maiores tesouros. Para ele, como para todo verdadeiro comunista, eles estavam acima de tudo. Ele dedicou toda sua vida a eles. Diante deles, ele sempre se sentiu

um soldado e um servo.

De 8 de novembro de 1941 até a última batida de seu coração, Enver Hoxha pensou, trabalhou e lutou por um partido forte e monolítico, com as melhores qualidades e aspirações de todo o nosso povo; por um partido revolucionário, internacionalista e marxista-leninista; por um partido que seria sempre jovem, desde a idade de seus membros até pela sua agilidade; por um partido cujos membros são pessoas com valores morais elevados.

O camarada Enver criou o partido com o cuidado de um professor exemplar. Seu pensamento sobre o partido, seu lugar e papel na revolução e na construção socialista, sobre as questões de sua organização interna, sobre sua educação comunista, sobre a militância e o espírito revolucionário dos comunistas e dos quadros é intensamente extensa.

Os conceitos ideológicos de Enver sobre o partido se refletem em toda sua atividade revolucionária, desde durante a Guerra de Libertação Nacional até a construção do socialismo, desde as posições relativas à nossa política interna ou externa, desde sua linha relativa aos problemas da economia e da cultura, da defesa ou da educação, em todos os demais campos da vida.

Ele via o partido como um organismo vivo, em permanente desenvolvimento, capaz de responder às situações que são criadas e às tarefas que se apresentam a qualquer momento e em todos os campos da atividade social. Ele concebeu o fortalecimento político, ideológico e organizacional ininterrupto do partido, de forma dialética.

No 5º Congresso do Partido, realizado em novembro de 1966, no capítulo do relatório dedicado às questões organizacionais, entre outros assuntos, ele insistia especialmente em duas questões: o fortalecimento do papel de liderança das organizações do partido e as qualidades que devem caracterizar os comunistas.

Por que ele levantou essas questões precisamente naquele Congresso?

Isto tem a ver com as conclusões e lições que o Comitê Central do partido e o camarada Enver tiraram da contrarrevolução revisionista que havia tomado o poder na União Soviética e da chamada Revolução Cultural que havia começado e estava se desenvolvendo na China. Naquela época, o camarada Enver trocava opiniões continuamente com todos os camaradas da liderança do partido sobre estas questões. É claro que, em relação à União Soviética, ao aparecimento do re-

visionismo e à degeneração do partido lá, o quadro era mais claro. As lições que tiveram que ser tiradas dessa amarga experiência foram mais do que evidentes. Enquanto isso, o que estava acontecendo na China era muito mais espantosa, e de certa forma mais enigmática, como dizia o camarada Enver.

Ouvimos falar de uma *quadrilha* e de *líderes que optaram pelo caminho capitalista*. A Revolução Cultural seguia sob palavras de ordens perturbadoras como a de *Ataque às Sedes*. Os Guardas Vermelhos e o exército estavam na vanguarda de tudo, enquanto isso, o culto a Mao Tsé-Tung o elevava aos céus, assim como um deus. Nós só tivemos ciência dessas políticas através das agências de notícias, porque o Partido Comunista da China (PCCh) se recusava a nos fornecer informações e posições mais concretas.

No verão de 1966, o camarada Hysni Kapo e eu fomos à Montanha Dajti por algum tempo, para trabalhar na preparação dos materiais do Congresso do Partido, nesses momentos mantivemos um contato permanente com o camarada Enver, que naquela época estava em Durrës. Mesmo distantes, nossas preocupações eram as mesmas: Será se ainda existe partido na China? Por que os Guardas Vermelhos surgiram na atual conjuntura e por que não há nenhuma menção aos membros do partido, à juventude comunista ou até mesmo à classe operária? A lógica nos levou à conclusão de que poderiam haver revisionistas na China, e até mesmo na liderança. Mais precisamente: quem seriam eles e quem os combateria? Seria o partido, a classe operária junto com todo o povo, os guardas vermelhos, o exército ou os cultistas de Mao Tsé-Tung?

Em nossas conversas com o camarada Enver, especialmente quando nós três nos reunimos em Tirana, chegamos à conclusão de que os eventos na China não estavam se desenvolvendo no caminho correto. O camarada Enver achava que eram erradas as linhas de “ignorar o partido e de ridiculariza-lo”, achava ainda mais errado acionar e colocar o exército acima do partido, ele afirmava que “não se pode pensar em uma revolução cultural sem a participação da classe operária e do campesinato”. Ele ficou ainda mais enojado com o culto a Mao Tsé-Tung que, como ele dizia, “se transformou em um culto quase religioso”.

Ficou decidido, em nosso congresso, que era necessário dar ênfase precisamente nas questões que os chineses estavam subestimando ou ignorando, pois tinham importância de princípios para o partido na luta pela revolução. Que os chineses

as interpretem como sugestões críticas, se assim o desejarem.

Assim, o camarada Enver dedicou um lugar especial em seu relatório ao papel principal e hegemônico do partido. Assim como a vitória do proletariado sobre a burguesia, ele destacou no congresso que a construção do socialismo também não pode ser alcançada sem um partido revolucionário da classe operária na vanguarda, sem um partido fiel ao marxismo-leninismo, um partido organizado, capaz de liderar e orientar as massas trabalhadoras na luta e no trabalho. Qualquer enfraquecimento, por menor que seja, do papel de liderança do partido — nesse momento o relatório enfatiza deliberadamente ao desvio revisionista na China — cria o grande perigo para a classe trabalhadora de que ela seja deixada desorganizada e desarmada diante dos inimigos de classe. Isto constitui a fonte da degeneração ideológica e organizacional da transformação do partido marxista-leninista em um partido revisionista-burguês.

São de especial importância as exigências apresentadas no congresso sobre o temperamento e a educação dos comunistas e as qualidades que os devem caracterizar. O partido é forte quando seus membros são ativos, o partido é revolucionário quando os comunistas são temperados, o partido desempenha seu papel principal na sociedade quando seus membros estão na vanguarda — este espírito permeou o relatório do início ao fim. Sabe-se que as dez qualidades de um comunista, tão claras e excelentemente definidas pelo camarada Enver no 5º Congresso, foram incluídas nos Estatutos do nosso partido como requisitos fundamentais para seus membros e aspirantes.

Os ensinamentos de Enver Hoxha sobre as qualidades dos comunistas têm valor permanente e universal, pois assim garantem as condições essenciais para proteger e manter a firmeza nas fileiras do partido, para que ele se fortaleça integralmente.

A história sempre coloca pesadas cargas sobre os ombros do partido e dos comunistas. Para eles nunca há tempo para a inatividade. Assim que uma tarefa é realizada, surge a necessidade de mobilizar forças para realizar outra tarefa. Esta é a dialética da vida, a exigência número um do desenvolvimento. Somente um partido de vanguarda, um partido militante como o nosso Partido do Trabalho, fundado e educado por Enver Hoxha, pode liderar este processo com sucesso. A fim de proteger e manter estas qualidades do partido, seus membros devem, a todo momento, ser lutadores pela causa do povo, do marxismo-leninismo e da re-

volução; devem ser exemplares no trabalho, criativos e com iniciativa; devem ser progressistas, inimigos resolutos de tudo o que é atrasado, do obscurantismo, dos dogmas religiosos e das concepções atrasadas, assim como devem estar ligados às massas do povo e destacar-se por seu comportamento culto, devem ser uma pura figura moral entre os trabalhadores, devem ser a personificação da justiça e de uma atitude social exemplar.

As qualidades dos comunistas são julgadas por seu valor na luta para implementar e defender a linha do partido e não a partir de suas palavras. Os revolucionários consistentes são formados e reconhecidos em seu trabalho diário junto às massas, no trabalho e nas ações concretas; os mais atrasados e aqueles que se vangloriam de seu passado, que buscam privilégios, estes são aqueles que não têm o direito de estar no partido, estes devem ser duramente criticados no decorrer do nosso trabalho. Como nos ensinou o camarada Enver, o partido deve dar a cada um deles o que se merece: aos do primeiro grupo devemos apoiar, encorajar e educar para que avancem mais; aos do segundo grupo devemos ajudar, abrir os olhos para que abandonem imediatamente o pântano que se afundaram, devemos buscar dar-lhes um impulso revolucionário crítico; ao terceiro grupo, devemos definitivamente expulsá-los de nossas fileiras, devemos marca-lo como uma pessoa indigna do título de comunista.

Enver via a educação dos comunistas também como intimamente ligada ao seu trabalho prático, ao seu nível de consciencia e ao cumprimento de suas tarefas. Ele sempre insistia que o formalismo e o oficialismo na propaganda partidária deveriam ser combatidos, que a atividade nas formas de educação deveria ser vivificada, que eles não deveriam funcionar como as escolas públicas, mas que deveriam ser transformadas em centros de discussão onde as questões de todo tipo são debatidas livremente pelos comunistas.

Durante uma conversa que tive com os camaradas Hysni Kapo e Haki Toska, em novembro de 1972, o camarada Enver disse em parte:

“São necessários maiores esforços para juntar nossa prática com a teoria marxista-leninista, ou seja, para generalizar a experiência do partido a partir do ponto de partida teórico. Existem e existirão defeitos em nosso trabalho, mas é importante entender o que está errado também do ponto de vista ideológico.”

“Acontece com frequência — eu intervi — as organizações do partido tomam

certas medidas práticas para eliminar diversos defeitos, mas se elas se contentam apenas com as medidas paliativas, não haverá nenhuma garantia de que o mesmo problema não volte a surgir. Assim como você disse, os problemas que surgem também devem ser encarados do ponto de vista ideológico.”

“Exatamente — continuou ele — Falamos de unidade no partido, de disciplina consciente comunista, de luta contra a burocracia e o liberalismo, etc., mas se estas questões não forem explicadas teoricamente, se os comunistas não formarem as convicções ideológicas necessárias sobre o perigo destes fenômenos sempre haverá violações da unidade, violações da disciplina e manifestações de burocratismo e de liberalismo.”

“Isto também é verdade para a nossa linha de massas — disse o camarada Hysni Kapo — Para obter resultados, todo quadro e todo comunista deve entender ideologicamente e politicamente as razões da necessidade de a democracia ser aprofundada, a razão das vozes das massas sempre serem ouvidas e a razão de sempre aumentarmos nosso contato com a classe operária, com os camponeses sem nenhuma espécie de formalismo.”

“Não apenas isso — continuou o camarada Enver — mas os comunistas também devem saber teoricamente como o partido pode perder sua autoridade, se não ouvir e não levar em conta a opinião das massas. O estudo ideológico destas questões, o permanente estudo do conteúdo dos estatutos do partido, também assegura sua correta implementação. Caso contrário, quando as normas são entendidas de maneira formalista, erros graves são cometidos. Há alguns comunistas que, ao implementarem as diretrizes do partido de forma sectária, quando são criticados, justificam suas ações com o raciocínio de que *é melhor ser sectário do que liberal*. Surpreendentemente, ignoram que a questão que estamos tratando é não ser nem liberal e nem sectário.”

Nesta reunião, o companheiro Haki mencionou vários fatos que mostraram que as normas do partido são muitas vezes entendidas de forma restrita, como artigos de algum livro de regras secas. Ouvindo, o camarada Enver disse:

“A tarefa do partido é explicar melhor, mais profundamente e a partir do aspecto teórico quais são suas normas; mostrar claramente em teoria o que são dogmatismo e sectarismo, e não apenas o que é dogmático e sectário, o que é liberalismo como forma de pensar e não apenas o que é liberalismo na prática. Não preci-

samos do registro de fatos e eventos com apenas as interpretações e conclusões, precisamos entrar profundamente no caráter dos conceitos. Nossos camaradas do partido que estão em contato com a vida cotidiana — concluiu — devem fazer generalizações, deduzir as causas dos fenômenos e com base em nossa teoria marxista-leninista fazer recomendações sobre como trabalhar melhor. Desta forma, eles ajudarão o crescimento do partido.”

Mais de uma vez o camarada Enver Hoxha exigiu que as organizações do partido, os quadros e demais militantes, sempre vissem a realidade em seu constante desenvolvimento, não canonizassem nada, mas que ousassem deixar o que era ultrapassado para trás: desde conceitos, métodos, até as formas de trabalho e organização.

Aqui está uma nota que fiz em 22 de junho de 1982, após uma conversa habitual com ele, para ilustrar seu pensamento sobre a necessidade de inovação no trabalho do partido:

“Hoje o camarada Enver falou longamente sobre a necessidade de compreensão dialética do trabalho do partido. A essência do que ele disse foi que não devemos nos ater a esquemas, mas nos adaptar à vida, e responder às mudanças que acontecem.

“O trabalho do partido — disse ele — é extraordinariamente interessante e belo, mas é complicado também. A linha do partido não pode tolerar restrições rígidas. Ela tem que ser adaptada ao desenvolvimento, que deve orientar e dirigir. Os membros do partido devem compreender a linha em toda a sua amplitude, seus pontos positivos e possíveis fraquezas em sua implementação, devem reconhecer os aspectos objetivos e subjetivos do desenvolvimento, onde a intransigência e a flexibilidade são necessárias. Isto torna o trabalho do partido tão belo e atraente, quanto difícil e delicado”.

O camarada Simon Stefani e a camarada Lenka Çuko falaram sobre sua experiência nos distritos em que trabalharam, apontando que há quadros que, em muitos casos, não têm iniciativa, mas agem somente sob instruções que recebem de cima.

“Se a linha do partido não for bem compreendida ideologicamente — disse o camarada Enver — se for aplicada sem criatividade, então o desenvolvimento se encontrará numa fase de estagnação. E onde for impedido, haverá burocracia e manifestações que não têm nada a ver com as normas e a linha do partido. O trabalho



do partido não é fácil, pois tem a ver com pessoas de diferentes níveis e mentalidades, que têm opiniões que não são e não podem ser claramente definidas e, de fato, podem até ser sectárias ou liberais. Os comunistas e o partido devem ser capazes de se adaptar a esta situação e trabalhar para incentivar os bons aspectos e combater as fraquezas. O partido não viola sua linha — concluiu — quando em determinados momentos políticos, sejam nacionais ou internacionais, ele adota posições táticas que os interesses da pátria exigem. As circunstâncias podem exigir indulgência em uma situação, assim como podem exigir uma postura severa em outra situação. Em suma, os princípios devem ser aplicados em conformidade com as condições concretas. Isto é Marxismo-Leninismo.”

O partido e o povo permaneceram como as duas maiores preocupações de Enver Hoxha durante toda sua vida, até a última batida de seu coração. Todos nós lembramos de sua saudação por ocasião do 40º aniversário da libertação da pátria. Ela está impregnada do início ao fim por seu profundo amor e devoção ao povo e ao partido, por seu otimismo revolucionário, em sua fé no futuro feliz de nossa pátria socialista. A leitura do famoso versículo de Naim mostram uma verdadeira obra-prima do jornalismo albanês e da cultura albanesa em geral:

*Quando você nota a minha ausência,  
Por favor, não pense que eu morri.  
Eu estou vivo, ainda caminho sobre a vida,  
Eu estou presente em cada foco de luz.*

Ela evoca memórias de todos os homens de nossa *Renascença*, de todos os destacados lutadores albaneses do passado e do presente, todos eles juntos e reunidos ao mesmo tempo.

O nosso povo e o camarada Enver estavam ligados por puro afeto, eles eram um em suas aspirações e pensamentos. Enver não poupou nada para o povo, mas o povo também não poupou nada para Enver, para o partido.

Nosso povo é e será grato a Enver Hoxha por seu ato histórico de fundação do partido. Somos gratos, também, pela valiosíssima contribuição que ele deu à sua formação revolucionária, à coesão de suas fileiras. Enver Hoxha nos deixou um partido livre de contaminações, um partido que política e ideologicamente se

encontra totalmente maduro, um partido que se caracteriza por seu espírito militante e seu sentimento de responsabilidade para com o povo; ele nos deixou um partido com uma liderança compacta e indivisível, com quadros militantes em completa unidade de pensamento e ação.



Os momentos vividos por nosso partido e pelo nosso povo em abril de 1985 foram de grande importância. Na época, seu amadurecimento político, sua força e a durabilidade da unidade do partido e do povo ao seu redor, foram colocadas à prova. No final, o povo e o partido passaram neste teste porque foram guiados pelos ensinamentos do camarada Enver Hoxha. O partido ficou ao lado do povo e o povo deu apoio sem reservas ao partido.

Nunca havia passado pela cabeça de ninguém que perderíamos o camarada Enver tão cedo. Não que acreditássemos na imortalidade, mas porque mesmo cem anos teriam sido poucos para Enver Hoxha. Ele era daqueles que jamais reclamava da saúde, ou que anunciava suas doenças.

Em seus últimos anos, o estado de saúde do camarada Enver se deteriorou enormemente, especialmente após o 8º Congresso do partido e a descoberta da traição de Mehmet Shehu e de sua quadrilha.

O camarada Enver sofria de diabetes já há muitos anos, em 1973 se recuperou de um grave ataque cardíaco, mas ao manter o regime, ao manter uma disciplina exemplar, o camarada Enver conseguiu manter sua diabetes sob controle e conseguiu também evitar um novo ataque cardíaco. Segundo os médicos, seria natural acontecer novamente a uma pessoa que mantinha a carga emocional e intelectual que Enver tinha de suportar. É claro que indicamos cuidados médicos, buscamos tratamentos dos mais qualificados, tanto para os diagnósticos, quanto para a firmeza da terapia. Tudo isso exerceu um impacto positivo na vida do camarada Enver.

No verão de 1982, começaram a surgir alguns problemas graves. Nos primeiros dias de setembro, os médicos Fejzi Hoxha e Isuf Kalo, pediram para conversar comigo. Eles estavam preocupados com o fato de que sua insuficiência cardíaca havia se tornado mais pronunciada, as irregularidades de seu ritmo cardíaco

havam se tornado mais acentuadas, enquanto o edema pulmonar apresentava mais sintomas recorrentes e em maior frequência. Eles levantaram a questão de que agora havia se tornado necessário montar uma equipe organizada para supervisionar o estado de saúde do camarada Enver e que esta supervisão deveria ser contínua, dia e noite.

Eu compartilhava das mesmas opiniões. Falei imediatamente com a camarada Nexhmije sobre a organização do trabalho e a nomeação da equipe de médicos. Decidimos que o membro do Comitê Central do partido, o professor Petrit Gaçe, deveria ser o responsável pelo trabalho e que, além do professor Fejzi Hoxha e seu médico pessoal, Isuf Kalo, os camaradas Ylli Popa e Ahmet Kamberi, também deveriam ser membros da equipe.

Tivemos que informar o camarada Enver sobre isso. Fui ao seu escritório e, sem entrar em detalhes, disse a ele que era necessário tomar algumas medidas para fortalecer seu atendimento médico.

“Estou de acordo — disse ele — porque não ando muito bem ultimamente, embora não tão mal quanto os médicos dizem. Não dê muita importância ao que eles dizem porque exageram um pouco as coisas.”

Enver não subestimou sua doença, mas ele não queria alarmar os camaradas. Em particular, ele não queria causar qualquer preocupação entre o povo. Portanto, ele me instruiu: “Quanto menos alarde sobre isso, melhor. Por esta razão, Isuf, como médico, deve continuar cuidando de mim. As consultas devem ser realizadas com pouca frequência, somente quando forem absolutamente necessárias.”

Disse a ele que “procederíamos com cautela, atendendo a seus desejos”, mas por outro lado, acrescentei que “iríamos fortalecer o tratamento médico para você, porque temos responsabilidades com o povo e o partido”.

“Mais uma coisa — disse ele quando eu estava saindo — Se você está pensando em trazer alguns especialistas estrangeiros, eu lhe digo agora mesmo, eu não concordo e nunca concordarei. Nossos médicos são muito capazes e eu estou muito satisfeito com eles.”

Eu parei de procurar médicos estrangeiros imediatamente. O fato é que os médicos levantaram a necessidade de consultas com especialistas estrangeiros, mas não como algo indispensável. Abandonamos a ideia de trazer algum médico estrangeiro para a Albânia, mas mais tarde, quando sua condição se tornou mais

complicada, fomos obrigados a enviar médicos da equipe ao exterior para consultas especiais.

Gostaria de ressaltar que a equipe de médicos e todo o serviço de saúde pública trabalhou de forma muito consciente, com grande devoção, amor e com competência científica. Tudo o que a ciência podia fazer, nossos médicos fizeram até o fim. Por sua vez, o camarada Enver pessoalmente, enquanto continuava seu trabalho de guiar o partido e o Estado como sempre, lutou corajosamente e nunca cedeu à sua doença.

Durante 1983, seu estado de saúde era bom em geral. Ele teve alguns episódios, mas não muito graves. No entanto, 1984 começou mal. Inclusive, peço ao leitor que me permita dedicar mais espaço do que de costume às anotações que fiz durante aqueles dias cheios de angústia.

***Primeira Nota: 16 de fevereiro de 1984***

*Foi logo depois das seis da noite quando a camarada Nexhmije me telefonou: “Venha para casa o mais rápido que puder”, disse ela. Nada mais. Ela estava extremamente preocupada. Eu imaginei que algo ruim tivesse acontecido. Alguns minutos depois, fui à casa do camarada Enver. Lá, os médicos, e depois Nexhmije, me disseram que ele havia sofrido um derrame cerebral, acompanhado de paralisia do lado direito, além de ter desenvolvido dificuldade para falar. A ajuda médica tinha sido dada imediatamente. Por volta das oito ou nove horas, a deterioração de seu estado havia sido retardada, começaram a aparecer sinais de melhoria. Alguns leves movimentos da mão e da perna; podíamos ouvir respostas como “sim” ou “não” quando falávamos com ele. Isso nos encheu de esperança. Com ansiedade em nossos corações, esperávamos qualquer sinal de vida em seus olhos. Não estávamos acostumados a vê-lo nessa situação. Enver, de cuja boca havia pronunciado por toda a vida as mais fortes palavras de esperança, agora dificilmente conseguia pronunciar uma palavra.*

***Segunda Nota: 18 de fevereiro de 1984***

*Hoje o estado de saúde do camarada Enver é satisfatório. Ele está com uma temperatura normal e todos os parâmetros estão normais. Os movimentos de sua mão direita e de sua perna estão mais evidentes. Sua capacidade de falar também melhorou. Todo o seu organismo está mais dinâmico. Esperamos que isto não seja uma ilusão,*

*uma remissão temporária, como dizem os médicos em tais casos. É o desejo do nosso coração de deixar para trás todas as preocupações que sofremos. Nosso povo tem um ditado muito bonito e muito apropriado para tais ocasiões: “Të Mbarojë Gjithçka!” [Que tudo isso acabe!]*

*Hoje tivemos a reunião do Secretariado do Comitê Central. Eu a presidi. “O camarada Enver não havia planejado vir”, disse aos camaradas. É claro que informei os secretários camaradas do Comitê Central sobre o que aconteceu. Mas, como sempre, na reunião também houve convidados que não sabiam o que pensar.*

*Após a reunião, fui à casa do camarada Enver. Ele soube da minha chegada e me chamou para seu quarto. Fiquei muito entristecido quando o vi assim, em seu estado de “paciente médico”, com tubos de soro, com conexões de vários aparelhos presos a suas mãos e pernas. Mas eu mantive meus sentimentos sob controle porque vi que ele também estava chateado: “Tudo vai passar”, eu lhe disse e lhe desejei uma rápida recuperação e transmiti a ele os cumprimentos dos camaradas.*

*Durante minha estada ele me olhou diretamente nos olhos, com aqueles olhos que refletem tanto amor e calor. Eu o beijei quando tive de me despedir, ele também me beijou. Ele levantou o braço direito como se quisesse dizer “olha, tudo está indo bem, eu posso mover meu braço”. Ao invés de um aperto de mãos, este foi um sinal da recuperação que esperávamos ansiosamente. Quando voltei ao meu escritório, os camaradas do Birô Político se reuniram imediatamente ao meu redor. Eu os informei sobre o estado de Enver e as medidas tomadas para sua recuperação. Eles ficaram felizes por as coisas estarem melhorando.*

**Terceira Nota: 24 de fevereiro de 1984.**

*Atualmente, o estado do camarada Enver é ótimo. Todos os médicos e nós, seus camaradas, pensamos que ele está melhorando rapidamente. Acredito que isto não é uma ilusão. Ontem à noite eu fui vê-lo e fiquei bastante tempo por lá. Com a permissão do médico, até conversamos sobre o trabalho por alguns momentos. Eu o informei “em termos telegráficos” sobre a situação econômica e os problemas que ele estava interessado, especialmente sobre a indústria petrolífera e a agricultura. Trocamos opiniões*

*sobre a campanha antialbanesa nacionalista grega, que se intensificou recentemente.*

*Concordamos que, por enquanto, não devemos responder. É claro que, assim como a reação, a CIA e a UDBA também querem nos colocar entre dois focos de incêndio, tanto na Grécia quanto na Iugoslávia. Portanto, não devemos cair como vítimas de suas provocações. É mais sensato exercer contenção. Vamos ver o que eles farão a seguir. Saberemos como responder a eles, se necessário.*

*Esperamos ansiosamente que a saúde do camarada Enver tenha tomado um rumo melhor. É a sua extraordinária energia espiritual e não apenas o tratamento médico que o está fazendo melhorar. Ele está vencendo sua doença com seu otimismo, confiança e lucidez. Também neste caso, ele nos deu uma valiosa lição com esta postura. Não devemos desistir mesmo diante do maior infortúnio, mas devemos enfrentar o perigo com coragem. Se perdermos a força, o mal levará a melhor sobre nós. É assim que o camarada Enver nos ensina a triunfar.*

Depois de algum tempo, ele melhorou mais rapidamente. Sua perna e seu braço estavam funcionando novamente. O camarada Enver começou a circular livremente pela casa. Ele havia recuperado, também, sua fala, que agora estava normal. Ele começou a trabalhar novamente. No início, apenas fazendo estudos em casa e, mais tarde, em abril, já em seu escritório. Na celebração do primeiro de maio, quando ele apareceu na tribuna, ninguém notou que ele tinha acabado de se recuperar de uma grave doença.

No entanto, o derrame cerebral deixou sua marca em seu estado geral e em sua capacidade física. Ela enfraqueceu consideravelmente sua resistência, o que criou condições para o agravamento da insuficiência cardíaca.

O camarada Enver tinha grandes esperanças de se recuperar durante as férias de verão. O clima de Pogradec era agradável a ele. De fato, ele trabalhou lá com grande produtividade. Lá, ele completou quase todos os seus últimos livros. Apesar de algumas melhorias no verão de 1984, no entanto, ele não recuperou sua condição física anterior. Fui a Pogradec, com Semiramis e as crianças para ver o camarada Enver e a camarada Nexhmije.

Conversamos sobre várias questões. Eu o informei sobre a situação interna, os

resultados da colheita do trigo, a situação da energia elétrica e das exportações, etc. Ele já havia recebido um relatório do camarada Adil Çarçani, por isso não nos demoramos muito sobre estes assuntos. Depois trocamos opiniões sobre vários eventos internacionais, especialmente sobre a situação ao nosso redor. Eu notei que ele estava ficando cansado, então para encurtar a conversa eu disse brincando: “Parece que Nexhmije e Semiramis ficaram entediadas com a gente, não consigo vê-las em lugar nenhum”.

“Não se preocupe com isso — disse ele — Nexhmije providenciou um almoço para a gente em Drilon, então suponho que elas já tenham ido para lá.”

Nós também nos levantamos, entramos no carro e fomos para Drilon. No caminho, ele mencionou de passagem que tinha tido alguns problemas, mas não se alargou sobre isso.

Após o nosso almoço e, com o fim de minha licença, voltei para Durrës. Encontrei os camaradas que estavam lá e os informei sobre o camarada Enver, transmitindo-lhes suas saudações.

Embora sua saúde não fosse boa, o camarada Enver continuou seu trabalho sem interrupção. Até março de 1985, ele não esteve ausente de nenhuma reunião do Comitê Central, ou do Birô Político, ou mesmo do Secretariado. Sempre que se encontrava com os camaradas, nunca dizia nada sobre si mesmo ou sobre o estado de sua saúde, mas falava sobre o desenvolvimento econômico e cultural do país, sobre as tarefas que enfrentamos, sobre as perspectivas da construção do socialismo, reforçando a defesa da pátria e salvaguardando sua liberdade e independência.

Mesmo quando, devido a sua doença, ele era obrigado a não ir ao seu escritório regularmente, ele trabalhava em casa, lia relatórios, fazia estudos de materiais informativos e emitia instruções para os órgãos do partido e do Estado. De tempos em tempos, ele convocava o camarada Adil Çarçani e outros camaradas dirigentes para encontrá-lo, ouvia-os e dava-lhes valiosas instruções. Eu estava em contato diário com ele: falávamos ao telefone, mas a maioria das vezes nos encontrávamos em sua casa. Quase sempre ele enfatizava: o trabalho com os quadros, com os comitês do partido, com as organizações de base, isto tudo deve ser fortalecido; a situação moral-política de todos devem estar saudáveis, a unidade do partido e das massas ao seu redor devem ser reforçadas.

Enver trabalhava desta forma, com esta força de vontade e perseverança, até

os últimos dias de sua vida, dias que foram graves, muito graves para todo nosso povo, para sua família e para nós, seus camaradas e colaboradores.

Estas notas que fiz na época, podem ajudar o leitor a compreender melhor a atmosfera daqueles dias.

**Quarta Nota: 2 de março de 1985**

*O camarada Enver está doente há alguns dias. Fui até sua casa, porque ele tinha me chamado. Depois que o cumprimentei, ele agarrou minha mão com força e disse: “Lamento que você esteja sobrecarregado de tanto trabalho, desculpe-me por não poder ajudá-lo. Trabalhe em conjunto com os camaradas. Unidos, sempre em união com o povo, com o partido”.*

*As palavras do camarada Enver, sua ansiedade por nos sobrecarregar de trabalho, sua preocupação de que sua doença o tinha impedido de alguma forma de participar das tarefas diárias me comoveu profundamente.*

*“Fique bom o mais rápido que puder, camarada Enver — eu disse com tristeza — Não se preocupe com o trabalho, faremos o melhor que pudermos. Temos um partido de aço e com uma unidade inquebrável. Trabalharemos mais, enquanto você continuará nos ajudando, instruindo-nos, encorajando-nos e ensinando-nos”.*

*O camarada Enver me ouviu com atenção e sorriu.*

*“O partido é maduro e tem quadros qualificados em todos os campos para levar a construção do socialismo adiante” — colocou a camarada Nexhmije.*

*O estado de saúde do camarada Enver piorou nestas duas últimas semanas. Isto o impedia de se mover. Ele mal conseguia andar, não mais que alguns passos, dentro de casa, com alguém o ajudando.*

*Tenho mantido os camaradas do Birô continuamente informados sobre seu estado de saúde. Ele participou da reunião do Birô Político em 12 de fevereiro. Ele estava muito fraco fisicamente, mas estava tão sábio, claro e firme como sempre.*



**Quinta Nota: 13 de março de 1985.**

*Hoje eu fui visitar o camarada Enver, assim como tenho feito todos estes dias. Ele ainda está doente. Ele sente uma canseira.*

*Ontem ele estava melhor, hoje está mais ou menos. Entretanto, particularmente hoje ele não pode se locomover pela casa, por conta do cansaço. Nossos médicos o vigiam de perto e têm a situação sob controle. Conversei com Nexhmije e concordamos em enviar um de nossos médicos ao exterior para outra conferencia a respeito do plano de tratamento.*

*Encontrei o camarada Enver estudando, como sempre. Quando apertamos as mãos, ele ficou emocionado, e eu não menos. Ele perguntou sobre os camaradas. Eu o informei brevemente sobre a situação no país e relatei sobre os resultados alcançados no distrito de Fier, cujos dirigentes tínhamos convocado ontem para a reunião do Secretariado do Comitê Central. Falei-lhe também do grupo de camaradas que estão indo a Paris para negociações com os britânicos sobre a questão do ouro, etc.*

*Ele me escutou atentamente, perguntou sobre a situação nas usinas hidrelétricas, depois passamos à política externa. Falamos sobre os acontecimentos do dia.*

*“As questões internacionais devem ser sempre acompanhadas cuidadosamente — disse ele — Vivemos em tempos perigosos, portanto devemos estar vigilantes. Temos estado e estamos em luta incessante contra o imperialismo americano e contra o imperialismo social-imperialista soviético. Os Estados ao nosso redor não são amigos e admiradores. Os capitalistas estão nos oferecendo benesses, mas devemos manter os olhos sempre abertos para que não sejamos enganados. Ao mesmo tempo, devemos aplicar sabiamente a linha do partido, colocando os interesses da pátria, sua liberdade e independência, os interesses do socialismo, acima de tudo.”*

**Sexta Nota: 8 de abril de 1985**

*Ontem eu estava na casa do camarada Enver, ele estava bem. Ele tinha descido pelas escadas da varanda que olhava na direção da montanha Dajti. Estava um belo dia de sol. Ficamos sentados lá no quintal, junto com Nexhmije.*

*Não conversamos muito. Eu lhe disse que tivemos a reunião do Birô Político no dia 9 de abril. Rindo, eu disse a ele: “Dessa vez toleramos sua ausência, mas só dessa vez... Olhe, hoje você desceu das escadas, amanhã você vai caminhar um pouco mais. Ali estão os escritórios do Comitê Central” — eu lhe disse enquanto apontava para as salas dos escritórios e conclui dizendo: “Estamos esperando você”. Ele riu e mandou seus cumprimentos a todos os camaradas.*

*Nunca me passou pela cabeça que este seria meu último encontro com ele.*

**Sétima Nota: 10 de abril de 1985.**

*Ontem, em 9 de abril, realizamos a reunião ordinária do Birô Político. O camarada Enver não iria para a reunião. Antes do início da reunião eu telefonei para perguntar sobre sua saúde, assim como estava fazendo todos os dias.*

*Eles me disseram que ele estava bem. Na verdade, ele estava se preparando para descer as escadas, para tomar um pouco de ar livre.*

*Fiquei satisfeito e fui para a reunião me sentindo calmo e mais enérgico. Mas esta alegria foi de curta duração. Às nove e meia, a camarada Nexhmije, muito chateada, me ligou ao telefone. Achei que algo muito ruim tinha acontecido, caso contrário ela teria esperado que a reunião terminasse.*

*“Venha rápido — disse ela assim que peguei o telefone — a situação é muito grave.”*

*Pedi permissão aos camaradas para sair da reunião, dizendo-lhes que o camarada Enver queria me ver, mas, para não os aborrecer, eu lhes disse para continuarem com o que estava programado. Eu não sabia mais o que dizer. Trouxe o camarada Adil pro lado e disse a ele: “Acho que algo muito ruim aconteceu com o camarada Enver, mas não sei o quê”. Dois ou três minutos depois, entrei em sua casa. Vi imediatamente que a situação era crítica. Em seu quarto os médicos estavam fazendo tudo o que podiam para restaurar o funcionamento do coração de Enver. Ele havia parado de bater. Eles explicaram que, inesperadamente, enquanto o camarada Enver se preparava para sair ao ar livre, ele havia sofrido um bloqueio cardíaco como resultado de*

*uma súbita fibrilação ventricular.*

*Seus esforços para restaurar sua função cardíaca continuaram por várias horas, para mim pareciam anos. Às vezes seu coração desistia e nós mergulhávamos numa dor indescritível, às vezes ele lutava e dava sinais de vida e nós ficávamos cheios de esperança.*

*Nossa preocupação era constante e de fato crescente, porque mesmo quando seu coração batia, ele estava em coma profundo, ou seja, estava inconsciente, não sentia nada. Isto deixava a situação ainda mais grave. Tanto mais que, justamente quando parecia que a situação estava se estabilizando, precisamente quando seu pulso e sua pressão sanguínea voltavam ao normal, seu coração parava de repente. Isto aconteceu durante a tarde, por volta das duas horas do dia 9 de abril e, segundo os médicos, marcou a fatalidade.*

*Pouco antes da fatalidade das duas horas do dia 9 de abril, fui ao Comitê Central para me encontrar com os camaradas do Birô Político e informei sobre a gravidade da condição do camarada Enver. Quando voltei, encontrei os médicos lutando com todos os seus meios. Por volta das três horas, os camaradas Petrit Gaçe e Isuf Kalo se aproximaram de mim com lágrimas nos olhos e me contaram:*

*“A situação é extremamente crítica, parece que tudo está chegando ao fim. Nossos esforços para manter seu coração funcionando não estão tendo nenhum efeito.”*

*Naqueles momentos, não queríamos acreditar nas palavras dos médicos ou de qualquer outra pessoa. Eu disse aos médicos que continuassem seus esforços e fizessem o impossível. Em meu coração, eu temia o pior. Às três e meia, vieram o camarada Adil e Hekuran. Tanto eu quanto a camarada Nexhmije dissemos a eles que a situação era quase sem esperança.*

*“De acordo com os médicos — eu lhes disse — estamos diante do estado de morte.”*

*Embora os camaradas não estivessem totalmente despreparados, esta era uma grave notícia para eles. Sua tristeza era imensa. Até Nexhmije e eu, que tínhamos consegui-*

*do conter nossas emoções através de todos os altos e baixos da luta contra a morte que o camarada Enver vinha travando desde a manhã, não conseguíamos mais fazê-lo.*

*Juntos, decidimos convocar uma reunião urgente do Comitê Central do partido. A reunião foi realizada, tarde da noite, por volta das dez horas do dia 9 de abril. Naquele momento, a condição de Enver continuava desesperada. Informei os membros da reunião em detalhes sobre sua condição, a história de suas doenças, enfatizando os eventos daquele dia.*

*“O prognóstico é muito grave e tudo pode acontecer — disse eu aos camaradas — Devemos estar preparados para qualquer eventualidade. Por enquanto, devemos apenas estar preparados para o que pode acontecer. Este ainda não é o momento de informar nada ao partido ou ao povo, mas devemos considerar o que iremos fazer e como iremos agir em qualquer eventualidade. Nós iremos manter todos continuamente informados. Não podemos nos desanimar” — Concluí, lembrando aos camaradas a palavra de ordem: “Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!”, sempre usado pelo nosso povo.*

*Os camaradas, cuja maioria só estava se inteirando sobre as doenças e o estado de saúde do camarada Enver pela primeira vez, ficaram sentados em silêncio com rostos congelados. A reunião não durou mais do que 40 minutos. Não houve perguntas, mas parecia que todos imploravam com seus olhos, suas mãos, com todo o seu ser: “Faça o impossível para salvar o camarada Enver!”. Eles partiram imediatamente para seus respectivos distritos.*

*Após a reunião, voltei à casa do camarada Enver. A situação permaneceu inalterada. Às duas e meia da meia-noite de 10 de abril, por insistência de Nexhmije e dos camaradas, voltei para casa “para dormir”. Mas eu não consegui dormir ou descansar. Levantei-me e, às seis e meia, estava de volta à casa de Enver.*

*Encontrei-o da mesma forma, de fato um pouco pior. Durante a noite, ele tinha novamente tido irregularidades no funcionamento do coração, mas pior ainda, estava sofrendo já de insuficiência renal. O perigo tinha aumentado, as esperanças de salvá-lo estavam desvanecendo-se. Agora seu organismo estava ameaçado com o perigo*

*de uremia, de autointoxicação. Os médicos fizeram esforços incessantes para restaurar sua função renal, mas em vão.*

*Toda quarta-feira, 10 de abril, passou assim, tensa, cheia de preocupações, sem nenhum sinal de esperança. Agora seus rins haviam deixado de funcionar, sua temperatura começava a subir, seu pulso estava acelerando. O camarada Enver lutava, seu coração resistia, mas... era difícil, muito difícil vencer a batalha, como queríamos.*

*Nessas condições, nós, camaradas do Birô Político, decidimos informar os membros do Comitê Central e os primeiros secretários dos distritos que a situação era desesperadora. Enviei um radiograma instruindo todos eles a começarem a informar gradualmente aos nossos quadros e as massas sobre o estado de saúde de Enver.*

#### **Oitava Nova: 12 de abril de 1985**

*Minha caneta nunca se sentiu tão pesada como agora. Minha mente, também, parece estar se esvaziando. Nosso professor, nosso amigo, nosso irmão mais velho, o camarada Enver Hoxha, morreu ontem à noite. Esta é uma perda irreparável para a nação albanesa. Eu, pessoalmente, perdi não só meu glorioso líder, mas também meu querido amigo, meu paciente professor. Não exagero quando digo que devo tudo da minha formação, tudo de bom que existe em mim, toda a minha educação a ele, ao seu cuidado e encorajamento.*

*No dia 10 de abril fiquei na casa do camarada Enver até a meia-noite. Fui aconselhado a descansar um pouco para me recuperar do cansaço físico e da exaustão espiritual dos últimos dias. Pouco tempo depois, às duas e quinze da meia-noite de 11 de abril, meu telefone tocou. Era o médico do camarada Enver, que me disse de forma concisa:*

*“Ele morreu. Acabamos de informar à camarada Nexhmije.”*

*Levantei-me com uma grande dor no coração. Cinco minutos depois eu estava ao seu lado, mas ele estava morto. Ele não abria os olhos, não falava, nem sorria para mim, como costumava fazer sempre que eu ia visitá-lo. O coração de Enver Hoxha havia parado para sempre.*

*Nexhmije, Ilir, Sokol, Pranvera, Haxho, Sano, Teuta, Liliana e Klemi estavam lá. Todos nós choramos juntos por nosso amado Enver, o homem mais próximo e querido de nós, que sempre estava conosco, falando conosco, nos fazendo felizes.*

*Os médicos, os enfermeiros e outros que haviam trabalhado até a exaustão durante aqueles dias pareciam paralisados pelo luto. Não gosto de lembrar aqueles momentos de luto infinitos.*

*Informei imediatamente os camaradas do Birô Político e eles chegaram rapidamente, um após o outro. Cada um de nós foi vencido pela tristeza. Faltou-nos força para nos confortarmos uns aos outros, mas o tempo não nos esperava. Nós nos unimos, rangemos os dentes e guardamos para nós a dor de nossa tristeza.*

*Após expressar nossas condolências à Nexhmije, realizamos uma breve reunião do Birô Político, na qual debatemos sobre o anúncio que deveríamos fazer ao povo e ao partido, as medidas a serem tomadas para a criação da comissão funerária, a proclamação dos dias de luto nacional, etc. Fomos unânimes na decisão de que seu corpo deveria ficar na sala da Assembleia Popular para a prestação de homenagens a ele por três dias sucessivos, no qual o funeral seria realizado em 15 de abril, enquanto o período de luto nacional duraria até 18 de abril de 1985. Também decidimos que o corpo de Enver deveria ficar no Cemitério dos Mártires da Nação, como ele mesmo havia desejado, junto a seus eternos camaradas de guerra.*

#### **Nona Nota: 15 de abril de 1985**

*A dor do nosso povo, a nossa dor, chegou hoje ao seu auge. Despedimo-nos de Enver.*

*De 12 de abril até hoje, 15 de abril, o corpo do camarada Enver esteve deitado no salão da Assembleia Popular, onde uma procissão interminável de pessoas o homenageou. Centenas de milhares de pessoas passaram por seu corpo. Passaram cheias de honra e respeito por sua gloriosa obra, com grande amor pelo fundador da Nova Albânia, com lágrimas nos olhos e até chorando abertamente pelo camarada e amigo do povo. Delegações de representantes, cada uma com 50-100 pessoas, vieram de todos os distritos para honrar Enver e reafirmar ao partido a lealdade do povo.*

*A homenagem prestada a Enver foi majestosa, foi simples e sincera, combinando tristeza e orgulho. O povo expressou seus sentimentos com a maior sinceridade. Entraram no salão com os punhos cerrados levantados em saudação, pararam diante do caixão, choraram e se agarraram uns aos outros e falaram de seu pesar, até mesmo a estranhos.*

*Em todos os lugares o grande pesar se transformou em força. Houve inúmeras cartas, mensagens e telegramas de condolências dos trabalhadores, dos camponeses, dos intelectuais, dos comunistas, da juventude, dos veteranos de nosso país, dos albaneses que vivem no exterior e de muitos amigos estrangeiros. Elas refletiam uma poderosa explosão de sentimentos intensos pelo camarada Enver, refletiam também seu grande patriotismo e determinação. Todas as mensagens e telegramas refletem sua lealdade sem limites ao partido, sua prontidão e determinação em seguir o caminho e os ensinamentos do camarada Enver Hoxha.*

*Este mesmo espírito permeou a Reunião Extraordinária do Comitê Central, realizada em 13 de abril. Esta foi a primeira reunião que realizamos sem Enver Hoxha. Um silêncio profundo reinava no salão. No rosto dos camaradas, junto com sua dor, podia-se ver a força da convicção em seus corações sobre o brilhante futuro que o partido planejou sob a liderança do camarada Enver. Seus olhos expressaram sua determinação em aplicar seus ensinamentos sem interrupção e em qualquer circunstância.*

*Nesta atmosfera de tristeza geral, agindo sob as instruções do Birô Político, abri a reunião, e depois de termos ficado em silêncio por vários minutos para honrar a memória do camarada Enver, comecei a falar:*

*“Caros camaradas, sobre nossos ombros, os ombros do Comitê Central do Partido, caiu um fardo muito pesado. Temos que levar o socialismo adiante, para fortalecer e defender nossa pátria, agora sem o camarada Enver Hoxha, sem seus valiosos conselhos diários, mas com a mesma persistência que demonstramos sob sua liderança.”*

*Estas palavras me deram força, despertaram meu espírito e me permitiram acelerar um pouco meu ritmo. O breve discurso que fiz sobre a vida do camarada Enver, sobre o papel que ele desempenhou na história da Nova Albânia e a contribuição decisiva*

*que ele deu em cada grande evento e em cada etapa de nossa revolução, soou como um chamado para mobilizar nossas forças, para avançar com confiança e otimismo no caminho traçado por Enver.*

*O Comitê Central tomou várias decisões para imortalizar o trabalho e o nome de Enver Hoxha. Aprovou por unanimidade a proposta do Birô Político do Comitê Central do Partido de que a Universidade de Tirana, a Organização Pioneira, o Porto de Durrës e a Cooperativa de Plasë no distrito de Korçë, fosse homenageada com seu nome. Da mesma forma, foi decidido que monumentos a Enver Hoxha deveriam ser erguidos em Tirana, Gjirokastër e Korçë.*

*O camarada Adil Çarçani, falando em nome do Birô Político, me propôs como Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido e o conjunto do Plenário me elegeu para esse cargo. É claro que isto é uma grande honra, uma grande confiança e uma grande responsabilidade para mim. Isso foi o que eu disse aos camaradas do Plenário.*

*“Enver Hoxha — eu lhes disse — é insubstituível. Ninguém pode realizar esta tarefa nestas dimensões e com aquela sabedoria com a qual ele a realizou. Entretanto, a força unida do partido, o pensamento e a ação conjunta do Comitê Central e do Birô Político podem compensar, em certa medida, a grande perda que sofremos. Portanto — eu disse em conclusão — com a sinceridade de um comunista, peço a ajuda e cooperação de todos e todas. Fortaleçamos nossa unidade, apoiemos uns aos outros, combinemos nossas forças e ideias e, com confiança no partido e no povo, sigamos o rumo que o camarada Enver traçou para nós.”*

*Depois passei a enfatizar: “A perda do camarada Enver é grande, mas os comunistas albaneses podem e vão enfrentá-la. Devemos encontrar a força para transformar nossa tristeza em combustível, e o próprio Enver Hoxha tornou isso possível para nós. Ele nos deixou um partido depurado de quaisquer males; ele nos deixou uma Albânia com uma poderosa economia sem dívidas, ele nos deixou seus ensinamentos, instruções e tarefas para cada esfera da vida e do desenvolvimento. Os momentos atuais exigem que fortaleçamos o partido e que não deixemos de amadurecer sua unidade; fortaleçamos os laços com o povo, pois é lá onde se encontra nossa maior força; guar-*



*demos a liberdade e a independência do nosso país de todos os nossos inimigos. Mais uma vez — disse eu ao encerrar meu discurso — prometo a todos que me esforçarei para justificar sua confiança permanecendo leal à linha do partido, aprendendo com Enver Hoxha, confiando no partido, no povo e em sua ajuda, caros camaradas. Viva o Partido! Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!*

*Com esta palavra de ordem revolucionária, terminei meu discurso.*

*Após a reunião do Comitê Central, propus aos camaradas que todos nós fossemos juntos prestar homenagem ao Fundador do Partido, ao Líder da Guerra de Libertação Nacional, ao Arquiteto da Construção do Socialismo e da Nova Albânia.*

*Sobre o corpo do camarada Enver, fiz este juramento solene em nome dos camaradas:*

*“Nós, seus camaradas e combatentes — disse-lhe eu — tivemos o costume de informar-lhe sobre cada tarefa realizada, mas hoje viemos para jurar diante de você, que nós, os camaradas do Comitê Central, que todo o partido, que todo o nosso povo, prosseguiremos em seu caminho e de acordo com seus ensinamentos, que levaremos adiante o grande trabalho que você realizou, amado e inesquecível Camarada Enver!”*

*Depois disso, todos os camaradas levantaram os punhos cerrados e declararam em uníssono: **Juramos!***

#### **Décima Nota: 16 de abril de 1985**

*O camarada Enver desfrutou do amor sincero e sem limites de todo albanês, desde os velhos até as crianças; dos veteranos e combatentes da primeira geração; dos camponeses que conquistaram a terra; dos operários que se tornaram donos das fábricas; das mulheres, de nossas nobres mães e irmãs albanesas, e de toda nossa juventude heroica.*

*O camarada Enver estava no coração de cada albanês, porque o socialismo trouxe bênçãos, alegria e felicidade a todas as famílias. E nosso povo identifica o socialismo com o partido, com Enver. É por isso que jovens e idosos estavam tão profundamente entristecidos, tão tristes, porque haviam perdido a pessoa mais querida de seus co-*

*rações. Eles choraram, choraram copiosamente. “Tem havido mais lágrimas do que chuva nestes dias”, disse uma mulher de Myzeqe. “Estamos enchendo de lágrimas a barragem da usina hidrelétrica de Koman”, disse um dos construtores. E estas expressões contundentes não foram meramente poéticas.*

*O povo chorou pelo camarada Enver assim como chorava por um membro querido da família. Quando o coletivo de trabalhadoras da fábrica têxtil em Krujë foram informadas da triste notícia, foi-nos dito que todas as mulheres disseram: “deixe-nos chorar por dez minutos, e então consideraremos o que fazer de agora em diante”, assim como as famílias fazem quando algum ente querido morre, de acordo com o costume popular.*

*O povo, os homens e as mulheres, os jovens, demonstraram seu alto nível político. Nós, do Comitê Central, sentimos imediatamente sua solidariedade, seu apoio, sua coragem e determinação para seguir o caminho do partido. Estes dias de luto nacional estão sendo observados em todos os lares albaneses, e são observados com dignidade. É um luto excepcionalmente grande, mas um luto que aproximou as pessoas, um luto que fortaleceu sua unidade e aumentou seu amor pelo partido e pelo socialismo. É um pesar profundo, mas silencioso, apenas os jovens e os velhos são capazes de controlar. Para além disso, tudo foi transformado em um impulso de convicção para o bem comum.*

*O funeral foi realizado ontem, 15 de abril. Caminhamos atrás do carro funerário desde o prédio do Comitê Central até a Praça Skanderbeg, onde seria realizada a reunião memorial. Uma garoa suave caiu calmamente. Também parecia que a natureza estava chorando. Milhares e milhares de pessoas se alinharam de ambos os lados da estrada. Infelizmente, eles se despediram de Enver. Mas como estas pessoas eram majestosas! Elas se despediram de seu grande líder com o mesmo amor com que o aplaudiram ardentemente, com olhos brilhando de alegria, quando ele sorria para elas da tribuna, mas agora com profundo pesar em seus corações, rostos e olhos. Sempre com profundo respeito e dignidade. Toda a cerimônia foi simples, humana, familiar. Familiar, porque as pessoas se separavam de seu melhor filho.*

*Camaradas de vários partidos marxista-leninistas vieram de sua própria vontade, queriam homenagear o camarada Enver e participar de seu funeral. O notável com-*

*batente do movimento de resistência antifascista grego, Manolis Glezos, também veio. Eu os conheci ontem junto com a camarada Nexhmije, com o camarada Adil e outros, antes de partir para a Praça Skanderbeg.*

*O discurso que proferi na reunião fúnebre foi escutado com grande atenção. O povo estava triste, mas sério, contido; lágrimas podiam ser vistas em seus rostos, mas sua confiança e determinação em marchar para frente e seu amor pelo partido também se mostrou com muita clareza. Tentei controlar minhas emoções durante o discurso e tive mais ou menos sucesso. No final, porém, eu estava quase engasgado de emoção e minha voz começou a tremer.*

*Quando o discurso terminou, um grupo de pioneiros cantou a palavra de ordem “Partido-Enver! Prontos Agora e Sempre!”. Esta palavra de ordem é imortal! Ela expressa a vontade do povo de seguir o caminho do partido, é um grande apoio político e moral. Vimos este apoio também nos punhos levantados dos cidadãos. “Estamos com vocês, com o partido, independente da situação”, nos disseram. Agradecemos ao povo!*

*Outro momento do funeral ficou fixado em minha mente. Estávamos apenas cruzando a Estrada Labinot, a um ritmo lento e em silêncio solene. Os olhos do povo estavam cheios de lágrimas e tristeza. Ali, em cima deles, estava o monumento do Partisan Desconhecido, pingando pela chuva, como se fossem lágrimas para o Comandante do qual nos separávamos. Mesmo em sua dor, o Partisan não desistia. Pelo contrário, parecia que estava como se todo o seu ser emitisse o chamado ao povo e ao partido: “Avante, camaradas! Nossa luta continua!” Naqueles momentos, este monumento me pareceu mais significativo do que nunca.*

*A cerimônia no cemitério também foi simples, assim como Enver havia desejado que fosse. Ele foi enterrado com a terra de sua cidade-natal, a terra de Gjirokastër. Sobre ele, colocamos uma coroa de flores típicas da Albânia em seu túmulo. Derramamos ainda mais lágrimas, para expressar nosso amor infinito pelo homem mais amado, pelo qual comemoraremos apenas uma data para sempre, a de seu nascimento.*

\*  
\*\*

Na história de nosso povo, não há outra figura a quem tantas canções tenham sido dedicadas como a de Enver Hoxha. E como é sabido, o povo não dedica canções a qualquer um, você tem que merecê-las, porque as canções incorporam o espírito e o amor do povo, expressam sua máxima honra.

Não apenas no figurativo, mas no significado direto da palavra, o canto do povo é o primeiro e mais perfeito monumento dedicado à figura de Enver. Não foi necessário tomar decisões sobre a ereção deste monumento. Os grandes acontecimentos, as grandes realizações revolucionárias da época do socialismo, os desafios corajosos do partido e de Enver diante das traições, os corações enlutados do povo em abril de 1985, deram a ordem para a ereção deste monumento.

O povo escolheu a quintessência de sua arte para Enver Hoxha, porque seu amor por ele era o amor mais sincero, ardente, o maior amor de todos. Podemos dizer com plena convicção que a canção mais popular, a mais difundida entre as massas em nosso país é Enver Hoxha Tungjatjeta [Vida Longa a Enver Hoxha!]

Em casamentos, festas familiares e outras celebrações, há sempre alguém que naturalmente começa a cantar as primeiras linhas:

*Enver Hoxha e mprehi shpaten [Enver Hoxha começou a luta]  
Edhe nje here o per situaten. [Novamente para consertar as coisas]*

Imediatamente, todos os outros começam a cantar esta canção monumental, assim como fazem as marchas partisans.

As canções populares sobre Enver são cantadas não apenas nas regiões onde foram criadas, mas também em outras zonas. Aqueles que não têm a tradição de canções polifônicas podem não cantar as canções de Labëria, mas conhecem a canção *Dê a ordem, Camarada Enver*, ou pelo menos as cantam em partes. Aqueles que não conhecem o estilo homofônico podem não ser capazes de cantar muitas dessas canções, mas gostam daquelas dedicadas ao camarada Enver e as cantam sem sair do tom. As canções sobre Enver são canções que unem as pessoas.

Vários festivais nacionais de folclore poderiam ser realizados simultaneamente com os versos escritos pelo povo sobre Enver Hoxha nos dias de luto nacional. Os autores destas obras eram milhares. A maioria deles escrevia pela primeira vez, mas isso não os impediu de verter uma arte maravilhosa, usando figuras com as

quais os poetas mais ilustres puderam aprender.

*Onze de abril, por que amanheceu este dia?  
Trazendo tanta tristeza e desânimo.  
O mar em ondas frenéticas  
bate contra as rochas e se dissolve em lágrimas.*

Muitos dos versos populares daqueles dias foram escritos em momentos de dor igual às aquelas causadas por *todos os terremotos e calamidades juntos*, como um poeta colocou em sua carta ao Comitê Central. Eles não são versos de desespero. O objetivo desta arte não é entristecer as pessoas, o povo tinha outra coisa em mente naqueles dias em que escrevia seus versos. Eles estavam bem cientes de que a perda física do camarada Enver era irreparável, mas eles sabiam também que a canção era uma das melhores maneiras de manter sua memória viva. Quanto mais canções existirem sobre Enver Hoxha, mais ultrapassada se tornava a ideia de sua morte. Não é acidental que a maioria dos poemas daqueles dias não tenham sido escritos como lamentações ou epitáfios. Eles foram escritos como canções. Uma rapsódista de Mirditë acompanhou seu poema com uma carta na qual ele escreveu: “Quando terminar a dor do luto, estarei afinando as cordas do meu alaúde”.

Gostamos de ouvir as canções sobre Enver em dias comuns e especialmente em celebrações e eventos especiais, no trabalho ou em casa, onde quer que estejamos, porque parece que ele ainda está entre nós. Não vou esquecer o telegrama de um cidadão de Tepelenë, que, tendo em mente a força da arte, daquelas que tornam os heróis imortais, disse: “O povo fez algo a Enver Hoxha que a medicina não podia fazer, nós o tornamos imortal”.

É uma tradição excepcional de nosso povo honrar seus heróis, seus homens sábios e seus líderes com canções. Nenhuma crônica ou biografia inicial escrita em albanês sobre Skanderbeg foi preservada, mas as canções populares sobre ele têm sido transmitidas de geração em geração.

Em suas canções sobre Enver, o povo retrata a figura de um novo tipo de líder. Nessas canções Enver Hoxha é um líder e um filho comum do povo, um pensador e inspirador de grandes mudanças, um homem que dedicou toda sua vida ao povo albanês.

Enver Hoxha nos mostrou o caminho que devemos seguir. Nosso povo se mobilizou rapidamente para assumir as grandes e difíceis tarefas que o partido e sua liderança tiveram que realizar após a perda do 11 de abril de 1985. O povo acredita na continuidade da construção do socialismo.

Há um momento durante a minha visita ao distrito de Mirditë, em fevereiro de 1986, que ficou preso a minha mente. Após a reunião do Comitê do Partido do distrito, fui para a fábrica metalúrgica de cobre em Rubik. Lá, conheci os mineiros e os fundidores que falaram sobre muitas questões de seu trabalho. Quando eu estava prestes a tomar a palavra, um jovem se levantou e disse:

“Com licença, camarada Ramiz, deixe-me dizer algo primeiro. Agradeço ao partido por ter erigido o camarada Enver Hoxha tão alto, aquece nossos corações ouvir que tudo o que a liderança faz começa e termina com Enver. Estamos todos com você!”

O conselho que este jovem nos deu foi claro. A continuidade da política de Enver é a pedra angular. Ele se regozijou com a consistência marxista-leninista de nosso partido. O povo inteiro se regozija com isso. Em todos os contatos que tivemos com as massas no período após a perda que tivemos do camarada Enver, vimos a grande força que o amor e o apoio do povo representam. Justamente naqueles momentos em que nós, camaradas dirigentes, fomos ao encontro do povo trabalhador para nos consolarmos uns aos outros, enquanto os inimigos borbulhavam para saber qual o rumo que a Albânia tomaria, o povo enterrou sua dor e explodiu em um entusiasmo indescritível.

O 9º Congresso do partido foi descrito como o Congresso da continuidade. Na verdade, todos os nossos congressos têm sido congressos de continuidade. Mas enfatizamos isto mais uma vez precisamente para deter as insinuações e ilusões dos vários círculos hostis do mundo que desejavam e previam “o desvio dos albaneses da linha de Enver Hoxha”. Quando juramos diante de Enver que seguiríamos seu caminho, juramos seguir o caminho que empreendemos em 8 de novembro de 1941, o caminho que nos trouxe a libertação da pátria, que garantiu a construção do socialismo, o caminho para um futuro melhor, próspero, no qual nosso partido Marxista-Leninista nos conduz.

A continuidade no caminho socialista e a continuidade no caminho do camarada Enver são a mesma coisa. Sabemos que não é fácil seguir este caminho,

estamos bem cientes de que para ser um portador da bandeira da implementação dos ensinamentos de Enver Hoxha é preciso ser revolucionário em cada ação, ser inovador, corajoso, criativo e um lutador destemido. Nosso povo e o nosso partido marcharão com determinação para alcançar vitória após vitória.

As épocas dão origem a líderes como o Enver Hoxha, alguns líderes têm dimensões que marcam época. Assim como as épocas históricas nunca são esquecidas, assim também seus heróis sobrevivem, são honrados e respeitados para sempre.

Durante quinhentos anos a fio, nosso povo manteve viva a figura lendária de Skanderbeg. Assim como as batalhas de Skanderbeg inspiraram o patriotismo e o espírito de resistência dos albaneses mesmo nos momentos mais dramáticos da vida do país, assim será com o nome e a obra de Enver Hoxha: ela permanecerá viva através dos séculos como uma grande bandeira das lutas do nosso povo pelo socialismo e pela prosperidade da pátria.

Com sua majestosa obra, Enver Hoxha sempre inspirará os comunistas e o povo a grandes feitos, a um progresso incessante. Ele estará sempre presente nas alegrias e preocupações de nossa sociedade. As gerações atuais e futuras serão guiadas por seus ensinamentos, por maior que pareçam os problemas, enfrentando qualquer dificuldade ou obstáculo, eles buscarão o conselho de Enver, e Enver vai ajudá-los. Ele lhes dará as respostas através de sua obra.





# **A VERDADE**

UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO

# NOSSO ENVER

“A figura de Enver Hoxha simboliza o patriotismo ardente e a militância revolucionária, a sabedoria do povo e a mente iluminada de um homem de raras qualidades cultivadas na escola da revolução, modesto filho do povo e o líder talentoso do partido e do Estado. Seu trabalho foi influente em todas as bases sólidas sobre as quais a Albânia de hoje foi construída, seu pensamento iluminou todas as estruturas às quais nossa sociedade foi erguida, suas palavras sábias e inflamatórias aqueceram os corações de todo o nosso povo.”



“Proletários de todo o mundo, uni-vos!”